UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ANDREYA SUSANE SEIFFERT

Nas bordas do tempo:
The Futurian Society of New York e a ficção científica americana

SÃO PAULO
2019

ANDREYA SUSANE SEIFFERT

Nas bordas do tempo:
The Futurian Society of New York e a ficção científica americana

Versão original

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em História

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Pimentel Pinto Filho

SÃO PAULO
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Sb Seiffert, Andreya Susane
Nas bordas do tempo: The Futurian Society of New York e a ficção científica americana / Andreya Susane Seiffert ; orientador Júlio César Pimentel Pinto Filho. - São Paulo, 2019.
247 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Ficção científica americana. 2. Década de 1940. I. Pinto Filho, Júlio César Pimentel, orient. II. Título.

SEIFFERT, Andreya S. **Nas bordas do tempo:** The Futurian Society of New York e a ficção científica americana. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Aprovada em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro que possibilitou a execução desta pesquisa, processo 2015/17754-3. Além disso, o processo 2017/15504-5 de Bolsa Estágio Pesquisa no Exterior (BEPE), também da FAPESP, foi fundamental para que eu tivesse acesso à quase totalidade das histórias de ficção científica publicadas pelos *futurians* na década de 1940 e analisadas nesta tese.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). As universidades públicas brasileiras são responsáveis pela maior parte da ciência produzida no país. Devo toda minha formação a elas e sou muito grata por ter concluído meu doutorado em uma das melhores universidades do país e do mundo.

Aos professores Nelson Schapochnik, Stella Franco, José Vasconcelos e Renato Prelorentzou por aceitarem fazer parte da banca de qualificação e/ou defesa, lerem meu trabalho e contribuírem com ele.

À professora Sherryl Vint por me receber na Universidade da California-Riverside e JJ Jacobson por me auxiliar no Eaton Collection, o maior acervo de ficção científica do mundo.

Ao professor Júlio Pimentel, por acreditar no meu trabalho e aceitar me orientar, mesmo meu tema sendo tão diferente de tudo aquilo com o que já havia trabalhado. Sua competência, acolhimento e generosidade foram fundamentais na feitura da tese. Júlio é, além de um pesquisador fenomenal, um ser humano incrível. Que honra ter sido sua orientanda.

Ao grupo de pesquisa História e Literatura. As leituras e discussões do grupo foram fundamentais para eu pensar a relação dessas duas áreas de forma menos hierárquica e esquemática. Além disso, o grupo foi um espaço importante de troca de experiências e afetos. Ao mergulhar na minha pesquisa e me fascinar cada vez mais com os *futurians*, sentia uma espécie de nostalgia impossível, um desejo de pertencer a esse clube fascinante de fãs, autores e editores de ficção científica. Ao mesmo tempo, estava fazendo parte e ajudando a construir um outro clube, igualmente interessante. O grupo de pesquisa História e Literatura foi a realização desse desejo de pertencimento e de crescimento coletivo e a afirmação de que é possível fazer da academia um local mais acolhedor.

Aos amigos queridos, de perto e de longe, por acalmarem quando tudo parecia difícil, por celebrarem junto as conquistas do caminho, por trazerem livros na mala quando possível, por estarem presentes: obrigada.

Aos meus pais, Oswaldo e Edite, por sempre me incentivarem a ser a melhor versão possível de mim mesma. Nada disso seria possível sem vocês.

Ao Lucas, meu marido, melhor amigo, tradutor, revisor, *coach*, agência de fomento, terapeuta e mais alguns papéis que devo ter esquecido: em meio à vastidão do infinito, que sorte a minha poder compartilhar com você a existência.

Ambition
by Wilfred Owen Morley

He stood upon the rim of time and whispered: night,
Let me explore your face and know each wheeling star
Upon it; let me plunge into the seas of light
Which bathe strange worlds, unknown, in galaxies afar.
And let me learn the baffling music of the spheres,
And with these cosmic notes new melodies create
That I may route with song the multitude of fears
Which chain the human soul in endless war and hate.

For I shall go beyond... Outside the mortal ken,
Beyond the walls of time, the veils of life and death,
And pluck forbidden fruits from trees unknown to men,
And listen to eternity's last gasping breath.
He sighed: my mad desires are vaster, far than all
Creation, although I am pitifully small[1].

---

1 Ambição
por Wilfred Owen Morley

Ele parou na borda do tempo e sussurrou: noite,
Deixe-me explorar seu rosto e conhecer cada estrela rodopiante
Sobre ela; deixe-me mergulhar nos mares de luz
Que banham mundos estranhos, desconhecidos em galáxias distantes.
E deixe-me aprender a música desconcertante das esferas,
E com essas notas cósmicas, novas melodias criar
Que eu possa encaminhar com música a multidão de medos
Que acorrenta a alma humana em guerra e ódio sem fim.

Pois eu devo ir além ... Fora do alcance da vista mortal,
Além das paredes do tempo, dos véus da vida e da morte,
E arrancar frutas proibidas de árvores desconhecidas para os homens,
E ouvir a última respiração ofegante da eternidade.
Ele suspirou: meus desejos loucos são mais vastos do que toda a
Criação, embora eu seja lamentavelmente pequeno.

RESUMO

SEIFFERT, Andreya S. **Nas bordas do tempo**: The Futurian Society of New York e a ficção científica americana. 2019. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Esta tese de doutorado discute a ficção científica produzida por membros de um grupo denominado The Futurian Society of New York, ou simplesmente The Futurians, que atuou em Nova Iorque de 1938 a 1945. Primeiramente um grupo de fãs, seus membros passaram a dedicar-se profissionalmente à ficção científica no início da década de 1940. No período, houve um boom no mercado editorial das revistas pulps de ficção científica, principal veículo do gênero à época. Nessas revistas, os membros do grupo publicaram dezenas de histórias, explorando as diversas possibilidades que viam na ficção científica. Neste trabalho, as histórias escritas pelos futurians são analisadas a partir dos seguintes eixos: política; ciência; Segunda Guerra Mundial; gênero e raça. Cada capítulo discute como as histórias trabalharam esses temas, que ideias procuraram exaltar e assim, que futuro os autores queriam construir.

Palavras-chave: Futurians. Ficção científica. História e Literatura. Estados Unidos.

ABSTRACT

SEIFFERT, Andreya S. **Upon the rim of time**: The Futurian Society of New York and american science fiction. 2019. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This doctoral thesis discusses the science fiction produced by members of a group called The Futurian Society of New York, or simply The Futurians, which existed in New York from 1938 to 1945. First a fan group, its members began to dedicate themselves professionally to science fiction in the early 1940s. During this period, there was a boom in the publishing market of science fiction pulps magazines, the main vehicle of the genre at the time. In these magazines, members of the group published dozens of stories, exploring the many possibilities they saw in science fiction. In this work, the stories written by the futurians are analyzed from the following axes: politics; science; Second World War; gender and race. Each chapter discusses how the stories worked with these themes, what ideas they sought to exalt, and thus what future the authors wanted to build.

Keywords: Futurians. Science Fiction. History and Literature. United States of America.

SUMÁRIO

0 THE PERFECT INVASION: O DESENVOLVIMENTO DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS.....15
0.1 A PRIMEIRA *PULP* E O DESENVOLVIMENTO DA FICÇÃO CIENTÍFICA.....16
0.2 O FANDOM E AS FANZINES.....19
0.3 THE FUTURIAN SOCIETY OF NEW YORK.....25
1 REBIRTH OF TOMORROW: FICÇÃO CIENTÍFICA E AS QUESTÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS.....45
1.1 MICHELISMO, COMUNISMO E O ENGAJAMENTO NA FICÇÃO CIENTÍFICA 46
1.2 UTOPIANISMO.....49
1.3 TECNOCRACIA E DEMOCRACIA.....57
1.4 MAIS POLÍTICA E HISTÓRIAS.....67
2 THE ENDOCHRONIC PROPERTIES OF RESUBLIMATED THIOTIMOLINE: FICÇÃO CIENTÍFICA E CIÊNCIA.....75
2.1 CIÊNCIA, TECNOLOGIA, PROGRESSO E FUTURO.....75
2.2 “EDISONADE” E O MITO DO HERÓI-INVENTOR.....85
2.3 CHARLES FORT, CIÊNCIA, FATO E FICÇÃO.....94
2.4 A CIÊNCIA EM CRISE.....112
3 THE OTHER: QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA NA FICÇÃO CIENTÍFICA.....120
3.1 QUESTÕES DE RAÇA.....120
3.2 QUESTÕES DE GÊNERO.....138
4 WHEN THE EARTH SHOOK: FICÇÃO CIENTÍFICA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....159
4.1 A GUERRA E AS HISTÓRIAS.....159
4.2 OPOSIÇÃO E APOIO.....178
4.3 BOOM NO MERCADO EDITORIAL E O FIM DAS REVISTAS.....182
5 A GREEN CLOUD CAME: A BOMBA ATÔMICA E A MUDANÇA NO FUTURO 190
5.1 ANTES DE 1945.....191
5.2 APÓS 1945.....200
HISTÓRIAS, CARTAS E EDITORIAIS CITADOS.....213
REFERÊNCIAS.....224
APÊNDICE A - OS FUTURIANS.....231
APÊNDICE B – REVISTAS EDITADAS PELOS FUTURIANS.....239
APÊNDICE C - HISTÓRIAS PUBLICADAS PELOS FUTURIANS NA DÉCADA DE 1940.....240

0 THE PERFECT INVASION: O DESENVOLVIMENTO DA FICÇÃO CIENTÍFICA NOS ESTADOS UNIDOS

No dia 30 de outubro de 1938, o grupo *Mercure Theatre,* liderado por Orson Welles, representou uma adaptação do livro *Guerra dos mundos* de H. G. Wells no rádio. Muita gente teria entrado em pânico e acreditado que se tratava de uma invasão marciana real. Os jornais do dia seguinte abordaram a transmissão e sua repercussão:

Figura 01: capa do jornal Daily News no dia seguinte à transmissão de “Guerra dos mundos”.

Average net paid circulation for September exceeded Daily--1,800,000 Sunday-3,150,000

DAILY NEWS

NEW YORK'S PICTURE NEWSPAPER

FINAL

Vol. 20. No. 109 | New York, Monday, October 31, 1938* | 48 Pages | 2 Cents

FAKE RADIO ‘WAR’ STIRS TERROR THROUGH U.S.

Story on Page 2

"War" Victim

Caroline Cantlon, WPA actress, listening to this radio in West 49th St., heard announcement of "smoke in Times Square." Running to street, she fell, broke her arm.

"I Didn't Know". Orson Welles, after broadcast expresses amazement at public reaction. He adapted H. G. Wells' "War of the Worlds" for radio and played principal role. Left: a machine conceived for another H. G. Wells story. Dramatic description of landing of weird "machine from Mars" started last night's panic.

Fonte: Arquivo do Daily News

Houve, contudo, ouvintes que não se assustaram com o programa. Segundo um deles, tudo parecia uma história tirada de uma revista:

> At first I was very interested in the fall of the meteor. It isn't often that they find a big one just when it falls. But *when it started to unscrew and monsters came out, I said to myself, 'They've taken one of those Amazing Stories and are acting it out'*. It just couldn't be real. It was just like some of the stories I read in Amazing Stories but it was even more exciting (CANTRIL, 1940, p. 90 grifos no original)[2].

A revista citada pelo ouvinte, *Amazing Stories,* foi o primeiro *veículo* a se dedicar inteiramente à ficção científica. Embora já houvessem obras especulando as possíveis consequências da ciência e tecnologia para a humanidade – como é o caso da própria *Guerra dos mundos* – a *Amazing,* além de reuni-los, também impulsionou que novos textos fossem escritos para serem publicados nela. É por isso que muitos estudiosos e críticos consideram a *Amazing* a responsável pela criação da ficção científica nos Estados Unidos. Ela, de fato, se não criou, ao menos ajudou a moldar o início do gênero por lá, tanto na forma como no conteúdo.

0.1 A PRIMEIRA *PULP* E O DESENVOLVIMENTO DA FICÇÃO CIENTÍFICA

No editorial do primeiro número da *Amazing Stories*, de abril de 1926, Hugo Gernsback, criador da revista, explicou o que entendia pelo estilo narrativo que chamou de “scientifiction”, contração de *scientific fiction*:

> By “scientifiction” I mean the Jules Verne, H. G. Wells and Edgar Allan Poe type of story—a charming romance intermingled with scientific fact and prophetic vision... Not only do these amazing tales make tremendously interesting reading—they are always instructive. They supply knowledge... in a very palatable form(...). New adventures pictured for us in the scientifiction of today are not at all impossible of realization tomorrow (…). Many great science stories destined to be of historical interest are still to be written (…). Posterity will point to them as having blazed a new trail, not only in literature and fiction, but progress as well (GERNSBACK, 1929, p. 03)[3]

---

2 No início eu estava muito interessado na queda do meteoro. Não é sempre que eles encontram um grande já quando caiu. Mas quando ele começou a desaparafusar e monstros saíram, eu disse a mim mesmo: 'Eles tomaram uma dessas Amazing Stories e estão representando-a'. Simplesmente não poderia ser real. Foi como algumas das histórias que eu li em Amazing Stories, mas foi ainda mais emocionante.

3 Por 'scientifiction' eu quero dizer o tipo de história de Jules Verne, H. G. Wells e Edgar Allan Poe - um romance encantador misturado com o fato científico e visão profética... Não só estes contos incríveis são uma leitura tremendamente interessante - eles são sempre instrutivos. Eles fornecem conhecimento... de uma forma muito agradável(...). Novas aventuras retratadas para nós na 'scientifiction' de hoje não são de todo impossíveis de realização amanhã (...). Muitas grandes histórias científicas destinadas a ser de interesse histórico ainda devem ser escritas (...). A

Gernsback via a “scientifiction” como uma forma de promover a ciência e estimular o progresso. Para ele, não era “apenas” literatura, mas um meio de educar os leitores. A ideia de “scientifiction” nascia, portanto, ligada à ciência. Além de Gernsback, “Dr. T. O'Conor Sloane, M.A., P.h.D.” aparece como editor da revista, mais um esforço para dar ares científicos à publicação.

Hugo Gernsback nasceu em Luxemburgo e, aos vinte anos de idade, em 1904, decidiu imigrar para os Estados Unidos. Lá, ele dedicou-se ao estudo e difusão do rádio e fundou revistas para discutir eletrônicos. Nelas, ele começou a publicar histórias e matérias de cunho científico. Além de editar esse material, Gernsback também escrevia para as revistas. Entre 1911 e 1912 ele publicou *Ralph 124C 41+,* seu primeiro romance, serializado em 12 partes na *Modern Electrics*, revista que editava à época. Entre 1915 e 1917 publicou *Baron Münchausen's New Scientific Adventures* na revista *The Electrical Experimenter*. Assim, quando da fundação de *Amazing*, Gernback já tinha experiência tanto na produção e circulação de revistas quanto na criação do que ele chamou de “scientifiction”. O termo não pegou, e o próprio Gernsback passou a usar *science fiction* a partir de 1929.

A *Amazing Stories* foi criada durante o período de ouro das revistas *pulp* nos Estados Unidos (décadas de 1920 e 1930) e também integra esse movimento. As revistas levam esse nome devido ao material de impressão, *woodpulp*, um papel mais barato. As revistas impressas em papel de qualidade maior ficaram conhecidas como *slicks.* Uma *pulp* padrão media 18 x 25 centímetros e tinha 128 páginas. Geralmente cada título explorava um tipo de história: *Thrilling Love Story, Ace-High, Black Mask, Clues All-Star, Detective Story, Love Story, Ranch Romances, Rapid-Fire Action Stories, Sport Story, War Aces* são alguns exemplos. As *pulps* exploravam gêneros já populares e também os em ascensão, como era o caso da ficção científica.

As primeiras *pulps*, do final do século XIX e início do XX custavam apenas um níquel (cinco centavos de dólar). O auge das vendas de *pulps* ocorreu durante a crise que teve início com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929. Estima-se que em meados da década de 1930, 30 a 40% da população letrada lia revistas *pulp* nos Estados Unidos (CHENG, 2013). Em tempos de crise, elas eram um bom entretenimento por um preço barato, como recorda o *futurian* Frederik Pohl:

---

posteridade apontará para elas como tendo aberto uma nova trilha, não somente na literatura e na ficção, mas no progresso também.

> Magazines were a Depression business. If you couldn't afford fifty cents to take the family to the movies, you could probably scrape up a dime or twenty cents to buy a magazine, and then pass the magazine back and forth to multiply the investment (POHL, 1978, p. 16)[4].

A ligação com as revistas *pulps* e esse formato moldou a ficção científica de então. Nos primeiros números, a *Amazing* publicou principalmente histórias não-inéditas, de autores como H.G. Wells, Jules Verne e Edgar Allan Poe. Muitas vezes, elas eram publicadas em partes. Logo, no entanto, escritores das outras *pulps* passaram a enviar seus originais para Gernsback:

> Many contributors to the early sf magazines were experienced pulp writers, not specialists in scientific speculation but adaptable professionals willing to supply the new market with variations on what they had been writing for detective, western or general adventure magazines (ATTEBERY, 2003, p. 35)[5].

Essa maleabilidade e circulação entre diversos estilos narrativos transformava, de um ponto de vista de estrutura, os textos em uma espécie de criatura de Frankenstein. A ficção científica ainda engatinhava, e procurava construir seus próprios elementos e enredos. Esse processo foi feito em conjunto:

> Stories speculating about the future of science, technology, and society began to appear across the globe over the course of the nineteenth century. But science fiction (SF) only came into its own in the American SF magazines of the early and mid-twentieth century. Tantalizing readers with sensational cover art and even more sensational titles like *Amazing Stories, Fantastic Universe,* and *Astounding Science Fiction*, dozens of new periodicals promised to reveal the shape of things to come. They offered not only action-packed adventure narratives but informed, even sometimes prescient, accounts of real-world scientific discovery and technological innovation. Along the way, they became laboratories for aesthetic exploration as well. Authors used these magazines to test the themes and techniques that would become associated with the genre, probing and expanding the limits of fiction; editors distilled the results of these experiments, commenting on shared histories and future trajectories for SF; and fans volunteered ideas and opinions about everything from scientific accuracy to the necessity of sex in speculative writing. This truly collaborative process, still ongoing, has

4 Revistas eram um negócio da Depressão. Se você não pudesse pagar cinquenta centavos para levar a família ao cinema, você provavelmente poderia arranjar dez ou vinte centavos para comprar uma revista, e depois passar a revista de um lado para outro para multiplicar o investimento.

5 Muitos colaboradores das primeiras revistas de ficção científica eram escritores experientes das pulps, não especialistas em especulação científica, mas profissionais adaptáveis dispostos a suprir o novo mercado com variações sobre o que eles escreviam para revistas de detetives, faroestes ou gerais.

> established SF as the premier story form of technoscientific modernity (YASZEK, 2018, p. 03)[6].

Em minha pesquisa, me apoiei no trabalho de Lisa Yaszek e de tantos outros pesquisadores da ficção científica que demonstram como o gênero foi construído coletivamente por autores, editores e leitores das *pulps*. Neste trabalho, procuro mostrar como um grupo em especial, *The Futurian Society of New York*, integrou esse movimento e quais foram suas contribuições.

0.2 O FANDOM E AS FANZINES

Além de criar um veículo próprio para a ficção científica, Hugo Gernsback também ajudou a desenvolver um grupo fiel de leitores ao reservar um espaço da *Amazing Stories* para eles. Na seção de cartas dos leitores, as histórias eram debatidas e também as interpretações dadas por leitores em cartas anteriores. Outras *pulps* de ficção científica que vieram depois da *Amazing* continuaram com essa tradição e tinham a seção dos leitores. Ao ter esses espaços de discussão nas *pulps* e incentivar os leitores a participar delas, as revistas criaram uma percepção de que os leitores podiam ajudar a formar o gênero (ATTEBERY, 2003). Edward James também destaca a importância dos fãs no desenvolvimento da ficção científica: “Sf fans existed before sf itself was named: in a sense readers had created a genre before publishers, or even writers, were clear what that genre was” (JAMES, 1994, p. 52)[7]. Além das cartas para a coluna e para outros leitores, muitos escreviam

6 Histórias que especulam sobre o futuro da ciência, tecnologia e sociedade começaram a aparecer em todo o mundo ao longo do século XIX. Mas a ficção científica (FC) só prosperou de fato nas revistas americanas de FC do início e meados do século XX. Encantando os leitores com uma capa sensacional e títulos ainda mais sensacionais, como Amazing Stories [histórias extraordinárias], Fantastic Universe [universo fantástico] e Astounding Science Fiction [ficção científica surpreendente], dezenas de novos periódicos prometiam revelar a forma das coisas que viriam. Eles ofereceram não apenas narrativas de aventuras repletas de ação, mas também relatos, até às vezes prescientes, de descobertas científicas do mundo real e de inovações tecnológicas. Ao longo do caminho, eles se tornaram laboratórios para a exploração estética também. Autores usaram essas revistas para testar os temas e técnicas que se tornariam associadas ao gênero, sondando e ampliando os limites da ficção; editores destilaram os resultados desses experimentos, comentando sobre histórias compartilhadas e trajetórias futuras para a FC; e os fãs ofereciam ideias e opiniões sobre tudo, desde a precisão científica até a necessidade do sexo na escrita especulativa. Este processo verdadeiramente colaborativo, ainda em curso, estabeleceu a FC como a principal forma de história da modernidade tecnocientífica.

7 Os fãs de ficção científica existiram antes que a própria ficção científica fosse nomeada: em certo sentido, os leitores haviam criado um gênero antes que os editores, ou mesmo os escritores, estivessem claros sobre o que esse gênero era.

para os autores das histórias. Essas correspondências contribuíram para criar um sentimento de comunidade entre os fãs de ficção científica (CHENG, 2013). Esses espaços também serviram para que muitos fãs expusessem suas ideias para uma audiência mais ampla e se tornassem conhecidos dela. Posteriormente, diversos fãs que começaram escrevendo nessas colunas iriam se dedicar a escrever profissionalmente, tanto ficção quanto crítica.

As colunas também publicavam o endereço dos leitores e muitos passaram a se comunicar diretamente. Assim, a ficção científica extrapolou as páginas das revistas. Ela virou tema de debates que aconteceram primeiro por cartas e depois em encontros presenciais, em grupos criados para esse fim:

> A science-fiction club, in case you're not familiar with one, is a group of young fellows who read the science fiction magazines regularly, sometimes collect them, and like to meet once in a while to talk over the various ideas presented in them - like interplanetary flight, Martians, time travel and so forth (WOLLHEIM, 1941a, p.56)[8].

A citação acima foi retirada do conto “The Man from the Future”, do *futurian* Donald Wollheim, publicado pela primeira vez em 1941. Wollheim explica, no decorrer da história, o que são os clubes de ficção científica. Algumas vezes os fãs, autores e editores viravam personagens nas histórias, conhecidas como *science fiction fan story* (MOSKOWITZ, 1954). Saliento isso para mostrar a peculiaridade da ficção científica em relação a outros gêneros literários. A presença e atuação dos fãs marcou seu desenvolvimento e ajudou a moldá-lo, e os clubes tem grande participação nisso.

A comunidade de fãs de ficção científica nos Estados Unidos passou a ser chamada de *fandom.* A origem do termo já dá uma boa ideia da sua dimensão: é a junção em inglês das palavras *fan* mais o sufixo *-dom*, de *kingdom* (reino). O interesse em um assunto une os membros do *fandom* e eles se sentem mais do que fãs de um grupo – se sentem como pertencentes ao mesmo mundo:

> Expanding “backyard” conversations to direct correspondence between readers moved science fiction's community beyond the immediate bounds of its originating magazine pages, and in directions

8 Um clube de ficção científica, no caso de você não estar familiarizado com um, é um grupo de jovens que lê regularmente as revistas de ficção científica, às vezes as coleciona, e gosta de se encontrar de vez em quando para falar sobre as várias ideias apresentadas nelas - como voo interplanetário, marcianos, viagem no tempo e assim por diante.

> its editors and publishers did not intend and could not control. The push to develop community – and reader's enthusiasm for science fiction letters columns generally – was part of a larger, emerging cultural pattern in interwar America. In their well-known studies of “Middletown”, the sociologists Robert and Helen Lynd noted the emergence and growth of civic and community organizations in the 1920s and 1930s. Community, they argued, was a response to the social effects of the industrialization and modernization that transformed much of the United States in the early twentieh century (CHENG, 2013, p. 63)[9].

Some-se à necessidade de comunidade uma crise econômica que não permitia formas caras de entretenimento. Nas palavras do *futurian* Frederik Pohl: “One reason for the growth of science-fiction fan clubs in the 30s was that you could get an evening's worth of entertainment out of two nickels spent on the subway” (POHL, 1978, p. 16)[10].

Um ponto importante a ser destacado ainda acerca dos clubes é que muitas vezes os leitores de ficção científica eram crianças e jovens isolados, que encontravam nesses grupos um companheirismo e identificação nunca sentidos antes. A ficção científica extrapolou as páginas das revistas e transformou-se em algo maior do que um gênero literário: para muitos, ela virou um modo de vida.

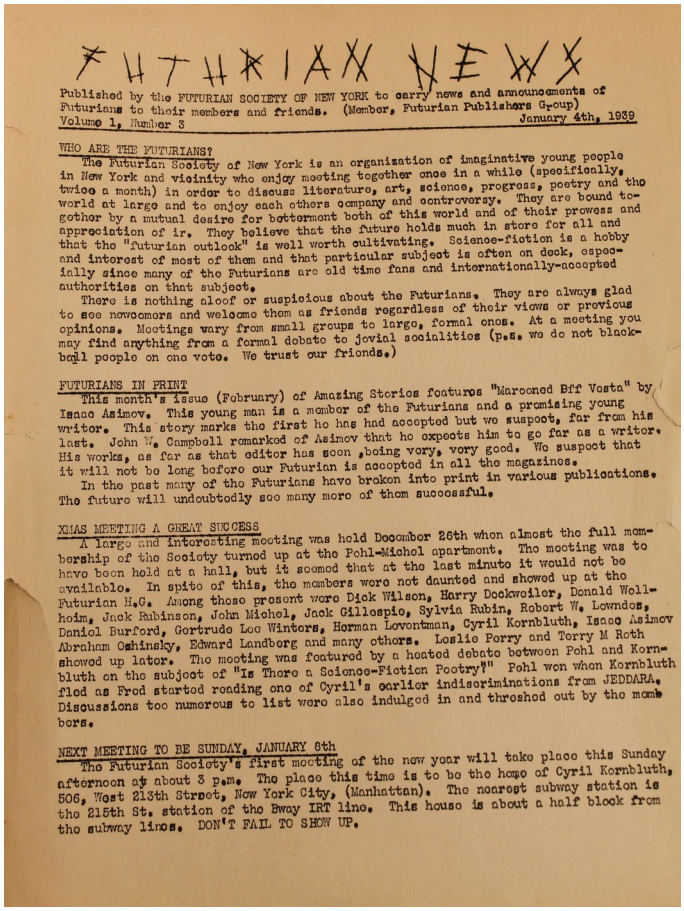
Muitos clubes contavam, também, com publicação própria, as *fanmags*. Rebatizadas posteriormente de *fanzines*, essas publicações diferenciavam-se das *prozines* (*pulps*) por serem totalmente feitas por fãs, sem fins comerciais. Para se ter uma ideia da dimensão dessas *fanzines* à época, em 1937 havia três revistas de ficção científica em circulação (*Amazing Stories*, *Astounding Stories* e *Wonder Stories*) e vinte e sete *fanzines.* (CHENG, 2013).

---

9 A expansão da coluna “backyard” para a correspondência direta entre leitores moveu a comunidade de ficção científica para além dos limites imediatos de suas páginas de revistas de origem e em direções que seus editores não pretenderam e não podiam controlar. O impulso para desenvolver a comunidade - e o entusiasmo dos leitores pelas colunas de cartas de ficção científica em geral - fazia parte de um padrão cultural maior e emergente na América do entre-guerras. Em seu bem conhecido estudo sobre "Middletown", os sociólogos Robert e Helen Lynd observaram o surgimento e o crescimento de organizações cívicas e comunitárias nos anos 20 e 30. A comunidade, argumentaram, era uma resposta aos efeitos sociais da industrialização e modernização que transformaram grande parte dos Estados Unidos no início do século XX.

10 Uma razão para o crescimento de clubes de fãs de ficção científica na década de 30 foi que você poderia obter uma noite de entretenimento por dois níqueis (dez centavos) gastos no metrô.

Figura 02: fanzine “Futurian News”, de janeiro de 1939



FUTURIAN NEWS

Published by the FUTURIAN SOCIETY OF NEW YORK to carry news and announcements of Futurians to their members and friends. (Member, Futurian Publishers Group)
Volume 1, Number 3 January 4th, 1939

WHO ARE THE FUTURIANS?

The Futurian Society of New York is an organization of imaginative young people in New York and vicinity who enjoy meeting together once in a while (specifically, twice a month) in order to discuss literature, art, science, progress, poetry and the world at large and to enjoy each others company and controversy. They are bound together by a mutual desire for betterment both of this world and of their prowess and appreciation of it. They believe that the future holds much in store for all and that the "futurian outlook" is well worth cultivating. Science-fiction is a hobby and interest of most of them and that particular subject is often on deck, especially since many of the Futurians are old time fans and internationally-accepted authorities on that subject.

There is nothing aloof or suspicious about the Futurians. They are always glad to see newcomers and welcome them as friends regardless of their views or previous opinions. Meetings vary from small groups to large, formal ones. At a meeting you may find anything from a formal debate to jovial socialities (p.s. we do not blackball people on one vote. We trust our friends.)

FUTURIANS IN PRINT

This month's issue (February) of Amazing Stories features "Marooned Off Vesta" by Isaac Asimov. This young man is a member of the Futurians and a promising young writer. This story marks the first he has had accepted but we suspect, far from his last. John W. Campbell remarked of Asimov that he expects him to go far as a writer. His works, as far as that editor has seen ,being very, very good. We suspect that it will not be long before our Futurian is accepted in all the magazines.

In the past many of the Futurians have broken into print in various publications. The future will undoubtedly see many more of them successful.

XMAS MEETING A GREAT SUCCESS

A large and interesting meeting was held December 26th when almost the full membership of the Society turned up at the Pohl-Michel apartment. The meeting was to have been held at a hall, but it seemed that at the last minute it would not be available. In spite of this, the members were not daunted and showed up at the Futurian H.Q. Among those present were Dick Wilson, Harry Dockweiler, Donald Wollheim, Jack Rabinson, John Michel, Jack Gillespie, Sylvia Rubin, Robert W. Lowndes, Daniel Burford, Gertrude Lee Winters, Herman Loventman, Cyril Kornbluth, Isaac Asimov Abraham Oshinsky, Edward Landberg and many others. Leslie Perry and Terry M Roth showed up later. The meeting was featured by a heated debate between Pohl and Kornbluth on the subject of "Is There a Science-Fiction Poetry?" Pohl won when Kornbluth fled as Fred started reading one of Cyril's earlier indiscriminations from JEDDARA. Discussions too numerous to list were also indulged in and threshed out by the members.

NEXT MEETING TO BE SUNDAY, JANUARY 8th

The Futurian Society's first meeting of the new year will take place this Sunday afternoon at about 3 p.m. The place this time is to be the home of Cyril Kornbluth, 506, West 213th Street, New York City, (Manhattan). The nearest subway station is the 215th St. station of the Bway IRT line. This house is about a half block from the subway lines. DON'T FAIL TO SHOW UP.

Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

Além dos clubes, muitos fãs produziam fanzines de modo individual, também. Uma das técnicas utilizadas na produção das *fanzines* era a hectografia. Nesse processo, as cópias são feitas a partir de uma solução de gelatina onde uma “matriz” original foi fixada. Outros meios utilizados eram os mimeógrafos e impressoras comerciais (quando alguém tinha acesso a uma). O *futurian* Damon Knight, na *fanzine Futuria Fantasia*, brincou sobre como os fãs de ficção cientifica sujavam-se com tinta na história “The Itching Hour”. Nela, o narrador conta que estava em casa em uma noite em que foi surpreendido por um homem que não tinha rosto. Este afirma que também era um fã e que passava as noites em claro trabalhando em sua *fanmag*: “splashing happily in my hecto inks, and turning out pages and pages of material like mad. And at last I'd go to bed, tired but happy, knowing I had done my duty as an honest fan” (KNIGHT, 1940 p.14)[11]. Um dia, o homem ficou com tinta roxa

11 Espirrando feliz minhas tintas e transformando páginas e páginas de material como louco. E finalmente eu ia para a cama, cansado, mas feliz, sabendo que eu tinha feito o meu dever como um fã honesto.

do hectógrafo no rosto. Ele tentou esfregar, mas a tinta que saía do rosto para a toalha voltava para seu rosto. Segundo ele, como a toalha era nova e seu rosto velho, “only one thing could happened. It did” (KNIGHT, 1940, p.14)[12]. “The Itching Hour” traz um pouco da rotina desses fãs que produziam as *fanzines* e que ajudaram a desenvolver e popularizar a ficção científica: horas de trabalho gastas em escrever, ilustrar e editar os conteúdos e, claro, muita tinta. Nessas publicações, além de histórias, eram publicadas cartas de leitores, resenhas de outras *-zines* (tanto *prozines* quanto *fanzines*), poesias, desenhos e boletins sobre as atividades do *fandom.* Com a produção de *fanzines*, os fãs passaram a entender melhor os mecanismos de publicações, bem como os gostos dos leitores. Esse conhecimento permitiu a muitos fãs se dedicarem profissionalmente à ficção científica nos anos seguintes.

O interesse em técnicas de impressão não era restrito à ficção científica. Na mesma época havia nos Estados Unidos associações de imprensa amadoras (*Amateur Press Associations*, ou APAs). Os *futurians* Donald Wollheim, Frederik Pohl e John Michel integraram brevemente a *National Amateur Press Association* (NAPA) e a *United Amateur Press Association* (UAPA). Em 1937, Wollheim fundou a primeira APA destinada à ficção científica: a *Fantasy Amateur Press Association*, ou FAPA, em funcionamento até hoje! A grande vantagem das APAs é a maior facilidade na distribuição. Os fãs produziam as *fanzines* e, ao invés de enviar diretamente para os membros, enviavam originais para os distribuidores, que faziam as cópias e então enviavam. Dessa forma, a independência da *fanzine* dos meios comerciais era garantida.

Nas décadas de 1930 e 1940 vários clubes de ficção científica foram criados mundo afora. Atento às mudanças, Hugo Gernsback procurou trazer para si esses novos movimentos. Gernsback foi obrigado a abrir mão da *Amazing Stories* em 1929 e lançou então a *Wonder Stories*, uma concorrente para sua criação. Ele contratou, em 1933, um fã para ajudá-lo a editar a *Wonder*. Charles Hornig tinha apenas dezessete anos e passou de editor de *fanzine* a editor de *prozine* em poucos meses. No ano seguinte, eles fundaram a *Science Fiction League* (SFL), uma espécie de clube controlado pela *Wonder*. Os fãs em uma mesma área formavam seções e deveriam informar suas atividades para o todo em uma nova coluna da *Wonder Stories* exclusiva para a SFL. A iniciativa conseguiu atrair diversos fãs, mas

12 Só uma coisa poderia ter acontecido. Aconteceu.

não foi suficiente para salvar a *Wonder* da crise. Gernsback vendeu a revista em 1936 e se afastou da ficção científica.

A criação da SFL foi uma tentativa de atrair os leitores em um tempo difícil financeiramente. A revista vinha enfrentado problemas e estava atrasando o pagamento dos autores. Alguns decidiram expor a situação nas reuniões das seções da SFL e convocar os fãs a se juntarem em outro grupo, a *International Scientific Association* (ISA). Donald Wollheim foi um desses autores e rememorou esse episódio para Damon Knight:

> Every time they organized an SFL chapter in New York, we would attend its meetings and subvert them into joining the International Scientific Association (…). The Brooklyn chapter didn't survive its contact with us for more than two meetings. We took them all over – we ate up three or four Science Fiction League chapters (KNIGHT, 2013, l. 218)[13].

Frederik Pohl recorda o dia em que John B. Michel e Donald Wollheim apareceram em uma reunião da SFL em que ele estava:

> To fourteen-year-old me they were immensely impressive high-powered types. Not physically (…) the thing that elevated both of them to at least veneration, if not actual sanctity, was that they both had actually been paid for work published in a professional science-fiction magazine (…). All this inside information was revelatory to me. It was more exciting than anything that had happened to me before, at least since I discovered science fiction, maybe since I discovered sex. I don't know what airyfairy assumptions I had made about the mechanisms by which real authors supported themselves through their work. I suppose, if I thought at all, I guessed that once your work appeared in print, the government, or somebody, handed you a blank checkbook, which you filled out as you needed (…). What Donald proposed was that all we SFL members should secede, start our own clubs, assert our independence of The Evil One, and let the world know him for what he was. It sounded great. We thrilled to the idea of causing so much commotion and trouble for Gernsback that he would perforce reform. Or kill himself. Or be driven from the society of human beings; choice of any or all of the above; and so we entered into the great world of science-fiction feuds (POHL, 1978, p. 34-38)[14].

---

13 Cada vez que organizavam uma seção da SFL em Nova Iorque, íamos às reuniões e subvertíamos elas em convites para a Associação Científica Internacional (...). A seção do Brooklyn não sobreviveu ao contato conosco por mais de duas reuniões. Levamos todos eles - comemos três ou quatro seções da Liga de Ficção Científica.

14 Para meu eu de quatorze anos de idade, eles pareciam impressionantes e imensamente poderosos. Não fisicamente (...) a coisa que os elevava ao menos à veneração, se não à verdadeira santidade, era que ambos haviam sido pagos pelo trabalho publicado em uma revista profissional de ficção científica (...). Toda essa informação privilegiada era reveladora para mim. Era mais emocionante do que qualquer coisa que tinha acontecido a mim antes, pelo menos desde que eu

Assim, Frederik Pohl se juntou a Donald Wollheim e John Michel na ISA. O clube era um dos mais antigos e: “Like Hugo Gernsback, the club believed that reading scientifiction (as sf was called at the time) would, could and probably should lead to a career in science” (BROWN, 2018, s/p)[15]. Tanto é que, entre seus membros, vários eram cientistas ou tinham planos de seguir carreira na ciência. Crescia, no entanto, o número de fãs interessados em discutir ficção científica, o que fez o presidente William Sykora se afastar da ISA. Para ele, a literatura era apenas um meio para estimular e impulsionar o desenvolvimento científico (CHENG, 2013). Assim, em 1937, Donald Wollheim encerrou a *International Scientific Association* e eles migraram para outro grupo, o *Greater New York Science Fiction League*.

0.3 THE FUTURIAN SOCIETY OF NEW YORK

Muitos fãs de ficção científica dessa época costumam chamar os grupos de “feudos”. Desentendimentos, disputas, esfacelamentos e novos reagrupamentos: tudo isso era bastante rotineiro no *fandom*. Esse cenário é discutido de forma minuciosa por Sam Moskowitz em *The Immortal Storm: A History of Science Fiction Fandom*, publicado em 1954. Moskowitz era um fã no período e mais tarde trabalhou profissionalmente como crítico e editor de ficção científica. No livro, ele conta sobre a origem do *The Futurian Society of New York* e sua relação com os membros do grupo.

Segundo Moskowitz, em pesquisas realizadas nas fanzines à época, ele era o segundo fã mais popular de ficção científica dos Estados Unidos em 1937, atrás apenas de Donald Wollheim. Os dois, no entanto, tinham ideias bastante diferentes sobre o gênero. Wollheim estava cada vez mais envolvido politicamente com as

---

descobri a ficção científica, talvez desde que eu descobri o sexo. Eu não sei que suposições idealistas eu tinha feito sobre os mecanismos pelos quais os autores reais se sustentavam através de seu trabalho. Suponho que, se eu pensei, imaginei que uma vez que seu trabalho aparecia impresso, o governo ou alguém lhe entregava um talão de cheques em branco, que você preenchia como você precisava (...). O que Donald propunha era que todos os membros da SFL se separassem, começassem os nossos próprios clubes, afirmassem a nossa independência do Maligno e deixassem que o mundo o conhecesse pelo que era. Parecia ótimo. Ficamos entusiasmados com a ideia de causar tanta comoção e problemas para Gernsback que ele forçaria a reforma. Ou se mataria. Ou seria expulso da sociedade dos seres humanos; escolha uma ou todas as opções acima; e assim entramos no grande mundo de feudos de ficção científica.

15 Como Hugo Gernsback, o clube acreditava que a leitura de ficção científica poderia e provavelmente deveria levar a uma carreira na ciência.

questões de seu tempo e defendia que a ficção científica deveria ser engajada; já Moskowitz era de uma veia “purista”, por assim dizer, e acreditava que tais discussões não cabiam na ficção científica. A animosidade entre os dois foi crescendo a ponto de em *The Immortal Storm,* Moskowitz tratar Wollheim como seu “arqui-inimigo”. Os dois acabaram por integrar o *Greater New York Science Fiction League*. O grupo durou pouquíssimos meses e acabou devido à rivalidade de seus membros, divididos entre seguidores de Wollheim e de Moskowitz. Estes, se reorganizaram em um novo clube chamado *Queens Science Fiction League*, enquanto aqueles fundaram o *The Futurian Science Literary Society*.

O fim do grupo, sete anos depois, em 1945, também teve Wollheim no centro de uma disputa. Em uma reunião, os membros votaram para expulsar ele, sua esposa Elsie Balter e John Michel. Wollheim então processou o grupo por calúnia. *The Futurians* nunca foi oficialmente encerrado, mas o grupo nunca mais se reuniu formalmente. De acordo com Damon Knight (2013), após alguns meses ficou claro que o grupo havia morrido.

O grupo foi fundado pouco antes da transmissão de *Guerra dos Mundos* na rádio. O primeiro encontro oficial dos *futurians* ocorreu em 18 de setembro de 1938, e doze pessoas compareceram: Donald A. Wollheim, John B. Michel, Rudolph Castown, Robert W. Lowndes, Frederik Pohl, Jack Rubinson, Walter Kubilis, Jack Gillespie, Isaac Asimov, Cyryl Kornbluth e Herbert Levantman (KNIGHT, 2013). Ao longo dos sete anos de existência, novos integrantes foram incorporados e outros deixaram o grupo.

Inicialmente, o grupo foi batizado de *The Futurian Science Literary Society*. O termo *futurian* foi retirado de uma fanzine inglesa com esse nome. A palavra, inexistente, se aproxima de algo como “futurano”. Na quarta reunião, o nome do grupo foi modificado, e passou a ser *The Futurian Society of New York*, ou simplesmente *The Futurians*.

No terceiro número da fanzine “Futurian News”, cuja imagem aparece acima, o grupo procura explicar o que é:

> WHO ARE THE FUTURIANS?
> The Futurian Society of New York is an organization of imaginative young people in New York and vicinity who enjoy meeting together once in a while (specifically, twice a month) in order to discuss literature, art, science, progress, poetry and the world at large and to enjoy each others company and controversy. They are bound

> together by a mutual desire for betterment both of this world and of their prowess and appreciation of ir (sic). They believe that the future holds much in store for all and that the "futurian outlook" is well worth cultivating. Science-fiction is a hobby and interest of most of them and that particular subject is often on deck, especially since many of the Futurians are old time fans and internationally-accepted authorities on that subject.
> There is nothing aloof or suspicious about the Futurians. They are always glad to see newcomers and welcome them as friends regardless of their views or previous opinions. Meetings vary from small groups to large, formal ones. At a meeting you may find anything from a formal debate to jovial socialities (MICHEL, 1939, p. 01)[16].

Como o trecho acima mostra, os *futurians* eram otimistas em relação ao futuro. Ainda que eles tenham crescido em meio à uma imensa crise econômica, o amanhã trazia a promessa de um mundo melhor – e, segundo essa visão, isso seria alcançado, em grande medida, pelos avanços da ciência.

A importância do novo clube para seus integrantes pode ser percebida na fala de um dos seus membros:

> The Futurians was not exactly a club, it was a description: The Futurians were us. The Futurians was the air we breathed and the world we moved around in. It was home base. We were all growing and adventuring into new areas of experience. The Futurians was what we came back to (POHL, 1978, p. 70)[17].

Todos os membros eram bastante jovens, a maioria saindo da adolescência. Assim, seus anos de formação foram passados no grupo, e a noção de ficção científica foi construída em conjunto por eles, primeiro como fãs e leitores, e depois também como escritores, editores e ilustradores.

---

16 QUEM SÃO OS FUTURIANS?
A Sociedade Futurian de Nova Iorque é uma organização de jovens criativos em Nova Iorque e arredores que gostam de se reunir de vez em quando (especificamente, duas vezes por mês) para discutir literatura, arte, ciência, progresso, poesia e o mundo em geral e para desfrutar da companhia e controvérsia uns dos outros. Eles estão unidos por um desejo mútuo de melhorar tanto este mundo quanto suas proezas e apreciação delas. Eles acreditam que o futuro reserva muito para todos e que vale a pena cultivar a "perspectiva futurista". A ficção científica é um hobby e interesse da maioria deles e esse assunto em particular está sempre no convés, especialmente porque muitos dos Futurians são fãs antigos e autoridades internacionalmente aceitas sobre esse assunto.
Não há nada de errado ou suspeito sobre os futurians. Eles estão sempre felizes em ver os recém-chegados e recebê-los como amigos, independentemente de suas visões ou opiniões anteriores. As reuniões variam de pequenos grupos a grandes e formais. Em uma reunião, você pode encontrar qualquer coisa, desde um debate formal até as socialidades joviais.

17 Os Futurians não era exatamente um clube, era uma descrição: Os Futurians eram nós. O Futurians era o ar que respirávamos e o mundo em que nos movíamos. Era uma base. Estávamos todos crescendo e nos aventurando em novas áreas de experiência. Os Futurians era para o que voltávamos.

No começo, *The Futurian Society of New York* se assemelhava aos demais grupos de ficção científica à época, e se reunia uma ou duas vezes por mês, muitas vezes na sede da liga comunista juvenil (YCL, em inglês), da qual vários membros faziam parte. Já no ano seguinte a sua criação, no entanto, o grupo começou a perder a rigidez comum aos clubes de então. *The Futurian Society* foi se transformando em uma espécie de família estendida. Tanto é que vários membros passaram a morar juntos, como abordarei melhor no próximo capítulo.

Outra mudança importante foi que os *futurians* passaram de fãs a produtores de ficção científica. Na fanzine *Science Fiction Weekly*, de 26 de maio de 1940, Robert Lowndes escreve sobre as mudanças do grupo:

> Since july, 1939, the Futurian Society of New York has undergone a steady metamorphosis, growing from a fan club of the usual variety into a group of a new, and perhaps more advanced, type. Regular club meetings became more and more infrequent; spontaneous, almost daily, gatherings became the order of the day. New members were not encouraged; old members ceased the squirrel - cage aim of getting members, which has been the finish of all real life in previous clubs and set out to work as a closed unit for futurism purposes in science-fiction. In effect the club became a closed circuit, a balloon, or bubble perhaps, in consequence of which it rose out of the un-ending slough of regular fandom into new heights.
> From being a fan club, it became, without addition of any who had made their successes previously, a semi-professional club (LOWNDES, 1940, p. 07)[18].

A discordância com membros de outros grupos fez com que os *futurians,* de certa forma, se fechassem entre si. Desse modo, várias de suas histórias eram publicadas em revistas que os próprios membros editavam. Isso permitiu que eles explorassem e experimentassem novos temas e abordagens. Em 1941, os *futurians* editavam, juntos, seis *pulps* de ficção científica diferentes: Frederik Pohl foi editor das revistas *Astonishing Stories* e *Super Science Stories*; Robert Lowndes editou as *pulps Future combined with science fiction* e *Science Fiction Quartely* e Donald

---

18 Desde julho de 1939, a Sociedade Futurian de Nova Iorque passou por uma constante metamorfose, crescendo de um fã-clube da variedade usual para um grupo de um novo tipo, e talvez mais avançado. As reuniões regulares do clube tornaram-se cada vez menos frequentes; reuniões espontâneas, quase diárias, tornaram-se a ordem do dia. Novos membros não foram encorajados; antigos membros cessaram o objetivo do esquilo-gaiola de conseguir membros, que foi o fim de toda a vida real em clubes anteriores e partiram para trabalhar como uma unidade fechada para fins futuristas na ficção científica. Com efeito, o clube tornou-se um circuito fechado, um balão ou uma bolha, talvez, em consequência da qual se ergueu do interminável colapso do fandom regular em novas alturas.
De ser um fã-clube, tornou-se, sem o acréscimo de qualquer um que tivesse feito sucesso anteriormente, um clube semi-profissional.

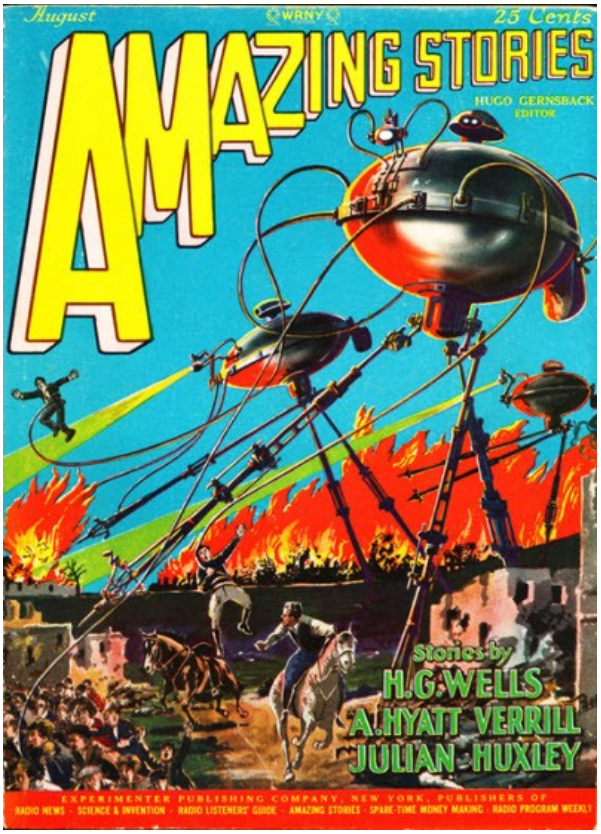
Wollheim editou *Cosmic Stories* e *Stirring Science Stories.* No Apêndice B ao final do trabalho é possível encontrar uma tabela com todas as edições das revistas editadas por eles.

Tanto as revistas editadas por Pohl, quanto as editadas por Wollheim e Lowndes trouxeram diversas histórias dos *futurians*. Uma prática que começou na *Astonishing* e se estendeu por muitos anos foi a escrita em conjunto. Na edição de abril de 1940, Pohl estava com um buraco de 10.000 palavras, que os colegas se dispuseram a preencher. Richard Wilson e Cyril Kornbluth fizeram uma versão inicial, que Dirk Wylie "homogeneizou" (RICH, 2009). A noveleta ganhou o título de "Stepsons of Mars" e traz a descoberta de um metal em Marte que é a cura para o câncer na Terra. Marte, no entanto, é ocupada por estranhos alienígenas. A solução encontrada pelos terráqueos foi dominar os marcianos através do álcool. O pseudônimo usado pelo trio para publicar "Stepsons of Mars" foi "Ivar Towers", em referência a "Ivory Tower", nome da moradia coletiva.

"The Martians are Coming", publicada no primeiro número da *Cosmic Stories,* é outro exemplo de escrita em conjunto. Embora na revista o conto apareça atribuído a Robert Lowndes, Cyril Kornbluth e Donald Wollheim ajudaram a escrever a história. Em "The Martians are Coming", dois jornalistas arrecadam dinheiro para construir uma máquina para se comunicar com Marte. A história é bastante engraçada, e faz referência a vários elementos da ficção científica. Quando conseguem ver uma cidade marciana, eles comentam: "Very ordinary, I think", said Whitlowe. "Seems as if you're right. Frank R. Paul would be horribly disapointed" (LOWNDES, 1941a, p. 38)[19]. Frank R. Paul era um famoso ilustrador de ficção científica e que produziu diversas capas para a *Amazing Stories.* Foi ele quem fez a capa ilustrando "Guerra dos Mundos", serializada pela revista em 1927:

19 "Bem comum, eu acho", disse Whitlowe. "Parece que você está certo. Frank R. Paul ficaria terrivelmente decepcionado"

Figura 03: capa da revista *Amazing Stories* de agosto de 1927 feita pelo artista Frank R. Paul representando a invasão marciana na Terra descrita em “Guerra dos Mundos”



Fonte: The Internet Speculative Fiction Database (ISFDB)

“The Martians are Coming” é, inclusive, baseada na transmissão de “Guerra dos Mundos” feita por Orson Welles (RICH, 2009) e discutida acima. No caso da história escrita pelos *futurians*, os marcianos não são seres perigosos e violentos que querem se apossar da Terra. Os marcianos contam para os jornalistas que sofrem com a falta de água. Os dois, bêbados, convidam os marcianos para virem morar na Terra. Depois, se dão conta do que fizeram, procuram o governo e falam que foram hipnotizados e que os marcianos estão vindo invadir a Terra. O mundo, então, se une de uma forma inesperada e inédita; guerras em curso são canceladas e todos os esforços são voltados para a “ameaça” marciana. Os marcianos avisam que vão pousar em New Jersey, assim como na transmissão de Welles, e toda a frota vai para lá; as cidades próximas são evacuadas. Os marcianos enviam uma mensagem dizendo que pousaram e que estão sendo atacados, mas ninguém viu sinal de suas naves. Um dos jornalistas, então, percebe um movimento de insetos próximo de onde eles estão:

> It was a turbulent knot of insects, distinguished by bluish flashes of light. Whitlowe lowered the beam to the ground below. There were arrayed the two thousand ships – tiny things, about the size of cigarettes.
> “And that,” said Gary, “is the Martian race. All bets are off, and, if we wish to save our insignificant but witty friends from the monstruous gnats and mosquitoes that are beseigning them, we'd better rush out some Flit.” (LOWNDES, 1941a, p. 45)[20].

O conto se encerra assim, de maneira bem-humorada. A ilustração da história foi feita pelo também *futurian* David Kyle e simula uma capa de jornal, referência ao pânico noticiado pelos jornais após a transmissão de Welles :

Figura 04: ilustração do conto “The Martians are Coming”

Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

Se Wells usou os marcianos como metáfora para o imperialismo britânico e Welles para as invasões nazistas (DAVIS, 2018; VINT, 2014), os *futurians* não

20 Era um nó turbulento de insetos, distinguido por flashes azulados de luz. Whitlowe baixou o feixe para o chão abaixo. Ali estavam os dois mil navios - coisas minúsculas, do tamanho de cigarros.
"E isso", disse Gary, "é a corrida marciana. Todas as apostas estão canceladas, e, se quisermos salvar nossos insignificantes, mas espirituosos amigos dos pernilongos monstruosos e mosquitos que os estão atacando, é melhor usarmos Flit.”

pareciam querer discutir nenhuma questão geopolítica com “The Martians are Coming”. Ainda que se possa pensar o conto a partir de uma perspectiva do encontro com o outro (e como esse outro é um reflexo dos nossos medos), a questão principal me parece ser o próprio gênero literário. Com suas referências internas, “The Martians are Coming” é uma ficção científica que procura rir de si mesma.

Ao se lançarem como escritores, os *futurians* procuraram circular entre os gêneros, criar algo novo, experimental. O grupo tentou desmontar algumas noções antigas sobre o gênero. Para eles, tratava-se de literatura, e como toda narrativa, era possível fazer diversos experimentos com ela. Ela não precisava ter, necessariamente, um propósito. Algumas vezes, como no caso de “The Martians are Coming”, era suficiente apenas entreter os leitores.

Os *futurians* criaram uma espécie de seminário de escrita dentro do grupo, conforme relatou Robert Lowndes para Damon Knight:

> The Cabal was a literaray workshop, really. We met at Cyril's place once a week, and each one of us was supposed to bring a manuscript to be read (…). And as it turned out, a fair number of manuscripts that were read at the Cabal were later sold and published (…). If either Donald or myself felt a story was good enough to use, we'd accept it on the spot (KNIGHT, 2003, l.1462)[21].

Assim, muitas histórias escritas pelos *futurians* eram publicadas nas revistas editadas por eles. Eles também tentavam vender para outras publicações, e Mark Rich narra um episódio curioso envolvendo o grupo e que novamente mostra a dinâmica que havia entre os *futurian*s:

> A new magazine was being launched that winter by H-K Publications. Its name was to be Comet Stories, and its editor was no less than the former editor of Astounding, F. Orlin Tremaine. That it would be paying the standard rate of a penny per word came as music to writers' ears. One such hopeful, Don Wollheim, submitted a story entitled “The Psychological Regulator” in hopes of finding his place within the new pulp title. It came back from Tremaine, however. In a round-robin process unlikely to have occurred in any group besides The Futurians, Doc Lowndes then rewrote it, submitted it to Comet,

21 A Cabala era uma oficina literária, na verdade. Nós nos encontrávamos na casa de Cyril uma vez por semana, e cada um de nós deveria levar um manuscrito para ser lido (...). E, como se viu, um bom número de manuscritos que foram lidos na Cabala foram mais tarde vendidos e publicados (…). Se Donald ou eu sentíssemos que uma história era boa o suficiente para usá-la, aceitávamos na hora.

> and received his rejection. Michel tried his hand, to the same result, after which Elsie Balter then took her turn (RICH, 2009, p.72)[22].

Cyril Kornbluth resolveu tentar também e sua história foi aceita por Tremaine. Aparentemente ele e Wollheim dividiram na metade os lucros com a história. O episódio mostra como a produção da ficção científica não era vista pelos *futurians* como um ato isolado, individual, mas sim que poderia ser feito de forma coletiva. Cada leitor da história de Wollheim transformou-se num autor, construindo uma nova versão daquilo que leu.

Até o momento eu evitei dar qualquer definição fechada sobre a ficção cientifica. Isso se deve porque é minha intenção mostrar como esse conceito era muito volátil e era construído o tempo todo, em conjunto, por autores, editores e leitores. Os estudos sobre ficção científica atuais tem procurado enfatizar essa especificidade do gênero. Para Brooks Landon (2003), é necessário pensar a ficção científica mais como uma cultura de leitores do que como um conjunto de regras para os autores.

A ideia que os próprios *futurians* tinham da ficção científica sofreu alterações nos anos em que o grupo foi atuante. Quando *The Futurian Society of New York* foi criado, seus membros acreditavam que a ficção científica poderia ser uma forma de educar as pessoas para o socialismo. Pouco depois, ao começaram a atuar profissionalmente, os *futurians* já não eram mais tão engajados, e pensavam a ficção científica sobretudo como um texto literário.

Além dos seminários acerca de escrita e também das centenas de conversas informais, os *futurians* também procuraram ampliar esse debate com os demais fãs. Um exemplo interessante ocorreu em 1941, na edição de agosto da *Future Fiction.* Robert Lowndes, que era editor da *pulp*, escreveu o ensaio “Science Fiction Classics” sob o pseudônimo de Wilfred Owen Morley. Nele, ele se perguntava sobre o que faria uma obra de ficção científica se tornar um clássico. Depois de recusar a precisão científica e a profecia, ele conclui:

---

22 Uma nova revista estava sendo lançada naquele inverno pela H-K Publications. Seu nome seria Comet Stories, e seu editor era nada menos que o ex-editor de Astounding, F. Orlin Tremaine. O fato de pagar a taxa padrão de um centavo por palavra veio como música para os ouvidos dos escritores. Um desses esperançosos, Don Wollheim, apresentou uma história intitulada “O Regulador Psicológico” na esperança de encontrar seu lugar no novo título de celulose. Ela voltou de Tremaine, no entanto. Num processo de rodízio improvável de ter ocorrido em qualquer grupo além dos Futurians, Lowndes então reescreveu-a, e a submeteu e recebeu sua rejeição. Michel tentou sua mão, para o mesmo resultado, após o que Elsie Balter, em seguida, teve sua vez.

> And if, in the 21st, 22d and 23d century, any of the science fiction stories you read today will be read with interest and enthusiasm then, it will be because the readers of that distant future think, as they peruse the stories in question: “This person had a remarkably modern viewpoint. Why, I can't believe that he really lived in those terrible days of the 20th century” (MORLEY, 1941a, p. 95)[23].

Na edição de dezembro da *Future Combined with Science Fiction* (novo nome da revista), foi publicada uma carta de J.S. Klimaris (pseudônimo do *futurian* Walter Kubilius) discordando do ensaio:

> Science fiction can become classic only when it becomes living literature. All literature, dear Morley, is alive when it is an emotional expression of human experience or human aspiration. Science fiction can become living literature when if fulfills that requirement. What true science fiction reader has not wept with Mary Shelley's monster that tried to win the love and understanding of Dr. Frankestein? Who has not felt a lump in his throat as Nemo's Nautilus finally sank beneath the waves after defying mankind and twenty thousand leagues under the sea? Who has not looked uneasily up at the strange stars after the War of Worlds ended? Who has been able to sail calmly over a quiet sea after Poe's “Descent into a Maelstrom”? Who among us is not a Faust or a Manfred? In the light of such living literature, and they are also science fiction classics, Morley's words about “modern outlook” fade away into nothingness (KLIMARIS, 1941, p. 67)[24].

Lowndes, assinando como Morley, respondeu logo abaixo a carta, dizendo que talvez ele tenha usado o termo errado, e que talvez “universal”, “atemporal” ou “progressista” teria sido melhor. Ele continua:

> These stories which you mention in your last paragraph all have the “timeless” quality to which I refer. They are not bound up in the very local and limited concepts of any given period, even though the writing may, in some cases, be archaic. What I meant by “modern

23 E se, no século 21, 22 e 23, qualquer uma das histórias de ficção científica que você ler hoje for lida com interesse e entusiasmo, será porque os leitores desse futuro distante pensarão, enquanto examinam as histórias em questão: “Essa pessoa tinha um ponto de vista extremamente moderno. Ora, eu não posso acreditar que ela realmente viveu naqueles dias terríveis do século 20 ”.

24 A ficção científica pode se tornar clássica somente quando se torna literatura viva. Toda a literatura, querido Morley, está viva quando é uma expressão emocional da experiência humana ou da aspiração humana. A ficção científica pode tornar-se literatura viva quando cumpre essa exigência. Que verdadeiro leitor de ficção científica não chorou com o monstro de Mary Shelley que tentou conquistar o amor e a compreensão do Dr. Frankestein? Quem não sentiu um nó na garganta quando o Nautilus de Nemo finalmente afundou sob as ondas depois de desafiar a humanidade e vinte mil léguas submarinas? Quem não olhou desconfortavelmente para as estranhas estrelas depois que a Guerra dos Mundos terminou? Quem foi capaz de velejar calmamente sobre um mar tranquilo depois de Uma descida ao Maelstrom, de Poe? Quem entre nós não é um Fausto ou um Manfred? À luz de tal literatura viva, e eles também são clássicos de ficção científica, as palavras de Morley sobre "perspectiva moderna" desaparecem no nada.

> outlook" was this: read any of these examples of "living literature" and you do not get the feeling of being cramped into the obsolete concepts, superstitions, conceits, etc., of a long-dead age. There is something in them that will be new and "modern" so long as homo sap remains as he is, essentially (MORLEY, 1941b, p.68)[25].

Essas cartas demonstram que os *futurians* estavam o tempo todo refletindo, debatendo as obras que consideravam as clássicas do gênero e tentando, juntos, construir uma ficção científica. A forma como pensavam que o gênero deveria (ou não) ser tem a ver com que tipo de literatura buscavam construir – ainda que o resultado não necessariamente tenha sido aquele que eles buscavam: vale lembrar que nem sempre a intenção de um autor e sua obra são iguais.

Um outro exemplo muito interessante da construção coletiva da ficção científica aconteceu nas mesmas edições em que Lowndes e Kubilius debatiam sobre o gênero. A história "A Million Years and a Day" foi escrita pelo *futurian* Donald Wollheim e publicada na edição de agosto de 1941 da *Future Fiction.* No conto, dois astronautas – um homem e uma mulher – voltam para a Terra e encontram toda a humanidade suspensa por uma espécie de coma. O mundo estava dividido por uma guerra e os dois lados criaram uma arma que, quando acionada, deixava a outra metade dormindo. Os astronautas descobrem que há dois botões possíveis de serem acionados na arma: se eles acionarem a opção "renovação" da arma, todos que estão dormindo morrerão. É possível, no entanto, acordar metade ou mesmo toda a humanidade – só que se fizerem isso é provável que a guerra continuará. O homem quer apertar o botão renovação e propõe que os dois recomecem a humanidade. Já a mulher não tem certeza, mas é ela quem aperta um botão. A história termina com o final aberto, sem saber o que ela decidiu. O editor da revista então, o *futurian* Robert Lowndes, pede sugestões aos leitores do que é que aconteceu. Janice apertou os botões para renovação, matando toda a humanidade? Ou foi para acordá-la e assim dar continuidade à guerra? Como forma de incentivo para que os leitores enviassem suas respostas, é anunciado que as três melhores irão ganhar as ilustrações originais daquele número da revista.

---

25 Essas histórias que você mencionou em seu último parágrafo, todas tem a qualidade "atemporal" à qual me refiro. Elas não estão ligadas aos conceitos muito locais e limitados de qualquer período dado, embora a escrita possa, em alguns casos, ser arcaica. O que eu quis dizer com "perspectiva moderna" foi o seguinte: leia qualquer um desses exemplos de "literatura viva" e você não terá a sensação de estar entorpecido em conceitos obsoletos, superstições, conceitos, etc., de uma idade morta há muito tempo. Há algo neles que será novo e "moderno", desde que o homo sapiens permaneça como ele é, essencialmente.

O concurso revela que questões os *futurians* consideravam que a ficção científica deveria tratar. Para além de extrapolações científicas ou literatura escapista, há outras reflexões possíveis. No caso de “A Million Years and a Day”, um dilema moral. Cabia ao leitor colocar-se no papel de autor e pensar um desfecho para a história. O exercício de imaginação proposto tanto pelo autor quanto pelo editor da revista oferecia um papel ativo para os leitores na elaboração da história. Dessa forma, a ficção científica era pensada de forma conjunta e experimental e construída o tempo todo no próprio fazer.

As três respostas vencedoras foram escolhidas por Wollheim, autor da história, e Lowndes, editor da revista, e publicadas na edição de dezembro de 1941. Cada uma delas propunha uma solução diferente: o primeiro lugar sugeria que Janice matou apenas metade do mundo, o velho mundo. O segundo lugar falou que Janice matou toda a humanidade. Já o terceiro, assim como o primeiro, propôs que Janice matou metade da população, mas dessa vez a do novo mundo. Enquanto o segundo e terceiro lugares escreveram justificando suas escolhas, o primeiro lugar colocou-se no papel de escritor e enviou o que seria a continuação da história.

Essa inversão de papéis mostra como leitores, autores e editores estavam próximos e como um fã poderia facilmente passar de leitor a autor. Mas mais do que isso, mostra como era importante a participação dos leitores na construção da ficção científica. Quando os *futurians* começaram a editar suas revistas, contaram com esse apoio. Na primeira edição como editor da *Cosmic Stories*, de março de 1941, o *futurian* Donald Wollheim escreveu:

> No matter how much theory or how much past experience one may think he has, it will never suffice to keep any magazine on the plane of quality and quantity its readers demand. That can only be done when readers do their part; when they write in their candid opinions of stories, articles, departments, art work and the editors, their suggestions as to what they would do if they were editor, their ideas (WOLLHEIM, 1941b, p. 125)[26].

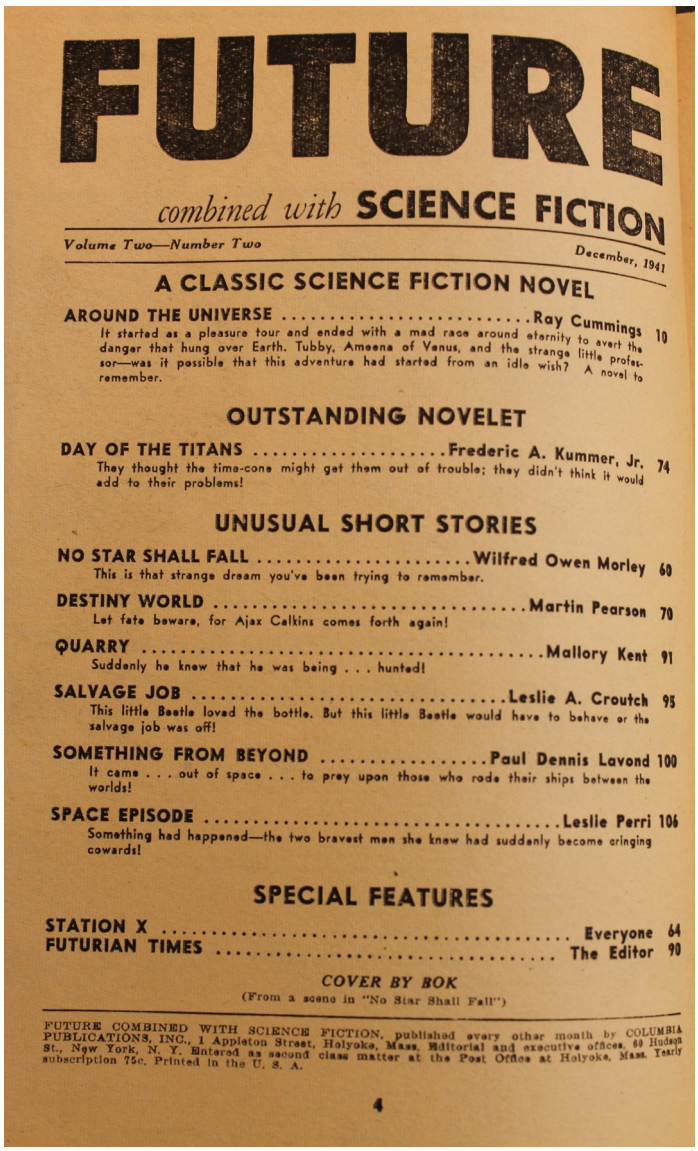
Wollheim percebe e demonstra a importância que os leitores tem na ficção científica. A troca entre leitores, autores e editores moldou o gênero e ajudou a

26 Não importa quanta teoria ou quanta experiência passada se possa pensar que tem, nunca será suficiente manter qualquer revista no plano de qualidade e quantidade que seus leitores exigem. Isso só pode ser feito quando os leitores fazem sua parte; quando escrevem suas opiniões sinceras de histórias, artigos, departamentos, obras de arte e editores, suas sugestões sobre o que fariam se fossem editores, suas ideias.

construir a ficção científica, com os *futurians* fazendo parte e colaborando nesse movimento. Ao mesmo tempo em que a ficção científica era construída em seus temas e estruturas narrativas, ela também era pensada em seu formato. Como dito acima, em seus primeiros números a *Amazing Stories* sobretudo republicou romances. Ao se firmar como *pulp*, escritores passaram a mandar seus textos também para a revista de Gernsback. Ainda que a *Amazing* e outras revistas que vieram na sequência continuassem publicando romances serializados, os formatos menores (contos, noveletas e novelas[27]) passarem a ser preferidos. Essa é uma característica muito importante para pensar a ficção científica produzida no período. Um outro ponto importante é que os textos passaram a ser feitos sob medida para as revistas. Algumas histórias que serão discutidas ao longo da tese foram escritas para preencher "buracos" nas edições. Isso permitiu que contos de poucas, ou até mesmo uma página, fossem publicados.

27 A diferença, aqui, é em relação ao número de palavras: um conto tem até 7.500 palavras; noveleta de 7.500 a 17.500; novela, entre 17.500 e 40.000 palavras; e romance a partir de 40.000 palavras.

Figura 05: índice da *Future Combined with Science Fiction*, de dezembro de 1941



FUTURE

combined with SCIENCE FICTION

Volume Two—Number Two December, 1941

A CLASSIC SCIENCE FICTION NOVEL

AROUND THE UNIVERSE ..... Ray Cummings 10
It started as a pleasure tour and ended with a mad race around eternity to avert the danger that hung over Earth. Tubby, Ameena of Venus, and the strange little professor—was it possible that this adventure had started from an idle wish? A novel to remember.

OUTSTANDING NOVELET

DAY OF THE TITANS ..... Frederic A. Kummer, Jr. 74
They thought the time-cone might get them out of trouble; they didn't think it would add to their problems!

UNUSUAL SHORT STORIES

NO STAR SHALL FALL ..... Wilfred Owen Morley 60
This is that strange dream you've been trying to remember.

DESTINY WORLD ..... Martin Pearson 70
Let fate beware, for Ajax Calkins comes forth again!

QUARRY ..... Mallory Kent 91
Suddenly he knew that he was being . . . hunted!

SALVAGE JOB ..... Leslie A. Croutch 95
This little Beetle loved the bottle. But this little Beetle would have to behave or the salvage job was off!

SOMETHING FROM BEYOND ..... Paul Dennis Lavond 100
It came . . . out of space . . . to prey upon those who rode their ships between the worlds!

SPACE EPISODE ..... Leslie Perri 106
Something had happened—the two bravest men she knew had suddenly become cringing cowards!

SPECIAL FEATURES

STATION X ..... Everyone 64
FUTURIAN TIMES ..... The Editor 90

COVER BY BOK
(From a scene in "No Star Shall Fall")

FUTURE COMBINED WITH SCIENCE FICTION, published every other month by COLUMBIA PUBLICATIONS, INC., 1 Appleton Street, Holyoke, Mass. Editorial and executive offices, 60 Hudson St., New York, N. Y. Entered as second class matter at the Post Office at Holyoke, Mass. Yearly subscription 75c. Printed in the U. S. A.

4

Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

A foto acima mostra como a editoração de uma revista se assemelhava a montar um quebra-cabeças: além das histórias, ilustrações, cartas dos leitores e editoriais, a revista também tinha várias páginas de publicidade, que contribuíam para que o preço das *pulps* fosse pequeno e que era preciso levar em conta na hora de organizar a revista.

Na edição de janeiro de 1941 da *pulp Super Science Stories*, o *futurian* Frederik Pohl, editor da revista desde seu lançamento, no ano anterior, anunciou:

> Many of our readers have written in to this magazine and to its companion, Astonishing Stories, suggesting that a fault of modern

> science fiction lies in the fact that its authors are being driven to write progressively shorter and shorter stories. The responsibility for this trend can be traced to the plea of the readers for a wider variety of stories. The old styles of writing are changing; new concepts are coming to the fore. The incredible leaps that science itself has made open brand-new fields to explore.
> Consequently, because it is only natural to want to investigate *all* of these new fields, readers have most heartily backed the magazines which present a half-dozen or more stories in each issue, each story treating of a different facet of their common subject: the romance of the future development of science.
> But most of us who are long-time fans will realize, upon reflection, that it is the long stories, the novels, that have most greatly endeared scientific fiction to us. A novel – to reduce the question to an equation – represents a very large investment of time and energy to its author. A bad novel – i.e., one which is rejected – represents a huge loss. Very naturally, an author will spend more time and trouble in putting the final, polishing touches on a novel than on a short story.
> You readers have indicated that there is a place for a magazine specializing in well-written, well-developed, *long* stories. Accordingly, this is the last issue of *Super Science Stories*.
> Its place will be taken in the future by *Super Science Novels Magazine*. It will present, each issue, either a – literally, not figuratively – book-lenght-novel, plus one shorter novel, or *three* shorter novels. It will also include one or two short stories.
> The new magazine will be larger than the old. The price will be slightly higher accordingly – 20c (POHL, 1941a, p. 127 grifos no original)[28].

As questões levantadas por Pohl mostram as vantagens de cada tipo de texto. Ainda que nos romances a trama possa ser melhor desenvolvida, a rapidez em

---

28 Muitos de nossos leitores escreveram para esta revista e para sua companheira, Astonishing Stories, sugerindo que uma falha da ficção científica moderna reside no fato de que seus autores estão sendo levados a escrever histórias progressivamente mais e mais curtas. A responsabilidade por essa tendência pode ser atribuída ao apelo dos leitores por uma variedade maior de histórias. Os velhos estilos de escrita estão mudando; novos conceitos estão surgindo. Os saltos incríveis que a ciência em si fez abriu novos campos para explorar.
Consequentemente, porque é natural querer investigar todos esses novos campos, os leitores apoiaram de todo coração as revistas que apresentam meia dúzia ou mais de histórias em cada edição, cada história tratando de uma faceta diferente de seu tema comum: o romance do futuro desenvolvimento da ciência.
Mas a maioria de nós que somos fãs de longa data perceberá, após reflexão, que são as longas histórias, os romances, que mais nos encantaram na ficção científica. Um romance - para reduzir a questão a uma equação - representa um investimento muito grande de tempo e energia para seu autor. Um romance ruim - isto é, um que é rejeitado - representa uma enorme perda. Muito naturalmente, um autor gastará mais tempo e dificuldade em dar os toques finais e polidos em um romance do que em um conto.
Vocês leitores indicaram que há lugar para uma revista especializada em longas histórias bem escritas e bem desenvolvidas. Assim, esta é a última edição de Super Science Stories.
Seu lugar será ocupado no futuro pela revista Super Science Novels. Ela apresentará, em cada edição, um romance - literalmente, não figurativamente – do tamanho de um livro -, mais um romance mais curto, ou três romances mais curtos. Também incluirá um ou dois contos.
A nova revista será maior que a antiga. O preço será ligeiramente maior em conformidade – 20 centavos.

escrever e publicar um conto é interessante quando um autor pretende explorar várias ideias diferentes. O pagamento também era um fator importante para esses escritores, pois as *pulps* costumavam pagar por palavra – quanto maior um texto, maior o cheque, mas também mais demorado e arriscado. Pohl decidiu testar esse novo formato para uma das revistas que editava: foram três edições em que ela passou a se chamar *Super Science Novels* e publicou romances, novelas e noveletas. Ele teve um desentendimento com o dono da editora e ficou afastado por alguns meses, e o novo editor voltou ao antigo formato e nome.

Em um longo comentário na edição de dezembro de 1942 da *pulp Future Fantasy and Science Fiction*, da qual era editor, Lowndes escreve a respeito da ficção científica de então e sua relação com as *pulps*:

> The issue of "Are Science Fiction Readers Mental Cases?" is one that has been coming up at least as long as SF magazines have been published. The various editors usually have replied to the effect that science fiction necessarily appeals to a person of higher intelligence than the average pulp-reader and it's the opposition to this form of reading that's crazy. No doubt, this sort of reply has made any number of fans and SF readers feel better.
> But it's time to re-examine the case. Years ago, when this assertion was first made, it was not entirely unjustified. The usual science-fiction story was not essentially a pulp tale. Action, plot, and characterization, except for the works of a few authors who were really authors, were subordinated to idea. And even in the "classics", the story was wreathed with masses of technical and theoretical material – such as would have the most appeal to a person who had a fairly comprehensive idea of the fundamentals of the various sciences. Certainly it had little appeal to the reader who was just out for a story and nothing more. If you skipped the science and theory, there wasn't much left, as a rule – so it can be said that science-fiction, at that time, was over the heads of the general run of pulp readers (…).
> But the science-fiction of today is of a different genre. Primarily (there are exceptions, but they are in a minority) this type of fiction is written for the general run of pulp reader – that is, the story is the thing. In the better magazines in this field, you'll find ideas relating to scientific possibilities – and the development of these ideas in one concrete form or another. But it's quite a different thing; one does not need formal scientific education, even of the elementary kind, to enjoy science-fiction magazines these days. All that is now required is imagination and an ability to read (…).
> Thus we have imagination as a requisite – which in itself is not an indication of superior intelligence (…).
> The ideal science-fiction story today is that tale so written as to afford entertainment to the passive reader, but to contain solid meat to within the framework of the story, and the ideas upon which the story is based, from which the active reader – he who not only reads words, but strives to ascertain what they mean, to discover what the

> writer of the words is trying to put over – can derive food for speculation (LOWNDES, 1942d, p. 75)[29].

Esse comentário é muito interessante, pois tira a aura de excepcionalidade dos leitores de ficção científica e os coloca ao lado dos leitores de outras *pulps*. Essa visão é contrária, como aponta Lowndes, à noção que a ficção científica vinha construindo de si mesma até então, e que continuava sendo desenvolvida na revista "rival", a *Astounding Science Fiction*. Nela, os leitores de ficção científica eram considerados como uma "elite" (LUCKURST, 2005). John W. Campbell Jr. passou a editar a revista a partir de 1937, e muitos consideram os anos seguintes como "a época de ouro" da ficção científica, justamente pela influência de Campbell:

> Campbell and his magazine Astounding stand for the second era of the sf magazines as Gernsback stands for the first. The period that begins with his editorship is often called the Golden Age of sf, and many of the best-known writers in the field first appeared in his magazine (ATTEBERY, 2003, p. 67)[30].

---

29 A questão "os leitores de ficção científica são casos mentais?" é uma que vem surgindo pelo menos enquanto revistas de ficção científica forem publicadas. Os vários editores geralmente respondem ao efeito de que a ficção científica necessariamente atrai uma pessoa de maior inteligência do que o leitor médio de pulp e é a oposição a essa forma de leitura que é louca. Sem dúvida, este tipo de resposta fez com que qualquer número de fãs e leitores de ficção científica se sentissem melhor.
Mas é hora de reexaminar o caso. Anos atrás, quando essa afirmação foi feita pela primeira vez, não foi totalmente injustificada. A história usual de ficção científica não era essencialmente um conto de pulp. Ação, enredo e caracterização, com exceção dos trabalhos de alguns autores que eram realmente autores, estavam subordinados à ideia. E mesmo nos "clássicos", a história era repleta de material técnico e teórico - como o que teria mais apelo para uma pessoa que tivesse uma ideia bastante abrangente dos fundamentos das várias ciências. Certamente, isso atraía pouco o leitor que esperava apenas por uma história e nada mais. Se você ignorasse a ciência e a teoria, não sobrava muito, como regra geral - então pode-se dizer que a ficção científica, naquela época, estava acima da média dos leitores de pulp (...).
Mas a ficção científica de hoje é de um gênero diferente. Primeiramente (há exceções, mas elas são uma minoria) este tipo de ficção é escrito para o público geral leitor de pulps - isto é, a história é a coisa. Nas melhores revistas neste campo, você encontrará ideias relativas a possibilidades científicas - e o desenvolvimento dessas ideias de uma forma concreta ou outra. Mas é bem diferente; não precisamos de educação científica formal, mesmo do tipo elementar, para desfrutar de revistas de ficção científica nos dias de hoje. Tudo o que é necessário agora é imaginação e capacidade de ler (...).
Assim, temos a imaginação como um requisito - o que em si não é uma indicação de inteligência superior (...).
A história de ficção científica ideal hoje é aquela história escrita de forma a proporcionar entretenimento ao leitor passivo, mas conter conteúdo sólido dentro da estrutura da história e as ideias sobre as quais a história se baseia, das quais o leitor ativo - aquele que não apenas lê palavras, mas se esforça para verificar o que elas significam, para descobrir o que o escritor das palavras está tentando colocar - pode derivar material para especulação.
30 Campbell e sua revista Astounding representam a segunda era das revistas de ficção científica, assim como Gernsback representa a primeira. O período que começa com sua editoria é frequentemente chamado de Idade de ouro da ficção científica, e muitos dos escritores mais conhecidos no campo apareceram pela primeira vez em sua revista.

Ainda que o termo “a época de ouro” tenha sido cunhado pelos fãs, os críticos continuam empregando-o para falar do período. Assim, a história da ficção científica é escrita começando com Gernsback e tendo o auge com Campbell, ignorando outras contribuições. Há, inclusive, centenas de trabalhos a respeito de Campbell e da *Astounding*, mas nenhum sobre os *futurians* além dos livros de memórias escritos por antigos membros. Minha intenção não é diminuir a importância desses trabalhos, mas sim mostrar que há outras histórias dentro dessa história.

The Futurian Society of New York existiu de 1938 até 1945. Do grupo, saíram dez escritores, dois agentes literários, quatro antólogos e cinco editores - alguns com sobreposição de papéis (KNIGHT, 2013). O crítico Brian Attebery destaca a importância dos *futurians* para a ficção científica:

> One group, the Futurians, included many of the most important writers in the next generation: Frederik Pohl, Damon Knight, Judith Merril, Cyril Kornbluth, Isaac Asimov and James Blish. Three of those, Blish, Knight and Merril, also became important critics, pointing out logicall flaws in sf stories and praising those writers who embodied scientific ideas in compelling narratives. Their efforts, and the willingness of fans to explore new fictional directions, helped transform the genre into something more sophisticated than its pulp beginnings (ATTEBERY, 2003, p. 38)[31].

Segundo Attebery, os *futurians* ajudaram a transformar o gênero. Apesar de terem sua importância reconhecida, não há nenhum trabalho que se debruce sobre a ficção científica produzida pelo grupo. Minha pesquisa é a primeira a tentar lançar uma luz nesse imenso material.

A primeira parte da pesquisa consistiu em catalogar todas as histórias escritas pelos *futurians* na década de 1940: eu cheguei à espantosa soma de 278 histórias. Depois, fui até o maior acervo de ficção científica do mundo, o Eaton Collection, localizado na Universidade da California-Riverside, para fotografar o material. Eu só não tive contato com 5 das 278, todas as outras foram fotografadas, lidas e analisadas por mim. No Apêndice C, ao final do trabalho, é possível consultar uma tabela com os títulos das histórias, as revistas em que foram publicadas originalmente e a quais eu tive acesso.

31 Um grupo, os futurians, incluiu muitos dos escritores mais importantes da próxima geração: Frederik Pohl, Damon Knight, Judith Merril, Cyril Kornbluth, Isaac Asimov e James Blish. Três desses, Blish, Knight e Merril, também se tornaram importantes críticos, apontando todas as falhas nas histórias de ficção científica e elogiando os escritores que encarnavam as ideias científicas em narrativas convincentes. Seus esforços e a disposição dos fãs em explorar novas direções ficcionais ajudaram a transformar o gênero em algo mais sofisticado do que seu começo nas pulps.

Seria possível trabalhar com esse material de inúmeras formas diferentes, e espero que no futuro mais pesquisadores se debrucem sobre ele, com outros olhares e abordagens. A maneira encontrada por mim foi inspirada em *O século de Schnitzler: A formação da cultura da classe média (1815-1914)*, do historiador Peter Gay. Eu elegi seis temas centrais, a partir dos quais desenvolvi a tese, sendo o primeiro deles a própria ficção científica. O primeiro capítulo propriamente dito trata de questões políticas; na sequência, trabalho com a relação da ciência com a ficção científica. No terceiro capítulo, discuto gênero e raça nas histórias dos *futurians* e o último aborda a Segunda Guerra Mundial. O capítulo cinco é, assim como o capítulo zero, um texto mutante, que discute a bomba atômica e serve como um fechamento para o trabalho.

Outra inspiração na tecitura do texto foi a leitura de *The Battle of the Sexes in Science Fiction*, da escritora e pesquisadora Justine Larbalestier. Cada capítulo do livro da australiana foi nomeado com o título de uma história de James Tiptree Jr, pseudônimo da autora Alice Sheldon. Reproduzi, aqui, a ideia de Larbalestier, só que com títulos de histórias escritas pelos *futurians* na década de 1940. Assim, esta introdução, que abordou o desenvolvimento da ficção científica nos Estados Unidos levou o nome de “The Perfect Invasion”, história de Cyril Kornbluth publicada pela primeira vez em 1942. O primeiro capítulo, que trata de política, foi intitulado “Rebirth of Tomorrow”, conto de John B. Michel publicado em 1941. O capitulo seguinte, destinado a discutir as relações entre ciência e ficção científica carrega o nome “The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline”, história de Isaac Asimov de 1948. O capítulo três, que trata de questões de gênero e raça na ficção científica foi nomeado “The Other”, título de uma história de 1941, de Robert Lowndes. O último capítulo, cujo tema é a Segunda Guerra Mundial, levou o nome de “When the Earth Shook”, conto de Walter Kubilius publicado em 1942. A conclusão/considerações finais, que aborda o desenvolvimento e as consequências do uso da bomba atômica ganhou o nome “A Green Cloud Came”, de uma história de Lowndes publicada em 1941. O título da tese vem de um poema também de Lowndes, publicado na *Cosmic Stories* de março de 1941 e que aparece como epígrafe.

Por fim, optei por utilizar os trechos das histórias no original, em inglês, e a tradução para o português está nas notas de rodapé. Todas foram feitas por mim, com exceção das histórias de Isaac Asimov, que contam com traduções em

português. Nesse caso, nas notas de rodapé, eu indico a página da versão brasileira.

1 REBIRTH OF TOMORROW: FICÇÃO CIENTÍFICA E AS QUESTÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS

The Futurian Society of New York ficou conhecido como um clube de ficção científica de esquerda. Quando falam sobre o grupo, essa é geralmente a informação destacada, como nesse caso: "Both writers [Frederik Pohl and Cyril Kornbluth] were active members of the Futurians, a wartime organization of science fiction novelists committed to radical politics" (SEED, 1999, p. 82)[32]. Ou ainda: "Back when SF fans were cellar Christians, a group of, for the most part, teenagers holding meetings in basements and planning for the future, Frederik Pohl was a member of the most left-wing of the fan groups, The Futurians" (CRAMER; HARTWELL, 2002, p. 884)[33].

O viés político do grupo aparece tanto em textos de críticos de ficção científica, quanto de estudiosos políticos. No livro *The Cultural Front*, que discute as esquerdas americanas na década de 1930, os *futurians* são citados no capítulo que discute literatura operária:

> The Futurians were formed in 1938 by radical young science-fiction writers, several of whom were members of the Young Communist League; over the next decade, the group, which included Isaac Asimov, Frederik Pohl, Cyril Kornbluth, Judith Merril, James Blish, and Damon Knight, wrote for and edited the pulp magazines and paperback originals that remade science fiction in the post-war period (DENNING, 1998, p. 225-226)[34].

Embora nenhuma das citações acima seja imprecisa, elas não dão conta de abarcar as complexidades políticas do grupo – que eu fui descobrindo ao longo da pesquisa e tentarei abordar neste capítulo. Antes de ter acesso à totalidade das histórias produzidas pelos *futurians* na década de 1940, eu imaginava que elas

---

32 Ambos os escritores [Frederik Pohl e Cyril Kornbluth] eram membros ativos dos Futurians, uma organização do tempo da guerra de romancistas de ficção científica comprometidos com a política radical.

33 No tempo em que os fãs de ficção científica se reuniam em porões, um grupo, sua maioria, de adolescentes que realizavam reuniões em porões e planejavam o futuro, Frederik Pohl era um dos membros do grupo mais à esquerda de fãs, The Futurians.

34 Os Futurians foram formados em 1938 por jovens radicais escritores de ficção científica, vários dos quais eram membros da Young Communist League [liga comunista juvenil]; na década seguinte, o grupo, que incluía Isaac Asimov, Frederik Pohl, Cyril Kornbluth, Judith Merril, James Blish e Damon Knight, escreveu e editou as revistas pulps e os originais em brochura que refizeram a ficção científica no período do pós-guerra.

fossem bastante engajadas. Para minha surpresa, apenas uma parte pequena da ficção científica produzida pelos *futurians* trata de temas políticos de forma direta.

1.1 MICHELISMO, COMUNISMO E O ENGAJAMENTO NA FICÇÃO CIENTÍFICA

Em outubro de 1937, em uma convenção de ficção científica na Filadélfia, Donald A. Wollheim leu um ensaio escrito por John B. Michel intitulado *Mutation or Death* (mutação ou morte). Segue um trecho:

> Science fiction has finally come to the parting of the ways with meaningless idealism, and, with that idealism, dies. Science fiction must mutate -- must change into a new form of idealism, a fighting, practical idealism, an idealism based on action and not on words, on experience and achievements and not on bombastic and irrelevant swaggerings (MICHEL, 1937, s/p)[35].

Para Michel, a ficção científica estava morrendo e a única forma de impedir isso era transformando-a em algo maior. A referência vem claramente de Charles Darwin e seu icônico estudo *A origem das espécies*. Diferente, porém, dos seres vivos que passam por transformações involuntárias que levam à adaptação e sobrevivência das suas espécies, Michel propunha uma mutação voluntária dos fãs de ficção científica. O texto encerrava da seguinte forma:

> Be it moved that this, the Third Eastern Science Fiction Convention, shall place itself on record as opposing all forces leading to barbarism, the advancement of pseudo-sciences and militaristic ideologies, and shall further resolve that science fiction should by nature stand for all forces working for a more unified world, a more Utopian existence, the application of science to human happiness, and a saner outlook on life (MICHEL, 1937, s/p)[36].

---

35 A ficção científica finalmente rompeu com o idealismo sem sentido pois, junto com esse idealismo, morre. A ficção científica precisa mudar - precisa se transformar em uma nova forma de idealismo, um idealismo prático e combativo, um idealismo baseado na ação e não nas palavras, na experiência e nas conquistas e não em fanfarronices bombásticos e irrelevantes.

36 Seja proposto que esta, a terceira convenção de ficção científica da costa leste, se declara como opondo-se a todas as forças que conduzem à barbárie, ao avanço das pseudo-ciências e às ideologias militaristas, e ainda delibera que a ficção científica deveria por natureza apoiar todas as forças que trabalham por um mundo mais unificado, por uma existência mais utópica, pela aplicação da ciência à felicidade humana e por uma visão mais sã da vida.

Depois da leitura, houve um intenso debate entre os presentes e uma votação, em que a proposta foi derrotada por 12 votos a 8 – diversos fãs se abstiveram de votar (MOSKOWITZ, 1954).

Poucos meses depois (em janeiro de 1938), John Michel, Donald Wollheim, Frederik Pohl, Harry Dockweiler e Jack Rubinson formaram o *Committee for the Political Advancement of Science Fiction* – CPASF (comitê para o avanço político da ficção científica). O movimento ficou conhecido como "michelismo", em referência a Michel e seu discurso *Mutation or Death.* As ações promovidas pelo comitê incluíam a distribuição de panfletos, o envio de cartas para as revistas *pulp* pedindo artigos de ciências sociais e a criação de uma fanzine, nomeada *The Science Fiction Advance*.

Figura 06: capa da fanzine *Science Fiction Advance*

Fonte: Eaton Collection. Fotografia da autora

Em seu primeiro número, a fanzine publicou um conteúdo bastante diverso, que incluía desde resenhas de livros até textos pregando o engajamento dos fãs de ficção científica. Para aqueles contrários ao grupo, no entanto, tratava-se de uma literatura formadora: “The Science Fiction Advance, official organ of the Michelistic CPASF, was simply an easy-stage education in communism” (MOSKOWITZ, 1954, p. 257)[37].

John B. Michel e Frederik Pohl de fato se autodeclaravam comunistas e faziam parte da liga jovem, a *Young Communist League* (YCL). Em seu livro de memórias, Pohl relembra:

> Words take on the coloration of their times. The word “Communist” has one sound today, had quite another in the 50s, when Joe MacCarthy shambled across the land, and probably will sound different still in the year 2000. In 1936 it sounded adventurous, active, and, above all, “progressive” (POHL, 1978, p. 63)[38].

O Partido Comunista era muito forte em Nova Iorque na década de 1930: metade de todos os filiados dos Estados Unidos estava na cidade (DENNING, 1998). O Partido era bastante atuante no Brooklyn, *borough* em que a maioria dos *futurians* morava. Por alguns anos Michel e Pohl foram bastante engajados e conseguiram inclusive levar outros fãs de ficção científica às reuniões da YCL.

O michelismo durou poucos meses e não conseguiu mudar a ficção científica do jeito que pretendia. A importância do movimento se dá pela intersecção do gênero com a esquerda americana, conforme Sean Cashbaugh:

> Though a minor movement in both the histories of SF and the American Left, and one that was ultimately a failure, Michelism was a crucial intersection of these histories and as such highlights the radical possibilities of forms, genres, and communities often considered marginal to leftist literary activity (CASHBAUGH, 2016, p. 66)[39].

---

37 O Science Fiction Advance, órgão oficial do Michelista CPASF [comitê para o avanço político da ficção científica] era simplesmente uma educação comunista fácil.

38 Palavras assumem a coloração de seu tempo. A palavra "comunista" soa de um jeito hoje, de outro nos anos 50, quando Joe MacCarthy atravessou a terra, e provavelmente soará diferente no ano 2000. Em 1936 soava aventureira, ativa e, acima de tudo, "progressista”.

39 Embora seja um movimento menor tanto nas histórias de ficção científica quanto na esquerda americana, e em última análise um fracasso, o Michelismo foi uma intersecção crucial dessas histórias e, como tal, destaca as possibilidades radicais de formas, gêneros e comunidades frequentemente consideradas marginais para a atividade literária de esquerda.

Em setembro de 1938, os michelistas e outros fãs de ficção científica fundaram um novo clube, chamado *The Futurian Society of New York*. Assim, a "fama" dos *futurians* serem comunistas está relacionada com o movimento michelista, ainda que nem todos tivessem participado desse movimento anterior (e ainda que seus posicionamentos fossem sendo alterados ao longo dos anos que o grupo existiu).

1.2 UTOPIANISMO

Ainda que a duração do grupo *The Futurian Society of New York* não tenha sido longa (sete anos), ele coexistiu com diversos acontecimentos nacionais e mundiais significativos. Isso contribuiu para que, mesmo durante um curto período de tempo, as opiniões políticas dos *futurians* mudassem, e isso é perceptível nas histórias de ficção científica que eles publicaram.

O *futurian* que mais escreveu histórias de ficção científica com pano de fundo político foi John B. Michel. Suas mudanças em relação à política influenciaram também os outros *futurians* e ilustram como ao longo do tempo o grupo teve posicionamentos diversos, ainda que para os outros fãs eles fossem vistos simplesmente como comunistas.

Uma das primeiras histórias de John B. Michel publicada em revistas profissionais foi "Rebirth of Tomorrow". Na noveleta, publicada sob o pseudônimo de Hugh Raymond, Michel imagina um futuro em que o mundo atingiu um certo equilíbrio. Uma nova ordem foi implantada a partir da década de 1960 e duzentos e cinquenta anos depois não existem mais países nem governos locais, apenas um governo mundial. O que levou à essa situação foi um avanço científico/tecnológico, que inclui máquinas automatizadas (que até mesmo se consertam sozinhas), energia atômica e viagens espaciais. Essa ordem, no entanto, é ameaçada quando ocorre um desastre em uma usina nuclear. O presidente mundial quer aproveitar o acidente para retomar o controle, porém o golpe é impedido pela população:

> "The birth of anarchy. Tonight control is gone forever, my friends. Tonight the planet has no master, no overlord save itself and its teeming billions."
> Greyson clapped him in the shoulder. "No, my friend, not the birth of anarchy, but the maturity of reason. All that has passed before was

> only a prelude to this moment. Do you know what is happening out there?" His outflung arm encompassed the planet. "The world does not realize it fully yet, but it has suddenly grown up. The old ones were right when they made their plans. Put mankind upon the right track once – and on the right track it will remain!" (RAYMOND, 1941a, p. 21)[40].

Após o fim do governo mundial, o leitor pode pensar que o mundo passará para uma forma de anarquismo, sem um poder central e hierárquico e regido pelos próprios habitantes. O autor, no entanto, procura se afastar desse conceito – ainda que não explique porque não se trata de anarquia e sim de "maturidade da razão".

Ao final da história, um outro movimento espontâneo emerge: dezenas de espaçonaves decolam rumo a Alpha Centauri. A humanidade parte para uma nova fase e sua história parece ecoar a do personagem principal:

> He clenched his fists in his armor, smiled again. Strange, he thought; all his life had been fresh beginnings. A new beginning to each moment, each dawn, each sunset. He knew that this beginning was not the last (RAYMOND, 1941a, p. 22)[41].

Assim, a noveleta se encerra de forma bastante esperançosa em relação ao futuro – não apenas na Terra, mas no universo. A humanidade não está mais presa a este mundo e pode explorar novas possibilidades de uma maneira livre e harmoniosa. O amanhã utópico de Michel contrastava fortemente com o momento que o mundo estava vivendo: a história foi publicada na edição de abril de 1941 da *pulp Stirring Science Stories* enquanto a guerra nos continentes europeu, africano e asiático avançava.

"Rebirth of tomorrow" vai ao encontro do Manifesto Michelista, lido por Wollheim em 1937, em que Michel clamava por uma existência mais utópica. Sonhar com outras possibilidades e imaginar realidades distintas da própria – seja para melhor ou pior – é algo que acompanha há muito a humanidade. Lyman Tower Sargent chama tal fenômeno de utopianismo:

---

40 "O nascimento da anarquia. Hoje à noite o controle se foi para sempre, meus amigos. Hoje à noite o planeta não tem senhor, nem suserano a não ser ele mesmo e seus numerosos bilhões." Greyson deu um tapinha no ombro dele. "Não, meu amigo, não o nascimento da anarquia, mas a maturidade da razão. Tudo o que se passou antes foi apenas um prelúdio para este momento. Você sabe o que está acontecendo lá fora?" Seu braço para fora cercou o planeta. "O mundo ainda não percebeu isso completamente, mas ele de repente cresceu. Os antigos estavam certos quando fizeram seus planos. Coloque a humanidade no caminho certo uma vez - e no caminho certo ela permanecerá!".

41 Ele cerrou os punhos em sua armadura e sorriu novamente. Estranho, ele pensou; toda a sua vida foi feita de novos começos. Um novo começo para cada momento, cada amanhecer, cada pôr do sol. Ele sabia que este começo não era o último.

> I define the broad, general phenomenon of utopianism as social dreaming - the dreams and nightmares that concern the ways in which groups of people arrange their lives and which usually envision a radically different society than the one in which the dreamers live. But not all are radical, for some people at any time dream of something basically familiar (SARGENT, 1999, p. 03)[42].

Para Sargent, o utopianismo se manifesta de três formas: na literatura, na teoria social utópica e nas sociedades intencionais. Falarei rapidamente sobre cada uma delas e sua relação com a ficção científica e com os *futurians*.

Na literatura, Thomas More, em 1516, nomeou seu exercício narrativo de imaginar uma outra sociedade como *Utopia*. A palavra, inventada por ele, é a junção dos termos gregos *ou* (não) e *topos* (lugar) e era o nome da ilha fictícia onde um viajante morou por cinco anos. More utilizou *Utopia* para criticar vários pontos que considerava injustos na sociedade inglesa do século XVI ao contrapô-los com a sociedade utopiana. Assim, More abriu as portas para a narrativa utópica, em que o autor pode tanto descrever uma sociedade não existente de forma positiva ou negativa, com a intenção de que o leitor compare-a com a sua própria realidade (SARGENT, 1994).

No século XIX, a literatura utópica liga-se a uma nascente ficção científica ao imaginar condições de vida mais justas proporcionadas pela tecnologia. Um dos principais expoentes foi o escritor inglês H. G. Wells, que, em obras como *A Modern Utopia* (1905), procurou mostrar que a sociedade poderia ser melhor organizada. Embora não tenha participado da comunidade da ficção científica dos Estados Unidos, Wells foi um dos nomes mais importantes no desenvolvimento do gênero por lá. A *pulp Amazing Stories*, a primeira dedicada à ficção científica, em seus primeiros números, publicou diversas histórias suas. Wells, assim, influenciou toda uma geração de leitores que, mais tarde, iria também escrever ficção científica – e um desses leitores/autores foi o *futurian* John B. Michel.

Em “Rebirth of Tomorrow”, Wells é citado como um profeta social:

> “*We* are the opposition, the ones who dislike control. I've been reading some old books lately and obtained a better insight into just who and what *we* are.”
> “Who wrote those old books?” Haldane asked.

42 Eu defino o amplo fenômeno geral do utopianismo como sonho social - os sonhos e pesadelos que dizem respeito às maneiras pelas quais grupos de pessoas organizam suas vidas e que geralmente visualizam uma sociedade radicalmente diferente daquela em que os sonhadores vivem. Mas nem todos são radicais, algumas pessoas sonham com algo basicamente familiar.

> “Old fools. By name H.G. Wells, Olaf Stapledon, and a few others. They were the old social prophets. Half-baked, of course, as the present state of civilization proves, but they weren't all wrong. They warned about this great revolt against the universe (RAYMOND, 1941a, p. 09-10 grifos no original)[43].

Wells é mais do que uma referência para os personagens de “Rebirth of Tomorrow”: segundo o editor da revista, o conto era “wellsoniano”. Ele fala, ainda que os leitores gostaram bastante da história, e publica uma carta bastante elogiosa:

> Good stories I will recommend to friends; on rare occasions I retell a tale, so well did I like it, to some particular person or group; but highest tribute I personally can pay a story is to *read* it to someone I believe would appreciate it. I found two persons to listen to “Rebirth of Tomorrow” and they expressed most favorable opinions at the conclusion. Applause for a truly stirring science story! This is the sort of story we meant when, in the first issue, Morojo and I asked for fiction of dynami-concept… humanitarianism… grip. I got grip, all right, in Raymond's story. First class proscientific inspiration! I hope this spells the rebirth of an author, for I certainly should like to request more manuscripts from him of this socially aware, psychologically significant, anational nature. In a word – *futurian*! (ACKERMAN, 1941, p. 63 grifos no original)[44].

Ackerman conta que as pessoas para quem leu a história gostaram do final dela. Como dito acima, ela termina com um tom esperançoso, mas em aberto. Assim, ainda que ficção científica e literatura utópica se aproximem, essas duas formas narrativas carregam algumas diferenças. A exemplo de “Rebirth of Tomorrow”, os autores dos textos publicados nas *pulps* optavam por descrever os passos que levavam as sociedades a atingirem um patamar de justiça e igualdade e encerravam aí. Conforme Edward James:

---

43 “Nós somos a oposição, aqueles que não gostam do controle. Ultimamente, tenho lido alguns livros antigos e obtive uma visão melhor de quem e o que somos.” "Quem escreveu esses livros antigos?", perguntou Haldane. “Velhos tolos. H.G. Wells, Olaf Stapledon e alguns outros. Eles eram os velhos profetas sociais. Meio ingênuos, é claro, como o atual estado da civilização prova, mas eles não estavam de todo errados. Eles alertaram sobre essa grande revolta contra o universo”.

44 Boas histórias eu recomendo aos amigos; em raras ocasiões, reconto uma história, de tanto que eu gostei, a uma pessoa ou grupo em particular; mas o maior tributo que eu pessoalmente posso pagar é ler para alguém que eu aprecie. Encontrei duas pessoas para ouvir "Rebirth of Tomorrow" e elas expressaram opiniões muito favoráveis na conclusão. Aplausos por uma história científica verdadeiramente emocionante! Esse é o tipo de história que pretendemos quando, na primeira edição, Morojo e eu pedimos ficção de conceito de dinamismo ... humanitarismo ... aderência. Encontrei tudo na história de Raymond. Inspiração pró-científica de primeira classe! Espero que isso signifique o renascimento de um autor, pois certamente gostaria de solicitar-lhe mais manuscritos dessa natureza, socialmente consciente, psicologicamente significativa e anacional. Em uma palavra - futurian!

> By definition, there is no conflict in utopia; for a writer in popular fiction, brought up to believe that conflict is the essence of a plot, this is a problem. An achieved utopia may offer no fictional excitement; but the perpetual and unending struggle for a better world offers plenty of plot opportunities (JAMES, 2003, p. 222)[45].

Um outro exemplo de história que encerra antes de atingir a utopia é "Exiles of New Planet", dos *futurians* Frederik Pohl, Robert Lowndes e Cyril Kornbluth. Publicada em abril de 1941 na *pulp Astonishing Stories* (editada por Pohl), ela se passa no século XXX, quando a Terra dominou todo o sistema solar e instaurou uma ditadura. Com o anúncio de um novo planeta recém descoberto, os revolucionários decidem se mudar para lá e iniciar uma nova sociedade democrática: "We who have laid the foundations of the new world that is to come shall turn for our lives to a new world indeed!" (LAVOND, 1941, p. 77)[46]. Oitenta rebeldes conseguem fugir e a história se encerra antes de eles chegarem ao novo planeta.

A segunda manifestação do utopianismo, segundo Sargent, é a teoria social utópica. No século XIX, pensadores como Henri de Saint-Simon, Charles Fourier, Étienne Cabet e Robert Owen foram expoentes do socialismo. Karl Marx e Friedrich Engels criticavam essa vertente por não apresentar um plano de ação que levasse a sociedade a atingir um estado socialista e a apelidaram, pejorativamente, de "utópica" (ROGAN, 2009).

Muito embora os *futurians* provavelmente tivessem contato tanto com o pensamento dos "socialistas utópicos" quanto daqueles que se pretendiam "socialistas científicos", a maior inspiração e influência vinha de H. G. Wells. Conforme Istvan Csicsery-Ronay, Jr. :

> Wells remained the most powerful model in the genre, but American sf writers took from him primarily the justification for a technocratic elite. The model protagonist of US sf was not the socialist scientist working for the scientific reorganization of humanity, but the polymathic engineer-adventurer-entrepreneur embodied in the figure of the individual genius-inventor, Edison (CSICSERY-RONAY, JR., 2003, p. 115)[47].

---

45 Por definição, não há conflito na utopia; para um escritor de ficção popular, criado para acreditar que o conflito é a essência de um enredo, isso é um problema. Uma utopia alcançada não pode oferecer empolgação fictícia; mas a luta perpétua e interminável por um mundo melhor oferece muitas oportunidades de enredo.

46 Nós, que lançamos as bases do novo mundo que virá, devemos voltar nossas vidas para um novo mundo!

47 Wells permaneceu como o modelo mais poderoso do gênero, mas os escritores americanos de ficção científica tiraram dele a justificativa para uma elite tecnocrática. O protagonista modelo da ficção científica americana não era o cientista socialista que trabalhava para a reorganização

A tecnocracia exerceu, ainda que rapidamente, influência nos *futurians*, que escreveram algumas histórias exaltando a elite tecnocrática advinda do pensamento de Wells. Mais à frente, voltarei a falar disso.

A terceira e última manifestação do utopianismo para Sargent são as sociedades intencionais. Sargent lista diversas maneiras pelas quais esses locais já foram chamados: comunidade intencional, sociedade intencional, sociedade comunal, comunidade cooperativa, utopia prática, comuna, comunidade retirada, comunidade promulgada, comunidade experimental, experiência comunal, sociedade alternativa, estilo de vida alternativo, experiência comunitária, colônias socialistas, assentamento coletivo, comunidades mutualistas, sociedades comunistas, sociedade utópica e experiência utópica (SARGENT, 1994, p. 14, tradução própria). Segundo o autor, os nomes estão dispostos em ordem cronológica reversa, como forma de perceber que o vínculo com o utopianismo foi sendo apagado com o tempo. Isso se deu tanto por pesquisadores em busca de um termo mais neutro como de moradores dessas comunidades que não queriam mais carregar o fardo de serem conhecidos como utópicos.

Sargent opta pelo uso de comunidade intencional, que ele define da seguinte maneira: grupo de cinco ou mais adultos e seus filhos, se houver, que vêm de mais de uma família nuclear e que optaram por viver juntos para fortalecer seus valores em comum ou para algum outro propósito mutuamente acordado (SARGENT, 1994, p. 15, tradução própria). Ao longo da existência do *The Futurian Society of New York*, vários membros dividiram residência, as chamadas *Futurian Houses*, e, embora nem todas se apliquem ao conceito de comunidade intencional proposto por Sargent, elas foram tentativas inéditas no *fandom* da ficção científica americana de então.

A primeira experiência de moradia compartilhada ocorreu em 1939, quando os *futurians* Frederik Pohl e Doris Baumgardt (que assinava as histórias como Leslie Perri) decidiram se casar e convidaram outros *futurians* para irem morar com eles e dividir as despesas (KNIGHT, 2013). Richard Wilson, Harry Dockweiler e John B. Michel se mudaram para a casa, que chamaram de *Futurian House*. O barulho, as movimentações e os diversos equipamentos de impressão levantaram suspeitas nos vizinhos e, uma noite, agentes federais foram até lá averiguar. Apenas um convidado estava e, segundo ele, demorou até que os agentes se convencessem que ali

---

científica da humanidade, mas o engenheiro-aventureiro-empreendedor incorporado na figura do inventor-gênio individual, Edison.

moravam apenas fãs de ficção científica, e não falsificadores (KNIGHT, 2013). A *Futurian House* durou apenas dois meses: Pohl e Baumgardt adiaram o casamento e o contrato da casa foi suspenso.

Wilson, Dockweiler e Michel gostaram da experiência e decidiram continuar com ela. Donald Wollheim se juntou a eles e os quatro alugaram um apartamento. Logo depois ainda foram morar com eles Robert Lowndes e Chester Cohen. A nova residência dos *futurians* foi batizada de *Ivory Tower*, ou torre de marfim. Segundo Knight, o nome tem origem na cor das paredes do apartamento. Além disso, a expressão também fora usada no discurso *Mutation or Death*, de John B. Michel, para se referir à ciência produzida à época:

> It would seem as though science were too secure in its ivory tower to pay much heed to the wails and groans (and pardon me if I use this old bromide) of suffering humanity. In its lofty and utterly pure elevation it squats safely amidst its own escapist atmosphere and does precisely nothing practical in the way of saving itself from the consequences of the coming world smash (MICHEL, 1937, s/p)[48].

Tal coincidência não deve ter passado despercebida pelos *futurians* e talvez o nome tenha também essa origem irônica. Além dos seis que moravam na "torre", outros *futurians* visitavam o local com frequência. Cyril Kornbluth, por exemplo, era o mais novo do grupo e morava com os pais, mas passava os finais de semana no apartamento. Como forma de pagar sua estadia, era responsável por lavar a louça – geralmente acumulada da semana toda. A condição financeira do grupo era em geral bastante precária. Quase todos os membros vinham de famílias sem muito dinheiro e tentavam ganhar a vida vendendo histórias de ficção científica para as revistas.

Foi sobretudo a partir da *Ivory Tower* que o grupo *The Futurian Society of New York* perdeu a rigidez comum aos clubes de então e passou a se parecer com uma família estendida. A constituição foi alterada e o grupo era considerado em sessão sempre que três ou mais membros estivessem presentes. Por quase um ano a *Ivory Tower* foi lar e ponto de encontro dos *futurians*. Os jovens entusiastas que sonhavam com uma outra sociedade possível acabaram de certa forma por implementá-la, ainda que em pequena escala. A utopia, para os *futurians*, não veio por meio de

48 Parece que a ciência estava segura demais em sua torre de marfim para prestar muita atenção aos lamentos e gemidos (e perdoe-me se eu usar esse velho brometo) da humanidade sofredora. Em sua elevação imponente e totalmente pura, agacha-se com segurança em meio à sua própria atmosfera escapista e não faz exatamente nada prático no sentido de se salvar das consequências do iminente colapso do mundo.

revoluções ou avanços científico-tecnológicos, mas por um endereço na avenida Bedford.

Depois da *Ivory Tower* ainda houve outras residências compartilhadas. Em uma delas, um outro evento com a polícia foi descrito pelo *futurian* Damon Knight:

> Obviously we were being accused of something, but it was not clear what. Little by little, it began to come clear to me that we were being accused of being homosexuals. They'd never looked into the closet. If they had, they would have found stacks of Communist literature (KNIGHT, 2013, l. 1481)[49].

No conto "Washington Slept Here", publicado na edição de agosto de 1942 da *Future Combined with Science Fiction*, John B. Michel escreveu, de forma humorada, sobre a questão da moradia. A história trata de uma casa antiga onde supostamente George Washington teria dormido uma noite antes da batalha de Long Island. Ela estava localizada no Flatbush, onde eles moravam:

> Flatbush is a neighborly part of town. Because of the influence of the movies, it is the best known section of the best known borough of the best known city in the world. Yet, many people have a mistaken conception of Flatbush. It finds its duplicate in many another place throughout the country, sprawling, suburban areas where poverty is not so obvious because the entire area is genteelly poor or lower middle class and where the best homes are two story, seven and nine room cottages with oil heating and at least three kids scarring the woodwork (RAYMOND, 1942b, p. 70)[50].

A casa ficava, inclusive, próxima do endereço da *Ivory Tower:* "The address on the agony letter was on Martense Street, between Bedford and Flatbush" (RAYMOND, 1942b, p. 70)[51]. A casa foi adquirida por especuladores imobiliários que alugam quartos. Os inquilinos, no entanto, começaram a morrer de ataque cardíaco e um dos especuladores vai até lá para investigar. Ele chega a conclusão que uma espécie de ser vivo está assassinando os inquilinos.

---

49 Obviamente estávamos sendo acusados de alguma coisa, mas não ficou claro o quê. Pouco a pouco, começou a ficar claro para mim que estávamos sendo acusados de ser homossexuais. Eles nunca olharam o armário. Se tivessem, teriam encontrado pilhas de literatura comunista.

50 Flatbush é uma parte da vizinhança da cidade. Por causa da influência dos filmes, é o bairro mais conhecido da cidade mais conhecida do mundo. No entanto, muitas pessoas têm uma concepção errônea de Flatbush. Ele encontra sua duplicata em muitos outros lugares no país, áreas suburbanas, onde a pobreza não é tão óbvia, porque toda a área é pobre, e onde as melhores casas são de dois andares, sete e nove quartos em casas de campo com aquecimento a óleo e pelo menos três crianças cicatrizando a carpintaria.

51 O endereço na carta agoniante era na rua Martense, entre Bedford e Flatbush.

“Washington Slept Here” é a única história dos *futurians* que aborda o tema da moradia. Na década de 1970, no entanto, a casa compartilhada por eles aparece na ficção de uma forma inusitada: em uma revista em quadrinhos do Batman. Na história intitulada “Asylum of the Futurians!”, o super-herói é chamado por uma mulher pra salvar seu marido que está no meio de uma reunião de loucos. Batman espia e vê que o grupo, com exceção do marido, aprecia uma música tocada com instrumentos imaginários e come uma comida invisível. A líder dos membros, chamados de *futurians*, é Michelle. A referência ao *The Futurian Society of New York* é bem evidente e, para aqueles jovens demais para entenderem a alusão, o editor da revista explica:

> Back in the 1930's a group of rabid science-fiction fans banded together in an Ivory Tower and called themselves The Futurians. When we further tell you that their leader was named (John B.) Michel, you'll understand the circumstances which inspired us to recall this fandom episode of yesteryear (SCHWARTZ, 1971, p. 13)[52].

Tanto o autor da história quanto o editor parecem ter uma animosidade grande em relação aos *futurians*, mesmo quase três décadas após o fim do grupo. A música e a comida que só os *futurians* podem ver são pontos interessantes e uma das interpretações possíveis é que poderia se tratar de uma crítica da direita sobre o que eles considerariam a “sandice” do comunismo.

1.3 TECNOCRACIA E DEMOCRACIA

A ideia de um governo mundial e de uma estabilidade política levada a cabo pela ciência e tecnologia que aparece na história “Rebirth of tomorrow”, de John B. Michel, foi usada também pelo *futurian* Isaac Asimov, na noveleta “The Evitable Conflict”, publicada na *Astounding Science Fiction* de junho de 1950. Assim como em “Rebirth of tomorrow”, o mundo do futuro imaginado por Asimov possui energia atômica, viagens espaciais e máquinas que se consertam sozinhas – chamadas pelo autor de robôs positrônicos, uma invenção sua da década de 1940 e que hoje

52 Nos anos 1930, um grupo de lunáticos fãs de ficção científica se uniram em uma torre de marfim e se autodenominaram "The Futurians". Quando lhes dissermos que o nome do seu líder era (John B.) Michel, vocês entenderão as circunstâncias que nos inspiraram a recordar este episódio do fandom do passado.

lembra o conceito de Inteligência Artificial. O personagem, em uma passagem, recorda os conflitos do século XX:

> In the twentieth century, Susan, we started a new cycle of wars... what shall I call them? Ideological wars? The emotions of religion applied to economic systems, rather than to extranatural ones? Again the wars were 'inevitable' and this time there were atomic weapons, so that Mankind could no longer live through its torment to the inevitable wasting-away of the inevitability. And positronic robots came.
> "They came in time, and, with it, and alongside it, interplanetary travel. So that it no longer seemed so important whether the world was Adam Smith or Karl Marx. Neither made very much sense under the new circumstances. Both had to adapt and they ended in almost the same place" (ASIMOV, 1950, p. 51)[53].

O retrospecto que o personagem faz vai além da Segunda Guerra Mundial e cita novos conflitos desencadeados por questões ideológicas e já com armas nucleares. Assim, Asimov imaginou um futuro próximo ainda marcado por disputas e violência. Num futuro mais distante, porém, os conflitos ficam pra trás e a ciência e tecnologia permitem, assim como em "Rebirth of Tomorrow", um mundo com apenas um governo central.

O uso de uma ideia tão similar à de Michel pode parecer um plágio de Asimov. No reino americano da ficção científica dos anos quarenta, no entanto, tal prática era comum. A *futurian* Judith Merril, em seu livro de memórias, explicou o exercício:

> Among established writers, there was a long tradition in the 1930s, 1940s, and into the 1950s of borrowing from each other's work in an approved fashion. If somebody came up with an invention you liked, and you could see a better or different angle, you added to this person's invention. It was considered perfectly normal and ethical, and so was sharing ideas while you were in the midst of writing (MERRIL, 2002, l. 67)[54].

53 No século 20, Susan, nós começamos um novo ciclo de guerras... do que devo chamá-las? Guerras ideológicas? As emoções da religião aplicadas aos sistemas econômicos e não aos sistemas aos quais seria muito natural que fossem aplicadas? Outra vez, as guerras eram "inevitáveis" e, desta vez, havia armas nucleares, de modo que a humanidade não podia mais passar pelo seu tormento para o inevitável desperdício da inevitabilidade. E surgiram robôs positrônicos...Surgiram bem a tempo, e com eles, e em conjunto com eles, surgiu a viagem interplanetária. De maneira que não parecia mais tão importante determinar se o mundo era Adam Smith ou Karl Marx. Nenhum dos dois fazia muito sentido, dadas as novas circunstâncias. Ambos tiveram de se adaptar e terminaram quase que no mesmo lugar (ASIMOV, 2014, p. 276).

54 Entre os escritores consagrados, havia uma longa tradição nas décadas de 1930, 1940 e 1950, de emprestar coisas de trabalhos alheios. Se alguém veio com uma invenção que você gostasse e você pudesse ver um ângulo melhor ou diferente, você adicionaria à invenção dessa pessoa. Era considerado perfeitamente normal e ético, assim como compartilhar ideias enquanto você ainda estava no meio da escrita.

Assim, é provável que Asimov tenha lido a história de Michel, se interessado pela ideia de um mundo com governo único e regido por máquinas e a adaptado para compor “The Evitable Conflict” alguns anos mais tarde. “The Evitable Conflict” foi reunida com outras histórias na coletânea *I, Robot* (Eu, robô) e é uma das obras mais conhecidas de Asimov e da ficção científica, com vendagens altas até hoje. Já “Rebirth of Tomorrow” nunca foi republicada.

Logo depois da publicação de “Rebirth of Tomorrow”, outra história de John B. Michel com tema político foi publicada. O conto “Power”, publicado na edição de maio de 1941 da *pulp Cosmic Stories* já traz uma visão política diferente. Na história, os Estados Unidos estão atravessando uma série de revoltas e o país está um caos. A personagem Anna Campbell descobre a energia atômica e o partido nazista quer se apoderar desse conhecimento para controlar o país. O namorado dela, no entanto, junto com outros cientistas, se apossou antes e, com isso, eles vão ser capazes de tomar o poder nos Estados Unidos. O namorado, Karl Brecker, afirma:

> Everything has been arranged for a direct assault on the population with the most beautiful information machine you ever saw. Sound trucks, picture slides, television movies and free ice-cream. By midnight tomorrow the country – the whole continent – will be out of the danger zone. Politics is through once and for all. It'll be democracy, all right. Democracy with a nice clean shirt on and lipstick and bobbed hair and nylon stockings. Only this time the nylon won't ever wear out (RAYMOND, 1941b, p. 47)[55].

Assim Brecker, em conjunto com outros cientistas, planejou um golpe para instituir o “Governo Científico”. Ainda que ele afirme se tratar de uma democracia, tal configuração de poder “apolítico” lembra mais uma tecnocracia.

A tecnocracia é uma proposta de governo que prega que as decisões sejam tomadas por técnicos, e não políticos. Na década de 1930 nos Estados Unidos essa ideia ganhou força e ficou conhecida como “movimento tecnocrático”. O principal expoente do movimento foi Howard Scott que após desentendimentos com outros entusiastas passou a liderar a *Technocracy Incorporated*, organização que existe até hoje e que procura informar o público a respeito da tecnocracia.

---

55 Tudo foi organizado para um ataque direto à população com a mais bela máquina de informação que você já viu. Caminhões de som, slides de imagens, filmes de televisão e sorvete grátis. À meia-noite de amanhã o país - todo o continente - estará fora da zona de perigo. A política já era e de uma vez por todas. Vai ser democracia, tudo bem. Democracia com uma bela camisa limpa e batom e cabelo curto e meias de nylon. Só que desta vez o nylon não vai se desgastar.

Howard Scott propunha usar energia como métrica de valor e, ao invés de dinheiro, certificados de energia que seriam distribuídos igualmente entre a população de acordo com a quantidade disponível:

> The Technocrats argued that apolitical,rational engineers should be vested with authority to guide the nation's economic machine into a thermodynamically balanced load of production and consumption,thereby doing away with unemployment, debt and social injustice (BERNDT, 1982, p. 02)[56].

O *futurian* Damon Knight conta que, em 1940, alguns membros do grupo se interessaram pela tecnocracia. Wollheim, Michel, Lowndes e Cohen fizeram um curso e chegaram inclusive a conhecer Howard Scott. É importante salientar aqui que não foram apenas os *futurians* que se envolveram com o movimento tecnocrático. No reino da ficção científica, a ideia de um mundo *gerido* (ao invés de governado) por técnicos fez bastante sucesso. Os fãs do gênero, que encaravam a ciência como a solução para todos os problemas, acreditavam que a política só teria a ganhar ao contar com técnicos para tomar decisões com base em sua *expertise*.

É comum dividir o reino da ficção científica americana dos anos quarenta em dois polos opostos, entre *futurians* e *campbellianos* (grupo ligado ao editor John W. Campbell Jr.). Essa, no entanto, seria uma simplificação errônea, conforme Roger Luckhurst:

> It is easy to construct oppositions between Campbellians and Futurians: white, Anglo-Saxon Protestants promoting technical or 'hard' SF from an increasingly right-wing perspective versus the mixed group of second-generation Russian and Polish immigrants, Jewish intellectuals, a mixed group of men and women who were writing a more 'literary' or 'soft' SF from a broadly left-liberal view. This would be a retrospective simplification, for there was complex traffic between these loose groupings at the time (LUCKHURST, 2005, p. 67-68)[57].

---

56 Os tecnocratas argumentavam que os engenheiros apolíticos e racionais deveriam ser investidos de autoridade para guiar a máquina econômica da nação em uma carga termodinamicamente balanceada de produção e consumo, eliminando assim o desemprego, a dívida e a injustiça social.

57 É fácil construir oposições entre Campbellianos e Futurians: protestantes brancos, anglo-saxões, promovendo ficção científica técnica ou 'dura' de uma perspectiva cada vez mais de direita versus o grupo misto de imigrantes russos e poloneses de segunda geração, intelectuais judeus, um grupo misto de homens e mulheres que escreviam uma ficção científica mais 'literária' ou 'suave' de uma visão amplamente liberal de esquerda. Esta seria uma retrospectiva simplista, pois havia um tráfego complexo entre esses agrupamentos à época.

Apesar das diferenças entre os grupos serem grandes, havia – como destacado por Luckhurst – um tráfico entre eles. A tecnocracia foi uma ideia que circulou tanto entre os *futurians* quanto entre os *campbellianos.* Talvez a obra mais conhecida pela influência da tecnocracia no período seja "Fundação", de Isaac Asimov, que pertencia aos dois grupos e assim fez uma ponte entre eles.

Asimov, embora membro da *Futurian Society of New York*, preferia publicar suas histórias na revista *Astounding Science Fiction*, editada por Campbell, e não nas *pulps* editadas pelos *futurians*. Isso porque, além de pagar mais, a *Astounding* era a publicação de ficção científica com mais prestígio à época. Asimov conta que propôs para Campbell uma história sobre a queda de um império galáctico, baseada na queda do Império Romano (ele estava lendo a obra "Declínio e queda do Império Romano", de Edward Gibbon). Após conversar com o editor, ficou decidido que seria uma série de histórias. A primeira foi publicada em 1942 e nos oito anos seguintes foram publicadas mais sete. Entre 1951 e 1953, as histórias foram reunidas em uma trilogia de livros, conhecida como "Fundação" (na década de 1980, Asimov escreveu mais quatro livros que acrescentou à série).

A premissa da série é que o Império Galáctico, que abrange toda a Via Láctea e milhões de planetas, está em declínio. Esta queda, no entanto, não é perceptível, e apenas o matemático Hari Seldon foi capaz de percebê-la, através da psico-história. Seldon previu, através de cálculos, que um período "de trevas" de 30.000 anos se seguiria à queda. O matemático então planejou o encurtamento do período de trinta para mil anos e um segundo império, erguido a partir da fundação de um planeta composto por cientistas. Esse planeta, chamado de Fundação, parece ser o sonho de qualquer tecnocrata!

Para o *futurian* Donald Wollheim, em um livro publicado em 1971 que discute ficção científica, a psico-história de Asimov tem uma forte influência do marxismo:

> I conjecture that Asimov took this basic premise of Marx and Engels, said to himself that there was a point there – that the movements of the human mass must be subject to the laws of motion and interaction, and that a science could be developed based upon mathematics and utilizing all the known data – millions and millions of variables certainly! - that would be what Marxism thought it was and never could be (WOLLHEIM, 1971, p. 41)[58].

58 Eu presumo que Asimov tomou essa premissa básica de Marx e Engels, disse a si mesmo que havia um ponto aí - que os movimentos da massa humana devem estar sujeitos às leis do movimento e da interação, e que uma ciência poderia ser desenvolvida com base em matemática e utilizando todos os dados conhecidos - milhões e milhões de variáveis certamente! - isso seria o que o

De fato, a ideia de poder compreender e até mesmo antecipar o movimento das massas humanas guarda uma semelhança com as ideias marxistas a respeito da inevitabilidade do fim do capitalismo e da transição para o socialismo e comunismo. Essas ideias circulavam bastante no grupo *The Futurian Society of New York* e podem ter gerado uma influência de que o próprio Asimov não se deu conta (já que o autor sempre negou tal semelhança).

O envolvimento dos *futurians* com o movimento tecnocrático durou cerca de um ano apenas. Ainda assim, gerou um efeito grande no grupo e nas histórias que eles produziram: tanto enaltecendo a tecnocracia, como discuti acima, quanto a depreciando, como abordarei na sequência. Já os campbellianos continuaram aliados do movimento. Para os *futurians*, a tecnocracia cada vez mais se mostrava como uma nova forma de autoritarismo. Com a escalada de governos opressores, os jovens escritores passaram a defender ferozmente a democracia.

Na noveleta “Return from M-15”, do *futurian* Cyril Kornbluth, publicada em março de 1941 sob o pseudônimo de S. D. Gottesman, aparece uma visão crítica em relação a cientistas (ao menos a alguns deles, mas ainda assim algo raro na ficção científica de então) e a um governo formado por eles. A Terra está há décadas sendo governada pelo “World Research Syndicate” (sindicato mundial de pesquisa), cujo diretor é uma espécie de ditador. Os opositores são enviados para um planeta-prisão, nomeado M-15. O protagonista da história, Dr. Train, consegue fugir de lá e constrói uma máquina que transmuta qualquer elemento em outro. Ele usa a máquina para ameaçar o diretor e pedir sua renúncia, mas ele não cede. O diretor vai testar a máquina e acaba sozinho, transformando-se em uma estátua de ouro. A esposa de Train fala que eles vão precisar remover a estátua, mas ele responde:

> “No”, replied Train. “It must stay here. There's a new life beginning now – at last the youth will be free to work at what they want and the era of Syndicate regimentation is over.
> “Let that statue remain there – as a picture of the old order and as a warning to the new.” (GOTTESMAN, 1941b, p. 75)[59].

A história se encerra, assim, da mesma forma que aquelas que levavam a uma utopia: apenas sinalizando que a mudança estava no horizonte. “Return from M-15”

marxismo achava que era e nunca poderia ser.

59 "Não", respondeu Train. “Deve ficar aqui. Há uma nova vida começando agora - finalmente os jovens estarão livres para trabalhar no que quiserem e a era da arregimentação sindical acabou. “Deixe que a estátua permaneça ali - como uma imagem da velha ordem e como uma advertência para a nova.”

também deposita uma esperança de que a História, através de relíquias como a estátua, sirva para educar as gerações futuras sobre os perigos de um governo autoritário e, nesse caso, de um governo científico (ou tecnocrata) autoritário.

O tema da ciência *versus* democracia aparece também em uma história do *futurian* Frederik Pohl. Na noveleta "Earth, Farewell!", publicada em fevereiro de 1943, a Terra é controlada por uma raça alienígena denominada "os outros". Há imensos avanços científicos, porém, as pessoas vivem em uma ditadura. Todos os anos, quatro homens e quatro mulheres são escolhidos para fazer um treinamento no planeta de origem dos outros. Alguns deles se rebelam e matam os "mestres". Os rebeldes tentam mostrar para o protagonista-narrador que os outros eram na verdade robôs e que faziam lavagem cerebral nos escolhidos. Ele não se convence e escreve a história para ter um registro daquilo em que acredita, já que os rebeldes falaram que vão cancelar o efeito dos outros em sua mente. Apesar da trama complicada, novamente fica evidente que, ainda que um governo científico produza uma melhoria na qualidade de vida, de nada adiantará se o preço a pagar é a liberdade.

Enquanto em "Power", publicada em março de 1941, John B. Michel parecia flertar com a tecnocracia, em "The Year of Uniting", publicada alguns meses depois, em dezembro do mesmo ano, o *futurian* procurou se afastar dessa associação. Na noveleta, publicada na *pulp Science Fiction Quarterly,* uma sociedade científica, porém anti-democrática, é apresentada:

> On the continent of North America no man starved. No one could. The public storehouses were crammed with food doled out by workers to other workers, furniture created in mass-production factories in overwhelming quantities, articles of necessity to everyday life produced by the millions in deadening sameness.
> Security. Security against death by senseless starvation. Security against pain and useless disease. Security dispensed by the ounce, the pound, the hour, the day. Security? He smiled to himself. It came at a high price. After ten years, he realized finally that the price America had paid was freedom (RAYMOND, 1941c, p. 125)[60].

60 No continente da América do Norte, nenhum homem morria de fome. Ninguém poderia. Os armazéns públicos estavam abarrotados de comida distribuída pelos trabalhadores a outros trabalhadores, móveis criados em fábricas de produção em massa em quantidades avassaladoras, artigos de necessidade para a vida cotidiana produzidos pelos milhões em mortificante semelhança. Segurança. Segurança contra a morte sem sentido por fome. Segurança contra a dor e doenças inúteis. Segurança dispensada pela onça, a libra, a hora, o dia. Segurança? Ele sorriu para si mesmo. Isso veio com um preço alto. Depois de dez anos, ele percebeu finalmente que o preço que a América tinha pago era a liberdade.

Assim como em “Power”, um governo científico foi implantado nos Estados Unidos em “The Year of Uniting”. O tom, porém, é bem diferente daquele esperançoso visto na história anterior. Nesta, embora não haja mais fome nem doenças, não há liberdade. Para o protagonista, John Clayhorn, esse foi um preço alto que os Estados Unidos pagaram e ele vai tomando consciência disso.

Quando Clayhorn conversa com um colega sobre seu desapontamento, aparece uma pista sobre Michel e seu novo posicionamento:

> Remember Brecker – how he used to look in the old days when the Science Government took power? You should see him now. Fat, forty-five and goutish. His wife – God, Sanders, sometimes it almost kills me to think of what they did to this country – Anna. I saw her once a year after the overthrow. She was quite a woman – brilliant as they come, a scientist and clever as hell (RAYMOND, 1941c, p. 126)[61].

Para o leitor/fã atento, Anna era a cientista que descobriu a energia atômica em “Power”, e Brecker seu namorado que, junto com outros cientistas, se apropriou da invenção de Anna para tomar o poder. Assim, embora não seja apresentada dessa maneira, pode-se dizer que “The Year of Uniting” é uma espécie de continuação de “Power”. Ambientada dez anos depois do golpe, mostra como os cientistas transformaram os Estados Unidos em uma ditadura.

Clayhorn, o protagonista de “The Year of Uniting” entra para uma resistência clandestina e descobre a situação política no restante do mundo:

> the entire world except for the Science Government and the areas it controls is united in a confederacy of states. Immediately after the establishment of the Science Government on the American continent, the war in Europe came to an end. Realizing the economic potentialities of a hostile Western Hemisphere, the peoples of the rest of the world overthrew their old governments and established true democracy throughout Europe, Africa and Asia. The discovery of atomic power control which came almost simultaneously in America and Russia resulted in the complete destruction of the old order (RAYMOND, 1941c, p. 133)[62].

---

61 Lembra do Brecker - como ele era nos velhos tempos em que o governo da ciência tomou o poder? Você deveria vê-lo agora. Gordo, quarenta e cinco anos e com gota. Sua esposa - Deus, Sanders, às vezes quase me mata pensar no que eles fizeram com este país - Anna. Eu a vi uma vez um ano após a derrubada. Ela era uma mulher extraordinária - brilhante como elas são, uma cientista e inteligente como o diabo.

62 o mundo inteiro, exceto o Governo da Ciência e as áreas que ele controla, estão unidos em uma confederação de estados. Imediatamente após o estabelecimento do Governo da Ciência no continente americano, a guerra na Europa chegou ao fim. Percebendo as potencialidades econômicas de um Hemisfério Ocidental hostil, os povos do resto do mundo derrubaram seus antigos governos e estabeleceram a verdadeira democracia em toda a Europa, África e Ásia. A descoberta do

O resto do globo também dominava a energia atômica mas, diferente dos Estados Unidos, usou tal conhecimento para uma “verdadeira democracia”. O editor da *pulp*, o também *futurian* Robert Lowndes conta que a ideia da história surgiu de uma conversa entre Michel e ele:

> There have been a good many stories in stf books past and present dealing with social upheavals of tomorrow, with the rise and fall of dictatorships, with utopias, scientific and otherwise. There have been tales dealing with strictly “scientific” societies. Well, Hugh Raymond and your editor got to discussing the matter one day and the following subject came up: what might a strictly “scientific” society which discarded the idea of democracy be like? Suppose a setup were made in which there actually was enough for everyone, a society wherein there was no poverty, no unequal distribution of goods and services, no insecurity. Everything you wanted, only without democracy, without the man in the street having any say in the way things were run? We think Raymond has done a good job on this problem in “The year of uniting” and we'd like to hear your comments (LOWNDES, 1941b, p. 144)[63].

O leitor Bill Stoyr atendeu ao chamado de Lowndes e sua carta comentando a história foi publicada na edição seguinte de *Science Fiction Quarterly*:

> Raymond develops the idea of a scientific society quite logically. Even today, there is a large portion of people having an almost fetish-like belief in science, not realizing the dangerous extremes toward which even such a benefical power as science can be led (STOYR, 1942, p. 146)[64].

Stoyr parece ter uma visão mais crítica em relação à ciência e a como ela pode ser utilizada de forma nociva. Lowndes, no entanto, respondendo à carta de Stoyr, advogou em defesa da ciência:

---

controle de energia atômica que ocorreu quase simultaneamente na América e na Rússia resultou na completa destruição da velha ordem.

63 Tem havido muitas histórias, antigas e atuais, de ficção científica sobre as convulsões sociais do amanhã, com a ascensão e queda das ditaduras, com utopias, científicas e outras. Houve contos lidando com sociedades estritamente “científicas”. Bem, Hugh Raymond e seu editor chegaram a discutir o tema um dia e surgiu o seguinte assunto: como seria uma sociedade estritamente “científica” que descartasse a ideia de democracia? Suponha que se fizesse um arranjo em que realmente houvesse o suficiente para todos, uma sociedade em que não houvesse pobreza, distribuição desigual de bens e serviços, nem insegurança. Tudo o que você gostaria, só sem democracia, sem que o homem da rua tivesse voz na maneira como as coisas eram feitas? Achamos que Raymond fez um bom trabalho sobre esse problema em "The Year of Uniting" e gostaríamos de ouvir seus comentários.

64 Raymond desenvolve a ideia de uma sociedade científica de forma bastante lógica. Mesmo hoje, há uma grande parcela de pessoas que tem uma crença quase fetiche na ciência, não percebendo os perigos extremos para os quais até mesmo um poder tão benéfico como a ciência pode ser usado.

> The thing that struck us most about the “scientific government” in “The Year of Uniting” was that it was decidedly unscientific. After all, human relationships are as much a province of science as anything else, and the experience of many centuries has shown that the most scientific way for humanity as its “best” is through use of the democratic method in all parts of society (LOWNDES, 1942b, p. 146)[65].

Para Lowndes, tudo é passível de ser submetido à “província da ciência”, inclusive as relações humanas e a política. Segundo ele, a democracia seria “cientificamente” a melhor organização social. No próximo capítulo, destinado a discutir as relações entre a ficção científica e a ciência, falarei um pouco mais sobre como os *futurians* depositavam uma esperança grande na ciência como solucionadora de todos os problemas.

Na edição seguinte da revista, o autor John B. Michel responde a carta de Bill Stoyr:

> When I first conceived the story, I had the Technocrats in mind as the prototypes of the 'science government'. I have long been acquainted with this movement, its theory and ideology, and think I know as much about it as anyone, excluding the High Priest of the Spark Gap, Howard Scott himself (…).
> Close examination of the movement has convinced me of its essentially fascist character, a character which the Technocrats themselves would be the last to deny (…).
> We are fighting, at the present time, a world wide war of universal democracy and the right of the majority to decide how they shall live (…). All that lacks now is victory for the democracies and come hell or high water, come what may, victory shall belong to the peoples of the world.
> And with that victory will come the truly scientific future – the only future worthy of the human race (RAYMOND, 1942a, p. 145)[66].

---

65 O que mais nos impressionou no “governo científico” em “The Year of Uniting” foi que era decididamente não científico. Afinal, as relações humanas são tanto uma província da ciência como qualquer outra coisa, e a experiência de muitos séculos mostrou que o caminho mais científico para a humanidade como seu “melhor” é através do uso do método democrático em todas as partes da sociedade.

66 Quando concebi a história pela primeira vez, eu tinha em mente os tecnocratas como os protótipos do "governo da ciência". Há muito tempo conheço esse movimento, sua teoria e ideologia, e acho que conheço o assunto como ninguém, exceto o Alto Sacerdote do Centelhador, o próprio Howard Scott (...). Um exame atento do movimento me convenceu de seu caráter essencialmente fascista, característica que os próprios tecnocratas seriam os últimos a negar (...). Estamos lutando, atualmente, uma guerra mundial da democracia universal e do direito da maioria de decidir como viverão (...). Tudo o que falta agora é a vitória para as democracias e custe o que custar, a vitória pertencerá aos povos do mundo. E com essa vitória virá o futuro verdadeiramente científico - o único futuro digno da raça humana.

O autor de “The Year of Uniting” aborda, na carta, sua trajetória no movimento tecnocrático: primeiro como seguidor e profundo conhecedor, e depois como rechaçador. O caráter fascista afastou o *futurian* da Tecnocracia em um momento em que, segundo ele, o mundo estava em uma guerra mundial pela democracia. Ele, no entanto, acredita que com a vitória da democracia um futuro “verdadeiramente científico” irá surgir. Assim Michel, que já havia se posicionado como comunista e tecnocrático, nesse momento via um governo científico-democrático como a melhor opção.

1.4 MAIS POLÍTICA E HISTÓRIAS

No final de 1941, a base americana de Pearl Harbor foi atacada pelos japoneses. Os Estados Unidos entraram, então, no conflito ao lado dos Aliados. No Capítulo 4, destinado a discutir o tema, falarei sobre a mudança de atitude dos *futurians* em relação à Segunda Guerra. É interessante notar aqui, no entanto, que esse acontecimento histórico parece ter alterado a forma como Michel representava os Estados Unidos em suas histórias. Em “Glory Road”, publicada em setembro de 1942, o país aparece como a “maior nação da Terra”:

> We Martians have had you Earthmen under observation for quite some time now, about twenty thousand years in all. We've followed your development from the cave-man, prehistoric era up until the present time when your civilization has at last completely emerged from barbarism and freed itself from the clutches of savage rule and privileged self-interest (…). Some years ago, I, among other scientists interested in the study of earth life was assigned to give my particular attention to the development, life and culture of the greatest nation of Earth, your own United States of America (RAYMOND, 1942c, p. 136)[67].

Esse nacionalismo difere das histórias “Power” e “The Year of Uniting”, publicadas anteriormente. Nelas, os Estados Unidos aparecem primeiro como

67 Nós, marcianos, temos vocês, terráqueos, sob observação há algum tempo, cerca de vinte mil anos ao todo. Nós acompanhamos o seu desenvolvimento desde a era pré-histórica do homem das cavernas até o tempo presente, quando sua civilização finalmente emergiu completamente da barbárie e se libertou das garras do domínio selvagem e do interesse próprio privilegiado (...). Alguns anos atrás, eu, entre outros cientistas interessados no estudo da vida terrestre, fui designado para dar minha atenção particular ao desenvolvimento, vida e cultura da maior nação da Terra, o seu país Estados Unidos da América.

tomados por revoltas e, depois, governados por cientistas autoritários. Já em “Glory Road”, são os Estados Unidos, com o auxílio de um marciano disfarçado, que conseguem criar um combustível para as naves espaciais, e assim “vencem” a corrida espacial.

O nacionalismo aparece também na noveleta “Strange Return”, do *futurian* Donald Wollheim, porém de forma bem mais sutil. Wollheim, que foi um dos maiores expoentes do movimento michelista, quase não abordou a política em suas histórias de ficção científica. Ele começou a publicar histórias de forma mais expressiva em 1940[68] e, passados três anos da leitura do manifesto *Mutation or Death*, suas ideias a respeito da ficção científica e de seu engajamento já haviam mudado.

Em “Strange Return”, dois astronautas voltam de uma viagem espacial e pousam no que seriam os Estados Unidos, mas tudo está diferente. O país está dividido em diversos territórios: República Mórmon, Estados Apalache (parte do império britânico), República da Flórida, República do Texas, Império da Luisiana (um protetorado francês) e Federação Indígena (protetorado britânico).

Eles encontram a resposta em um culto a respeito da sagrada dualidade: há duas Terras, que ficam na mesma órbita mas com o Sol sempre entre elas e portanto uma não sabe da existência da outra. As duas Terras, no entanto, se influenciam mutuamente sem saber, através do poder do pensamento. Dessa forma, ambas seguiram caminhos muito parecidos:

> “In our Earth,” he remarked to Mitchell, “the American colonies managed to free themselves from British rule; in Nadir’s Earth the corresponding revolution failed. The same economic and historical forces brought about the action, but its precise manner - the degree- differed; it almost seems that only sheer luck prevented the same end as occurred in Nadir’s Earth: failure. But, despite that failure, we see a similar end result. Under the United States of America of our Earth, or the Federated Appalachian States, we have the same type of society; the people have the same amount of liberty in the end” (WOODS, 1941a, p. 66)[69].

68 Donald Wollheim já havia publicado três histórias antes, em 1934, 1935 e 1936. Ele ficou quatro anos sem publicar e voltou de forma intensa, publicando 47 histórias entre 1940 e 1943, sendo quatro destas em colaboração com outros futurians. A lista completa com todas as histórias publicadas pelos futurians na década de 1940 poderá ser encontrada no final do trabalho.

69 “Em nossa Terra”, observou ele a Mitchell, “as colônias americanas conseguiram se libertar do domínio britânico; na Terra de Nadir a revolução correspondente falhou. As mesmas forças econômicas e históricas provocaram a ação, mas sua maneira precisa - o grau - diferiu; parece quase que apenas pura sorte impediu o mesmo fim que ocorreu na Terra de Nadir: fracasso. Mas, apesar dessa falha, vemos um resultado final semelhante. Sob os Estados Unidos da América da nossa Terra, ou os Estados Federados dos Apalaches, temos o mesmo tipo de sociedade; no fim, as pessoas tem a mesma quantidade de liberdade”.

Embora a história tenha falado sobre a organização política diferente do território americano, segundo o protagonista é “o mesmo tipo de sociedade” e “a mesma quantidade de liberdade” dos Estados Unidos. Assim, indiferente da forma de governo, o que está em jogo, aqui, é a liberdade individual.

A ideia de liberdade foi sempre muito cara aos americanos. Presente já em sua Declaração de Independência e posteriormente na Constituição do país, ela sempre povoou o imaginário americano. Os Estados Unidos se colocavam como a terra da liberdade, e outros países passaram a vê-los dessa forma. Tanto é que o presente dado pelos franceses no século XIX foi uma grande estátua representando a Libertas, deusa romana da liberdade.

Com a ascensão de governos autoritários e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o tema da liberdade ficou ainda mais presente no debate público americano. Cabe destacar aqui que, embora os Estados Unidos em sua retórica oficial e através de simbolismos tenham se cravado como a terra da liberdade, diversos episódios ao longo da sua história mostram que a prática andava longe do discurso. Vale lembrar, por exemplo, que na década de 1940 a população negra ainda era legalmente segregada no país (no Capítulo 3 eu discutirei a relação da ficção científica com o racismo).

“Strange Return” ignora as contradições internas e reafirma os Estados Unidos como terra da liberdade. Tal afirmativa parece ter a função de marcar um posicionamento em um momento de muitas incertezas em relação ao globo. Paradoxalmente, embora a história preze pela liberdade individual, ela retrata a história humana e o desenvolvimento das sociedades como destinos de certa maneira inexoráveis, o que no fundo daria pouco espaço de ação para os indivíduos.

Outra história de Wollheim a trazer questões políticas é “Baby Dreams”, publicada em dezembro de 1941. Nela, um pai procura um psicólogo porque seu filho de dez meses fala durante o sono. O psicólogo leva um especialista em telepatia para “ler” os sonhos do neném e descobre que são lembranças de uma vida passada, quando ele matou um ditador. Assim, novamente aparece a questão de líderes autoritários e a ameaça à liberdade.

Em “Forgotten Tongue”, do *futurian* Cyril Kornbluth e publicada em junho de 1941, todo o continente americano aguarda as eleições. O partido Optimus, que está no controle, é bastante autoritário e contratou um cientista renomada de Oslo. O doutor Fersen desenvolveu uma linguagem capaz de fazer as pessoas lhe

obedecerem. Seu plano é inserir o comando em exemplares do livro *Odes Anacreônticas* e distribui-los entre os doze mil livreiros de Nova Iorque, conforme ele conta para Pepper e Marty, cientistas do partido de oposição que ele sequestrou:

> “A bookseller receives a shipment of the *Odes*. 'How now!' says bookseller. He is amazed. He is distressed. He did not order the *Odes*. He does not want to pay for them; they look like a slow-moving item. He picks up a copy from the crate so as to get a better idea of what they are. 'What's this?' demands bookseller excitedly. For it seems to be a foreign tongue which he does not understand. Printed plainly on every page in large type is a brief message. Always the same, always legible.
> “Bookseller than scans one page, very briefly. Some strange compulsion holds him; he reads further and the mysterious language is as plain as day. The message says: 'You are loyal to the Optimus Party. You will always be loyal to the Optimus Party. You will show the *Odes* to everybody you see. Everybody must read the *Odes*. You will always be loyal to the Optimus Party' (DAVIES, 1941b, p. 27)[70].

O doutor Fersen planejava mudar o posicionamento de Pepper e Marty, mas ele acaba sendo rendido pelos cientistas. Marty fala para Pepper que pensou em um plano. O conto então descreve a chegada de um carregamento de *Odes Anacreônticas* em uma livraria:

> He opened a copy and squinted at the weird words on the pages.
> “How now!” said Morningside. He started at the strange words, and suddenly their meaning became plain as day.
> “YOU WILL BE LOYAL TO THE LOWERS”, it said (DAVIES, 1941b, p. 28)[71].

O livreiro, então, passa a mostrar as *Odes* para todo mundo que encontra, conforme o plano do doutor Fersen, porém, com o partido de oposição no lugar. O conto pode ser lido como uma metáfora das massas populacionais controladas pelos políticos (com o apoio dos cientistas).

---

70 “Um livreiro recebe um carregamento das Odes. 'Como isso?' diz o livreiro. Ele está espantado. Ele está angustiado. Ele não ordenou as Odes. Ele não quer pagar por elas; elas parecem um item com pouca saída. Ele pega uma cópia do caixote para ter uma ideia melhor do que são. 'O que é isso?' pergunta o livreiro animadamente. Pois parece ser uma língua estrangeira que ele não entende. Impresso claramente em todas as páginas em letra grande uma breve mensagem. Sempre a mesma, sempre legível. O livreiro então espia uma página, muito brevemente. Alguma estranha compulsão o mantém; ele lê mais e a linguagem misteriosa é tão clara quanto o dia. A mensagem diz: 'Você é leal ao partido Optimus. Você sempre será fiel ao partido Optimus. Você mostrará as Odes para todos que você encontrar. Todos devem ler as Odes. Você sempre será fiel ao partido Optimus'

71 Ele abriu uma cópia e olhou para as palavras estranhas nas páginas. "Como isso?", Disse Morningside. Ele olhou as palavras estranhas e, de repente, seu significado ficou claro como o dia. "VOCÊ SERÁ LEAL AOS LOWERS", disse.

Como dito no início do capítulo, embora a maioria dos *futurians* se posicionasse à esquerda, havia no grupo diferentes correntes ideológicas, o que gerava muitas discussões. Judith Merril, em seu livro de memórias, lembra que:

> For some time, the main feature of our Thursday-night (once Wednesday) Futurian dinners was the political arguments between Jim and myself. I was a much better debater than Jim, and what's more, I had right on my side. I thought the whole book-fascist thing was sophomoric intellectual shit, so, week after week, I would grind Jim into the dirt. And week after week, he would come back with the answer he hadn't thought of the week before (MERRIL, 2002, p. 82)[72].

Merril era trotskista, enquanto Blish se auto-denominava um *"book fascist"* - no sentido de que ele concordava com a teoria do fascismo, mas não com sua prática (KNIGHT, 2013).

Das histórias publicadas por Blish na década de 1940, apenas duas discutem questões políticas. A primeira delas, "Bequest of the Angel", faz isso de forma bastante breve, através de um comentário de uma das personagens:

> Maybe the Nationalists are sincere in their ideals, but even in their 'ideal' state, there would still be trouble – there would always be a certain amount of power in the hands of a few men, and in the end, they'd be right back to the old system again. They say that our government, under the Centrale, is a government of fear – fear of superiors, and that they would get away from all of that. They can't Gene... They just can't! (BLISH, 1940, p. 57)[73].

A fala da personagem, sobre a impossibilidade de um governo – ainda que sincero em seus ideais – de não cair na mão de poucos, parece soar como uma espécie de provocação do autor para alguns colegas *futurians* e aos ideias políticos que eles nutriam, em especial para aqueles que se identificavam como comunistas. É o caso, por exemplo, do editor da revista em que a história de Blish foi publicada, o *futurian* Frederik Pohl. Talvez Pohl aceitasse críticas e outros pontos de vista na

---

72 Por algum tempo, a principal característica dos nossos jantares entre os futurians na quinta-feira (uma vez numa quarta-feira) era a discussão política entre Jim e eu. Eu era uma debatedora muito melhor do que o Jim e, além do mais, tinha o lado certo do meu lado. Eu achava que a coisa do fascista de livro era merda intelectual, então, semana após semana, eu jogava Jim na lama. E semana após semana, ele voltava com a resposta que ele não tinha pensando na semana anterior.

73 Talvez os nacionalistas sejam sinceros em seus ideais, mas mesmo em seu estado "ideal", ainda haveria problemas - sempre haveria uma certa quantidade de poder nas mãos de alguns homens e, no final, eles voltariam ao sistema antigo novamente. Dizem que nosso governo, sob a Central, é um governo de medo - medo dos superiores, e que eles escapariam de tudo isso. Eles não podem Gene ... Eles simplesmente não podem!

pulp que editava; talvez esse parágrafo tenha passado despercebido por ele; ou então quando comprou a história, ele mesmo já não estivesse mais tão confiante em relação ao comunismo: muitos militantes se desiludiram após a assinatura do pacto de não-agressão entre a Alemanha nazista e a União Soviética, de agosto de 1939.

A segunda história de Blish que aborda temas políticos é “The Topaz Gate”, publicada na *Future Fiction* de agosto de 1941. O conto começa com uma pequena introdução de um “Professor Doutor August Sonnenblick” e traz na sequência um relato encontrado em Marte sobre uma civilização que habitou o planeta milhares de anos atrás. Nesse relato, um monarca de uma cidade-Estado conta como uma rainha, aliada sua, sofreu um golpe de um “encanador arrivista”: “So this was the way the experiment in “syndicalism” had worked out! Lan, the “peeple's ruler”, had lost no time in taking unto himself the regalia of monarchy!” (BLISH, 1941, p. 55)[74]. Lan fala que chegou ao poder graças à vontade do povo. Para o rei, no entanto, a experiência sindicalista falhou, já que “Lan, like all upstart rulers, had let his power go to his head” (BLISH, 1941, p. 53)[75]. O rei desafia Lan em um duelo e ganha, sua aliada volta ao trono e a antiga ordem é restaurada.

Na seção de cartas dos leitores da edição de dezembro da revista, J. S. Klimaris escreveu:

> “Topaz Gate” was another stinker. “The story is so significantly parallel to Earthly history.” Haw! Mr. Blish is a humorist as well! But, like in the movies, I'm afraid that “any resemblance is purely accidental.” Let's dismiss any comment upon the overly trite “power-mad-ex-plumber” and the golden qualities of the beloved monarch, and, without another word, toss Mr. Blish to the anxious and hungry lions” (KLIMARIS, 1941, p. 67)[76].

Klimaris é bastante irônico em seus comentários e sugere que Blish não foi sutil ao fazer uso da realidade na sua ficção. O significado das referências empregadas por Blish eram bastante óbvias para Klimaris, mas hoje ele é mais nebuloso. Uma possibilidade é que se trate de Joseph Stalin e de seu governo que “não perdeu tempo em assumir a regalia da monarquia”. A história, aliás, não questiona os

74 Então foi assim que o experimento em “sindicalismo” funcionou! Lan, o "governante do povo", não perdera tempo em tomar para si a regalia da monarquia!
75 Lan, como todos os governantes arrivistas, deixou o poder subir à sua cabeça.
76 "Topaz Gate" foi outra história ruim. “A história é tão significativamente paralela à história da Terra.” Há! O senhor Blish é um humorista também! Mas, como nos filmes, temo que “qualquer semelhança seja puramente acidental”. Vamos deixar de lado qualquer comentário sobre o excessivamente banal ex-encanador cujo poder subiu à cabeça e as qualidades douradas do querido monarca e, sem outra palavra, lançar o senhor Blish para os leões ansiosos e famintos.

governos monárquicos das cidades-Estado de Marte, e Klimaris ataca a ingenuidade com a qual Blish construiu o rei-protagonista da história. Stalin, no entanto, cresceu dentro da máquina partidária e não do sindicato. A não ser que o sindicalismo de "The Topaz Gate" seja uma referência aos sovietes, fica difícil relacionar diretamente o personagem da história com o líder da União Soviética à época. Encontrei, ainda, duas outras possibilidades para o "ex-encanador cujo poder subiu à cabeça": uma delas é que se trata de Nikita Khrushchov, que havia sido um encanador antes de entrar para o Partido Comunista e que durante o governo Stalin passou a integrar o Politburo. Outro nome possível é Nikolai Bulganin, apelidado de "encanador", e que durante a Segunda Guerra desempenhou um papel de liderança junto ao exército vermelho.

Ainda que seja difícil, sem outros documentos, saber ao certo quem Blish tinha em mente ao escrever "The Topaz Gate", a história parece ser uma forma de provocar os colegas do grupo, e um deles respondeu. "J. S. Klimaris" era um pseudônimo usado pelo *futurian* Walter Kubilius. Embora nem todos os leitores de *Future Fiction* (editada pelo também *futurian* Robert Lowndes) soubessem disso, Blish certamente sabia, assim como os demais membros do grupo, que constantemente discutiam com o autor de "The Topaz Gate". O que é interessante notar aqui é que tais debates não ficavam restritos aos encontros do *The Futurian Society of New York*: eles extrapolavam as moradias compartilhadas e iam parar nas páginas das revistas, alcançando assim um número maior e contribuindo para que novas questões fizessem parte da ficção científica de então.

Os *futurians* não conseguiram, como alguns pretenderam em 1937, politizar a ficção científica e transformá-la em uma força contra o crescimento do fascismo. Ainda assim, foram responsáveis por levar o debate político para o *fandom* de então. Embora até hoje *The Futurian Society of New York* seja lembrado como um grupo de esquerda (ou mesmo comunista), pretendi mostrar nesse capítulo que ele foi muito mais do que isso. Ainda que logo antes da fundação do grupo e nos primeiros anos alguns membros fizessem parte da *Young Communist League*, essa participação diminuiu ou mesmo cessou ao longo do tempo. Quando eles passaram de fãs a escritores e editores de ficção científica, já não tinham o mesmo interesse: tanto é que de todas as histórias publicadas, nenhuma traz o comunismo como o sistema político-econômico do futuro, a utopia a ser alcançada. Com o início da Segunda

Guerra Mundial em 1939, e a entrada dos Estados Unidos nela em 1941, a defesa da democracia passou a ser a principal bandeira política levantada nas histórias.

O futuro era o norte desses jovens aficionados por ficção científica – algo que o próprio nome do grupo indica. Os *futurians* acreditavam que um amanhã melhor poderia ser alcançado, ou, melhor ainda, *construído*, e essa crença no futuro impulsionou o início da carreira profissional deles. Diferente, porém, de outros grupos e movimentos engajados politicamente, para os *futurians* a ciência e tecnologia teriam papel-chave nesse amanhã que estava por vir. Assim, em suas histórias, abordaram desde máquinas que poderiam dispensar qualquer tipo de governo, até os perigos de um sistema dirigido por cientistas despóticos. No próximo capítulo explorarei mais a fundo a relação dos *futurians* com a ciência.

2 THE ENDOCHRONIC PROPERTIES OF RESUBLIMATED THIOTIMOLINE: FICÇÃO CIENTÍFICA E CIÊNCIA

A narrativa que carrega a ciência em seu nome tem, com ela, uma relação interessante e complexa, que pretendo explorar neste capítulo. Para tanto, eu discuto a noção de ciência presente nos Estados Unidos e como ela foi utilizada pela ficção científica. Relacionado a isso, abordo os “heróis” das histórias. Na terceira seção, eu falo sobre um personagem pouco discutido mas de grande influência, Charles Fort, e de como suas ideias espalharam-se pela ficção científica. Por fim, analiso como a ideia de ciência em crise de Thomas Kuhn pode ser usada para pensar a ciência das histórias de ficção científica, em especial aquelas que envolvem a mente e seus “poderes”, como a telepatia.

2.1 CIÊNCIA, TECNOLOGIA, PROGRESSO E FUTURO

Um certo fascínio com a ciência presente à época e visível nas histórias de ficção científica devia-se, em parte, ao grande número de novas tecnologias que vinham sendo desenvolvidas e/ou aprimoradas. A *futurian* Judith Merril, em um ensaio posterior intitulado *What do you mean: Science? Fiction?*, discute a aproximação entre ciência e tecnologia:

> Actually, when I first became involved in such debates – about twenty-five years ago – there was already a fair amount of honest confusion (among scientists) about the meaning of 'science' in the 20th century. As dedicated – *addicted* – s-f readers we had some awareness of the upheaval in process in scientific philosophy, following on the work of Heisenberg and Schrodinger, Bridgman and de Broglie, but as dedicated – addicted – s-f readers, we also made a complete, unconscious adjustment when we talked stories instead of concepts - “science” in “science fiction” meant (and for most readers – and writers – still does mean) “technology” (MERRIL, 1971, p. 54)[77].

77 Na verdade, quando me envolvi pela primeira vez em tais debates - há cerca de vinte e cinco anos - já havia uma boa dose de confusão honesta (entre cientistas) sobre o significado da "ciência" no século XX. Como leitores dedicados - viciados, tivemos alguma consciência da agitação em processo na filosofia da ciência, seguindo o trabalho de Heisenberg e Schrodinger, Bridgman e de Broglie, mas como leitores dedicados - viciados - também fizemos um completo e inconsciente ajustamento quando discutíamos histórias em vez de conceitos - "ciência" em "ficção científica" significava (e para a maioria dos leitores - e escritores - ainda significa) "tecnologia".

Merril aponta que, embora estivessem familiarizados com as discussões acerca da filosofia da ciência, fãs/leitores e posteriormente autores de ficção científica tratavam sobretudo de tecnologia. Segundo Edgar Morin, no livro *Ciência com consciência*, ciência e técnica são indissociáveis, e a interação entre o desenvolvimento tecnológico e desenvolvimento científico (é): "um fenômeno circular perfeitamente observável, já que ciência permite produzir a tecnologia e esta permite o desenvolvimento da ciência, que, por sua vez, desenvolve a tecnologia" (MORIN, 1999, p. 63).

Roger Luckhurst, pesquisador que trabalha com ficção científica de um ponto de vista da História Cultural, aponta que nos Estados Unidos a ideia de ciência ligou-se, desde o começo, a uma noção de conhecimento prático:

> The social tension between scientific theorist and practical mechanic was a seam that ran through all industrial and technological development in Victorian England. In America, by contrast, the practical and the theoretical were not so riven – and this is, for Nathan Rheingold, the central difference between European and American models of science (LUCKHURST, 2005, p. 24)[78].

Para Nathan Rheingold, essa diferenciação entre a ciência produzida nos Estados Unidos e na Europa se deu por dois motivos: primeiro, porque no velho mundo havia mais instituições destinadas ao investimento em pesquisa pura, enquanto nos Estados Unidos os cientistas ainda tinham que construir essas instituições; em segundo lugar, as condições americanas multiplicaram o número de profissionais que se dedicavam aos empreendimentos aplicados ao mesmo tempo que conferia a eles um status social e intelectual negado aos europeus (RHEINGOLD, 1970). Assim, ciência e tecnologia andavam juntas nos Estados Unidos ainda mais do que em outros lugares. As histórias de ficção científica americanas traziam essa noção ao mesmo tempo que ajudavam a reforçá-la.

O historiador Nicolau Sevcenko, na obra *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*, apresentou uma estatística bastante fascinante sobre o desenvolvimento técnico-científico do século XX:

---

78 A tensão social entre a teoria científica e a mecânica prática era uma linha que perpassava todo o desenvolvimento industrial e tecnológico da Inglaterra vitoriana. Na América, em contraste, a prática e a teoria não foram tão divididas – e essa é, para Nathan Rheingold, a diferença central entre os modelos de ciência europeus e americanos.

> Para se ter uma ideia da amplitude e densidade dessas mudanças tecnológicas, consideremos alguns dados relativos ao século XX. Se somássemos todas as descobertas científicas, invenções e inovações técnicas realizadas pelos seres humanos desde as origens da nossa espécie até hoje, chegaríamos à espantosa conclusão de que mais de oitenta por cento de todas elas se deram nos últimos cem anos (SEVCENKO, 2001, p. 24).

Com tantas mudanças, a ficção científica não estava apenas nas revistas *pulp*, segundo Luckhurst:

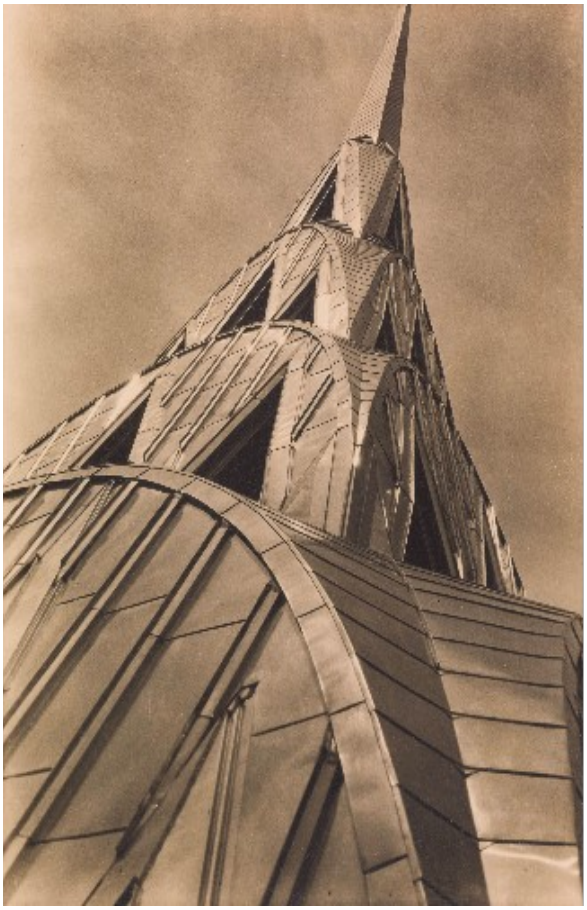
> Pulp stories became strips became radio serials became single-reel film adventures (and later became revamped TV series or endlessly rerun schedule fillers), with multiple forms often co-existing simultaneously. SF, or at least its machinery, bled into the architecture and design of 1930s Art Deco, the metallic sheen of the rising chrome arches of the Chrysler Building in New York being the most famous instance. Mechanism and industrial spaces began to acquire an aura of future, as in the industrial machinery so monumentally aggrandized in the photographs of Margaret Bourke-White (LUCKHURST, 2005, p. 66)[79].

Os *futurians* cresceram em um mundo que se transformava continuadamente. A própria cidade deles – Nova Iorque – era um exemplo visível do crescente progresso tecnológico, com seus arranha-céus, pontes e metrôs. A fotógrafa Margaret Bourke-White, mencionada por Luckhurst, captou muito bem essa nova estética do futuro, em sua icônica foto do Edifício Chrysler:

---

79 Histórias das revistas pulp tornaram-se tiras e séries de rádio, tornaram-se aventuras cinematográficas (e mais tarde se tornaram séries de TV ou reprises de programação infinitamente repetidas), com múltiplas formas frequentemente coexistindo simultaneamente. Ficção científica, ou pelo menos o seu maquinário, derramava-se na arquitetura e no design do art déco da década de 1930, sendo o brilho metálico dos arcos cromados ascendentes do Chrysler Building em Nova York o exemplo mais famoso. Mecanismo e espaços industriais começaram a adquirir uma aura de futuro, como na maquinaria industrial tão monumentalmente engrandecida nas fotografias de Margaret Bourke-White.

Figura 07: foto tirada por Margaret Bourke-White do Edifício Chrysler em 1931



Fonte: MoMA

Invenções revolucionárias eram apresentadas às pessoas com uma velocidade nunca vista até então na história. As primeiras décadas do século XX presenciaram mudanças nos transportes (carros, aviões), nas comunicações (rádio, telefone, televisão, fotografia), no lar (energia elétrica e aparelhos ligados a ela, como geladeiras) dentre outras áreas. Algumas dessas invenções são do século XIX, mas se popularizaram somente no XX. Outras, por serem muito caras, atingiram apenas uma minoria. Ainda assim, povoaram as conversas e imaginação de muitos.

Com tantas mudanças positivas, não é de se estranhar que o futuro da ciência imaginado pelos *futurians* se conectasse fortemente com a ideia de progresso. O *futurian* Donald Wollheim, editor da revista *Cosmic Stories*, tentou criar um clube ligado à revista, assim como tinha feito Hugo Gernsback anos antes. Na coluna dedicada a “Cosmian League”, ele escreveu sobre a relação entre ciência e progresso:

> If, indeed, the world is on the very brink of an age of atomic power, of interplanetary flight, of tremendous developments; if these things are actually now merely a matter of a decade or less, what shall we do today in science-fiction to take advantage of that? We have stated simply our code: we believe in science and human progress. That should be sufficient to work on. Clearly, we all mean the same thing by science - we mean the accumulation of human knowledge, the acquisition of the technical means of mastering the natural forces about us and of bending the world about us to human will. It is doubtful if our ideas of human progress are all the same, but the Cosmian League is not going to pursue that definition any further. Humanity has not yet clearly defined its attitude on progress in unemotional terms. But it is probable that we will all agree that believing in science and human progress together does definitely bring us all in the same general stream.
> The Cosmian League is not an organization to remake the world; it is a science-fiction club. We must seek a way to make ourselves heard among the readers of science-fiction and impress upon them our conviction that the world we read about is an actual one awaiting its birth soon. There are many who cast doubt upon science, basing their doubts upon the bombs, the tanks, the machines that replace men. But humanity cannot go backwards for that way lies the animal and unending toil and eventually death. To go forwards we must have the machine and science, therefore we must not give way to the misusers of science. We must affirm our faith everywhere that science itself is not to blame, that progress will overcome the flaws of today and bring about that world of tremendous events we read about. The universe is ours, but only if we resolutely support science and the progress for the world to be derived from its humane application (WOLLHEIM, 1941c, p. 34)[80].

Ainda que Wollheim reconheça que a ciência pode ser utilizada de forma negativa, ele acredita que não é possível culpá-la por tal uso. O *futurian* quer imbuir

---

80 Se, de fato, o mundo está à beira de uma era de poder atômico, de viagens interplanetárias, de tremendos desenvolvimentos; se essas coisas são, na verdade, apenas uma questão de uma década ou menos, o que faremos hoje na ficção científica para tirar proveito disso? Nós declaramos simplesmente nosso código: acreditamos na ciência e no progresso humano. Isso deve ser suficiente para trabalhar. Claramente, todos nós entendemos a mesma coisa por ciência - queremos dizer a acumulação de conhecimento humano, a aquisição dos meios técnicos de dominar as forças naturais sobre nós e de dobrar o mundo à vontade humana. É duvidoso que nossas ideias sobre o progresso humano sejam todas iguais, mas a Liga Cósmica não vai continuar procurando uma definição. A humanidade ainda não definiu claramente sua atitude em relação ao progresso em termos não emocionais. Mas é provável que todos concordemos que acreditar na ciência e no progresso humano juntos nos conduz a uma mesma corrente geral. A Liga Cósmica não é uma organização para refazer o mundo; é um clube de ficção científica. Devemos buscar uma maneira de nos fazer ouvir entre os leitores de ficção científica e convencê-los de que o mundo sobre o qual lemos é um mundo que está aguardando seu nascimento em breve. Há muitos que lançam dúvidas sobre a ciência, baseando suas dúvidas nas bombas, nos tanques, nas máquinas que substituem os homens. Mas a humanidade não pode retroceder por esse caminho, pois aí reside o animal e o trabalho interminável e, por fim, a morte. Para seguir em frente, devemos ter a máquina e a ciência, portanto, não devemos ceder aos maus usos da ciência. Precisamos afirmar nossa fé em todos os lugares de que a ciência não é a culpada, que o progresso superará as falhas de hoje e fará do mundo um lugar de eventos tremendos sobre os quais lemos. O universo é nosso, mas somente se apoiarmos resolutamente a ciência e o progresso para o mundo derivar de sua aplicação humana.

nos leitores da sua revista o mesmo otimismo que ele sente pelo futuro, ainda que o presente comece a dar sinais de que talvez as coisas não ocorram do jeito que ele espera.

No conto “The Deliverers”, do *futurian* Robert Lowndes, o desenvolvimento científico é afetado pelo que acontece fora dos laboratórios:

> It began fifteen years ago, when Rimbaud first became interested in the idea of worlds (or universes) occupying the same space as we do but separated from us by vibration keys. That isn't very clear, but perhaps this will help: Consider the basic rate of vibration underlying all matter in this universe of ours as in a given key, like a key in music. Consider other matter, occupying the identical space, as in a different key. A similar range of notes, but at different pitches.
> Rimbaud spent five years before he decided that this was more than just theory – then ten years in trying to find some way of proving it. His method was to make a door to one of these other universes.
> But, unfortunately, science and research doesn't exist in vacuo, as Rimbaud puts it. Things that happen outside the lab or the study room affect it plenty (MORRISON, 1942, p. 142)[81].

É interessante notar que o narrador da história, no trecho acima, fala sobre como o contexto influencia a ciência, mas não discute o movimento contrário, ou seja, como a ciência tem um impacto sobre esse contexto. No caso de Rimbaud, ele era um pesquisador francês durante a ocupação nazista da França, e a estratégia de Lowndes de não abordar o desenvolvimento científico voltado para a máquina de guerra parece ir no mesmo sentido do texto de Wollheim, de não culpabilizar a ciência pelo uso que fazem dela e, ao mesmo tempo, incutir nos leitores uma esperança de que ela ainda alcançará coisas grandiosas – como a porta para outros universos.

Para Edgar Morin, não há sentido em classificar a ciência e seus resultados como “bons” ou “maus”:

---

81 Tudo começou quinze anos atrás, quando Rimbaud se interessou pela ideia de mundos (ou universos) que ocupam o mesmo espaço que nós, mas separados de nós por chaves de vibração. Não está muito claro, mas talvez isso ajude: considere a taxa básica de vibração subjacente a toda a matéria neste universo como em uma dada chave, como uma chave na música. Considere outro assunto, ocupando o mesmo espaço, como em uma chave diferente. Um intervalo similar de notas, mas em alturas diferentes. Rimbaud passou cinco anos antes de decidir que aquilo era mais do que apenas teoria - depois mais dez anos tentando encontrar alguma maneira de provar isso. Seu método era fazer uma porta para um desses outros universos. Mas, infelizmente, a ciência e a pesquisa não existem no vácuo, como diz Rimbaud. Coisas que acontecem fora do laboratório ou da sala de estudo afetam bastante

> A ciência é igualmente complexa porque é inseparável de seu contexto histórico e social. A ciência moderna só pôde emergir na efervescência cultural da Renascença, na efervescência econômica, política e social do Ocidente europeu dos séculos 16 e 17. Desde então, ela se associou progressivamente à técnica, tornando-se tecnociência, e progressivamente se introduziu no coração das universidades, das sociedades, das empresas, dos Estados, transformando-os e se deixando transformar, por sua vez, pelo que ela transformava. A ciência não é científica. Sua realidade é multidimensional. Os efeitos da ciência não são simples nem para o melhor, nem para o pior. Eles são profundamente ambivalentes (MORIN, 1999, p. 08-09).

Assim, para Morin, a ciência é inseparável da sociedade que a produz e, por isso, é social. Não é, no entanto, reduzida a esse contexto, pois "estabelece incessante diálogo no campo da verificação empírica com o mundo dos fenômenos" (MORIN, 1999, p. 25).

Um conto do *futurian* Walter Kubilius explora bem essa ambiguidade da ciência e de suas aplicações. Intitulado "Atrakin and the Man", ele foi publicado na edição de fevereiro de 1942 da *pulp Super Science Stories*. Pai e filho estão em uma floresta fugindo dos Urchasi, os "homens de metal". Os dois percebem que a floresta ficou quieta e o pai se dá conta de que um gás sonífero foi lançado. Na sequência, os dois acordam em uma sala com Atrakin, líder dos Urchasi. O pai fala que é somente um camponês, mas Atrakin responde: "You are Frederik Tasinov and this is your son, Benjamin! You are the same Tasinov who collaborated with Professor Urchas in his laboratory from 1978 to 1985!" (KUBILIUS, 1942, p. 78)[82]

Frederik ainda tenta disfarçar, mas Atrakin lê trechos do diário do professor Urchas, de quando eles conseguiram desenvolver uma vida sintética: "We are nearing success! Superman is here! Our forty-eighth experiment is complete. We have named him 'Atrakin' which means 'to unlock', for it shall be he who will unlock the future, sweeping the human race aside and starting another" (KUBILIUS, 1942a, p. 79) [83].

Quando não consegue mais mentir, Frederik questiona o que Atrakin quer dele, e o homem de metal revela que quer o segredo da vida deles, para que eles possam se reproduzir:

---

82 Você é Frederik Tasinov e este é seu filho, Benjamin! Você é o mesmo Tasinov que colaborou com o professor Urchas no laboratório dele de 1978 a 1985!

83 Estamos nos aproximando do sucesso! O Super-Homem está aqui! Nosso quadragésimo oitavo experimento está completo. Nós o nomeamos 'Atrakin', que significa 'destravar', pois será ele quem abrirá o futuro, varrendo a raça humana para o lado e iniciando outra.

> Urchas was on our side. He saw in us the hope for the universe. You did not, Dr. Tasinov! When Urchas, quite by accident, discovered the chemical combination of energy and a substitute for the effect of evolutionary time, you, Dr. Tasinov, stole that formula! You stole the secret which would enable us to reproduce our kind and mantain our civilization after we are gone! (KUBILIUS, 1942a, p. 79)[84]

No trecho acima, fica claro o embate entre os dois cientistas: Urchas enxergava na nova raça o futuro do universo, enquanto Tasinov percebia que ela significava o fim da humanidade. É fácil nos colocarmos do lado de Tasinov e ver Urchas como vilão, já que enquanto humanos, torcemos pela nossa continuidade. A história de Kubilius, no entanto, pode possibilitar debates mais amplos, como: o que é a vida? O que faz dos humanos seres únicos? Quais os limites da ciência?

O desfecho do conto é trágico porém esperançoso para quem acredita nos humanos: Frederik, a sós com Atrakin, fala que revelará o segredo e pede para que o filho seja morto, porque se continuar vivo vai caçá-lo como traidor. Após vê-lo morto, Frederik revela que o filho não aguentaria a tortura e entregaria o segredo. O homem artificial entende, então, que não conseguirá extrair nada do cientista e ordena que matem-no também.

“Atrakin and the Man” foi muito bem recebida pelos leitores da revista. Uma carta, em particular, foi bastante entusiástica:

> Dear Mr. Editor ;
> Up till now I have been content to sit by the sidelines and take in all the commotions without disturbing myself. I have read and been interested in all of the readers' comments and have started to write you once or twice before, but just did not do it.
> But what really brought me out of my laziness was one story—a story that has stuck in my mind since the time I read it. I am referring to "Atrakin and The Man," by Walter Kubilius. I have read every issue of your various publications, but don't think that a finer story, no matter how great, has been published in any of them.
> Who is this man? He certainly has a force of words at his command, to write such a story as that. If you could, I wish you would either print this letter or send it on to him. I would like to get in touch with him.
> I am enclosing my application for membership in the SF. I promise that from now on, I will be active.
> Most sincerely yours,
> Charles Lee Riddle,
> Fort Smith, Ark (RIDDLE, 1942, p. 85)[85].

84 Urchas estava do nosso lado. Ele viu em nós a esperança para o universo. Você não, Dr. Tasinov! Quando Urchas, por acaso, descobriu a combinação química de energia e um substituto para o efeito do tempo evolutivo, você, Dr. Tasinov, roubou essa fórmula! Você roubou o segredo que nos permitiria reproduzir nossa espécie e manter nossa civilização depois que nós formos embora!

Os *futurians*, apesar de pouco discutidos, tiveram um papel importante na história da ficção científica americana e a carta acima é um registro disso. Ainda que o cânone insista em ressaltar sempre o papel dos mesmos escritores, outros menos lembrados, como é o caso de Kubilius, escreveram histórias instigantes e atraíram mais fãs para a ficção científica. Nem sempre, no entanto, as histórias dos *futurians* eram inovadoras: às vezes elas contribuíam para a manutenção de estereótipos e visões equivocadas sobre determinados temas. Os *futurians* eram um grupo de várias pessoas distintas, e querer escrever uma história homogênea sobre eles seria reduzir essa complexidade.

A última história que abordarei sobre as relações entre ciência e progresso foi publicada na edição de inverno de 1942 da *pulp Planet Stories.* De autoria do *futurian* Richard Wilson, ela recebeu o título de “The Man from Siykul” e traz um antigo professor de literatura e uma escritora se mudando para a colônia da Terra em Júpiter. Os dois acabam sendo sequestrados no caminho por uma raça alienígena e vão parar em Siykul; lá, os sequestradores explicam que o planeta tem dois continentes e que querem tomar posse do outro, mas que sempre que enviam expedições elas não voltam. O casal então é enviado para o outro lado de Siykul e, quando chega lá, descobre que a população também é humana, e que vive em harmonia com a natureza: “Here nature and men shared a sylvan paradise, nature always given preference” (WILSON, 1942b, p. 85)[86].

Isso não significa, no entanto, que a sociedade não seja extremamente tecnológica. Um ancião relata as origens deles:

> Many millions of years ago there was a great planet, the greatest in the universe. On it was bred a race of geniuses. Mentally, the planet was ideal; physically, it was less fortunate. Our sun was about to become a nova. As a result, the day came when our scientists were

85 Caro Sr. Editor: Até agora tenho me contentado em sentar à margem e absorver todas as comoções sem me incomodar. Li e me interessei por todos os comentários dos leitores e comecei a escrevê-lo uma ou duas vezes antes, mas simplesmente não o fiz. Mas o que realmente me tirou da minha preguiça foi uma história - uma história que ficou na minha cabeça desde que a li. Estou me referindo a "Atrakin and The Man", de Walter Kubilius. Li todas as edições de suas várias publicações, mas não pense que uma história mais refinada, não importa quão grandiosa tenha sido, foi publicada em qualquer uma delas. Quem é esse homem? Ele certamente tem uma força de palavras ao seu comando para escrever uma história como essa. Se você pudesse, eu gostaria que você imprimisse esta carta ou a enviasse para ele. Eu gostaria de entrar em contato com ele. Estou anexando minha inscrição para ser membro da liga. Eu prometo que a partir de agora, estarei ativo. Sinceramente, Charles Lee Riddle, Fort Smith, Ark.

86 Aqui a natureza e os homens compartilhavam um paraíso silvestre, a natureza sempre com preferência.

> forced to warn their people that they would have to leave the planet before it was burned to a cinder (WILSON, 1942b, p. 87)[87].

Assim, foram escolhidos três mil jovens para serem enviados a um novo planeta e, além deles:

> It was decided that one mister-scientist was to go, regardless of his age, to act as guide and counselor to the new race. I was chosen, and it was a very bad choice. You see, I was dying of cancer of the stomach at the time. Naturally, I protested, but they paid no attention. Instead they killed me (…). They killed my body and locked my wise old brain in this glass case (WILSON, 1942b, p. 88)[88].

O corpo do ancião é mumificado e eles conversam telepaticamente com ele. A escritora então o questiona sobre a relação do seu povo com a Terra, e ele conta que logo depois de se estabelecerem em Siykul, receberam mensagens de que uma outra nave também conseguiu partir com o mesmo objetivo. Os jovens dentro dela, no entanto, se rebelaram:

> Further messages from this old man reached us, saying that the rebels had reverted practically to wild beasts and were living in a state of indescribable filth. Our records show that the ship didn't reach your Earth until sixty years later, so you can imagine the condition its passengers were in when it finally landed. And those were your ancestors (WILSON, 1942b, p. 88-89)[89].

O povo de Siykul ajuda o casal a retomar sua viagem para Júpiter, e na nova nave, eles conversam:

> The evidence seems to point to the fact that those third-generation refugees landed on North America a few ages ago, and founded the Indian nations. It's the only tenable explanation of the origin of the

87 Muitos milhões de anos atrás, havia um grande planeta, o maior do universo. Nele foi criada uma raça de gênios. Mentalmente, o planeta era ideal; fisicamente, foi menos afortunado. Nosso sol estava prestes a se tornar uma nova. Como resultado, chegou o dia em que nossos cientistas foram forçados a alertar seu povo que teriam que deixar o planeta antes que ele fosse incinerado.

88 Decidiu-se que um cientista-mestre deveria ir, independentemente de sua idade, para atuar como guia e conselheiro da nova raça. Eu fui escolhido e foi uma péssima escolha. Você vê, eu estava morrendo de câncer no estômago no momento. Naturalmente, eu protestei, mas eles não prestaram atenção. Em vez disso, eles me mataram (...). Eles mataram meu corpo e trancaram meu sábio cérebro velho nesta caixa de vidro.

89 Outras mensagens deste velho homem chegaram até nós, dizendo que os rebeldes tinham voltado praticamente a feras e viviam num estado de imundície indescritível. Nossos registros mostram que a nave não chegou até a sua Terra antes de sessenta anos depois disso, então vocês podem imaginar a condição em que os passageiros estavam quando ela finalmente aterrissou. E esses foram seus ancestrais.

> American Indian that I've ever heard (…). If only they hadn't mutinied against discipline, it's probable that with their advanced knowledge, the Indians would have discovered Europe long before Columbus – or Leif Erickson – crossed the Atlantic. Their culture, if they had kept it, might have been a better incentive to European development than theirs was (WILSON, 1942b, p. 89-90).[90]

O trecho acima expressa uma visão de progresso bastante limitada, além de racista. Ainda que os personagens reconheçam a importância de conciliar desenvolvimento e meio ambiente, eles falham em perceber que há outras fomas de pensar o progresso e que ele não é necessariamente linear. Em “The Man from Siykul”, presente, passado e futuro se misturam, mas não há uma reflexão mais profunda sobre esse entrelaçamento. O ex-professor universitário não questiona o genocídio que as populações indígenas norte-americanas sofreram. Ele também não se interroga sobre as contribuições que eles poderiam ter dado: essas contribuições só seriam válidas se eles não tivessem voltado a ser “selvagens”.

2.2 “EDISONADE” E O MITO DO HERÓI-INVENTOR

A imagem que se criou e que foi amplamente utilizada na ficção científica dos profissionais está relacionada com o modelo de ciência discutido anteriormente. Ainda que algumas vezes as histórias retratassem cientistas em seus laboratórios, a representação mais comum era a de inventores jovens e autônomos. John Clute, em 1993, cunhou o termo “edisonade” para descrever:

> any story dating from the late nineteenth century onward and featuring a young US male inventor hero who ingeniously extricates himself from tight spots and who, by so doing, saves himself from defeat and corruption, and his friends and nation from foreign oppressors (CLUTE, 2018, s/p)[91].

---

90 As evidências parecem apontar para o fato de que os refugiados da terceira geração desembarcaram na América do Norte há algumas eras e fundaram as nações indígenas. É a única explicação sustentável da origem dos índios americanos que eu já ouvi (…). Se eles não tivessem se rebelado contra a disciplina, é provável que com seus conhecimentos avançados, os índios tivessem descoberto a Europa muito antes de Colombo - ou Leif Erickson - cruzarem o Atlântico. Sua cultura, se a tivessem mantido, poderia ter sido um incentivo melhor para o desenvolvimento europeu do que a deles.

91 qualquer história que date do final do século XIX em diante e apresente um herói-inventor-masculino-jovem-americano que engenhosamente se livra de situações apertadas e que, ao fazê-lo, se salva da derrota e da corrupção, e seus amigos e nação de opressores estrangeiros.

O termo vem da figura de Thomas Edison, um dos principais inventores americanos. Edison é lembrado hoje principalmente por seu trabalho com a lâmpada elétrica, mas ele também inventou o fonógrafo e o cinematógrafo, além de ter contribuído para o aprimoramento de diversas outras tecnologias.

A tradição de “edisonades” vem de antes mesmo das histórias de ficção científica das revistas *pulp*. Segundo o professor e pesquisador Brooks Landon, nos “dime novels” do século XIX essa figura do jovem inventor aparecia com frequência: “While these stories have proved deservedly ephemeral, they firmly established the edisonade as one of science fiction's earliest formulas, and (...) did much to prepare the audience that Gernsback would target with Amazing Stories in 1926” (LANDON, 2003, p. 46)[92].

Para Landon, a “edisonade” também respondeu a uma necessidade americana de uma nova mitologia para a era tecnológica que então se materializava. Inventores e engenheiros transformaram-se em em novos símbolos do progresso e eficiência (LANDON, 2003). Essas ocupações eram o sonho de muitos meninos, mas também de pessoas mais velhas:

> Boys could hope to grow up to be engineers, but one could imagine becoming an inventor at any time, since, as Thomas Edison frequently pointed out, specialized education was not a prerequisite for becoming an inventor. Accordingly, the idea of the boy inventor not only responded to the spirit of the times but also had a special populist appeal: any boy could be one (LANDON, 2003, p. 43)[93].

Roger Luckhurst vai além e argumenta que a predominância do fazer sobre o pensar produziu um anti-intelectualismo que figuras como Thomas Edison ajudaram a alimentar:

> This anti-intellectualism was later embodied in figures like Thomas Alva Edison, Alexander Graham Bell and Henry Ford, all mythologized as uneducated poor boys who worked with their hands, not minds, yet who intuited their way towards the inventions that would make fortunes and transform American cultural life (…). It is

92 Embora essas histórias tenham se mostrado meramente efêmeras, elas estabeleceram firmemente a edisonade como uma das primeiras fórmulas da ficção científica, e (...) fizeram muito para preparar a audiência que Gernsback teria como alvo com Amazing Stories em 1926.

93 Os garotos podiam ter esperança de crescer e ser engenheiros, mas qualquer um podia imaginar se tornar um inventor a qualquer momento, uma vez que, como Thomas Edison frequentemente apontava, a educação especializada não era um pré-requisito para se tornar um inventor. Assim, a ideia do inventor não só respondeu ao espírito dos tempos, mas também teve um apelo populista especial: qualquer menino poderia ser um.

> this engineer paradigm that underlies the emergence of American science fiction in the pre-1945 era (LUCKHURST, 2005, p. 51-52)[94].

A “edisonade” vai ao encontro de outro mito americano, o *self-made man:* “In America in particular, modern science became incorporated into the myth of the individual self-made man, a democratizing impulse in which a genius such as Thomas Edison could rise to fame and fortune due to hard work and merit” (VINT, 2014, p. 19)[95]. Trabalhando duro, qualquer um poderia ser um inventor de coisas importantes e fazer fortuna, mesmo sem uma formação específica.

Landon aponta ainda que os primeiros editores e escritores apropriaram o mito da “edisonade” para a ficção científica, sugerindo que qualquer fã poderia virar um autor. Além disso:

> particularly Gernsback and Campbell, also appropriated that myth for the invention of science fiction, suggesting often quite bluntly that the writer of SF was engaged in a kind of quasi-scientific enterprise consisting of thought experiments and possibly leading to discoveries. The myth of Edison thus became science fiction's take on the Prometheus and Faust myths and served to valorize the SF writer in a way parallel to the Romantic myth of the hero-artist and its Modernist successor (LANDON, 2003, p. 43)[96].

Dessa forma, a “edisonade” forneceu tanto um modelo de herói para as histórias de ficção científica quanto uma narrativa sobre os escritores. No caso dos *futurians*, eles foram o mito que virou realidade, já que de leitores, transformaram-se em autores e alimentaram essa dupla faceta da “edisonade”. Nas histórias escritas por eles, é possível perceber a continuidade da fórmula do jovem inventor, às vezes com algumas alterações. Sem mais delongas, vamos a elas.

---

94 Esse anti-intelectualismo foi mais tarde incorporado a figuras como Thomas Alva Edison, Alexander Graham Bell e Henry Ford, todos mitologizados como garotos pobres sem educação, que trabalhavam com as mãos, não mentes, mas que intuíam o caminho para as invenções que fariam fortunas e transformariam a vida cultural americana (…). É esse paradigma de engenheiro que subjaz o surgimento da ficção científica americana na era pré-1945.

95 Nos Estados Unidos, em particular, a ciência moderna foi incorporada ao mito do homem individual, um impulso democratizante no qual um gênio como Thomas Edison poderia ganhar fama e fortuna devido ao trabalho árduo e ao mérito.

96 particularmente Gernsback e Campbell, também apropriaram-se desse mito para a invenção da ficção científica, sugerindo com muita clareza que o escritor de ficção científica estava engajado em uma espécie de empreendimento quase científico consistindo em experimentos mentais e possivelmente levando a descobertas. O mito de Edison tornou-se assim a versão de Prometeus ou Fausto da ficção científica e serviu assim para valorizar o escritor de ficção científica de uma forma paralela ao mito romântico do herói-artista e seu sucessor modernista.

No conto “The Lemmings”, do *futurian* Robert Lowndes, publicado na edição de maio de 1942 da *pulp Super Science Stories,* um cientista alienígena cria, sem querer, uma nuvem de gás tóxico que deve chegar até a Terra em breve. Os alienígenas, então, decidem salvar “o melhor da raça humana”:

> “How were the subjects selected?” I interrupted.
> “First of all, the scientists. Not just any scientist, but those who specialized in branches the use of which would be primary in adapting man to live under the sea. And, in addition, those individual specialists who were, as human beings, best suited to take positions of authority and responsibility.
> “Then great masses of people – although again, not just plain people. At all times individuals selected were those who would rank high in tests for intelligence, meaning adaptability, and capability along directions which would be useful here” (MORLEY, 1942b, p. 113-114)[97].

Os alienígenas fizeram cirurgias de adaptação que possibilitaram que os humanos vivessem no fundo do mar para escapar da nuvem tóxica e ali começarem uma nova sociedade. Além dos cientistas, foram selecionadas também pessoas com um certo perfil e o narrador da história acabou fazendo parte por ter descoberto todo o esquema. Percebe-se que a história de Lowndes valoriza, para além dos cientistas, pessoas sem formação técnica mas inteligentes e participativas.

O *futurian* James Blish, no conto “Callistan Cabal”, publicado na *pulp Stirring Science Stories* de abril de 1941, brinca com o modelo americano de fazer ciência e o expande para o resto do globo: “Johnny, what do they call the people of the three major planets? He thought that over. Venus – the Biologists. Earth – the Engineers. Mars – the Philosophers!” (BLISH, 1941b, p. 49)[98]. Na história, os marcianos são capazes de ler mentes e traçam um plano para conquistar outro planeta, mas acabam derrotados justamente pelo terráqueo-engenheiro.

Em outro conto, intitulado “The Real Thrill”, Blish transforma um antigo engenheiro no herói da história. Blish já em 1941 levantou o debate sobre a obsolescência dos empregos face à tecnologia:

---

97 "Como foram selecionados os escolhidos?" Eu interrompi. "Em primeiro lugar, os cientistas. Não apenas qualquer cientista, mas aqueles que se especializaram em ramos cujo uso seria primário na adaptação do homem para viver sob o mar. E, além disso, aqueles especialistas que eram, como seres humanos, os mais adequados para tomar posições de autoridade e responsabilidade. Então grandes massas de pessoas - embora, novamente, não apenas pessoas comuns. Em todos os momentos, os indivíduos selecionados eram aqueles que teriam uma classificação alta em testes de inteligência, ou seja, adaptabilidade e capacidade ao longo das direções que seriam úteis aqui”.

98 Johnny, como eles chamam as pessoas dos três principais planetas? Ele pensou. Vênus - os biólogos. Terra - os engenheiros. Marte - os filósofos!

> At the age of 47 Burrowes was hardly a middle-aged man. In these days normal life expectancy exceeded a century, and the middle-age leval had been moved up to the vicinity of fity-five. No, Burrowes had certainly not passed his prime.
> But time and technology had betrayed him. Fifteen years ago Martin Burrowes had known all there was to know about rocket engines, and had served as technical adviser to the government, the IP, and a dozen private spaceship yards. Then – the gravity impellor, geotrons, atomic power – and rocket technicians were suddenly as useless in the scheme of things as blacksmiths (BLISH, 1941c, p. 68)[99].

Um dia, Burrowes entra em uma antiga nave espacial desativada e aberta à visitação. Ocorre que a cidade é atacada e como há uma guerra em curso, não há naves disponíveis. Os soldados responsáveis pela visitação são convocados a partir com a nave, e Burrowes se apresenta para ir junto como engenheiro responsável. No meio da viagem, a nave sofre uma pane técnica e Burrowes decide se sacrificar em nome do resto da tripulação: " 'Clear out,' he ordered at the top of his voice. 'I'll get it.' If it did blow, that way it would take only one man instead of five." (BLISH, 1941c, p. 72)[100]. A "fórmula" da "edisonade" é alterada por Blish, já que seu personagem é um herói, mas que não consegue se salvar. Ainda assim, "The Real Thrill" contribui para a manutenção da visão positiva sobre os engenheiros.

No conto "No Place to Go", do *futurian* Cyril Kornbluth e publicado na *pulp Cosmic Stories* de maio de 1941, um cientista descobre o segredo para o combustível dos foguetes. Ele não é, entretanto, alguém de destaque no mundo acadêmico:

> Gallacher was no doctor of Philosophy or Science, no more than a humble "mister," and as such could not hope to rise beyond the modest university readership which he had held for some score of years. He was in the Department of Physics, and his job was little more than the especially dirty one of correcting examinations and reading the hardy perennial themes submitted by generation after generation of students. He was also the man who punched calculating machines late into the afternoon, tabulating work of men higher up and preparing their further ground (BELLIN, 1941, p. 64)[101].

---

99 Aos 47 anos, Burrowes era malmente um homem de meia idade. Naqueles dias, a expectativa de vida normal excedia um século, e o nível da meia-idade foi transferido para os 55 anos. Não, Burrowes certamente não tinha passado seu auge. Mas o tempo e a tecnologia o haviam traído. Quinze anos atrás, Martin Burrowes sabia tudo o que havia para saber sobre motores de foguete, e servira como conselheiro técnico do governo, e de uma dúzia de pátios de espaçonaves particulares. Então - o impulsor da gravidade, os geotrons, a energia atômica - e os técnicos de foguetes foram subitamente tão inúteis no esquema das coisas quanto os ferreiros.

100 "Fora", ele ordenou no topo de sua voz. "Eu vou assumir." Se ele explodir, dessa forma levaria apenas um homem em vez de cinco.

Gallacher descobre o combustível não no seu trabalho na universidade, que é irrelevante, mas em um laboratório montado em sua própria casa:

> “Edith! What I have done no man has done before me – in this house I have synthesized the perfect rocket fuel.” He smiled as he saw her face pale. “The fumbling adventurers who tried three times to reach the Moon and finally blew themselves up – their mistake was not to wait for me (BELLIN, 1941, p. 66)[102].

A esposa então questiona Gallacher sobre o que ele vai fazer com a descoberta e ele responde: “ 'Publish my facts,' he rapped. 'Take my place among the immortals of science.'” (BELLIN, 1941, p. 66)[103]. Ela, no entanto, o dissuade dessa ideia dizendo que a descoberta pode fazer os dois ricos. Gallacher decide então construir um foguete para usar o combustível criado por ele. Faz tudo em segredo e planeja anunciar seu feito só depois que retornar em segurança de sua viagem espacial. Durante a viagem, ele descobre que a gravidade não funciona do jeito que se imaginava e que não era possível pousar em outros planetas. Ele volta para casa e o conto termina da seguinte forma:

> Suddenly, bitterly, he cried: “Shouldn't have gone! Fuel, useless. No good for anything except rockets. Rockets useless. Nowhere to land. No place to go in rockets!”
> And those were the last sane words that he uttered in his life (BELLIN, 1941, p. 68)[104].

A descoberta de Gallacher poderia contribuir enormemente com a continuidade das pesquisas sobre o assunto, mas ele decidiu conduzir tudo sozinho e acabou enlouquecendo com o que encontrou no espaço. Lida dessa forma, a história de Kornbluth seria uma crítica à fórmula “edisonade” e ao individualismo pregado por ela. Um leitor da revista, no entanto, voltou sua atenção para a “ciência” da história:

---

101 Gallacher não era doutor em Filosofia ou Ciência, não mais do que um humilde sujeito e, como tal, não podia esperar crescer para além da posição de professor adjunto que ele havia mantido por alguns anos. Ele estava no Departamento de Física, e seu trabalho era pouco mais do que o especialmente sujo de corrigir exames e ler os duros temas perenes submetidos por geração após geração de estudantes. Ele também foi o homem que perfurou máquinas de calcular no meio da tarde, tabulando o trabalho de homens mais elevados e preparando seu terreno.

102 “Edith! O que eu fiz nenhum homem fez antes de mim - nesta casa eu sintetizei o combustível de foguete perfeito.” Ele sorriu ao ver seu rosto pálido. “Os aventureiros desajeitados que tentaram três vezes alcançar a Lua e finalmente se explodiram - o erro deles foi não me esperar”.

103 "Publicar meus fatos", ele vociferou. "Tomar meu lugar entre os imortais da ciência."

104 De repente, amargamente, ele gritou: “Não deveria ter ido! Combustível, inútil. Não é bom para nada, exceto foguetes. Foguetes inúteis. Nenhum lugar para pousar. Não há lugar para ir com foguetes!” E essas foram as últimas palavras sãs que ele proferiu em sua vida.

> It seems to me that there is a flaw in Edward Bellin's little yarn “No Place to Go.” The idea was unique and I do not recall it as having been advanced before. Also I might say that it seems to be quite logical and probable if, as higher mathematicians seem to have proved, gravity, magnetism, and electricity are kin. Since magnetism and electricity have positive and negative poles, it ought to hold true for the third member of the group – gravity. And it is also true that if we are located in the field of one gravity-charged body, we can never measure or find anything in the field having the opposite charge.
> But the flaw in the story is this: if Gallacher's ship was charged with Earth gravity and if Mars was charged with a like form, he could not approach Mars, true! But neither could he return to Earth and for the same reason! Earth would repel him as strongly as Mars would. So that Gallacher could never have returned to Earth and would have been compelled to wander forever in the void. Unless he could find a planet charged with an opposite polarity in which case he would probably crash at an uncontrollable speed! (GARFIELD, 1941, p. 113)[105].

A carta de Garfield, preocupada com uma falha na trama, não era incomum. Como discutido no Capítulo zero, o início da ficção científica nos Estados Unidos foi marcado pela proximidade entre leitores, autores e editores em uma comunidade ativa na qual havia um sentimento de pertencimento. Isso permitia aos fãs/leitores abordarem os autores e mesmo confrontá-los acerca de seus textos e detalhes técnicos. Muitos leitores buscavam na ficção científica justamente a cientificidade dela – ainda que extrapolada e irreal – o que explica um rigor muitas vezes maior nessa questão e menor em relação à narrativa em si e seus elementos:

> Attention to science, particularly the accuracy of its factual content, explains the popularity of a certain style of science fiction to readers at the time. Later critics and fans describe, often pejoratively, stories of the interwar era as clunky, clumsy, simplistic, and more concerned with discourses on the operation of their science than development of character or theme. While such descriptions are not necessarily inaccurate, their dismissals miss the point. While readers also valued traditional elements of literary style – plot, character, theme, and

105 Parece-me que há uma falha na narrativa de Edward Bellin, "No Place to Go". A ideia era única e não me lembro de ter sido usada antes. Também posso dizer que parece ser bastante lógico e provável se, como os grandes matemáticos parecem ter provado, a gravidade, o magnetismo e a eletricidade sejam parentes. Como o magnetismo e a eletricidade tem polos positivos e negativos, isso deve valer para o terceiro membro do grupo - a gravidade. E também é verdade que, se estamos localizados no campo de um corpo carregado de gravidade, nunca podemos medir ou encontrar algo no campo que tenha a carga oposta. Mas a falha na história é a seguinte: se a nave de Gallacher estivesse carregada da gravidade da Terra e se Marte fosse carregado com uma forma semelhante, ele não poderia se aproximar de Marte, é verdade! Mas ele tampouco poderia voltar para a Terra pela mesma razão! A Terra o repeliria tão fortemente quanto Marte o faria. Assim, aquele Gallacher nunca poderia ter retornado à Terra e teria sido obrigado a vagar para sempre no vazio. A menos que ele pudesse encontrar um planeta carregado com uma polaridade oposta, nesse caso ele provavelmente iria se chocar a uma velocidade incontrolável!

> language – as the volume of discussion on the subject testified, for many in the 1920s and 1930s, science was their primary concern. For them, scientific accuracy was a stylist prerequisite, although accuracy, in this sense, was the strict truth of its facts and not a more comprehensive integration of knowledge, reasoning and context (CHENG, 2013, p. 93).[106]

Essa atenção à parte técnica apontada por John Cheng na ficção científica das décadas de 1920 e 1930 prosseguiu na década de 1940 e em alguns textos dos *futurians* é possível sentir preocupação semelhante. Vale lembrar que os autores cresceram lendo essas histórias e elas tiveram impacto na forma como entendiam a ficção científica. Eles, no entanto, passaram a se ocupar também dos aspectos literários dos textos e organizaram um seminário para discutir tais questões, como visto no Capítulo zero.

Ao escrever “No Place to Go”, Kornbluth forjou uma explicação alternativa para a gravidade e, a partir dela, desenvolveu sua trama. Garfield, o leitor, levou a sério o argumento proposto pelo *futurian* e mostrou que, se a gravidade também tivesse os polos negativo e positivo, o astronauta não conseguiria voltar para a Terra. Esse exercício de pensar novas explicações e ir além do conhecimento científico disponível era comum e voltarei a falar dele.

Outra história que traz o espírito da “edisonade” é “Up There”, do *futurian* Donald Wollheim, publicada na edição de verão de 1942 da *Science Fiction Quarterly*. Nela, o tio do narrador planeja usar um avião nazista que caiu em sua propriedade. O narrador diz que ele não pode, já que nunca voou, ao que o tio responde: “Who taught Wilbur Wright to fly?” (PEARSON, 1942b, p. 86)[107]. A resposta afiada representa bem a atitude confiante comum nas histórias de ficção científica de então em relação aos obstáculos científico-tecnológicos.

---

106 Atenção à ciência, especialmente a precisão de seu conteúdo factual, explica a popularidade de um determinado estilo de ficção científica para leitores na época. Posteriormente críticos e fãs iriam descrever, muitas vezes pejorativamente, histórias do período entre guerras como desajeitadas, simplistas e mais preocupadas com discursos na operação de suas ciências do que desenvolvimento do personagem ou tema. Embora essas descrições não sejam necessariamente imprecisas, suas rejeições perdem o ponto. Enquanto os leitores também valorizavam elementos tradicionais do estilo literário - enredo, personagem, tema e linguagem - como o volume de discussão sobre o assunto testemunhou, para muitos nas décadas de 1920 e 1930, a ciência era a sua principal preocupação. Para eles, a precisão científica era um pré-requisito de estilo, embora a precisão, nesse sentido, era a verdade estrita de seus fatos e não uma integração mais abrangente de conhecimento, raciocínio e contexto.

107 Quem ensinou Wilbur Wright a voar?

O tio conta que quer voar e ver o que tem “lá em cima”. O sobrinho novamente o confronta, dizendo que acima de vinte milhas não há ar suficiente para suportar o avião, e ele responde:

> “Rubbish,” he snapped. “Fiddle-faddle! Have you ever been twenty miles up?”
> “No,” I snapped, “and neither were you!”
> “Nor either was anyone else, young man!” he barked back. “So don't you believe all that some smart aleck tells you.” (PEARSON, 1942b, p. 86)[108]

Na passagem acima, além de valorizar o espírito empreendedor, há uma negação da ciência de então e de que seus dados não são confiáveis, já que são fruto de cálculos na Terra, e não da observação no espaço. O tio vai além, e fala que os cientistas estão enganando a população e acredita que as estrelas estão a uma mesma distância, porém tem tamanhos distintos:

> “What!” I shouted, “how can that be?”
> “Why can't it be?” Uncle Eph came back. “They taught you all yer life a pack of lies until you can't see the forest for the trees. Why should the stars be different distances away? Why shouldn't they all be the same distance only different sizes? For years those smart alecks has been hoodwinking the public with fantastic nonsense just to get the yokels to keep 'em in food and clothing (PEARSON, 1942b, p. 86)[109].

O anti-intelectualismo apontado por Luckhurst fica bem evidente no trecho acima. O tio parte para sua aventura e o conto termina da seguinte maneira:

> I don't know what to think now. Uncle Eph never did come back and he hasn't been heard from unless... but I don't like to admit that possibility. It's two weeks now and the only thing I can't account for is that there are now five more stars in the handle of The Big Dipper stretching in an exactly straight line directly to the Pole Star. They were first noticed last night. According to the papers this morning, sailors hail them as an aid to navigation, but the astronomers have refused to discuss them (PEARSON, 1942b, p. 137)[110].

---

108 "Lixo", ele retrucou. “Conversa fiada! Você já esteve a trinta quilômetros de altura?” "Não", eu rebati, "e você também não!" "Nem ninguém mais, rapaz!" Ele gritou de volta. “Então não acredite em tudo que alguns sabichões dizem a você”

109 "O quê!" Eu gritei, "como pode ser isso?" "Por que não pode ser?" Tio Eph respondeu. “Eles lhe ensinaram a vida toda um monte de mentiras até que você não possa ver o todo. Por que as estrelas deveriam estar a distâncias diferentes? Por que elas não poderiam estar todas a uma mesma distância apenas em tamanhos diferentes? Durante anos, essas pessoas espertas enganaram o público com absurdos fantásticos apenas para conseguir que os caipiras lhe garantissem alimentos e roupas.

O tio parece ter feito uma nova morada no espaço, onde, acreditava ele, os chineses teriam construído cidades. Em “Up There”, a curiosidade e ousadia de um homem simples triunfam sobre a ciência. A história de Wollheim mostra um questionamento dos pressupostos científicos de então e aponta que uma pessoa já vinha fazendo isso: “Charles Fort collected piles of evidence the astronomers wouldn't admit” (PEARSON, 1942b, p. 87)[111]. Fort foi uma grande influência na ficção científica e explorarei melhor isso na seção abaixo.

2.3 CHARLES FORT, CIÊNCIA, FATO E FICÇÃO

Na edição seguinte à publicação da história “Up There”, discutida acima, uma longa carta de Mallory Kent é publicada na seção de cartas dos leitores da revista, que eu reproduzo aqui:

> "Your two novels this time were both very smooth, imaginative, and highly readable tales, but what took the prize with me was Martin Pearson's little story Up There. Perhaps some of your readers have read the works of Charles Fort? This is the basis for this story – in fact a number of excellent fantasy and science fiction plots have been culled from this source.
> “The thing to remember about Fort, however, is that he made no assertions, offered no theories of his own. He admitted freely that, due to the source of his material, much of it was bound to be questionable. But he presented it nonetheless and left it to others to sift and sort out. The thing he attacked most ferociously was the silly aura of eclecticism with which many scientists and scientifc ideas are surrounded. By constantly pointing out the innumerable times astronomical theories have been overthrown Fort sought to bring home the fact that the 'scientist' is not a little tin god, set apart in Olympic splendor from his fellow men – is just as likely to be mistaken, pompous, ignorant and stupid as any individual in any other branch of human endeavour. And that, I think, is the most important phase of Fort's work. There has been far too much of the 'priestcraft' attitude about scientists, in so far as the general public is concerned. More than any other thing, it is this business, I think, which has served to make the public inclined to be distrustful of the scientist and of science itself.

110 Eu não sei o que pensar agora. Tio Eph nunca voltou e não deu sinal a menos que... mas eu não gosto de admitir essa possibilidade. Já faz duas semanas e a única coisa que não posso explicar é que agora há mais cinco estrelas no Grande Carro que se estendem exatamente em linha reta até a estrela polar. Elas foram notadas pela primeira vez na noite passada. De acordo com os jornais desta manhã, os marinheiros as saúdam como uma ajuda para a navegação, mas os astrônomos se recusaram a discuti-las.

111 Charles Fort coletou pilhas de evidências que os astrônomos não admitiriam.

> “Fort was continually asking questions, many of which astronomers could not answer. No one should hold that against the boys. Any clever child can ask questions that will baffle the wisest of adults. But when, instead of giving straight, honest confessions of ignorance, the astronomers try to get away with mystical balderdash – or simply refuse to listen to these questions – proposed in the form of actual phenomena for which no explanation had been offered – one cannot be blamed for wondering.
> “But I'm unalterably opposed to such things as the Fortean Society. When you try to regiment cynicism or criticism, or even organize it to the extent that a formal society would do, you merely start the groove which eventually becomes a rut – you end up with a clique far more dogmatic, idiotic, and mystical than those aspects of the behavior of certain 'scientists' which Fort continually attacked.
> “We assume that a scientist – a bad term that: rather an individual devoted to the pursuit of some branch of scientific research or endeavour – is going to operate upon the basis of a few axioms which are indispensable for the sake of order. Whether or not our 'scientist' actually follows the 'scientific method' faithfully, he is at least bound in lip-service to that method. But the cynic or critic is in no way so bound – particularly if he is a member of a society devoted to debunkery.
> “Fort himself never attacked the scientific method, despite his often savage censure of various scientific theories or groups. The man had a keen mind and a high sense of integrity, as well as a consciousness of what he was doing. There is no guarantee that any individual who reads Fort's books, and/or propaganda of the Fortean Society, and joins up with these self-appointed judges will have all or any of the above-mentioned qualifications.” (KENT, 1942b, p. 146)[112].

112 Seus dois romances desta vez foram ambos muito suaves, imaginativos e altamente legíveis, mas o que levou o prêmio comigo foi a historinha de Martin Pearson, “Up There”. Talvez alguns de seus leitores tenham lido as obras de Charles Fort? Esta é a base para esta história - de fato, uma série de excelentes tramas de fantasia e ficção científica beberam dessa fonte. A coisa a lembrar sobre Fort, no entanto, é que ele não fez afirmações, não ofereceu nenhuma teoria própria. Ele admitiu livremente que, devido à fonte de seu material, muito dele estava destinado a ser questionável. Mas ele o apresentou, no entanto, e deixou para os outros peneirar e resolver. A coisa que ele mais ferozmente atacou foi a aura tola do ecletismo com a qual muitos cientistas e ideias científicas estão cercados. Constantemente apontando para as inúmeras vezes que as teorias astronômicas foram derrubadas, Fort tentou trazer à tona o fato de que o "cientista" não é um pequeno deus de lata, separado em esplendor olímpico por seus semelhantes - é tão provável ser pomposo, ignorante e estúpido como qualquer indivíduo em qualquer outro ramo do esforço humano. E essa, penso eu, é a fase mais importante do trabalho de Fort. Tem havido muito da atitude de "artimanha sacerdotal" sobre os cientistas, na medida em que o público em geral está preocupado. Mais do que qualquer outra coisa, é esse negócio, penso eu, que serviu para tornar o público inclinado a desconfiar do cientista e da própria ciência. Fort estava continuamente fazendo perguntas, muitas das quais os astrônomos não podiam responder. Ninguém deveria segurar isso contra os garotos. Qualquer criança inteligente pode fazer perguntas que desconcertem os mais sábios dos adultos. Mas quando, em vez de dar sinceras e honestas confissões de ignorância, os astrônomos tentam se livrar com lengalengas místicas - ou simplesmente se recusam a ouvir essas questões - propostas na forma de fenômenos reais para os quais nenhuma explicação foi oferecida - não se pode culpar por perguntar. Mas eu sou inalteravelmente contra coisas como a Sociedade Forteana. Quando você tenta regimentar o cinismo ou a crítica, ou até mesmo organizá-lo na medida em que uma sociedade formal faria, você simplesmente inicia o ritmo que eventualmente se torna uma rotina - você acaba com um grupo muito mais dogmático, idiota e místico do que aqueles aspectos do comportamento de certos "cientistas" que Fort atacou continuamente. Assumimos que um cientista – esse é um termo ruim, melhor: um indivíduo dedicado à busca de algum ramo de pesquisa ou empreendimento científico - vai operar com base em alguns axiomas que são indispensáveis para o bem da ordem. Quer o nosso "cientista" siga ou não fielmente o "método científico", ele está, pelo

Mallory Kent era na verdade o próprio editor da revista, o *futurian* Robert Lowndes. Ao escrever longamente sobre Charles Fort, ele esperava protocolar a leitura de "Up There". Lowndes procurou validar a história do colega Donald Wollheim e sua ligação com a ciência, ao insistir que ela é alterada a partir de dados novos. Kent/Lowndes é bastante duro com os cientistas, e critica a postura deles. Para ele, é essa postura que afasta a população dos cientistas e da própria ciência. Ele ainda defende Charles Fort mas ataca a "Sociedade Forteana".

Charles Fort (1874-1932) foi um jornalista e escritor americano que se especializou em fenômenos sobrenaturais. Fort passou mais de vinte anos coletando dados:

> Charles Fort sat at a table in the New York Public Library or the British Museum every working day for twenty-seven years, reading and rereading the back files of every available scientific journal, popular science magazine and newspaper. When he found something out of the ordinary and not conventionally explainable, he made a note of it. Eventually he had thousands of these notes, written on little slips of paper, filed in shoeboxes (KNIGHT, 1974, p. 03)[113].

Esses milhares de notas formariam a base para quatro livros escritos por Fort: "The Book of Damned" (1919); "New Lands" (1923); "Lo!" (1931); e "Wild Talents" (1932). Os dois primeiros títulos tratam de eventos astronômicos e meteorológicos, enquanto os outros dois discutem fenômenos humanos e animais. Os quatro livros foram reunidos em uma única edição na década de 1970 que ganhou uma introdução do ex-*futurian* Damon Knight, fonte da citação acima. Knight havia pouco antes publicado uma biografia sobre Fort. Ele, assim como outros *futurians*, era um grande admirador de Fort.

Na verdade, embora não se discuta muito, as ideias de Charles Fort ajudaram a moldar a noção de ciência dos leitores, autores e editores das *pulps* de ficção

---

menos, ligado a esse método. Mas o cínico ou crítico não é de forma alguma tão ligado - especialmente se ele for membro de uma sociedade dedicada à desqualificação. O próprio Fort nunca atacou o método científico, apesar de sua censura muitas vezes selvagem de várias teorias ou grupos científicos. O homem tinha uma mente afiada e um alto senso de integridade, bem como uma consciência do que estava fazendo. Não há nenhuma garantia de que qualquer indivíduo que leia os livros de Fort e/ou a propaganda da Sociedade Forteana, e junte-se a esses juízes auto-indicados, tenha todas ou quaisquer das qualificações mencionadas acima.

113 Charles Fort sentava-se a uma mesa na Biblioteca Pública de Nova Iorque ou no Museu Britânico todos os dias úteis durante vinte e sete anos, lendo e relendo os arquivos de todos os jornais científicos disponíveis, revistas de ciência e jornais populares. Quando ele encontrava algo fora do comum e não explicável convencionalmente, ele fazia uma anotação disso. Eventualmente ele reuniu milhares dessas notas, escritas em pequenos pedaços de papel, arquivadas em caixas de sapato.

científica. Em 1934, a revista *Astounding Stories* serializou “Lo!” em oito partes, o que contribuiu para que mais fãs tivessem contato e se interessassem pelo pensamento de Fort. Além disso, foi fundada em 1931, por amigos de Fort, a “Sociedade Forteana” (Fortean Society) para ajudar a espalhar suas ideias, na qual pelas cartas presume-se que os *futurians* Robert Lowndes e James Blish fizeram parte.

Na edição de primavera de 1943 da *Science Fiction Quarterly*, foi publicada uma carta ainda maior de Blish respondendo à carta de Kent/Lowndes. Reproduzo, a seguir, alguns trechos dela:

> “I was particularly interested in Mallory Kent’s letter about Fort and the Fortean Society. As a member of said Society, I should like the opportunity to say something on that subject.
> “I am not going to jump down Mr. Kent’s throat, or be particularly impassioned about it. Like everything else in this Fortean world, his letter is neither true nor untrue, and nothing that I say will be any more than similarly intermediate. Anyhow I have no desire to scintillate forever in one spot, as Fort humorously suggested might be the fate of people who got translated to the Positive Absolute. What Mr. Kent has to say about Fort seems to me to be quite acceptable; but what he has to say about the Society leads me to believe that either he does not have a very intimate acquaintance with its workings and purposes, or else that his acquaintanceship terminated some years ago (…).
> I am sure that Mr. Kent knows Fort’s books well enough to realize what an enormous territory they cover; as John Campbell says, ‘They contain the root truths of about four new sciences,’ and it was quite impossible for one man, even such a man as Fort, to assemble all the data relating to these fields as is necessary to give us anything like a complete picture, or even properly to correlate what data he did manage to collect. That’s our job and it is a herculean one (…).
> We don’t judge, we investigate. If we have four hundred records of falls of living things, and two hundred of mysterious disappearances and appearances, we ‘judge’ that some temporary force may exist, despite disclaimers by other scientists who don’t have six hundred records to match ours, or even one hundred. We ‘judge’ that maybe these scientists may be wrong. This is cautious judgment, and tempered always by our choice of verb—you see, we are still saying ‘MAY exist’ although our records far top the six hundred figure I selected arbitrarily. This is because our often-published and often-repeated tenet is that of the suspension of final judgment and dogmatic acceptance. 'Temporary acceptance’ is the principle of true scientific endeavor all over the world (BLISH, 1943, p. 144-145)[114].

114 Eu fiquei particularmente interessado na carta de Mallory Kent sobre Fort e a Sociedade Forteana. Como membro da referida Sociedade, gostaria de ter a oportunidade de dizer algo sobre esse assunto. Eu não vou pular na garganta do Sr. Kent, ou ser particularmente apaixonada por isso. Como tudo mais neste mundo Forteano, sua carta não é verdadeira nem falsa, e nada do que eu digo será mais do que intermediário. De qualquer forma, eu não tenho vontade de cintilar para sempre em um ponto, como Fort sugeriu humoristicamente que poderia ser o destino de pessoas que foram

Na carta, Blish fala de outro editor importante que se interessava pelas ideias de Fort: John Campbell. Até hoje, Campbell é conhecido como um editor de “hard science fiction”, ou “ficção científica dura”, que seria uma narrativa preocupada com a precisão cientifica. Ele, no entanto, voltou-se à pseudociência em mais de uma oportunidade, como voltarei a discutir mais à frente.

Na sequência, Lowndes, escrevendo como editor, diz que mostrou a carta para Mallory Kent, e que este fez sua tréplica:

> “Blish’s courteous reply to my (apparently none-too-well-founded) attack is appreciated. Yes, my acquaintanceship with Forteans was not very intimate, and occurred several years ago. I think I’d just finished reading Fort’s books at that time, and was interested in the very idea of a Fortean Society, whose aims I imagined much as Jim has outlined them. Unfortunately, I came in contact with a clique of dilletantes whose yammerings finally soured me on the idea.
> “Am glad to hear that these drools were not representative of the Forteans.
> “By the by, editor old thing, how about seeing if yon Pvt. Blish, or some other qualified party, can do some scientific articles for SCIENCE FICTION QUARTERLY along Fortean lines? If not too technical, they ought to be of genuine interest, and not the usual thing one finds floating around.” (KENT, 1943, p. 145)[115].

---

traduzidas para o Absoluto Positivo. O que o Sr. Kent tem a dizer sobre Fort parece-me bastante aceitável; mas o que ele tem a dizer sobre a Sociedade me leva a crer que ou ele não tem um conhecimento muito íntimo de seus trabalhos e propósitos, ou então que sua amizade terminou há alguns anos (...). Tenho certeza de que o Sr. Kent conhece os livros de Fort o suficiente para perceber o enorme território que eles cobrem; como John Campbell diz: "Eles contem as verdades fundamentais de cerca de quatro novas ciências", e era completamente impossível para um homem, mesmo um homem como Fort, reunir todos os dados relativos a esses campos, como é necessário para nos dar qualquer coisa parecida com uma imagem completa, ou até mesmo para correlacionar corretamente os dados que ele conseguiu coletar. Esse é o nosso trabalho e é hercúleo (…). Nós não julgamos, nós investigamos. Se tivermos quatrocentos registros de quedas de coisas vivas e duzentos desaparecimentos e aparências misteriosas, “julgaremos” que alguma força temporária pode existir, apesar de isenções de responsabilidade por outros cientistas que não tem seiscentos registros para se igualar aos nossos, ou mesmo cem. Nós "julgamos" que talvez esses cientistas possam estar errados. Esse é um julgamento cauteloso e temperado sempre pela nossa escolha de verbo - você vê, ainda estamos dizendo "pode existir", embora nossos registros ultrapassem os 600 exemplares que eu selecionei arbitrariamente. Isso ocorre porque o nosso princípio frequentemente publicado e frequentemente repetido é o da suspensão do julgamento final e da aceitação dogmática. “Aceitação temporária” é o princípio do verdadeiro empreendimento científico em todo o mundo.

115 A resposta cortês de Blish ao meu ataque (aparentemente não muito bem fundamentado) é apreciada. Sim, minha amizade com os Forteanos não foi muito íntima e ocorreu há vários anos. Acho que tinha acabado de ler os livros de Fort na época e estava interessado na ideia de uma Sociedade Forteana, cujos objetivos eu imaginava tanto quanto Jim os delineou. Infelizmente, entrei em contato com um grupo de diletantes cujos enganos finalmente azedaram com minha ideia. Fico feliz em saber que as baboseiras deles não eram representativas dos Forteanos. A propósito, mania de editor, que tal ver se você soldado Blish, ou alguma outra parte qualificada, pode fazer alguns artigos científicos para a SCIENCE FICTION QUARTERLY a respeito das linhas Forteanas? Se não for muito técnico, eles podem ser de interesse genuíno, e não a coisa que normalmente se encontra por aí.

Após a carta, Lowndes volta a comentar como editor e mostra-se interessado na ideia dos artigos e pede para que Blish ou outros qualificados enviem os textos para a revista. O projeto, no entanto, nunca se concretizou: aquele foi o último número da *Science Fiction Quarterly* por um longo período (ela voltaria apenas na década seguinte – o fim das revistas de ficção científica será discutido no Capítulo 4 da tese, que trata das relações do gênero com a Segunda Guerra Mundial).

Em outra revista também editada por Lowndes, o *futurian* Damon Knight publicou o conto "Blackout". Nele, a mesma questão em relação às estrelas de "Up There" aparece:

> "They [the stars] are balls of fire, aren't they – way out in space?"
> "That's what a scientist will tell you – but how do we know the scientists are right? You've never read the books of Charles Fort – neither have I, if it comes to that, but I've read about them. Fort had a theory that the stars are actually much nearer than the scientists think. And as to what they are – what they're made of – how do we know? How does everybody know?" (KNIGHT, 1943, p. 55)[116].

Mesmo que outras histórias escritas pelos *futurians* não falem diretamente de Charles Fort, sua influência é sentida nos questionamentos que trazem. Diversas delas apresentam uma espécie de contradição em relação à ciência: ainda que elas negassem a ciência de então, elas pregavam que a espécie de conhecimento ali presente seria ciência e que no futuro seria reconhecido como tal.

Uma história muito interessante nesse sentido é "Something from Beyond", dos *futurians* Robert Lowndes, Frederik Pohl e Dirk Wylie. O conto foi publicado na edição de dezembro de 1941 da *Future Combined with Science Fiction*, editada por Lowndes, e inicia da seguinte forma:

> Wallace Grey was born in 2009, some thirty years after Harley Graeme made his first moon flight, in Norwich, and was schooled in Laurie Hall nearby, later attending Norwich University.
> Although not nationally known, Norwich University has a fine, solid reputation for turning out acute, liberally-minded men, men who are neither too idealistic to adjust themselves to the harsh practicalities, nor yet too cut and dried to see beyond their noses. There are compulsory courses in subjects the mere mention of which would

116 "Elas [as estrelas] são bolas de fogo, não são? no meio do espaço?" "Isso é o que um cientista dirá a você - mas como sabemos que os cientistas estão certos? Você nunca leu os livros de Charles Fort - nem eu, mas eu li sobre eles. Fort tinha uma teoria de que as estrelas estão muito mais próximas do que os cientistas pensam. E quanto ao que elas são - do que são feitas - como sabemos? Como todo mundo sabe?"

> bring ridicule in other schools; they teach the occult and delve into what is known as Black Magic. Yet never do they permit their students thus to lose their grip on a world which denies and derides these things. The purpose of these courses is to instill into the student a love of truth and the unknown; they seek to make them like those sturdy scholars of a distant past who were willing to search through innumerable haystacks of falsehood for the needle of truth therein. Norwich men have always been the last to snort and cry "impossible" when the unknown occurs (LAVOND, 1941b, p. 100)[117].

Os conhecimentos se misturam em “Something from Beyond” e magia negra é ensinada na universidade como forma de manter os alunos abertos para o desconhecido. Depois de se formar, Grey entrou para a Patrulha Espacial e estava se destacando até que foi encontrado morto, junto com os dois outros membros da Patrulha, na nave que comandava. As circunstâncias das mortes são misteriosas, já que os corpos dos três estavam congelados, mas o interior da nave estava aquecido. Na sequência, o conto traz trechos do diário de Grey. A primeira entrada traz a seguinte observação:

> Whatever our scientists may say about the lifelessness of space, I cannot help believing that the void is indeed a harbor of life, even though it may not resemble the life we know. Perhaps such life is so alien that the very word itself cannot be applied, so different that by no stretch could the most plastic imagination conceive it. Yet, we *have* this word, and it signifies anything which possesses consciousness of being; to that we add growth, power of ingestion, reproduction, motion and thought. Perhaps there are vortices of pure thought here in space... But there is something out here which we cannot see, hear, taste, touch or smell. Yet we do *sense* its presence; we know it is here (LAVOND, 1941b, p. 100-101, grifos no original)[118].

117 Wallace Gray nasceu em 2009, cerca de trinta anos depois que Harley Graeme fez seu primeiro voo até a lua, em Norwich, e foi educado nas proximidades de Laurie Hall, depois frequentando a Universidade de Norwich. Embora não seja nacionalmente conhecida, a Universidade de Norwich tem uma excelente reputação por ter desenvolvido homens de mentalidade perspicaz e liberal, homens que não são nem idealistas demais para se ajustarem aos aspectos mais duros, nem secos demais para enxergar além de seus narizes. Há disciplinas obrigatórias em assuntos cuja mera menção seria ridicularizada em outras escolas; eles ensinam o oculto e mergulham no que é conhecido como Magia Negra. No entanto, nunca permitem que seus estudantes percam o controle de um mundo que nega e ridiculariza essas coisas. O objetivo desses cursos é incutir no aluno um amor à verdade e ao desconhecido; eles procuram fazê-los como aqueles estudiosos vigorosos de um passado distante que estavam dispostos a vasculhar inumeráveis palheiros de falsidade pela agulha da verdade neles contida. Os homens de Norwich sempre foram os últimos a grunhir e proclamar "impossível" quando o desconhecido ocorre.

118 Seja o que for que nossos cientistas digam sobre a falta de vida do espaço, não posso deixar de acreditar que o vazio é realmente um porto de vida, mesmo que não se assemelhe à vida que conhecemos. Talvez tal vida seja tão estranha que a própria palavra em si não possa ser aplicada, tão diferente que mesmo a maior imaginação plástica a concebesse. No entanto, temos essa palavra e significa qualquer coisa que possua consciência de ser; a isso acrescentamos crescimento, poder de ingestão, reprodução, movimento e pensamento. Talvez existam vórtices de puro pensamento aqui no espaço ... Mas há algo aqui que não podemos ver, ouvir, provar, tocar ou cheirar. Ainda assim,

Grey sente que há uma espécie de vida, ainda que o que se entenda por vida não dê conta de abarcar essa presença. Ele lembra de um antigo livro ocultista que narra os demônios no espaço que congelam os homens e que não há fogo que diminua esse frio. Grey entende então que ele e os companheiros vão morrer em breve, e a última entrada traz o trecho do suposto livro com essa premonição.

Ao mesmo tempo que aponta os limites da ciência em responder todas as questões, “Something from Beyond” indica que as respostas podem não estar no futuro, mas sim no passado. O conto brinca com as fronteiras da ficção científica com outros estilos narrativos, como a fantasia e o horror. Para os fãs “puristas”, a história não deveria fazer parte da revista: “Something from Beyond had too much basis in the strictly weird for Future. It just wasn't handled right for stf; in a magazine of weird fiction, it would have been okay, but not in Future” (ANDREWS, 1942a, p. 112)[119].

Várias histórias dos *futurians* estão nessa “zona cinzenta”, entre-gêneros. Talvez o *futurian* que mais tenha explorado o ocultismo em seus textos seja Hannes Bok. Bok era conhecido na ficção científica por suas ilustrações, que apareciam em várias revistas e algumas vezes chegavam até às capas. Já nelas é possível perceber uma mistura de elementos:

---

sentimos sua presença; nós sabemos que está aqui.

119 “Something from Beyond” tinha muita base no esquisito para a Future. Não foi tratada corretamente para a ficção científica; em uma revista de ficção do estranho [weird fiction], estaria tudo bem, mas não na Future.

Figuras 08, 09, 10 e 11, no sentido horário: ilustrações feitas por Hannes Bok para as histórias “Passage to Sharanee” (Future Combined with Science Fiction, abril de 1942); “It's a Young World” (Astonishing Stories, abril de 1941); “The Golden Road”(Stirring Science Stories, março de 1942) e “The City in the Sofa” (Cosmic Stories, julho de 1941)

Fonte: Eaton Collection, fotografias da autora

Bok também se aventurou na escrita da ficção. No conto “Tragic Magic”, ele explora a ligação da ciência com a magia:

> There are scientific-minded people who claimed that if it were not for the persistence of witchcraft through the ages we would have no Science at all today; which is true enough. Witchcraft is the mother of our present Science.
> Then a few of these scientifc-minded people go a little farther to declare that Witchcraft is in itself a Science – a dark, secret kind of science, based on natural laws not yet generally comprehended. But your author claims that if witchcraft is any science at all, it is simple psychology (BOK, 1944, p. 98)[120].

O trecho acima é bem interessante, Bok se coloca na história e afirma que para ele, a magia não é nada mais do que psicologia. Assim como no conto “Something from Beyond”, discutido acima, há uma ligação entre magia negra e ciência. Em “Tragic Magic”, no entanto, essa ligação tem a ver com as origens da ciência, e o autor apresenta a magia como mãe dela. O conto ainda fala que no presente existe quem veja a magia como uma ciência não totalmente compreendida.

Na noveleta “Nightfall”, o *futurian* Isaac Asimov retrata um mundo em que a ciência se vale da religião para decifrar um mistério astronômico, porém é desacreditada pela população:

> After all, this is not the century to preach 'the end of the world' is at hand to Lagash. You have to understand that people don't believe the 'Book of Revelations' any more, and it annoys them to have scientists turn about face and tell us the Cultists are right after all (ASIMOV, 1941b, p. 11)[121].

Lagash é sempre iluminada por pelo menos um de seus seis sóis. O planeta não conhece noite ou escuridão – e nem estrelas. Os cientistas de um observatório descobriram que a cada 2049 anos um eclipse total ocorre e deixa o planeta nas trevas. Estrelas, até então desconhecidas da população, tornam-se visíveis. Isso é

---

120 Há pessoas de mentalidade científica que afirmavam que, se não fosse pela persistência da feitiçaria através dos tempos, não teríamos ciência alguma hoje; o que é verdade. A bruxaria é a mãe da nossa ciência atual. Então, algumas dessas pessoas de mentalidade científica vão um pouco mais longe ao declarar que a Bruxaria é em si uma Ciência - um tipo de ciência obscura e secreta, baseada em leis naturais ainda não compreendidas em geral. Mas seu autor afirma que, se bruxaria é uma ciência, é simplesmente psicologia.

121 Afinal, este não é o século para pregar "o fim do mundo" está à mão para Lagash. Você tem que entender que as pessoas não acreditam mais no “Livro das Revelações”, e as incomoda de ter cientistas se virando e dizendo que os Cultistas estão certos, afinal de contas.

suficiente para enlouquecer as pessoas, que acabam por destruir toda a civilização. Vestígios mostram que Lagash já passou por pelo menos nove desses episódios.

Os cientistas descobriram tudo isso faltando apenas dois meses para o próximo eclipse. Eles então equipam um grupo de pessoas para se esconder durante o fenômeno com todos os dados disponíveis até então. Esse grupo de pessoas formará a base da nova civilização lagashiana, que não começará do zero, como as anteriores. No observatório, eles acompanham o desaparecimento dos sóis, um a um, até a completa escuridão:

> Theremon staggered to his feet, his throat constricting him to breathless, all the muscles of his body writhing in a tensity of terror and sheer fear beyond bearing. He was going mad, and knew it, and somewhere deep inside a bit of sanity was screaming, struggling to fight off the hopeless flood of black terror. It was very horrible to go mad and know that you were going mad – to know that in a little minute you would be here physically and yet all the real essence would be dead and drowned in the black madness. For this was the Dark – the Dark and the Cold and the Doom (…).
> The long night had come again (ASIMOV, 1941b, p. 34)[122].

Publicada na edição de setembro de 1941 da *Astounding Science Fiction*, “Nightfall” é considerada uma das melhores histórias de ficção científica de todos os tempos. A ideia para a noveleta veio de um poema de Emerson mostrado por Campbell a Asimov e que serve como epígrafe da história: “If the stars should appear one night in a thousand years, how would men believe and adore; and preserve for many generations the remembrance of the city of God” (EMERSON apud ASIMOV, 1941b, p. 09)[123].

Em sua autobiografia, Asimov contou um episódio engraçado a respeito da noveleta, quando foi assistir a uma palestra sobre ficção científica:

> I took a seat well in the back without making myself known, and I had not yet reached the stage where I could be recognized offhand. I could therefore listen in welcome anonymity.

---

122 Theremon cambaleou a seus pés, sua garganta apertando-o até ficar ofegante, todos os músculos de seu corpo se contorcendo em uma tensão de terror e medo além do suportável. Ele estava enlouquecendo, e sabia disso, e em algum lugar lá dentro um pingo de sanidade estava gritando, lutando para repelir a inundação sem esperança do terror negro. Era muito horrível enlouquecer e saber que você estava enlouquecendo - saber que em um minuto você estaria aqui fisicamente e, no entanto, toda a essência real estaria morta e afogaria-se na loucura negra. Pois este era o Escuro - o Escuro e o Frio e o Juízo Final (...). A longa noite tinha chegado novamente.

123 Se as estrelas aparecerem uma noite a cada mil anos, como os homens acreditarão e adorarão e preservarão por muitas gerações a lembrança da cidade de Deus

Guenther, it turned out, was a German—a Prussian, in fact—and spoke with a thick German accent. He was, however, by no stretch of the imagination a Nazi, but was indeed a kindly and sweet gentleman, and utterly other-worldly.

Yet he still had a peculiarly Teutonic notion of the mystical value of soil. He felt that civilization was a product of the Old World and could not flourish indigenously in the New. (When someone raised the question of the Incas and the Mayas, he dismissed them with a wave of the hand.)

Therefore, he maintained, when Old World civilization was transplanted to the New World, a distortion was introduced and one of the ways in which this distortion was evidenced was by the peculiar American invention of science fiction, which was not to be confused with earlier European ventures in the field (Jules Verne, for instance). American science fiction turned Old World values upside down.

Take, for instance, he said, the story "Nightfall" by Isaac Asimov. (At this point, I shrank lower in my seat.) It dealt with stars as instruments of madness, whereas in all Old World views of the universe, the stars were seen as gentle, benign, and friendly.

He continued to describe the manner in which "Nightfall" reversed or distorted common views and, in general, built up an interpretation of the story that had me gasping.

When the lecture was over, members of the audience flocked around him, and I waited patiently. When I was the only one left, I said, "Dr. Guenther, your analysis of 'Nightfall' is all wrong."

"Well, that is a matter of opinion," said Dr. Guenther, smiling gently.

"No, it is not," I said, forcefully. "I am certain you are wrong. Nothing of what you said was in the author's mind."

"And how can you know that?"

That was when I let the guillotine blade fall. "Because, Dr. Guenther, I am the author."

His face lit up, "You are Isaac Asimov?"

"Yes, sir."

"How pleased I am to meet you." Then he said, "But tell me, what makes you think, just because you are the author of 'Nightfall,' that you have the slightest inkling of what is in it?"

And of course I couldn't answer that question because it suddenly became clear to me that there might well be more in a story than an author was aware of.

Dr. Guenther and I became good friends after that (ASIMOV, 1979, l. 1384)[124].

---

124 Sentei-me bem no fundo sem me dar a conhecer, e ainda não havia chegado ao estágio em que pudesse ser reconhecido. Eu poderia, portanto, ouvir em um bem vindo anonimato. Guenther, na verdade, era um alemão - na verdade um prussiano - e falava com um forte sotaque alemão. No entanto, ele não era de forma alguma um nazista, mas era de fato um cavalheiro gentil e doce, e completamente do outro mundo. No entanto, ele ainda tinha uma noção peculiarmente teutônica do valor místico do solo. Ele achava que a civilização era um produto do Velho Mundo e não poderia florescer de forma indígena no Novo. (Quando alguém levantou a questão dos incas e dos maias, ele os dispensou com um aceno de mão). Portanto, ele sustentou, quando a civilização do Velho Mundo foi transplantada para o Novo Mundo, uma distorção foi introduzida e uma das maneiras pelas quais essa distorção foi evidenciada foi pela invenção americana peculiar da ficção científica, que não deveria ser confundida com as tentativas anteriores europeias (Júlio Verne, por exemplo). A ficção científica americana virou os valores do Velho Mundo de cabeça para baixo. Veja, por exemplo, a história "Nightfall" de Isaac Asimov. (Neste ponto, eu me encolhi na minha cadeira.) Tratava-se de estrelas como instrumentos de loucura, enquanto em todas as visões do universo do Velho Mundo, as estrelas eram vistas como gentis, benignas e amistosas. Ele continuou a descrever a maneira pela

A leitura de Guenther a respeito de “Nightfall” é bem curiosa, e vai ao encontro das diferenças entre a ciência do velho e do novo mundo, discutidas na seção 2.1. O que mais chama a atenção no trecho acima, no entanto, é a reação de Asimov à interpretação de Guenther. A ideia de que um autor é especialista em sua obra ainda é comum hoje e, em muitos trabalhos, é possível encontrar confusão entre as “intenções do autor” e o significado da obra, como se as duas coisas fossem uma só.

Diferente de outros *futurians*, Asimov não simpatizava com Charles Fort:

> You see, every once in a while a science fiction magazine would run a non-fiction piece that dealt with some subject the editor conceived to be of interest to science fiction readers. Generally, such articles tended to be a little mystic in content, and I was never satisfied with that. *Astounding Stories,* for instance, published *Lo!* a book by Charles Fort, in eight installments beginning with the April 1934 issue. It irritated the devil out of me, since to me it seemed to be an incoherent mass of quotations from newspapers out of which ridiculous conclusions were drawn (ASIMOV, 1974, l. 2179)[125].

Tanto Wollheim em “Up There” quanto Asimov em “Nightfall” escreveram sobre as estrelas e sobre outras formas de enxergá-las. Wollheim explorou as ideias de Fort, enquanto Asimov partiu de um poema de Emerson.

No livro *Wild Talents*, Charles Fort escreveu a respeito de sua obra:

> “Good morning!” said the dog. He disappeared in a thin, greenish vapor.
> I have this record, upon newspaper authority.

---

qual "Nightfall" inverteu ou distorceu pontos de vista comuns e, em geral, construiu uma interpretação da história que me deixou ofegante. Quando a palestra terminou, os membros da audiência reuniram-se em torno dele e eu esperei pacientemente. Quando eu era o único que restava, eu disse: "Dr. Guenther, sua análise de 'Nightfall' está errada". "Bem, isso é uma questão de opinião", disse o Dr. Guenther, sorrindo gentilmente. "Não, não é", eu disse, com força. "Tenho certeza de que você está errado. Nada do que você disse estava na mente do autor." "E como você pode saber disso?" Foi quando deixei a lâmina da guilhotina cair. "Porque, Dr. Guenther, eu sou o autor." Seu rosto se iluminou: "Você é Isaac Asimov?" "Sim senhor." "Quão satisfeito estou em conhecê-lo." Então ele disse: "Mas me diga, o que faz você pensar, só porque você é o autor de 'Nightfall', que você tem o menor indício do que está nele?" E é claro que não consegui responder a essa pergunta porque, de repente, ficou claro para mim que talvez houvesse mais em uma história do que um autor estava ciente. Dr. Guenther e eu nos tornamos bons amigos depois disso.

125 Você vê, de vez em quando uma revista de ficção científica publicava uma peça de não-ficção que tratava de algum assunto que o editor considerava ser de interesse para os leitores de ficção científica. Geralmente, esses artigos tendiam a ser um pouco místicos em conteúdo, e eu nunca fiquei satisfeito com isso. A Astounding Stories, por exemplo, publicou Lo! um livro de Charles Fort, em oito partes a partir da edição de abril de 1934. Isso me irritou profundamente, já que para mim parecia uma massa incoerente de citações de jornais, das quais tiravam conclusões ridículas.

> It can't be said—and therefore will be said-—that I have a marvelous credulity for newspaper yarns.
> But I am so obviously offering everything in this book, as fiction. That is, if there is fiction. But this book is fiction in the sense that *Pickwick Papers,* and *The Adventures of Sherlock Holmes,* and *Uncle Tom's Cabin;* Newton's *Principia,* Darwin's *Origin of Species, Genesis, Gulliver's Travels,* and mathematical theorems, and every history of the United States, and all other histories, are fictions. A library-myth that irritates me most is the classification of books under "fiction" and "non-fiction." (FORT, 1974, l. 14514)[126].

Fort classifica não apenas seu livro como ficção, mas também os trabalhos de Newton e Darwin e a própria história. Essa equiparação entre obras literárias e científicas é bem interessante, e destoava da imagem de ciência geralmente veiculada. No imaginário, muitas vezes a ficção é associada à mentira, enquanto a ciência busca ser a verdade, "os fatos". Para Donna Haraway, tanto a ciência quanto a cultura popular estão entrelaçadas de fato e ficção. A estudiosa norte-americana aponta que, embora muitas vezes fato e ficção sejam apresentados como diametralmente opostos, eles carregam muitas semelhanças, a começar pela sua epistemologia, que remonta à experiência. Enquanto fato seria uma experiência passada, a ficção seria uma forma ativa, no presente (HARAWAY, 1989).

Para John Cheng, a ficção científica conecta passado, presente e futuro ao imaginar a ciência do amanhã:

> Scientific facts were science past, knowledge already fashioned, already made. Scientific fiction was science future, science still to be fashioned or made. Science fiction's imagining of science linked past to future, fact to fiction, beyond the horizon of present science (CHENG, 2013, p. 92).[127]

Em "Mars Tube", dos *futurians* Frederik Pohl e Cyril Kornbluth e publicada na edição de setembro de 1941 da *Astonishing Stories*, uma sociedade marciana não era capaz de distinguir entre fato e ficção:

---

126 "Bom dia!" disse o cachorro. Ele desapareceu em um vapor fino e esverdeado. Eu tenho esse registro, sob a autoridade do jornal. Não pode ser dito - e portanto será dito - que tenho uma credulidade maravilhosa para com os jornais. Mas estou obviamente oferecendo tudo neste livro como ficção. Isto é, se houver ficção. Mas este livro é ficção no sentido de que os papéis de Pickwick, e As Aventuras de Sherlock Holmes e A Cabana do Pai Tomás; Os Princípios de Newton, Origem das Espécies de Darwin, Gênesis, Viagens de Gulliver e teoremas matemáticos, e todas as histórias dos Estados Unidos e todas as outras histórias, são ficções. Um mito da biblioteca que mais me irrita é a classificação de livros em "ficção" e "não-ficção".

127 Fatos científicos eram ciência passada, conhecimento já formado, já feito. Ficção científica era o futuro da ciência, ciência ainda a ser formada ou feita. A imaginação da ciência da ficção científica ligava passado ao futuro, fato à ficção, além do horizonte da ciência do presente.

> The Martians had made no literary distinction between fact and fiction, as far as could be learned. It had been their opinion that anything except pure thought-transference was only approximately true, and that it would be useless to distinguish between an intentional and an unintentional falsehood (GOTTESMAN, 1941c, p. 12)[128].

Para os marcianos, o que aproxima fato e ficção é a impossibilidade de atingir a verdade. Apenas a transferência de pensamentos poderia levar a ela (mais à frente, discutirei a telepatia nas histórias de ficção científica). O editor da revista e co-autor da história, Frederik Pohl, escolheu destacar essa ideia para apresentar a história: "The dead Martians had made no distinction between fact and fiction in their writings. So naturally, Earth's archaelogists took it for granted that some of the impossible things they mentioned were fictitious..." (POHL, 1941b, p. 10)[129].

Na noveleta, um arqueólogo, uma bibliotecária e um "Roëntgenologista" compõem a primeira expedição exploratória a visitar Marte depois que cinco décadas de guerra com a Terra acabaram por aniquilar a população do planeta vermelho. O objetivo deles é catalogar conhecimentos que possam ser úteis na Terra. O transporte marciano, por exemplo, é bastante interessante e dá nome à noveleta: trata-se de um sistema de tubos interligados por onde os trens se movem e se carregam. Dessa forma, mesmo após a extinção da população, os trens continuam circulando precisamente. Uma análise dos aros de metal e dos geradores para a força propulsora mostraram que o sistema está além da ciência terrestre. Os pesquisadores são então surpreendidos por "Under-Eaters", seres muito parecidos com os humanos mas que habitavam Marte e tinham o costume de comer suas vítimas. Eles haviam lido sobre os Under-Eaters, mas pensaram se tratar de uma lenda, justamente pela indistinção entre fato e ficção dos marcianos. O trio acaba salvo por robôs que aparecem para lutar com os Under-Eaters.

Outras duas histórias, publicadas já depois do fim da *Futurian Society of New York* por antigos membros, também trazem essa discussão entre fato e ficção de maneira muito interessante e que vale a pena abordar. A primeira delas é a noveleta "Chaos, Co-ordinated" de James Blish e Robert Lowndes, publicada na *Astounding*

---

128 Os marcianos não faziam nenhuma distinção literária entre fato e ficção, tanto quanto pudemos aprender. Tinha sido sua opinião que qualquer coisa, exceto a pura transferência de pensamento, era apenas aproximadamente verdadeira, e que seria inútil distinguir entre uma falsidade intencional e não intencional.

129 Os extintos marcianos não faziam distinção entre fato e ficção em seus escritos. Então, naturalmente, os arqueólogos da Terra tomaram como certo que algumas das coisas impossíveis que eles mencionaram eram fictícias...

Science Fiction de outubro de 1946. Nela, a Terra está em guerra com uma federação espacial coordenada por uma máquina. Essa máquina não distingue entre fato e ficção:

> You remember that you recited sections of 'The Hunting of the Snark' to Coordination as an observer's report. The machine was geared to accept anything told it by observers as fact, since there had been no reason for its builders to condition it against lies or just plain nonsense. The machine, in short, was incapable of distinguishing between fact and fantasy (MACDOUGAL, 1946, p. 55)[130].

Um astronauta consegue "quebrar" a máquina ao ler *The Hunting of the Snark,* um poema nonsense de Lewis Carroll pra ela:

> They roused him with muffins, they roused him with jam,
> They roused him with mustard and cress,
> They roused him with ice and judicious advice,
> They set him conundrums to guess,
>
> must have upset the medical practice in Celestia. There's another assumption that Carroll makes; that maps without any lines on them are useful in navigation – easier to understand. That must have had some effect on the Celestial navy. There are lots of 'facts' of that order in the poem (MACDOUGAL, 1946, p. 55)[131].

Ao aceitar o poema como um "fato", a máquina responsável por gerir diversos planetas toma decisões que bagunçam tudo, facilitando para que a Terra vença a guerra. A fórmula da "edisonade" é aplicada a um novo tipo de ameaça, e a astúcia do astronauta se sobressai à inteligência artificial da máquina.

Outra história que explora as aproximações e brinca com os limites entre fato e ficção é "The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline", de Isaac Asimov, publicada na *Astounding Science Fiction* de março de 1948 e que dá nome a este capítulo. Com estrutura igual a de um artigo científico, Asimov escreveu sobre as supostas propriedades de um elemento inventado por ele, a Thiotimoline. A

---

130 Você se lembra de que recitou seções de "The Hunting of the Snark" à Coordenação como um relatório de observador. A máquina estava preparada para aceitar qualquer coisa que os observadores lhe dissessem como fato, já que não havia razão para que seus construtores a condicionassem contra mentiras ou simplesmente absurdos. A máquina, em suma, era incapaz de distinguir entre fato e fantasia.

131 Eles o despertaram com muffins, eles o despertaram com geléia/ Eles o despertaram com mostarda e agrião/ Eles o despertaram com gelo e conselhos judiciosos/ Eles colocaram-lhe enigmas para adivinhar, deve ter perturbado a prática médica em Celestia. Há outra suposição que Carroll faz; que mapas sem linhas são úteis na navegação - mais fáceis de entender. Isso deve ter tido algum efeito na marinha celeste. Há muitos "fatos" dessa ordem no poema.

característica desse elemento é que a reação ocorre em tempo negativo, ou seja, antes mesmo de iniciar! Ao final do artigo, Asimov listou uma série de supostas referências bibliográficas, todas inventadas por ele.

Figura 12: Tabela incluída no artigo de Asimov, mostrando os tempos negativos durante o processo de purificação

TABLE I

Purification Stage	*Average "T" (12 observations)*	*"T" extremes*	*% error*
As Isolated	—0.72	—0.25; —1.01	34.1
First recrystallization	—0.95	—0.84; —1.09	9.8
Second recrystallization	—1.05	—0.99; —1.10	4.0
Third recrystallization	—1.11	—1.08; —1.13	1.8
Fourth recrystallization	—1.12	—1.10; —1.13	1.7
First resublimation	—1.12	—1.11; —1.13	0.9
Second resublimation	—1.122	—1.12; —1.13	0.7

122 ASTOUNDING SCIENCE-FICTION

Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

O editor da *pulp*, John Campbell, também entrou na brincadeira, e publicou o texto de Asimov na coluna da revista "Artigos", onde sempre eram publicados textos que discutiam algum avanço ou possibilidade científica. Muitos leitores acreditaram tratar-se de um artigo "verdadeiro":

> So, in an accepting frame of mind I struggled through the above named "article." It being somewhat out of my field, I did not realize it as being fishy until I started checking. Needless to say I soon discovered that it was an admirable piece of double talk. Excellent, as such. I and a librarian checked for an hour on the bibliography – and the library is eight miles from my home (…).
> Also, it makes me wonder, "Were the other articles straight?" or did I accept some for gospel? (HACKETT, 1948, p. 148)[132].

132 Então, em um estado de espírito de aceitação, eu lutei com o "artigo" acima mencionado. Sendo um pouco fora do meu campo, eu não percebi isso como sendo suspeito até que comecei a checar. Desnecessário dizer que logo descobri que era uma admirável conversa fiada. Excelente como tal. Eu e um bibliotecário checamos por uma hora na bibliografia - e a biblioteca fica a oito milhas de minha casa (...). Além disso, isso me faz pensar: "Os outros artigos eram corretos?" Ou aceitei alguns como o evangelho?

Entre as falsas referências usadas por Asimov, havia coisas como: “E. Harley-Short, Philosophical Proceeding & Reviews, 15, 125-197 (1946). 'Determinism and Free-Will. The Application of Thiotimoline Solubility to Marxim (sic) Dialetic'.” (ASIMOV, 1948, p. 125). A aplicação da Thiotimoline no marxismo dialético deveria ser um bom indicativo de que as referências haviam sido inventadas; para o leitor, porém, o fato de ser chamado de “artigo” o induziu ao erro. Além disso, ele se questionou sobre outros artigos que poderiam também ser falsos.

Um outro leitor conta que não imaginava que fosse uma peça, até que alguém levantou essa possibilidade em um encontro do clube de ficção científica do qual ele fazia parte. Ele, também, decidiu ir checar as referências na biblioteca:

> Displaying my usual brilliance, it took me but an hour's research at the library to discover that the references were entirely fictitious!
> What a relief! Although, it is not immediately obvious, the whole structure of science and mathematics would crumble if such a little “fact” were true (COX, 1948, p. 150)[133].

É engraçado que tantos fãs tenham pensado que “The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline” fosse “real” apenas por estar na seção de artigos da revista. O episódio mostra que os leitores confiavam na revista e em seu editor para dizer o que era ou não científico. Dois anos depois, o texto de Asimov seria novamente mencionado na *Astounding*, na introdução do ensaio “Dianetics: The Evolution of a Science”, falando que não se tratava de uma paródia, como “thiotimoline”.

O autor do ensaio era L. Hon Rubbard que, assim como os *futurians*, escrevia textos de ficção científica na década de 1940. Segundo Rubbard, a mente seria dividida em três partes: somática, analítica e reativa. Na parte reativa, estariam concentradas as memórias traumáticas, chamadas de *engram*. Com um método próprio (chamado de auditoria – que nos anos seguintes passaria a contar com uma máquina parecida com um detector de mentiras), seria possível alcançar eventos escondidos na memória do paciente e assim aliviar sua dor física e mental.

A Dianética se tornou bastante popular, e diversos fãs de ficção científica passaram a dar suporte a ela. Nos anos seguintes, Rubbard transformaria a Dianética em uma nova religião, a Cientologia. A fronteira entre ficção científica e

133 Exibindo meu brilho habitual, levei apenas uma hora de pesquisa na biblioteca para descobrir que as referências eram inteiramente fictícias! Que alivio! Embora, não seja imediatamente óbvio, toda a estrutura da ciência e da matemática se desintegraria se um "fato" tão pequeno fosse verdade.

ciência nem sempre era tão próxima quanto muitos fãs, leitores, escritores e editores acreditavam. A ciência das histórias era extrapolada, ou mesmo criada. A novidade é que um autor decidiu inventar uma ciência não mais para as histórias de ficção, mas para aplicação prática.

Rubbard foi além da ficção e desenvolveu seu próprio método de trabalho com o cérebro. A mente e o que seriam seus possíveis poderes ainda em grande parte desconhecidos geravam muita especulação na ficção científica. Histórias com telepatia eram comuns nas *pulps*, e é possível pensar essas histórias como testemunhas de um tempo em que se acreditava que tais coisas poderiam ser possíveis.

2.4 A CIÊNCIA EM CRISE

Thomas Kuhn, na obra *A estrutura das revoluções científicas,* argumenta que o desenvolvimento científico se dá através de modelos e padrões aceitos em um determinado tempo por um grupo de cientistas – é o que ele chamou de "paradigmas". Durante a vigência de um paradigma, desenvolve-se a "ciência normal", que é cumulativa. Ocorre que, de tempos em tempos, o paradigma não é mais capaz de solucionar problemas, gerando uma "crise". Diferentes paradigmas são propostos, até que um novo é aceito para substituir o antigo – é a chamada revolução científica:

> A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição da ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações. Durante o período de transição haverá uma grande coincidência (embora nunca completa) entre os problemas que podem ser resolvidos pelo antigo paradigma e os que podem ser resolvidos pelo novo. Haverá igualmente uma diferença decisiva no tocante aos modos de solucionar os problemas. Completada a transição, os cientistas terão modificado a sua concepção da área de estudos, de seus métodos e de seus objetivos (KUHN, 2009, p. 116).

O desenvolvimento científico, para Kuhn, intercala períodos de ciência normal com revoluções científicas, seguidas de ciência normal. Embora a ciência normal seja cumulativa, a revolução não é: ela é uma ruptura no desenvolvimento científico ocorrido até então.

Para o professor e pesquisador Roger Luckhurst, a ficção científica relaciona-se com o pensamento de Kuhn. Segundo ele:

> It Is less, then, that sf and its cognates are to be judged as inside or outside "proper" science but more that these fictions might be seen to occupy the temporary intervals when knowledge is controversial or in flux, in the phase-space between anomaly and normalization (to use the ancient terminology of Thomas Kuhn's *The Structure of Scientific Revolutions* (1962)) (LUCKHURST, 2009, p. 404)[134].

Luckhurst propõe que a ciência presente nas histórias de ficção científica seria a ciência do período de crise de Kuhn, quando há uma proliferação de teorias. Outro ponto levantado por Luckhurst que aparece também em Kuhn é como a história da ciência procura construir uma visão linear sobre si mesma:

> Once these phases are over, the history of science quietly erases all trace of the theories that were left behind. Yet sf might be regarded as the cultural record of these multiple, speculative possibilities – sometimes right, accurately predicting the trajectory of normal science in advance, but often gleefully, delightfully, gorgeously *wrong*. There is no shame in this, no error of faculty or cognition: the interval is sf's niche habitat (LUCKHURST, 2009, p. 405)[135].

A ficção científica seria, assim, um registro do período de crise das ciências e das possibilidades do período. É possível usar essa chave interpretativa para as histórias que tratam da mente. Até a década de 1970 ainda era amplamente desconhecido como o cérebro funciona (LEVY; SLONCZEWSKI, 2003). Ainda que o conhecimento fosse escasso, isso não impedia que os *futurians* especulassem sobre

---

134 É menos então, que a ficção científica e seus cognatos devam ser julgados como dentro ou fora da ciência, mas mais que essas ficções podem ser vistas como ocupando os intervalos temporários quando o conhecimento é controverso ou em fluxo, no espaço entre anomalia e normalização (para usar a terminologia antiga de A estrutura das revoluções científicas, de Thomas Kuhn (1962)).

135 Quando essas fases terminam, a história da ciência apaga silenciosamente todos os vestígios das teorias que foram deixadas para trás. Ainda assim, a ficção científica pode ser considerada como o registro cultural dessas múltiplas possibilidades especulativas - às vezes certas, prevendo com precisão a trajetória da ciência normal de antemão, mas frequentemente alegremente, deliciosamente, maravilhosamente errada. Não há vergonha nisso, nenhum erro de faculdade ou cognição: o intervalo é o nicho da ficção científica.

os possíveis “poderes” dela, especialmente em relação à telepatia. A seguir, abordarei alguns exemplos.

A telepatia geralmente aparece associada a sociedades alienígenas mais evoluídas, que desenvolveram tal característica. Na noveleta “Vacant World”, por exemplo, dos *futurians* Dirk Wylie, Cyril Kornbluth e Frederik Pohl, os alienígenas conseguem se comunicar telepaticamente com o astronauta Camp:

> A clear, curiously gentle voice seemed to sound in his brain.
> “Earthman,” it said. “Turn off your motors. We will not harm you.”
> Camp thought it over for a second, and switched off the motors, though not letting his hand stray too far from the starter button.
> “Who said that?” he demanded, suspiciously eyeing the two limply relaxes creatures.
> One of them oozed forward a trifle. “That's far enough!” Camp warned hastily.
> “I did,” came that clear voice again (WYLIE, 1941, p. 59-60).[136]

Na noveleta “Citadel of Thought”, do *futurian* James Blish, o fugitivo Dan Lothar é atingido pela patrulha espacial e acaba caindo em Vênus. Ele acorda curado:

> “Where am I?” he tried to say, but his lips would not form the words.
> “You are in the Hall of Thought, on Neptune, at the bottom of the Sea.”
> The Sea, Dan Lothar remembered, was liquid gases, mainly methane (…) it came to him that she had not moved her lips either during the entire conversation. Mind to mind - something puzzled him.
> “I was injured,” he began.
> “Do you suppose your bodily ailments have any moment in the Hall of Thought? The mind controls the body, as it controls, perhaps creates, all matter (BLISH, 1941a, p. 42)[137].

A mulher com quem ele está conversando telepaticamente aparenta ser jovem, mas na verdade tem 220 anos:

---

136 Uma voz clara, curiosamente suave parecia soar no seu cérebro. "Terráqueo", disse. "Desligue seus motores. Nós não vamos machucá-lo." Camp pensou sobre isso por um segundo, e desligou os motores, embora não deixando sua mão muito longe do botão de arranque. "Quem disse isso?", Ele perguntou, olhando desconfiado para as duas criaturas molengas. Um deles escorria para a frente um pouco. "Isso é suficiente!" Camp advertiu apressadamente." "Eu fiz", veio a voz clara novamente.

137 "Onde estou?" Ele tentou dizer, mas seus lábios não formaram as palavras. "Você está no Salão do Pensamento, em Netuno, no fundo do mar." O Mar, Dan Lothar lembrava, era de gases líquidos, principalmente metano (...), ele percebeu que ela não mexeu os lábios durante toda a conversa. Mente para mente - algo o intrigou. "Eu estava ferido", ele começou. “Você acha que suas doenças corporais tem espaço no Salão do Pensamento? A mente controla o corpo, como controla, e talvez crie, toda a matéria.

> When I was a little girl on Earth, about 1965, I was adopted by a college of metaphysicians (…). They taught me to believe death was unnecessary (…). I was never allowed to think anything about dying. I was told, and had no reason to think otherwise, that no one had to die, that I never would. My mental powers, groomed by them to greater ability, directed on that one lesson, pounded into me ceaselessly... well, I am deathless (BLISH, 1941a, p. 43)[138].

Ela, e outros com a mesma habilidade mental, perceberam uma ameaça à vida na Terra e então construíram o "Hall of Thought" em Vênus para rastrear esse pensamento. A ameça se aproxima, e eles precisam da ajuda de Lothar, já que embora tenham poderes psicológicos incríveis, não tem o conhecimento técnico necessário para construir naves ou armas. Novamente a distinção entre um saber prático e um teórico aparece, com a balança pendendo para o lado técnico. Os metafísicos são chamados pejorativamente por Lothar de "cérebros ambulantes" e "robôs orgânicos". No final, os intelectuais conseguem, com o poder da mente, destruir a arma dos inimigos:

> "Now you see the power of the mind," she whispered. "Are you sorry I am so much an intellectual, Dan Lothar?"
> It was an utterly human question.
> "You still have something to learn," he replied. "There are other powers." (BLISH, 1941a, p. 50)[139].

Ainda que tenham sido os intelectuais, com suas mentes treinadas, a detectar e eliminar a ameaça à Terra, o herói da história é Lothar. A noveleta de Blish aposta que o cérebro humano é capaz de atingir muitas coisas, inclusive a imortalidade, mas no fim, o saber prático ainda se sobressai.

A telepatia poderia ser, além de uma especulação científica, uma forma de discutir outras questões. Na mesma edição de "Citadel of Thought" foi publicada, também, a noveleta "Dead Center", do *futurian* Cyril Kornbluth. Nela, um alienígena, da raça que melhor domina hipnose e telepatia no universo, explica: "Once you really get into a person's mind you find out that you can't hate him. You're bound to

---

138 Quando eu era uma garotinha na Terra, por volta de 1965, fui adotada por uma universidade de metafísicos (...). Eles me ensinaram a acreditar que a morte era desnecessária (...). Nunca me foi permitido pensar em nada sobre morrer. Foi-me dito, e não tinha motivos para pensar de outra forma, que ninguém tinha que morrer, que eu nunca morreria. Meus poderes mentais, preparados por eles para grandes habilidades, dirigidos para aquela lição, me martelavam incessantemente ... bem, eu sou imortal.

139 "Agora você vê o poder da mente", ela sussurrou. "Você sente muito por eu ser uma intelectual, Dan Lothar?" Foi uma questão totalmente humana. "Você ainda tem algo a aprender", ele respondeu. "Existem outros poderes."

find something good" (GOTTESMAN, 1941a, p. 18)[140]. A telepatia, aqui, é uma metáfora para a empatia: colocar-se no lugar do outro é perceber algo de bom nele.

Kornbluth se interessava muito pelas questões mentais, e várias de suas histórias tem essa temática. No conto "Interference", publicado na edição de julho de 1941 da *Cosmic Stories*, a Terra está passando por uma epidemia de uma nova doença, de origem psicológica:

> One of the pleasant features of psychiatry is that once you have your problem broken down it is already solved. The synthetic element of logic is superfluous; analysis is sufficient. It might be that the shakes consisted of a fear of technical progress reaching epidemic proportions through hysterical contagion (DAVIES, 1941c, p. 38)[141].

Dois psicólogos são enviados para o espaço, para que consigam se dedicar ao problema. Eles tem um aparelho que funciona como um leitor de mente, mas precisam se afastar dos ruídos de milhares de mentes da Terra. No espaço, poderão acessar a mente um do outro para tentar chegar à cura:

> And because the shakes was a disease of psychological degeneration you had to fight it by probing into a mind and finding what was wrong. It didn't have to be a diseased mind, for every normal mind has in its depths the seeds of every psychological affliction that breaks out in wilder form (DAVIES, 1941c, p. 38)[142].

Essa maneira de enxergar as doenças mentais é bem interessante. Ainda hoje, há quem acredite que quem sofre de um distúrbio mental é "culpado" por tal. Muito antes de se entender que há componentes químicos e biológicos e, portanto, inerentes ao corpo humano, "Interference" já apontava que todas as mentes podem abrigar "as sementes das aflições psicológicas".

Outras duas histórias também fazem discussões interessantes a respeito da mente, mas sem ser ligadas à telepatia. A primeira delas é intitulada "Golden Nemesis", do *futurian* David Kyle, publicada na revista *Stirring Science Stories* de

140 Quando você entra realmente na mente de uma pessoa, descobre que não pode odiá-la. Você é obrigado a encontrar algo de bom.

141 Uma das características agradáveis da psiquiatria é que, depois de ter seu problema quebrado, já está resolvido. O elemento sintético da lógica é supérfluo; análise é suficiente. Pode ser que os tremores consistissem em um medo do progresso técnico, atingindo proporções epidêmicas através do contágio histérico.

142 E como os tremores eram uma doença de degeneração psicológica, você tinha que lutar contra isso sondando a mente e descobrindo o que estava errado. Não tem que ser uma mente doentia, pois toda mente normal tem em suas profundezas as sementes de toda aflição psicológica que irrompe na forma selvagem.

fevereiro de 1941. Nela, um homem decide explorar melhor as potencialidades do cérebro: “I believed that the entire brain, could be made usable, instead of the usual small amount. Such a discovery would mean a superman – a majestic intellectual!” (KYLE, 1941, p. 30)[143].

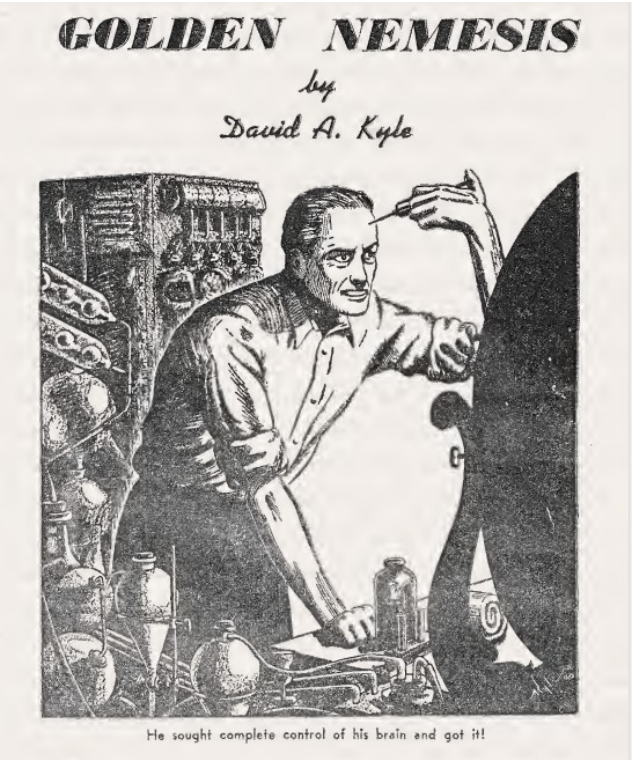
O protagonista, com o mesmo espírito da “edisonade”, decide testar em si mesmo o composto químico que criou para que o cérebro renda 100%. Ele consegue resolver equações complicadas em poucos minutos e decorar páginas e páginas de Shakespeare. Alguns dias depois, no entanto, a fórmula começa a apresentar os efeitos colaterais: “Every little act that I heretofore had done unconsciously was now dependent upon my continuous attention. At every movement, I had to think. A reversal had taken place; my mind had become the slave of my body” (KYLE, 1941, p. 32)[144].

Tendo que se lembrar de respirar e de fazer o coração bater, o homem não aguenta a pressão e sucumbe. Antes, destrói as anotações sobre sua descoberta. “Golden Nemesis” foi a única história publicada por Kyle na década de 1940, que se arriscou também no desenho, e ilustrou a própria história:

143 Eu acreditava que todo o cérebro poderia ser usado para além da pequena quantidade usual. Tal descoberta significaria um super-homem - um intelectual majestoso!

144 Cada pequeno ato que eu havia feito inconscientemente dependia agora da minha atenção contínua. A cada movimento, eu tinha que pensar. Uma reversão havia ocorrido; minha mente se tornou a escrava do meu corpo.

Figura 13: ilustração da história “Golden Nemesis” feita também por Kyle



Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

Outra história interessante que explora experimentos no cérebro é “Solar Plexus”, do *futurian* James Blish e publicada na *Astonishing Stories* de setembro de 1941. Nela, o astronauta Brant Kittinger encontra uma nave que acreditava ter sido destruída dez anos antes junto com Murray Bennett, que conduzia pesquisas ilegais sobre robôs. Kittinger vai até a nave mas não encontra ninguém, apenas uma voz:

> “You still don't see me? You're standing on me. Or rather, in me. I'm the ship.”
> Kittinger's jaw swung open by itself. He stared around him again. “Then this ship,” he said as things began to add up, “must be one of Murray Bennett's robots.”
> “No,” returned the voice softly. “This ship is Murray Bennett.” (BLISH, 1941e, p. 86)[145].

Murray Bennett conectou seu cérebro à nave espacial e transformou-se no que mais tarde seria chamado de ciborgue, um híbrido entre máquina e ser humano.

145 “Você ainda não me vê? Você está de pé sobre mim. Ou melhor, em mim. Eu sou a nave.” O queixo de Kittinger se abriu sozinho. Ele olhou em volta dele novamente. “Então esta nave”, disse ele, quando começou a somar as coisas, “deve ser um dos robôs de Murray Bennett”. "Não", devolveu a voz suavemente. "Este navio é Murray Bennett."

Sem ninguém suspeitar, ele continuou com seu trabalho de transferir cérebros humanos para robôs, atraindo astronautas para a nave para servirem de cobaias. Kittinger, com a ajuda de um outro prisioneiro, consegue derrotar Bennett e explica como agiu:

> If he had separated the pain nerves from the control nerves, he would have to make thousands of connections, not hundreds. I didn't think he could have done that, especially working telepathically through a proxy. He had just made general connections, and let his brain sort out the impulses as they came in, as any human brain could do automatically under like circumstances (…). So when I smashed the autopilot, it was like ramming a fist into a man's stomach. It hurt. He fainted (BLISH, 1941e, p. 89)[146].

O conto de Blish levanta questões discutidas ainda hoje na ficção científica: o que é a consciência? É possível separar o cérebro do corpo humano? Se sim, tal procedimento é ético?

A primeira *pulp* de ficção científica foi criada com o propósito de entreter, mas também de educar os leitores na ciência. Aos poucos, a ficção científica foi se afastando desse ideal, mas o componente "científico" das histórias ainda era importante para muitos fãs. Diversas histórias escritas pelos *futurians* na década de 1940 procuraram extrapolar a ciência, explorar o desconhecido, o que ainda não se sabia se era possível ou não. Em alguns casos, elas traziam uma ideia, ainda que improvável, para debater outras questões.

146 Se ele tivesse separado os nervos de dor dos nervos de controle, ele teria que fazer milhares de conexões, não centenas. Eu não acho que ele poderia ter feito isso, especialmente trabalhando telepaticamente através de um representante. Ele acabara de estabelecer conexões gerais e deixara que seu cérebro resolvesse as impurezas à medida que entravam, como qualquer cérebro humano poderia fazer automaticamente em circunstâncias semelhantes (...). Então, quando eu quebrei o piloto automático, foi como enfiar um soco no estômago de um homem. Isso machuca. Ele desmaiou

3 THE OTHER: QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA NA FICÇÃO CIENTÍFICA

Como discutido no capítulo anterior, a "edisonade" fazia do técnico/engenheiro/ inventor o herói das histórias de ficção científica. E como era esse herói? Na maior parte do tempo, um homem branco. Algumas vezes, no entanto, a ficção científica dos *futurians* subverteu essa fórmula e trouxe mulheres ou outras etnias para ocupar o lugar de destaque das histórias. Além disso, também estimulou reflexões sobre o racismo e o papel da mulher na sociedade nas páginas das revistas *pulp*. Por outro lado, em diversas ocasiões as histórias reverberaram o racismo e o machismo presente na sociedade americana da época. Neste capítulo, pretendo trabalhar essas questões e o complexo balanço entre o preconceito e o progressismo presentes nas histórias dos *futurians*.

3.1 QUESTÕES DE RAÇA

Na primeira metade do século XX, ainda estava em voga a "teoria" pseudocientífica da hierarquia de raças. O *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas,* escrito pelo Conde de Gobineau e publicado em 1855, foi uma das obras mais importantes na legitimização do discurso racista. Nele, a humanidade foi dividida entre brancos, amarelos e negros, sendo os brancos considerados superiores em relação às outras duas "raças". Gobineau ainda dividiu os brancos entre arianos e não-arianos. Na Alemanha, à época em que os *futurians* se reuniam para discutir ficção científica, essa "teoria" foi usada para que milhões de judeus fossem enviados para campos de concentração (além de judeus, outros grupos como ciganos, homossexuais, comunistas, testemunhas de Jeová, dentre outros, também foram enviados aos campos).

A história "Boomerang", do *futurian* John B. Michel, publicada na edição de verão de 1942 da *Science Fiction Quarterly*, trata da eugenia e das consequências nefastas para o futuro. No conto, um viajante do futuro tenta assassinar um senador:

> The present year is 1943. Senator Schenken instigated a law in the year 1945 which is the basis of the most vicious tyranny ever perpetrated on the human race. He introduced in that year and had

> passed an act of Congress which made universal sterilization of the unfit compulsory. The enactment into law of this damnable provision marks the beginning of enslavement of the American people to a robot-like bureaucracy. Encouraged, the rabid eugenists added more and more stipulations to the act until in my own time – 2034, it is impossible to marry anyone unless both of your heredities are compatible and in agreement with the formula of which the witch doctors we are forced to regard as scientific experts approve.
> "I feel in love," he confessed, a guilty look in his eyes, "with a type 25T Blonde, who, eugenically speaking, according to the standards of my day, is as fit a partner for me as a jellyfish is for a duck-billed plantypus. She loves me too and wants to marry me. But the experts said no, said that we were courting inevitable disaster for our children, which is a lot of what you would call bunk. There is a strong party opposed to the people in power and they are backed by what I firmly believe to be excellent scientific proof that eugenic selection is sheer hogwash, considering the fact that everybody in my world is healthy and completely free from disease" (CONWAY, 1942, p. 140)[147].

Na distopia criada por Michel, os Estados Unidos começaram esterilizando aqueles que não se encaixavam na ideia eugênica de sociedade ideal. Na sequência, passaram a controlar os nascimentos a partir dos casamentos dos futuros pais. O viajante no tempo fala ainda sobre como não há base científica para a eugenia, e justifica afirmando que no seu tempo, a humanidade está livre de todas as doenças. A solução encontrada por ele para acabar com a proibição do seu casamento é assassinar o senador que iniciou tudo isso. Só que seu atentado fracassou: "Schenken didn't die. While in the hospital, a blonde nurse got him interested in eugenics, brought him books to read. He left the hospital, a man with an axe to grind" (CONWAY, 1942, p. 141)[148].

---

147 O ano atual é 1943. O senador Schenken instigou uma lei no ano de 1945, que é a base da tirania mais perversa já perpetrada na raça humana. Ele introduziu naquele ano e passou no Congresso uma lei que tornou compulsória a esterilização universal dos impróprios. A promulgação em lei desta provisão condenável marca o começo da escravização do povo americano a uma burocracia quase robótica. Encorajados, os eugenistas irracionais acrescentaram mais e mais estipulações à lei até que, em meu próprio tempo - 2034, é impossível casar com alguém a menos que suas hereditariedades sejam compatíveis e de acordo com a fórmula que os doutores bruxos que somos forçados a considerar como especialistas científicos aprovam.
"Estou apaixonado", confessou ele, com um ar culpado nos olhos, "com um tipo 25T loira que, eugenicamente falando, seguindo os padrões do meu dia, é uma parceira tão apto para mim quanto uma água-viva é para um ornitorrinco. Ela também me ama e quer casar comigo. Mas os especialistas disseram que não, disseram que estávamos cortejando o inevitável desastre para nossos filhos, o que é um monte do que você chamaria de asneira. Há um partido forte que se opõe às pessoas no poder e elas são apoiadas pelo que eu acredito firmemente que é uma excelente prova científica de que a seleção eugênica é pura besteira, considerando o fato de que todos no meu mundo são saudáveis e completamente livres de doenças"

148 Schenken não morreu. Enquanto estava no hospital, uma enfermeira loira despertou nele o interessou pela eugenia, e trouxe livros para ele ler. Ele deixou o hospital, um homem com um machado para moer.

O conto termina assim, ou seja, foi a própria ida do protagonista ao passado para impedir a lei de Schenken que fez com que o senador conhecesse a eugenia. Esse tipo de viagem no tempo é conhecido como paradoxo de *bootstrap*, ou paradoxo ontológico, e conecta passado e futuro de uma forma quase contraditória: um acontecimento só é possível porque algo ou alguém do futuro interviu e o acontecimento acaba se tornando o causador dele mesmo. Não à toa, a história de Michel foi intitulada “Boomerang”.

Outra história de Michel fala das ideias eugênicas da Alemanha nazista e de como há apenas uma raça, a humana:

> Professor Heinrich Pfleugel had come to America in 1936 after making the bad mistake of writing the word “human” after the printed query “Race” on the questionnaire put in front of him by a member of the Gestapo. One of the world's leading antrophologists and experts on ballistics, they threw him out (RAYMOND, 1942e, p. 131)[149].

No conto “Daughters of Eternity”, do *futurian* Frederik Pohl, o Império Oberoniano lembra a Alemanha nazista:

> Agents operating on Rhea, former colony of Oberonian Empire, report inflammatory speeches being made, seemingly with government approval, if not actual sponsorship. Oberonian racist theories are re-emphasized. Many references are made to the Terrestrial and Martians as 'Lower orders of animate matter... unfit for rule, good only for slaves to the Oberonian Master race (MACCREIGH, 1942, p. 67)[150].

Colocadas dessa maneira, as ideias eugênicas de Hitler soam absurdas. Algumas vezes, no entanto, os *futurians* acabaram reproduzindo a ideia de hierarquia de raças, principalmente ligada à noção de progresso científico. É o caso do conto “The Embassy”, do *futurian* Donald Wollheim, publicado na *pulp Astounding Science Fiction* de março de 1942:

---

149 O professor Heinrich Pfleugel veio para os Estados Unidos em 1936 depois do grave erro de escrever a palavra "humano" após a pergunta "Raça" no questionário colocado a sua frente por um membro da Gestapo. Um dos principais antropólogos e especialistas em balística do mundo, eles o expulsaram.

150 Agentes que operam em Rhea, ex-colônia do Império Oberoniano, relatam discursos inflamados sendo feitos, aparentemente com a aprovação do governo, se não patrocínio real. As teorias racistas oberonianas são enfatizadas novamente. Muitas referências são feitas para os terrestres e marcianos como "estados inferiores de matéria animada ... impróprios para o governo, bons apenas para escravos da raça mestra de Oberonian.

> “Suppose you were a Martian,” he said (…).
> “When I say Martian, of course, the meaning is 'extraterrestrial of greater civilization than ours.' They may not be Martians. They even be from another galaxy. But assume you are what I call a Martian, and that you want to keep in touch with Earthly civilization and advancement. Just where would you go?”
> “Coney Island?” helplessly suggested the detective.
> “Naturally not,” said Grafius severely. “Nor to Sea Breeze, Kansas. Nor to Nome, Alaska. Nor to Equatorial Africa. You wouldn't go to some out-of-the-way part of the world where living is anywhere from twenty to several hundred years behind human progress. This will eliminate Asia and Africa. It will eliminate almost all of Europe and South America.”
> “I get it,” said Broderick. “The Martians would head for the U.S.A.”
> “Exactly. The United States today is the most technically and culturally advanced nation on Earth. And, further, if you came to the United States, you'd come to New York. You would come because it's the largest human concentration on the globe. It's the economic capital of the continent – the very hemisphere! (PEARSON, 1942a, p. 73)[151].

Em “The Embassy”, o progresso humano é tratado como linear (algo já visto no Capítulo 2). A diferença aqui é que ao desconsiderar todas as sociedades asiáticas e africanas como um possível destino dos marcianos, o conto mascara evolução técnica com racismo. Um conto de outro *futurian*, Walter Kubilius, faz a mesma coisa em relação aos povos nativos do Círculo Polar Ártico: '“Point one for civilization!” he said. “Three citizens of New Democracy looking for primitive Eskimos to save them! Ha!”' (KUBILIUS, 1942b, p. 26)[152]. Ao chamar os inuítes de primitivos, o conto acaba por reforçar a ideia de que os povos indígenas seriam inferiores em uma escala de evolução humana.

Um outro alvo de preconceito nos Estados Unidos e na ficção científica da década de 1930 eram os povos asiáticos, sobretudo os chineses. Quando o país declarou guerra ao Japão após o bombardeio de Pearl Harbor, houve uma mudança

---

151 “Suponha que você fosse marciano”, ele disse (…). “Quando digo marciano, claro, o significado é 'extraterrestre de uma civilização maior que a nossa'. Eles podem não ser marcianos. Eles podem até ser de outra galáxia. Mas suponha que você é o que eu chamo de marciano e que você deseja manter contato com a civilização e o progresso da Terra. Para onde você iria?” "Coney Island?", sugeriu impotente o detetive. "Naturalmente não", disse Grafius severamente. “Nem para Sea Breeze, Kansas. Nem a Nome, Alaska. Nem para a África Equatorial. Você não iria a uma parte remota do mundo onde a vida está de vinte a centenas de anos atrás do progresso humano. Isso eliminará a Ásia e a África. Isso eliminará quase toda a Europa e a América do Sul.” "Entendi", disse Broderick. "Os marcianos iriam para os EUA."
"Exatamente. Os Estados Unidos são hoje a nação mais técnica e culturalmente avançada da Terra. E, além disso, se você viesse para os Estados Unidos, viria para Nova Iorque. Você viria porque é a maior concentração humana no mundo. É a capital econômica do continente - o próprio hemisfério!”

152 “Ponto um para a civilização!” Ele disse. “Três cidadãos da Nova Democracia procurando por esquimós primitivos para salvá-los! Ha!”

em relação ao chamado “medo amarelo” (*yellow peril*). A China, que estava em guerra contra o Japão desde 1937, passou a receber uma ajuda maior dos Estados Unidos e os chineses viraram, assim, aliados, enquanto os japoneses transformaram-se em inimigos. A xenofobia destinada aos chineses passou a focar, a partir de então, nos japoneses e seus descendentes.

A noveleta “The Second Satellite”, do *futurian* Donald Wollheim, é um bom exemplo desse momento de transição. Na noveleta, um astronauta retorna à Terra e descobre que grandes pedaços de um cometa que se desintegrou caíram em cima do Japão e destruíram o país:

> The soldier laughed. Then, to Mikkelsen's surprise, he was told that the war had ended that day. That very morning, a bare three hours before, in fact. Several giant meteors of incredibly vast tonnage had fallen directly on Japan, virtually wiping it out. Every one of its cities and most of the Chinese coastal cities in Japanese hands had been leveled by the terrific blow. Perhaps three-quarters of the population had been snuffed out (PEARSON, 1943, p. 19)[153].

Publicada na edição de fevereiro de 1943 da *pulp Future Fantasy and Science Fiction*, a noveleta de Wollheim parece ter tentado traduzir a mudança da hostilidade. Enquanto os japoneses são literalmente esmagados, os chineses são retratados de forma benevolente.

Mesmo tornando-se aliados dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra, a entrada de chineses no país ainda era restrita e passou a ser controlada pela Lei da Imigração. Em vigor desde 1924 - e portanto já atingindo outras etnias -, essa lei limitava o número anual de imigrantes que poderiam ser admitidos a 2% do número de pessoas daquele país que moravam nos Estados Unidos de 1890.

Os *futurians* conheciam a realidade de quem decidiu mudar de país em busca de uma nova vida. Se não fosse pela imigração, dificilmente a ficção científica teria se desenvolvido nos Estados Unidos do jeito como foi. O *futurian* Damon Knight, em seu livro de memórias, aponta: “If Hugo Gernsback had stayed home, everything would have been different. Hugo came to New York City from Luxembourg in 1904,

153 O soldado riu. Então, para surpresa de Mikkelsen, ele foi informado de que a guerra havia terminado naquele dia. Naquela mesma manhã, três horas antes, na verdade. Vários meteoros gigantescos de tonelagem incrivelmente vasta haviam caído diretamente sobre o Japão, praticamente apagando-o. Cada uma de suas cidades e a maioria das cidades costeiras chinesas nas mãos dos japoneses foram derrubadas pelo terrível golpe. Talvez três quartos da população tenham sido extintos.

when he was nineteen" (KNIGHT, 2013, l. 69)[154]. Como visto no Capítulo 0, Gernsback foi um dos principais nomes para o gênero. O próprio grupo *The Futurian Society of New York* dependeu da imigração de várias pessoas para que ele existisse: os avós de Cyril Kornbluth eram poloneses; a mãe de John B. Michel era irlandesa; os pais de Leslie Perri eram alemães; Isaac Asimov mudou-se da Rússia com seus pais com apenas três anos de idade…

Além disso, vários deles eram judeus ou tinham uma origem judaica, como é o caso de Kornbluth, Michel, Asimov, Donald A. Wollheim, Judith Merril, Richard Wilson e James Blish. Nas décadas de 1930 e 1940, era impossível não refletir sobre essa identidade, segundo Asimov: "In the Nazi ferment of the 1930s, it was impossible to think of ourselves as anything but Jews, even if we abandoned Judaism. We might have been born in Russia, but we weren't Russians" (ASIMOV, 1979, p. 202)[155].

Nas histórias de ficção científica escritas pelos *futurians*, o tema da imigração aparece camuflado, como nesse trecho de "Wide-Open Ship", de Richard Wilson:

> Reg Werth was a Martian only because he had had Martian parents. He himself had been born in Windsor, a midwestern city of the North American Federation, and was therefore a Tellurian by nativity. At that time, however, (around 2109) the law refused N.A.E. citizenship to children born of extraterrestrial parents (WILSON, 1942a, p. 90)[156].

Ao trazer o choque de culturas entre terráqueos e alienígenas, a ficção científica possibilita uma discussão sobre racismo (já voltarei a falar disso). O *futurian* Isaac Asimov contou que evitava escrever histórias com alienígenas para não ter que bater de frente com o editor da *Astounding Science Fiction*, John Campbell:

> Campbell gostava de histórias onde os seres humanos mostravam-se superiores a outras inteligências, mesmo aquelas mais avançadas tecnologicamente. Agradava-lhe ver os humanos mostrando possuir um senso único de ousadia, ou de humor, ou uma impiedosa habilidade de matar quando necessário, que sempre lhes trazia a

154 Se Hugo Gernsback tivesse ficado em casa, tudo teria sido diferente. Hugo chegou a Nova Iorque de Luxemburgo em 1904, aos dezenove anos.

155 Na fermentação nazista dos anos 1930, era impossível pensar em nós mesmos como algo que não fosse judeus, mesmo que tenhamos abandonado o judaísmo. Nós podíamos ter nascido na Rússia, mas não éramos russos.

156 Reg Werth era marciano apenas porque tivera pais marcianos. Ele próprio nascera em Windsor, uma cidade do noroeste da Federação Norte-Americana, e portanto era um Tellurian por natividade. Naquela época, entretanto, (por volta de 2109) a lei recusava a cidadania N.A.E para filhos nascidos de pais extraterrestres.

> vitória sobre outras inteligências, mesmo contra todas as expectativas.
> Por vezes tenho a a desconfortável impressão, no entanto, de que esta atitude refletia os sentimentos de Campbell na escala menor, da Terra. Parecia-me que ele aceitava a superioridade natural dos americanos sobre os não-americanos, e parecia assumir automaticamente a imagem de um americano como alguém originário do noroeste da Europa (…).
> Alguns críticos de ficção científica (particularmente Sam Moskowitz) deram-me o crédito por ter inventado a galáxia puramente humana, como se fosse alguma espécie de progresso literário. Outros podem ter pensado, em particular (pois nunca ouvi nada declarado), que eu tinha apenas inteligências humanas na galáxia porque faltava-me imaginação para criar extraterrestres.
> Mas o fato é que eu estava apenas tentando evitar um choque com as opiniões de Campbell; não quis estabelecer uma situação em que eu seria forçado a encarar as alternativas de adotar as opiniões de Campbell, quando as achava repugnantes, ou deixar de vender uma história (que eu também achava repugnante) (ASIMOV, 1978, p. 174).

Asimov criou algo novo para a ficção científica – a galáxia povoada apenas por humanos – para não ter que reproduzir em suas histórias uma noção que ele não concordava, vindo de um editor com ideias racistas. Apesar disso, Asimov conseguia vez ou outra abordar o tema através de um comentário de um personagem, como é o caso na noveleta "The Big and the Little"*:*

> "You don't think much of my chances, do you?"
> "Not much," agreed the ex-Minister of Education. "You're a Smyrnian."
> "That's no legal bar. I've had a lay education."
> "Well, come now. Since when does prejudice follow any law but its own" (ASIMOV, 1944, p. 87)[157].

A noveleta foi publicada na edição de agosto de 1944 da *Astounding* e levanta, ainda que rapidamente, a questão do preconceito em relação ao local de nascimento. Como apontado por Asimov, muitas vezes a cultura racista é mais forte do que a própria lei (e, em grande medida, muito mais difícil de ser mudada).

Diferente de outros grupos, compostos em sua maioria por "WASPs" (brancos, anglo-saxões e protestantes), os *futurians* tinham origens variadas e essa diversidade permitiu que eles explorassem as questões de racismo e pertencimento

---

157- Você acha que não tenho muita chance, não é?
- Não muita, concordou o ex-Ministro da Educação. - Você é smyrniano.
- Isso não é impedimento legal. Eu tive uma educação leiga.
- Ora, vamos lá. Desde quando preconceito segue qualquer lei, além de sua própria? (ASIMOV, 2009a, p. 211).

em seus textos. Na maioria das vezes, fizeram isso por meio de metáforas, sendo a principal delas a do alienígena. A escritora Ursula K. Le Guin, em um ensaio que ficou famoso, escreveu sobre a representação do “outro”:

> The question involved here is the question of The Other—the being who is different from yourself. This being can be different from you in its sex; or in its annual income; or in its way of speaking and dressing and doing things; or in the color of its skin, or the number of its legs and heads. In other words, there is the sexual Alien, and the social Alien, and the cultural Alien, and finally the racial Alien (LEGUIN, 1975, s/p.)[158].

Pode-se ler, através dessa chave de interpretação, os alienígenas das histórias de ficção científica como sendo uma metáfora para retratar outras etnias e para abordar o problema do racismo. É interessante destacar, aqui, os sentidos da palavra inglesa *alien.* Ela data do século XIV e referia-se originalmente a uma pessoa que não pertencia a uma determinada família, comunidade, país etc. A partir do século XV, passou a significar, também, um estrangeiro não-naturalizado no país onde está vivendo.

A primeira menção de *alien* como uma inteligência de outro planeta foi em 1931 na *pulp Wonder Stories* (STRASBAUGH, 2013). O *alien,* assim, é o outro, aquele que aparece na história como um contraponto ao homem branco, anglo-saxão e protestante. Desa forma, imigrantes e descendentes poderiam ser vistos como *aliens* no novo país e também nas histórias de ficção científica, metamorfoseados.

Nas histórias escritas pelos *futurians*, *alien* aparecia geralmente como um adjetivo, como no conto “Something from Beyond”, discutido no Capítulo 2:

> Whatever our scientists may say about the lifelessness of space, I cannot help believing that the void is indeed a harbor of life, even though it may not resemble the life we know. Perhaps such life is so <u>alien</u> that the very word itself cannot be applied, so different that by no stretch could the most plastic imagination conceive it. (LAVOND, 1941b, p. 100, grifo meu)[159].

---

158 A questão aqui envolvida é a questão do Outro - o ser que é diferente de você mesmo. Este ser pode ser diferente de você em seu sexo, ou no seu rendimento anual, ou em sua forma de falar, vestir-se e fazer coisas, ou na cor de sua pele, ou o número de suas pernas e cabeças. Em outras palavras, há o Alienígena sexual, o Alienígena social, o Alienígena cultural, e finalmente o Alienígena racial.

159 Seja o que for que nossos cientistas digam sobre a falta de vida no espaço, não posso deixar de acreditar que o vazio é realmente um porto de vida, mesmo que não se assemelhe à vida que conhecemos. Talvez tal vida seja tão estranha que a própria palavra em si não possa ser aplicada, tão diferente que mesmo a maior imaginação plástica pudesse concebê-la.

Algumas vezes o termo aparecia também como substantivo, como no trecho: “After that no further shots were exchanged. The two, alien and Earthman, matched astronautics in silence” (BLISH, 1941a, p. 47)[160]. Separei a seguir alguns exemplos interessantes de histórias que trazem alienígenas como metáforas para discutir racismo.

O primeiro deles é o conto “The Weapon Too Dreadful to Use” do *futurian* Isaac Asimov. Como dito acima, quando começou a publicar histórias na revista *Astounding*, Asimov passou a usar uma galáxia povoada inteiramente por humanos. Antes disso, no entanto, ele usou alienígenas em suas histórias e aplicou a fórmula da metáfora para discutir racismo. Em “The Weapon Too Dreadful to Use”, publicada na edição de maio de 1939 da *Amazing Stories*, a Terra colonizou Vênus e escravizou sua população. Apesar disso, um humano e um venusiano tornam-se amigos:

> “Poor Venus.” His quiet, wistful voice was sad. “Fifty years ago the Earthman came with promises of peace and plenty-and we believed. We showed them the emerald mines and the *juju* weed and their eyes glittered with desire. More and more came, and their arrogance grew. And now-”
> “It’s too bad, Antil,” Karl said, “but you really feel too strongly about it.”
> “Too strongly! Are we allowed to vote? Have we any representation at all in the Venusian Provincial Congress? Aren’t there laws against Venusians riding in the same stratocars as Earthlings, or eating in the same hotel, or living in the same house? Are not all colleges closed to us? Aren’t the best and most fertile parts of the planet pre-empted by Earthlings? Are there any rights *at all* that Terrestrials allow us upon our *own* planet?”
> “What you say is perfectly true, and I deplore it. But similar conditions once existed on Earth with regard to certain so-called ‘inferior races,’ and in time, all those disabilities were removed until today total equality reigns. Remember, too, that the intelligent people of Earth are on your side. Have I, for instance, ever displayed any prejudice against a Venusian?”
> “No, Karl, you know you haven’t. But how many intelligent men are there? On Earth, it took long and weary millennia, filled with war and suffering, before equality was established. What if Venus refuses to wait those millennia?” (ASIMOV, 1939a, p. 112-113 grifos no original)[161].

160 Depois disso, nenhum outro tiro foi trocado. Os dois, alienígena e terrestre, combinaram a astronáutica em silêncio.

161- Pobre Vênus. - Sua voz suave, melancólica, era triste. - Há cinquenta anos atrás os terráqueos vieram com promessas de paz e abundância – e acreditamos. Mostramos a eles as minas de esmeralda e a semente de juju, e seus olhos brilharam de desejo. Mais e mais vieram, e sua arrogância aumentou. E agora...
- É péssimo, Antil – respondeu Karl – mas você está demasiado ressentido a respeito.

No trecho acima, a similaridade entre as condições em Vênus e na Terra é tamanha que o personagem Karl chega a compará-las. O humano afirma, no entanto, que aqui, os problemas foram finalmente resolvidos. Karl volta para a Terra e o clima tenso entre os dois planetas só aumenta. Vênus começa uma ofensiva contra os terráqueos e, em uma reunião do governo, Karl e seu pai falam que talvez seja a hora de rever a política externa. O Ministro da Guerra dispara:

> You treat the Greenies as if they were people. They're animals and should be thankful for the benefits of civilization we brought them. Remember, we're treating them much better than some of our own Earth races were treated in our early history, the Red Indians for example (ASIMOV, 1939a, p. 118)[162].

Novamente há uma grande proximidade entre a forma como os humanos estavam tratando os venusianos e o racismo na Terra. Dessa vez, o texto traz a comparação com os povos indígenas americanos. Karl procura seu antigo amigo para negociar uma trégua. Antil fala que Vênus quer a independência e, se não, será obrigada a usar uma arma terrível:

> "The little harmless rods you saw then, Karl, were capable of producing a force field of some unknown nature (the ancients wisely refused to be explicit there) which has the power of disconnecting brain from mind."
> "What?" Karl stared in open-mouthed surprise. "What are you talking about?"
> "Why, you must know that the brain is merely the seat of the mind, and not the mind itself. The nature of 'mind' is a mystery, unknown even to our ancients; but whatever it is, it uses the brain as its intermediary to the world of matter." (ASIMOV, 1939a, p. 119)[163].

- Demasiado! Podemos votar? Temos alguma espécie de representação no Congresso Provincial Venusiano? Não há leis proibindo venusianos viajarem nos mesmos estratocarros que os terráqueos, ou comerem no mesmo hotel, ou viverem na mesma casa? Todas as escolas superiores não estão fechadas para nós? As melhores e mais férteis regiões do planeta não estão exploradas pelos terráqueos? Há algum direito que os terráqueos nos permitem sobre nosso próprio planeta?
- O que você diz é perfeitamente verdadeiro, e acho deplorável. Mas condições similares uma vez existiram na Terra, concernentes às chamadas "raças inferiores", e ocasionalmente, todas essas desigualdades foram removidas, até que hoje reina a total equanimidade. Lembre-se, também, que as pessoas inteligentes da Terra estão todas do vosso lado. Eu, por exemplo, alguma vez já dei mostras de qualquer preconceito com um venusiano?
- Não, Karl, você sabe que não. Mas quantos homens inteligentes há? Na Terra foram precisos longos e exaustivos milênios, cheios de guerra e sofrimento, antes de estabelecer a igualdade. E se Vênus se recusar a esperar esses milênios? (ASIMOV, 1978, p. 78-79).

162 - Você trata os Verdinhos como se fossem gente. São animais, e deveriam ser gratos pelos benefícios da civilização, que lhes levamos. Lembre-se, estamos tratando a eles muito melhor que algumas de nossas raças da Terra foram tratadas na nossa história antiga, os índios americanos, por exemplo (ASIMOV, 1978, p. 84).

A Terra não aceita a proposta de Vênus, e envia naves para atacarem o planeta. Vênus faz uma demonstração do poder da arma e deixa centenas de terráqueos em estado vegetativo. O Presidente não vê saída a não ser aceitar a independência de Vênus, e o conto encerra-se da seguinte maneira:

> President Debuc stared at the decerebrate brought in as an exhibit. "We are finished," he said. "We must surrender unconditionally, throw ourselves upon their mercy. But someday – ," his eyes kindled in retribution.
> "No, Mr. President!" Karl's voice rang out, "there shall be no someday. We must give the Venusians their simple due – liberty and independence. Bygones must be bygones – our dead have but paid for the half-century of Venusian slavery. After this, there must be a new order in the Solar System – the birth of a new day."
> The President lowered his head in thought and then raised it again. "You are right," he answered with decision; "there shall be no thought of revenge."
> Two months later the peace treaty was signed and Venus became what it has remained ever since-an independent and sovereign power. And with the signing of the treaty, a whirling speck shot out toward the sun. It was – the weapon too dreadful to use (ASIMOV, 1939a, p. 122)[164].

Quando mostrou a história ao colega Frederik Pohl, ele observou acerca do final: "E depois da destruição da arma, a Terra varreu os venusianos da superfície do planeta" (POHL apud ASIMOV, 1978, p. 90). O final do conto realmente é esperançoso e acredita em acordos pacíficos ao invés da guerra para resolver os conflitos e lembra as histórias discutidas no Capítulo 1, que levam à uma utopia. Asimov tinha apenas dezenove anos quando escreveu "The Weapon Too Dreadful to

---

163- Os bastõezinhos inofensivos que você viu, eram capazes de produzir um campo de força de natureza desconhecida (os antigos sabiamente recusaram-se a ser explícitos aqui), que pode desconectar o cérebro da mente.
- Quê? - Karl olhou, boquiaberto de surpresa. - Do que está falando?
- Bem, você deve saber que o cérebro é apenas a morada da mente, e não a mente em si. A natureza da "mente"é um mistério, desconhecido mesmo de nossos antepassados; mas seja lá o que for, usa o cérebro como um intermediário para o mundo da matéria (ASIMOV, 1978, p. 86).

164 O Presidente Debuc observou o descerebrado trazido como prova. - Estamos acabados – disse. - Precisamos nos render incondicionalmente, entregarmo-nos à mercê deles. Mas algum dia... - seus olhos brilharam com a vingança.
- Não, senhor Presidente! - ressoou a voz de Karl – não haverá "algum dia". Precisamos dar aos venusianos o que lhes pertence – liberdade e independência. O passado deve ser enterrado – nossos mortos mal pagaram pelo meio século de escravidão venusiana. Depois disto, deve haver uma nova ordem no sistema solar – o nascimento de um novo dia.
O presidente abaixou a cabeça, pensativo, e ergue-a, de novo. - Você está certo – respondeu, decidido. - Não se pensará em revanche.
Dois meses depois, o tratado de paz foi assinado e Vênus tornou-se o que sempre havia sido – uma potência independente e soberana. E com a assinatura do tratado, um vulto revoluteante disparou em direção ao Sol. Era...a arma terrível demais para ser usada (ASIMOV, 1978, p. 89).

Use" e foi sua segunda história publicada em uma revista profissional, poucos meses antes do início oficial da Segunda Guerra Mundial.

O conto "Remember Me, Kama!", do *futurian* Walter Kubilius, também discute o imperialismo da Terra e o racismo. Publicado na edição de outubro de 1942 da *pulp Astonishing Stories,* a Terra explora os recursos de Kama, um planeta "bárbaro". Cobber, capitão de uma frota comercial tornou-se amigo do líder de Kama, e combinou com ele a compra de catalisadores valiosos na Terra, em troca de livros e maquinário:

> Other men of Earth could feel only revulsion and disgust when their eyes fell on one of the Kamae. But Cobber was not like other men.
> He had seen, in the years of his wanderings, enough of creation's mysteries to realize that the surface manifestations and expression of life were meaningless. Where men like Wilson would reach for a gun to blast it, Cobber would reach out to it with understanding and friendship.
> Be it a crystal that grew into pulsating life with every sun ray, or the flesh and blood of Earth, or the singing strings of Orion – it did not matter. Life alone made them brothers (KUBILIUS, 1942d, p. 42)[165].

Wilson, dono da frota, no entanto, decidiu trocar o elemento por oxigênio. A atmosfera do planeta era rica em metano, o que transformava o oxigênio em uma arma na mão de rebeldes. O dono não se importou com essa situação, já que tratavam-se de "selvagens". O conto de Kubilius discute a ganância humana e a falta de empatia com os "outros", e pode ser lido como uma crítica à exploração imperialista: "Tribal warfare, spurred on and encouraged by Earthmen, would deplete the planet. A new culture, just born, would die. Was this a fair price for the greed markets of Earth?" (KUBILIUS, 1942d, p. 36)[166].

Para ajudar Kama, Cobber decide explodir a nave e assim dar fim ao financiamento da guerra. Apesar do final trágico, resta a esperança de que um dia os humanos saibam conviver com as diferenças: "Other years would bring other ships

---

165 Outros homens da Terra podiam sentir apenas repulsa e nojo quando seus olhos caíam sobre um dos Kamae. Mas Cobber não era como os outros homens. Ele tinha visto, nos anos de suas andanças, o suficiente dos mistérios da criação para perceber que as manifestações superficiais e a expressão da vida eram sem sentido. Onde homens como Wilson pegariam uma arma para explodi-la, Cobber iria alcançá-la com compreensão e amizade. Seja um cristal que cresceu em vida pulsante com cada raio do sol, ou a carne e o sangue da Terra, ou as cordas de canto de Órion - isso não importava. A vida os fez irmãos.

166 A guerra tribal, estimulada e encorajada pelos terráqueos, esgotaria o planeta. Uma nova cultura, recém nascida, morreria. Este era um preço justo para os mercados gananciosos da Terra?

from Earth. If in them were men like Cobber, the barrier between different peoples might yet be crossed" (KUBILIUS, 1942d, p. 36)[167].

O conto "The Man Without a Planet", do *futurian* Richard Wilson, publicada na edição de novembro de 1942 da *pulp Super Science Stories*, narra a história de um marciano, exposto como atração circense na Terra:

> Half of each day he spent there – a little fellow with big, red-splotched face and spindly body – on the platform labeled *Man from Mars* (…).
> Willie knew he was destined to be a freak for the rest of his life, in spite of the fact that he was intelligent, even learned. When he was not at his platform, or sleeping fitfully between jumps in the ramshackle trailer he shared with the human seal, he was reading. Into his eager hands had fallen books on a thousand different subjects, which he had read with the avidness of a good student. As a result he was as well-educated as the average college graduate.
> But what employer would be willing to give this "Man from Mars" a job that required a mind, not merely a misshapen body? Outside of a promoter willing to speculate on his grotesque appearance, who was there to take an interest in him? (TOWERS, 1942, p. 87)[168].

Quando Willie consegue fugir, acaba capturado por uma missão marciana. No planeta vermelho, ele é novamente exposto, dessa vez com uma plaquinha "homem da Terra". A trágica história de Willie fala sobre a dificuldade de se lidar com o outro.

Na mesma edição de "The Man Without a Planet", uma história de um outro *futurian* discutindo o racismo também foi publicada. Intitulada "His Aunt Thiamin", a noveleta de John B. Michel aborda o casamento entre um humano e uma venusiana:

> They are a strange race, of perfectly human appearance – when they can be seen (…).
> The invisible race was carefully segregated on the second planet and generally looked down upon. They were considered dangers to the ordinary course of life, forever being smashed up by swift-moving automobiles and knocked around by busy people in city streets. After some hectic decades of toleration, the abuse had finally been put down by the total exclusion by law of the invisible peoples from the

167 Outros anos trariam outros naves da Terra. Se nelas houvesse homens como Cobber, a barreira entre diferentes povos ainda poderia ser atravessada.

168 Metade de cada dia ele passava lá - um rapazinho de rosto grande e vermelho e corpo magro - na plataforma chamada Homem de Marte (...). Willie sabia que ele estava destinado a ser uma aberração para o resto de sua vida, apesar do fato de que ele era inteligente, até mesmo erudito. Quando ele não estava em sua plataforma, ou dormindo intermitentemente entre saltos no trailer caindo aos pedaços que ele compartilhava com o o humano, ele estava lendo. Em suas mãos ansiosas, havia caído livros sobre milhares de assuntos diferentes, que ele havia lido com a avidez de um bom aluno. Como resultado, ele era tão bem-educado quanto a média de um graduado na faculdade. Mas qual empregador estaria disposto a dar a este "Homem de Marte" um trabalho que exigisse uma mente, não apenas um corpo disforme? Fora de um promotor disposto a especular sobre sua aparência grotesca, quem estava lá para se interessar por ele?

> cities of the visible Venusians and a decree which made it a crime to commit marriage between the races (BARRISTER, 1942, p. 103)[169].

Assim como em “The Man Without a Planet”, “His Aunt Thiamin” fala sobre a dificuldade que os humanos tem de conviver com a diferença. A saída encontrada por eles na noveleta foi a exclusão. Assim como na história de Michel, os Estados Unidos também passavam por um momento de segregação. A discriminação da população afro-americana na década de 1940 era institucionalizada, principalmente no sul do país. Escolas, transportes e espaços públicos eram segregados legalmente através das leis *Jim Crow*.

Outra história de Michel, “The Year of Uniting”, publicada na edição de inverno de 1941-1942 da *pulp Science Fiction Quarterly* já havia abordado a questão:

> He pointed to the large white sign on the wall beside the shaft, which read: Blanco level – negroes and orientals not allowed.
> “Symptomatic. You can't have a united country with that sort of thing. Do you ever stop to realize that we've still got classes – not intellectual gradations, mind you, but the old divisions of race, inheritance” (RAYMOND, 1941c, p. 126)[170].

Em “The Year of Uniting”, a utopia do futuro passava necessariamente pelo fim das discriminações. Um detalhe interessante no trecho acima é o uso da palavra “blanco”, que quase passa despercebido, já que parece estar em espanhol. Na verdade, é a mesma grafia em esperanto, uma língua muito popular no *fandom* de ficção científica das décadas de 1930 e 1940. O esperanto foi inventado por Ludwik Lejzer Zamenhof, um médico polonês e judeu, no final do século XIX. Em um ensaio intitulado “New Directions”, o *futurian* Cyril Kornbluth escreveu sobre o esperanto:

> Literature is the soul of a race, perhaps; if so its language must be its life-blood. The history of speech, in general, is one of consolidation of dialects. In thirteen century England the Northern and Southern dialects were mutually intelligible; the historical process set into

169 Eles são uma raça estranha, de aparência perfeitamente humana - quando podem ser vistos (...). A raça invisível foi cuidadosamente segregada no segundo planeta e geralmente menosprezada. Eles eram considerados perigos para o curso normal da vida, sendo sempre esmagados por automóveis velozes e arremessados por pessoas ocupadas nas ruas da cidade. Depois de algumas décadas agitadas de tolerância, o abuso finalmente foi abafado pela total exclusão por lei dos povos invisíveis das cidades dos venusianos visíveis e por um decreto que tornava crime cometer um casamento entre as raças.

170 Ele apontou para a grande placa branca na parede ao lado do poço, que dizia: Nível Branco - negros e orientais não permitidos. "Sintomático. Você não pode ter um país unido com esse tipo de coisa. Você já parou para perceber que ainda temos classes - não gradações intelectuais, lembre-se, mas as antigas divisões de raça, herança”

> operation at that time culminated about 1850 in the nearly complete acceptance by both regions of the Midlands speech, centering about London, as the standard of the language.
> On the larger scale – the consolidating or supplanting of national languages – the difficulties are greater. The New Direction taken by some to iron out the mutual resentment of a “foreigner” is the artificial language (…).
> Esperanto, developed later than Volapuk and so avoiding most of its mistakes, caught on nicely and is still booming. Advocated by its enthusiasts as a “second speech” for purposes of international communication and friendship, it is almost automatically resented by the average. Charges are brought against it that it is “soulless,” “unvital,” etc. Nevertheless it is simple and concise beyond any natural language; reading ability can be acquired in a phenomenally short time.
> Esperanto has not yet gone far enough for us to judge, and there has been a schism of dissatisfied revisionists who expound Ido, a modified form of Esperanto. Perhaps there is a flaw at the base of any international language, but the clear advantages of this speech seem to indicate that it may be a New Direction out of enmity and war (DAVIES, 1941a, p. 123-124)[171].

Kornbluth enxerga no esperanto não apenas uma possibilidade de facilitar as comunicações internacionais, mas mesmo uma maneira de diminuir as barreiras entre as nações e o preconceito em relação aos imigrantes em terras estrangeiras. Ainda que esse seja um desejo nobre, o *futurian* parece ignorar que, ao adotar uma única língua, grande parte da cultura de um povo é apagada junto com seu idioma.

Diversas vezes, os escritores de ficção científica, ao homogeneizar o futuro, não se dão conta de que o apagamento das diferenças também é uma violência. Isiah Lavender III, em um capítulo de *The Routledge Companion to Science Fiction* destinado a discutir raça e ficção científica, aponta:

---

171 Literatura é a alma de uma raça, talvez; se assim for, sua linguagem deve ser seu sangue vital. A história da fala, em geral, é de consolidação de dialetos. No século treze na Inglaterra, os dialetos do norte e do sul eram mutuamente inteligíveis; o processo histórico posto em operação naquela época culminou por volta de 1850 na aceitação quase completa de ambas as regiões do discurso de Midlands, centrando-se em Londres, como o padrão da linguagem.
Na escala maior - a consolidação ou suplantação das línguas nacionais - as dificuldades são maiores. A Nova Direção adotada por alguns para eliminar o ressentimento mútuo de um “estrangeiro” é a linguagem artificial (…).
O esperanto, desenvolvido depois do Volapuque e assim evitando a maioria de seus erros, pegou bem e ainda está crescendo. Defendido por seus entusiastas como um "segundo discurso" para fins de comunicação internacional e amizade, é quase automaticamente ressentido pela média. Acusam-se contra ele de que é "sem alma", "sem herança", etc. No entanto, é simples e conciso além de qualquer linguagem natural; a capacidade de leitura pode ser adquirida em um tempo fenomenalmente curto.
O esperanto ainda não foi longe o suficiente para julgarmos, e houve um cisma de revisionistas insatisfeitos que expõem Ido, uma forma modificada de esperanto. Talvez haja uma falha na base de qualquer língua internacional, mas as claras vantagens deste discurso parecem indicar que pode ser uma Nova Direção para fora da inimizade e guerra.

> Although it might seem that a genre concerned with otherness and alienation should frequently be drawn to explore themes of racism, for most of its history sf has considered itself a “colorblind” genre, either blithely portraying a future free from racial struggle (not seeming to notice that this harmony is accomplished by eliminating nonwhite people) or else projecting racial anxieties onto the body of the alien without seeming to notice that the humanity united against this external threat is suspiciously monochrome. It is perhaps more accurate to see sf's supposed “colorblindness” as an investment in whiteness as the norm – the very idea that is challenged by critical race theory (LAVENDER III, 2009, p. 185)[172].

Muitos escritores de ficção científica preferiam ignorar o racismo do presente e criar um futuro sem tensões, porém monocromático. Na noveleta “Vacant World”, dos *futurians* Dirk Wylie, Frederik Pohl e Cyril Kornbluth, as questões raciais se resolvem como apontado por Lavender III: eliminando os outros rostos que não os brancos:

> Camp began to tap his foot impatientely. Then he began to count. Before he realized it ten minutes had passed, and still there were no high-pitched voices babbling outside, no white, excited faces peering through the port, no visitors to his crater to welcome him as befitting a returned hero (WYLIE, 1941, p. 50 grifo meu)[173].

Algumas vezes, não apenas o futuro é livre de tensões raciais, como o passado racista também é apagado . É o caso do conto “The Avenger”, do *futurian* Damon Knight, publicado na edição de primavera de 1944 da *pulp Planet Stories*. Nele, uma raça alienígena avançada ataca a Terra e o personagem fala: “They have treated us precisely as we, in less enlightened days, might have treated a newly-discovered race of lower animals” (FLEMING, 1944, p. 33)[174]. A fala ignora toda opressão sofrida por aqueles que eram considerados de “raças inferiores”, ainda que mostre que tem contato com essas ideias, já que em outro trecho, mais à frente, usa esse

172 Embora possa parecer que um gênero preocupado com a alteridade e a alienação deve frequentemente ser atraído para explorar temas de racismo, durante a maior parte de sua história a ficção científica se considerou um gênero "daltônico", alegremente retratando um futuro livre de luta racial (não parecendo notar que essa harmonia é conseguida eliminando pessoas não-brancas) ou então projetando ansiedades raciais no corpo do alienígena sem parecer notar que a humanidade unida contra essa ameaça externa é suspeitamente monocromática. Talvez seja mais acurado ver o suposto "daltonismo" da ficção científica como um investimento na brancura como norma - a própria ideia que é desafiada pela teoria crítica da raça.

173 Camp começou a bater o pé impacientemente. Então começou a contar. Antes de perceber, dez minutos haviam se passado e não havia vozes estridentes balbuciando fora, nenhum rosto branco, empolgado, espiando através da portinhola, nenhum visitante em sua cratera para recebê-lo da forma condizente a um herói que regressou.

174 Eles nos trataram precisamente como nós, em dias menos esclarecidos, poderíamos ter tratado uma raça recém-descoberta de animais inferiores.

pensamento para falar dos alienígenas: “They'll live, and we'll die, because they're a superior race. We're a million years too far back even to understand what they are or where they came from. Besides them, we're apes” (FLEMING, 1944, p. 36)[175].

Se, de acordo com a “edisonade”, o herói das histórias de ficção científica é o técnico/engenheiro/inventor que, sozinho, consegue resolver um problema ou salvar a humanidade, há poucas dúvidas de que ele é (um homem) branco. Uma exceção é o conto “The Planet Called Aquella”, do *futurian* Donald Wollheim. Nele, um homem negro é o protagonista:

> My black skin and Nufrikan clothes should have excited their children at least, for those people had few visitors, yet even there I felt a certain reserve in their approach. Their children showed not the enthusiasm with which I had been greeted by the young of other worlds – filled with romantic ideas of many stars (PEARSON, 1942c, p. 116)[176].

Na história, o astronauta encontra um planeta perfeito pra passar as férias. Descobre no final que trata-se da antiga Terra, que foi inundada para conter os terremotos e vulcões. Os habitantes, no entanto, tornaram-se apáticos. Eles são descritos como “rosados”: “And when the pink-skinned, golden-haired, sad-eyed people and welcomed me, I was happy” (PEARSON, 1942c, p. 116)[177]. Em outro trecho:

> I remembered that he had described Aquella as only partially colonial – then he must mean that his people were actually natives here and not immigrants from some other world. At that, I remembered I had seen no pink humanoids elsewhere. Black and brown and red, yes. The vivid blue skinned people of Algol, and the gold of Sango, and my own shining black. But of pink folk, I knew no possible parent world. They must have always been here and it was racial memory of their terrified past, a past of volcano and lava and quake, that lingered in their minds and saddened them (PEARSON, 1942c, p. 117)[178].

175 Eles viverão e nós morreremos, porque eles são uma raça superior. Estamos um milhão de anos atrás, até mesmo para entender o que eles são ou de onde vieram. Ao lado deles, somos macacos.
176 Minha pele negra e minha roupa Nufrikan deveriam ter animado suas crianças, pelo menos, pois essas pessoas tinham poucos visitantes, mas mesmo assim eu sentia certa reserva em sua abordagem. As crianças não mostraram o entusiasmo com que fui recebido por jovens de outros mundos - cheios de ideias românticas sobre as muitas estrelas.
177 E quando as pessoas de pele rosa, cabelos dourados e olhos tristes me receberam, fiquei feliz.
178 Lembrei-me de que ele descrevera Aquella como sendo apenas parcialmente colonial - então ele devia querer dizer que seu povo era de fato nativo e não imigrante de algum outro mundo. Com isso, lembrei que não havia visto humanoides cor-de-rosa em outro lugar. Preto e marrom e vermelho, sim. As pessoas de pele azul viva de Algol, e douradas de Sango, e meu próprio preto brilhante. Mas de pessoas cor de rosa, eu não conhecia nenhum mundo aparentado possível. Eles devem ter estado sempre aqui e foi a memória racial de seu passado aterrorizante, um passado de vulcão e lava e

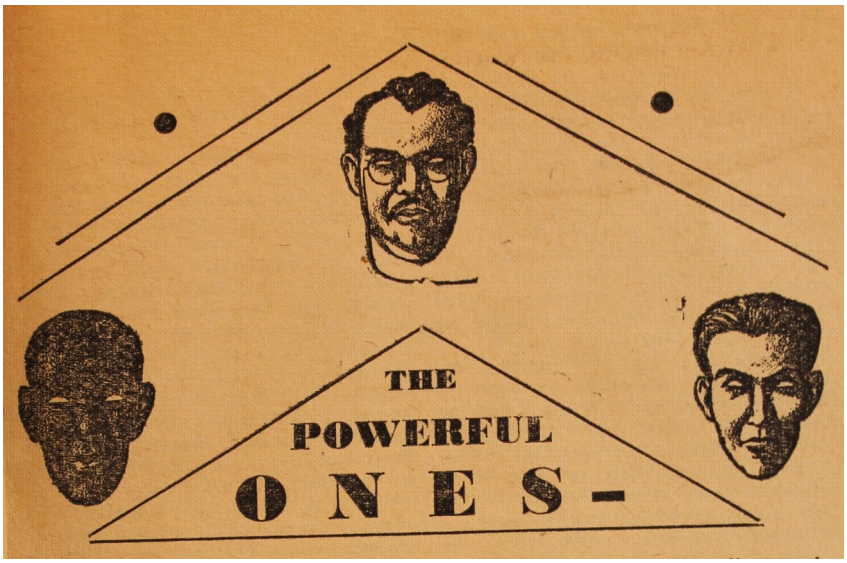
Ainda que em “The Planet Called Aquella” o protagonista seja negro, ele é um alienígena. O conto homogeneizou os humanos (ou terráqueos) ao descrevê-los como rosados, e apagou a diversidade da Terra.

A representação de personagens não-brancos, sem ser metamorfoseados em alienígenas, era muito rara na ficção científica de então. Encontrei, entre os textos dos *futurians,* apenas dois que vão na contramão, ambos de John B. Michel. O primeiro é a noveleta “Rebirth of Tomorrow”, discutida no Capítulo 1. Nela, há personagens negras e asiáticas. A humanidade parece ter resolvido as questões raciais e vive em relativa harmonia. O segundo é o conto “The Powerful Ones”. Nele, três homens – um judeu, um negro e um branco - descobrem o segredo da vida, morte, amor e poder. Com isso, eles são capazes de dominar a Terra:

> It all took time, of course. So much time that by the time Plattee was crowned Emperor of Africa (a nicety of protocol insisted on by the meticulous Adams) his wooly hair was beginning to gray slightly.
> The other two assumed control of the rest of the world (RAYMOND, 1942d, p. 35)[179].

No final, o trio recebe a visita de uma espécie de espírito, que os mata. Na ilustração da história, os três são representados:

Figura 14: ilustração do conto “The Powerful Ones”



Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

terremoto, que permaneceu em suas mentes e os entristeceu.
179 Tudo isso levou tempo, claro. Tanto tempo que, na época em que Plattee foi coroado Imperador da África (um protocolo sutil insistido pelo meticuloso Adams), seu cabelo encaracolado começava a ficar ligeiramente acinzentado. Os outros dois assumiram o controle do resto do mundo.

“The Powerful Ones” foi publicado na edição de outubro de 1942 da *pulp Future Fantasy and Science Fiction*, editada pelo também *futurian* Robert Lowndes. É improvável que o conto fosse publicado na rival *Astounding Science Fiction*, editada por Campbell. Samuel R. Delany contou que, em 1967, já então um escritor conhecido na ficção científica e premiado, submeteu um romance para ser serializado na revista de Campbell. O editor recusou, afirmando que ele não achava que seus leitores seriam capazes de se relacionar com um protagonista negro (DELANY, 1998). Assim, ainda que os *futurians* acabassem por reproduzir em suas histórias noções arcaicas e mesmo preconceituosas algumas vezes, eles também trouxeram uma dose de progressismo para a ficção científica e anteciparam alguns debates que só ganhariam força anos depois, como é o caso da representatividade.

3.2 QUESTÕES DE GÊNERO

A presença de mulheres foi muitas vezes apagada e diminuída, como uma forma de construir uma imagem masculina da ficção científica. Nas últimas décadas, no entanto, pesquisadoras e pesquisadores da ficção científica tem lançado nova luz sobre a participação feminina no gênero. Um trabalho muito interessante nesse sentido é *The battle of the sexes in science fiction*, de Justine Larbalestier. Nele, a autora analisa as cartas enviadas às *pulps,* e é possível ver que desde a década de 1920, quando a *Amazing Stories* foi criada, as mulheres enviavam seus comentários para a seção dos leitores.

Nas revistas editadas pelos *futurians,* não era diferente (algumas delas aparecem ao longo da tese, inclusive). Às vezes, as cartas não tinham a intenção de comentar as histórias, mas de exortar a participação das mulheres na ficção científica, como é o caso desta, publicada na edição de julho de 1940 da *pulp Super Science Stories*, editada por Frederik Pohl:

> what *is* the matter with the women readers – are they ashamed because they like stf? Believe me, I feel proud of my choice of reading matter. And I'd rather be looked upon as queer than to read a lot of so-called “good” books and magazines. At least stf doesn't stoop to trashy sexy stories or gruesome murders (when they do have murder, at least it is neatly and scientifically done). And they don't over-crowd the stories with a lot of silly mush.

> So come on, you woman stf readers – be *proud* of your reading tastes. Why should you care about a few love story readers' raised eyebrows? (ZWICK, 1940, p. 127 grifos no original)[180].

Para a leitora, a vergonha afastava outras mulheres de se pronunciarem fãs de ficção científica. Até a década de 1990, a versão mais comum tanto na história escrita pelos fãs quanto aquela produzida pela crítica, é a de que os clubes eram compostos quase que exclusivamente por homens, e que as mulheres que participavam dos encontros, iam a eles por serem irmãs, namoradas ou esposas e não por terem um interesse *real* na ficção científica.

A autora Helen Merrick escreveu sobre a participação das mulheres no *fandom* a partir da experiência de uma fã na década de 1940:

> Leigh Couch, also a fan in the 1940s, who wrote in 1977: “I don’t think a young fan of today can realize how suspect we were for reading the pulps, and for a girl to read it, that was almost proof of perversion!” (1977: 10).
> For many, if not most, women interested in sf, their engagement may have gone no further than reading, or at best writing letters to the magazines, with little or no opportunity for participation in sf clubs full of single (and strange!) boys (MERRICK, 2011, l.1788)[181]

Segundo Leigh Couch, ler as *pulps* já era muitas vezes difícil na década de 1940. Não apenas alguns membros dos clubes eram hostis à presença feminina, como as famílias das garotas também se opunham à participação delas em grupos compostos quase que só por garotos. A presença feminina, no entanto, encorajava que outras garotas e mulheres também fizessem parte:

> While not all of the women who have been part of the field of science fiction would identify as feminists, the fact of their participation has become a feminist issue. The mere fact of their presence created a

---

180 Qual é o problema com as leitoras - elas tem vergonha porque gostam de ficção científica? Acredite, sinto orgulho da minha escolha de leitura. E eu prefiro ser vista como estranha do que ler um monte de livros e revistas "bons". Pelo menos a ficção científica não se rebaixa com histórias sensuais ou crimes horríveis (quando elas tem assassinatos, pelo menos é cientificamente feito). E elas não sobrecarregam as histórias com muito mingau.
Então, vamos lá, vocês, mulheres, leitoras - tenham orgulho de seus gostos de leitura. Por que você deveria se preocupar com as sobrancelhas levantadas de alguns leitores de histórias de amor?

181 Leigh Couch, também fã na década de 1940, escreveu em 1977: "Não creio que um jovem fã de hoje possa perceber como éramos suspeitos por ler as revistas e por uma garota lê-la, isso era quase prova de perversão! "(1977: 10). Para muitas, se não a maioria, as mulheres interessadas em ficção científica, o seu compromisso não poderia ir mais longe do que ler, ou na melhor das hipóteses escrevendo cartas para as revistas, com pouca ou nenhuma oportunidade de participação em clubes cheios de solteiros (e estranhos!) rapazes.

> tradition that other women could then become a part of (MERRICK, 2011, l. 296)[182]

Ainda que as fãs de ficção científica não necessariamente se identificassem como feministas, a presença delas nos clubes pode ser lida como uma questão feminista, conforme Merrick. Lisa Yaszek também fala sobre como é precipitado classificar as autoras desse período como feministas. Mesmo que algumas histórias (como é o caso de "Space Episode", da *futurian* Lesli Perri, que será discutida abaixo) tenham temáticas que possam ser consideradas feministas, tratava-se de atitudes individuais, e não de um esforço coletivo das mulheres em debater essas questões (YASZEK, 2019).

Ao longo da sua existência, *The Futurian Society of New York* teve pelo menos sete mulheres como integrantes oficiais do clube, além de outras que frequentavam as reuniões esporadicamente (DAVIN, 2006). Aparentemente, era um dos poucos grupos de fãs de Nova Iorque que contavam com a participação de mulheres: "Pohl remembers that the Futurian Society was the first fan organization he knew of that had any women at all in it, but the proportion was never large" (KNIGHT, 2013, l. 407)[183]. Embora o número de mulheres nos clubes fosse reduzido, o número de leitoras era grande. Lisa Yaszek (2019) estima que entre 40 a 50% dos leitores das revistas de ficção científica eram mulheres. Já entre os produtores (autores e editores) a participação feminina girava em torno de 15%.

Mesmo que as mulheres fossem quase metade dos leitores, as histórias traziam poucas personagens femininas. Quando as mulheres apareciam, geralmente eram apenas como par romântico para o protagonista, mas sem muito desenvolvimento ou relevância dentro da história. Uma leitora, na edição de julho de 1940 da *Future Fiction*, sugeriu que as mulheres deveriam ter mais destaque:

> Would I be too bold in suggesting that you get a little more of our sex into your stories? I don't mean to clutter a story up with too much love interest, but I would like to see the women in a better role than the bit parts they usually get. Or must the glory all belong to the male sex? (GEE, 1940, p. 69)[184].

182 Embora nem todas as mulheres que fizeram parte do campo da ficção científica se identificassem como feministas, o fato da sua participação se tornou uma questão feminista. O mero fato da sua presença criou uma tradição de que outras mulheres poderiam então tornar-se parte.

183 Pohl lembra que a Futurian Society foi a primeira organização de fãs que ele conhecia que tinha mulheres, mas a proporção nunca foi grande.

184 Eu seria muito ousada em sugerir que você tenha um pouco mais do nosso sexo em suas histórias? Eu não quero dizer histórias com interesse amoroso, mas eu gostaria de ver as mulheres

Algumas vezes, no entanto, as histórias traziam mulheres de uma forma inovadora e pareciam atender ao chamado de Kay Gee e eu separei algumas histórias dos *futurians* para discutir. A primeira delas é o conto “Power”, do *futurian* John B. Michel. Nele, é uma mulher quem descobre o segredo da energia atômica:

> I looked at Anna as she nibbled on a cheese cracker. Power! That was the crux of the matter. Someone – many men – needed inexorable, unconquerable power to impose their will. And in the brain of the woman sitting opposite me at a small table was the secret of that power.
> “Darling,” I said suddenly, “sometimes I wish it hadn't been you who discovered the secret of atomic power. It makes you seem utterly precious and above men – and so much like a goddess.” (RAYMOND, 1941b, p. 33)[185].

O conto é narrado pelo namorado de Anna que, como visto no Capítulo 1, se apossa da descoberta da cientista para dar um golpe tecnocrático. Ainda que tenha sido uma mulher a realizar a descoberta mais aguardada de então, seu papel na história acaba ficando em segundo plano. Ainda assim, é positivo que o conto tenha atribuído o feito a Anna, pois mostra que essa área poderia ser ocupada pelas mulheres.

Na noveleta “Sky Test”, do *futurian* Dirk Wylie, uma mulher pilota um foguete: “But – a girl. Girls hardly ever applied at the Rocket Vehicle Bureau, for which he was a sky-test inspector, for licenses. Few men did, even. Most people were content with airscrew-driven planes” (WYLIE, 1941, p. 52)[186]. O protagonista descobre que ela é do futuro, e viajou no tempo em busca da cura pra uma doença que está exterminando a humanidade. A história acaba não explorando o tema, mas fica subentendido que no futuro as diferenças de gênero se não vão desaparecer, ao menos vão diminuir bastante.

---

em um papel melhor do que as pequenas partes que elas normalmente recebem. Ou toda a glória deve pertencer ao sexo masculino?

185 Olhei para Anna enquanto ela mordiscava uma bolacha de queijo. Poder! Esse foi o cerne da questão. Alguém - muitos homens - precisavam de um poder inexorável e inconquistável para impor sua vontade. E no cérebro da mulher sentada em frente a mim em uma pequena mesa estava o segredo desse poder.
"Querida", eu disse de repente, "às vezes eu gostaria que não tivesse sido você quem descobriu o segredo do poder atômico. Faz você parecer absolutamente preciosa e acima dos homens - e muito parecido com uma deusa.

186“ Mas - uma garota. As garotas quase nunca se inscreviam no Escritório de Veículos de Foguetes para o qual ele era inspetor de testes do céu, para licenças. Mesmo poucos homens o faziam. A maioria das pessoas estava contente com aviões dirigidos por hélice.

Em “King Cole of Pluto”, noveleta do *futurian* Cyril Kornbluth, também há uma pilota. Publicada na edição de maio de 1940 da *pulp Super Science Stories*, ela é uma história de piratas no espaço, um tipo de narrativa comum e bastante apreciado à época. Nela, um capitão de uma nave que realiza resgates de naves quebradas no espaço fica furioso ao descobrir que uma mulher vai assumir o comando da nave do pai, que faleceu. Ele oferece para comprar a companhia:

> “Not for sale, Mr. Leigh,” she said coolly.
> That schocked him – he had thought that he was doing her a favor. He decided to be a big brother. “Miss Adams, I think you ought to accept. Not for my sake, but for yours. You have had no experience at the work; you'll be at the mercy of your employees, and salvage men are the toughest mob in space. Your father could handle the company, but -”
> She set her pretty jar. “Just that,” she said. “My father could handle them, so can I.”
> What was a man to do in the face of such madness? Perhaps - “What about a ship-master, Miss Adams? Your profits will all run into his salary.”
> “No, Mr. Leigh – my father did it and I can do it. I'm going to pilot my own ship.”
> With that he exploded – no woman had ever piloted a rocket ship, he said; and also he said that no woman ever would pilot a rocket ship (GOTTESMAN, 1940a, p. 94-95)[187].

Alice Adams sai em sua primeira missão, mas acaba sendo sequestrada por um pirata, e Jerry Leigh vai resgatá-la. Ele consegue invadir a nave e seu capitão propõe um duelo de armas, que Jerry vence, apesar de ter se machucado bastante. Ele acorda em um hospital, e Alice está lá:

> “I wonder if you would know how I got here,” he sleepily asked.
> “I flew the ship back after you ran that Mother Goose murderer through and got your own appendix clipped. You'll be out of here soon -”
> “*Who* flew the ship?”
> “I did.”

187 "Não está à venda, Sr. Leigh", ela disse friamente. Isso o chocou - ele pensou que estava lhe fazendo um favor. Ele decidiu ser um irmão mais velho. “Senhorita Adams, acho que você deveria aceitar. Não pelo meu bem, mas pelo seu. Você não tem experiência no trabalho; você ficará à mercê de seus funcionários e os homens de resgate são a turba mais difícil do espaço. Seu pai poderia lidar com a empresa, mas ...”
"Só isso", disse ela. "Meu pai poderia lidar com eles, então eu posso."
O que um homem deveria fazer diante dessa loucura? Talvez - “Que tal comandante, senhorita Adams? Seus lucros vão atingir o salário dele.”
“Não, Sr. Leigh - meu pai fez isso e eu posso fazer isso. Vou pilotar minha própria nave.”
Com isso, ele explodiu - nenhuma mulher pilotara um foguete, ele disse; e ele disse também que nenhuma mulher jamais pilotaria um foguete.

> “A woman can't fly a -”
> “This one did.” (GOTTESMAN, 1940a, p. 109 grifo no original)[188].

A história acaba e os dois terminam juntos, com planos de se casar. Ainda que Alice saiba pilotar uma nave, ela teve que ser salva por Jerry, o herói da história. “King Cole of Pluto” foi uma das primeiras histórias de Kornbluth, e ele tinha apenas dezesseis anos quando ela foi publicada.

Em “Crisis!” conto publicado na edição de primavera de 1942 da *Science Fiction Quarterly*, Kornbluth novamente constrói uma personagem feminina forte. Clerk Weems tem que administrar uma crise diplomática e é assessorado pela Doutora Helen Carewe, que há anos ocupa essa função:

> She could speak to him like that or even more firmly because she was more than old enough to be his mother. The number of career men she had coached through the Alaska Receiving Station would fill half the consulates in space and with damned good men (CORWIN, 1942, p. 131)[189].

Com os conselhos da dra. Carewe, Weems consegue administrar a tensão e evita uma guerra entre Vênus e a Terra. Outro ponto interessante da história é que um dos mundos envolvidos na crise é Marte, um matriarcado. O mundo vermelho possui a maior marinha de guerra entre os planetas e estava interessado em um possível conflito entre Vênus e Terra:

> Mars wouldn’t get into it. Oh, no! Mars didn’t need colonies or prestige. When you have a navy like the Martian Matriarchal Fleet you don’t need colonies or prestige. You just sit tight and sell the scrappers your second-rate equipment at premium prices (CORWIN, 1942, p. 135)[190].

---

188 "Eu me pergunto se você sabe como eu cheguei aqui", ele perguntou com sono.
“Eu voei com a nave de volta depois de você ter executado o assassino da Mamãe Ganso e ter seu próprio apêndice cortado. Você vai sair daqui em breve - ”
"Quem voou a nave?"
"Eu"
"Uma mulher não pode voar uma -"
"Esta voou."

189 Ela podia falar com ele assim ou ainda mais firmemente, porque ela tinha idade suficiente para ser sua mãe. O número de homens de carreira que ela treinou através da Estação de Recolhimento do Alasca preencheria metade dos consulados no espaço, e com homens bons.

190 Marte não iria entrar nisso. Ah não! Marte não precisava de colônias ou prestígio. Quando você tem uma marinha como a Frota Matriarcal Marciana, você não precisa de colônias ou prestígio. Você apenas fica quieto e vende os restos do seu equipamento de segunda classe a preços caros.

A história, assim, subverte a noção de docilidade feminina e de que a violência e a guerra seriam atributos masculinos. Além disso, “Crisis!” também explora, ainda que de forma breve, outras formas de arranjos familiares e sociais. Em uma festa, Clerk Weems conhece um marciano:

> His hostess presented Weems to her husband-brother-nephew, an example of the ungodly family relationships into which their anatomy naturally led. The creature was very smaller than the female, and spoke only Martian, which the Earthman could not handle except sparingly (CORWIN, 1942, p. 136)[191].

A dra. Carewe explica para Weems que a biologia dos marcianos exige um governo ditatorial:

> The biology of the Martians demands a dictatorship, what with their weird reproductive methods. Unless there were a strong and centralized authority they’d slump back into barbarism after a few thousand years of unrestricted matings. Here’s one dictator who’s loved by the dictatees (CORWIN, 1942, p. 135-136)[192].

Tal afirmação é bem curiosa, mas infelizmente o conto não explora mais a fundo a relação entre a biologia dos marcianos e um matriarcado ditatorial amado pelos cidadãos. Na mesma festa, Weems também conhece um joviano, que revela: “There are so few of us... fifty millions on the whole planet.” He shrugged whimsically. “We’re growing, of course. There was a polygamy decree a few years ago – did you hear of it?” (CORWIN, 1942, p. 136)[193].

A questão do casamento e das normas sociais parece que interessava ao autor, e é possível encontrá-la em mais de uma história sua. Na noveleta “Return from M-15”, publicada na edição de março de 1941 da *Cosmic Stories*, a personagem não aceita morar com o namorado sem que eles se casem antes:

---

191 Sua anfitriã apresentou Weems a seu marido-irmão-sobrinho, um exemplo das relações familiares ímpias para as quais sua anatomia naturalmente conduzia. A criatura era muito menor que a fêmea, e falava apenas marciano, que o terráqueo não entendia, exceto parcialmente.

192 A biologia dos marcianos exige uma ditadura, com seus estranhos métodos reprodutivos. A menos que houvesse uma autoridade forte e centralizada, eles voltariam à barbárie depois de alguns milhares de anos de cruzamentos irrestritos. Essa é uma ditadora que é amada pelo povo.

193 Há tão poucos de nós... cinquenta milhões em todo o planeta”. Ele deu de ombros, caprichosamente. "Estamos crescendo, é claro. Houve um decreto de poligamia há alguns anos atrás - você ficou sabendo disso?”

> “Excuse me, young man, but a point of morality has just come up. Where do you expect to live while you're building Independent Fourteen?”
> “Right here,” he answered calmly (…).
> “Fundamentally,” she began in a determined voice, “I'm a conventional person. And I do not like neighbors talking about me as though I were a thing loathsome and accursed in the eyes of gods and men.”
> “What have neighbors to do with it?”
> “Don't you think they would consider it a bit peculiar were a man suddenly to come to my flat and began to live with me as though it were the most natural thing in the world?”
> “Isn't it?” he replied. “In the eyes of Science nothing is unclean or to be shunned.” (GOTTESMAN, 1941b, p. 69)[194].

Os dois se casam e, na sequência, ela fala:

> “Times have changed,” she philosophized. “The tempo of life is accelerated; things move at a fast and furious pace in these mad days. The old conventions remain, but one complies with them as swiftly and effortlessly as possible. It helps to retain the illusion of gentility.” (GOTTESMAN, 1941b, p. 70)[195].

A fala da personagem é bem interessante e mostra como é desestabilizante viver em uma rotina repleta de mudanças. Para ela, antigas tradições ajudam a encarar a aceleração do tempo. Além disso, “Return from M-15” exemplifica como as mudanças sociais são mais difíceis e demoradas do que as tecnológicas, já que na história havia foguetes, mas um casal morar junto sem estar casado ainda seria mal visto pelos vizinhos. A leitura da noveleta ajuda a entender como era mais fácil para os autores imaginar descobertas científicas revolucionárias do que avanços sociais, ainda que pequenos.

Isso é perceptível também em “The Dweller in the Ice”, do *futurian* Frederik Pohl. O conto foi publicado na edição de janeiro de 1941 da *Super Science Stories*, revista editada pelo próprio autor. Nele, o engenheiro Kye Whalen é transferido para

194 “Com licença, rapaz, mas um ponto de moralidade acabou de surgir. Onde você espera viver enquanto constrói o Independent Fourteen?”
"Bem aqui", ele respondeu calmamente (...).
"Fundamentalmente", ela começou em uma voz determinada, "eu sou uma pessoa convencional. E eu não gosto de vizinhos falando de mim como se eu fosse uma coisa repugnante e amaldiçoada aos olhos de deuses e homens.”
"O que os vizinhos tem a ver com isso?"
“Você não acha que eles considerariam um pouco estranho um homem de repente vir ao meu apartamento e começar a morar comigo como se fosse a coisa mais natural do mundo?”
"Não é?", ele respondeu. “Aos olhos da ciência, nada é impuro ou rejeitado”.

195 "Os tempos mudaram", filosofou ela. “O ritmo da vida é acelerado; as coisas se movem em um ritmo rápido e furioso nesses dias loucos. As velhas convenções permanecem, mas as pessoas as cumprem o mais rapidamente e sem esforço possível. Isso ajuda a manter a ilusão de distinção.”

a Antártida, e sua esposa Beatta vai junto. Kye foi chamado para verificar o altíssimo número de acidentes em uma mina. Essa mina contém fragmentos de um cometa que caiu na Terra e que se descobriu ser um componente útil para a indústria. Segundo os relatórios, os acidentes não parecem estar ligados a nenhum problema mecânico, mas sim com o estado de espírito dos funcionários. Kye, no entanto, decide verificar novamente as máquinas:

> Beatta sat on her hard chair for three hours and more, trying to think the thing out. What had happened to Kye? To every man she knew? A schoolboy could see that Kye was terribly wrong in looking for mechanical trouble to explain the slowing of production. No, it was a mood that had gripped the men at the camp.
> And—her brow unconsciously wrinkled in perplexity—why was *she* unaffected? Except for the contagion from Kye, her spirits were normally high. So, it seemed, were the spirits of the half-dozen other women at the mine site... (MACCREIGH, 1941a, p. 65 grifo no original)[196].

Beatta nota que o marido foi tomado pelo desânimo geral quando um equipamento quebra e nem ele e nem os outros homens querem consertá-lo. Beatta e uma outra mulher decidem, então, descer até a mina e ver o que aconteceu. Kye fica preocupado e vai atrás da esposa. As duas haviam descoberto uma criatura que morava no cometa que se fragmentou e que caiu muito ferida na Terra:

> "That explains the apathy of the camp," said Kye slowly, trying to comprehend an immense thing. "This vast mind, right by us, in horrible pain, dying. And worst of all—cut off from its home—because its home is eternally gone, part of the flaming gases of the sun!"
> "But why didn't Christine or I get that feeling?" Beatta asked.
> "I don't know," Kye said helplessly. "I can't understand any of this—I don't think any human being can, really. But I have an idea . . . which is probably wrong. But it might do till we find a better explanation. This—emotion that that creature has been spreading is a longing for the homeland. That's a basic feeling of every human being. But—women are not as subject to it as men. A woman is trained to cling to a man; a man, to support his country (MACCREIGH, 1941a, p. 72)[197].

---

196 Beatta sentou-se em sua cadeira dura por três horas e mais, tentando resolver o mistério. O que aconteceu com Kye? E com cada homem que ela conhece? Um estudante primário podia ver que Kye estava terrivelmente errado em procurar problemas mecânicos para explicar a desaceleração da produção. Não, era um clima que havia dominado os homens no acampamento.
E - com a testa inconscientemente franzida em perplexidade - por que ela não foi afetada? Exceto pelo contágio de Kye, seu ânimo estava alto. Assim como parecia estar os espíritos de meia dúzia de outras mulheres no local da mina...

197 "Isso explica a apatia do acampamento", disse Kye lentamente, tentando compreender uma coisa imensa. "Essa mente vasta, bem ao nosso lado, com uma dor horrível, morrendo. E o pior de tudo - cortada de sua casa - porque sua casa está eternamente desaparecida, parte dos gases flamejantes

Ainda que seja Beatta e a colega a acharem a criatura, quem explica ao leitor o efeito dela é Kye. Segundo a explicação de Kye – e da história, já que ele não é desmentido – os homens são tomados pelo estado da criatura, mas as mulheres ficam imunes porque elas são treinadas para seguir os maridos, enquanto os maridos são treinados para seguir sua pátria. Tal entendimento mistura componentes biológicos e sociais, e não leva em conta que esse é um arranjo que poderia facilmente ser invertido.

Pohl havia publicado no ano anterior, em parceria com Cyril Kornbluth, uma história bem mais interessante do ponto de vista dos estudos de gênero. “Trouble in Time”, publicada na *Astonishing Stories* de dezembro de 1940, é uma das pouquíssimas histórias dos *futurians* narrada do ponto de vista de uma mulher. Mable Evans é uma engenheira química que mora em uma cidade pequena. Corria o boato de que um cientista acabara de se mudar e ela resolve espiar:

> There was a dark figure on the unkempt lawn; when I was about ten yards from it and on the verge of turning back, it shouted at me: “Hey, you! Can you give me a hand?!
> I approached warily; the figure was wrestling with a crate four feet high and square. “Sure”, I said.
> The figure straightened. “Oh, so he's a she,” it said. “Sorry, lady. I'll get a hand truck from inside.”
> “Don't bother,” I assured it. “I'm glad to help.” (GOSTTESMAN, 1940b, p. 35)[198].

A personagem Evans quebra estereótipos de gênero comuns nas histórias de ficção científica da época: primeiro, por ser uma mulher e engenheira; segundo, por não ser a donzela em perigo que precisa ser resgatada pelo homem. Ela é a heroína da história, que viaja (supostamente) no tempo, para o ano 2700. Supostamente porque um marciano lhe diz que a teoria da máquina do tempo projetada pelo cientista é uma falácia e que logo ela não poderia estar ali. Ela abre os olhos e está

---

do sol!"
"Mas por que Christine ou eu não sentimos isso?” Beatta perguntou.
"Eu não sei", disse Kye, impotente. "Eu não consigo entender nada disso - eu acho que nenhum ser humano pode, na verdade. Mas eu tenho uma ideia.. que é provavelmente errada, que pode servir até que nós encontremos uma explicação melhor. Essa - emoção que essa criatura está espalhando é um anseio pela pátria. Esse é um sentimento básico de todo ser humano. Mas as mulheres não são tão sujeitas a isso quanto os homens. Uma mulher é treinada para se agarrar a um homem; o homem, para apoiar seu país.”

198 Havia uma figura escura no gramado desalinhado; quando eu estava a cerca de dez metros dele e pronta pra voltar, gritou para mim: "Ei, você! Você pode me dar uma mão?!” Aproximei-me cautelosamente; a figura estava lutando com uma caixa de quatro metros de altura e quadrada. "Claro", eu disse. A figura endireitou-se. "Ah, então ele é ela", disse. - Desculpe, senhora. Vou pegar um carrinho de mão lá dentro. "Não se preocupe," eu assegurei. "Estou feliz em ajudar” .

novamente na casa dele. O final do conto esboça um possível romance entre ela e o inventor, já que este afirma “Eu acho que vou gostar desta cidade”.

No ano seguinte, Pohl testou novamente a fórmula com “Wings of the Lightning Land”. Nela, dois pastores de gado da Lua acabam em outra dimensão, e a noveleta é narrada por um deles. Ao caírem no planeta desconhecido, a principal preocupação de quem narra a história é conseguir seu remédio:

> I'd volunteered for moon-cattle herding on an emotional impulse. There was a certain poetic justice to it that fascinated me, for I had been born a cretin, too, like nearly a tenth of humanity. A deficiency in the thyroid glands of my father or mother had made me an idiot child, helpless and useless. The gland extract, given early and regularly, returned me to normalcy.
> There was no shame attached to being a cretin in this sad year of 2240, for there were too many such persons. But I had the feeling of being inferior, set apart, an intelligent human only by virtue of regular doses of acret, the anti-cretinism extract made from the thyroid glands of the moon-cattle (MACCREIGH, 1941b, p. 12)[199].

Depois de vagarem pelo planeta e quase serem atacados por uma fera, os dois descobrem que uma forma de vida que habita quatro dimensões levou eles até lá para que eles ajudem a consertar uma máquina. Como forma de agradecimento, a doença é curada:

> “Martha,” he said gently, “there's nothing to be afraid of – not now, with what you have ahead of you.”
> But I was frightened now. There was something to be frightened about, something changed. He was not looking at me as if I were a pitiable creature of a shunned race. I saw myself as a woman in his eyes, the woman I had never been for him before (MACCREIGH, 1941b, p. 34)[200].

Apenas nesse momento, já no final da noveleta, que o leitor descobre que quem está narrando é uma mulher. Ainda que o autor não tenha dado nenhuma pista

199 Eu me ofereci para pastorar o gado da lua em um impulso emocional. Havia uma certa justiça poética que me fascinava, pois também nascera cretina, como quase um décimo da humanidade. Uma deficiência nas glândulas tireoides de meu pai ou mãe me tornara uma criança idiota, indefesa e inútil. O extrato da glândula, dado cedo e regularmente, me devolveu à normalidade. Não havia vergonha de ser um cretino neste triste ano de 2240, pois havia muitas pessoas assim. Mas eu tinha a sensação de ser inferior, separado, um humano inteligente apenas em virtude de doses regulares de acer, o extrato anti-cretinismo feito das glândulas tireoides do gado da lua.

200 "Martha", disse ele suavemente, "não há nada a temer - não agora, com o que você tem pela frente."
Mas eu estava com medo agora. Havia algo para se assustar, algo mudou. Ele não estava olhando para mim como se eu fosse uma criatura lamentável de uma raça evitada. Eu me vi como uma mulher em seus olhos, a mulher que eu nunca tinha sido para ele antes.

sobre o gênero do narrador, era seguro assumir que se tratava de um homem, já que a maioria das histórias eram narradas por homens. As reações à noveleta foram publicadas na seção dos leitores da edição seguinte da revista. A primeira carta era do também *futurian* Robert Lowndes:

> "Wings of the Lightning Land" was smoothly written except for one point. The revelation of the sex of our story's narrator was clumsily done; it gave the impression that the machine had changed sex on the victim. And since that was supposed to be the ultra-terrific twist of the story (as the build-up indicated), it sorte of flopped (MORLEY, 1942a, p. 75)[201].

Como escrevi na Introdução e procurei abordar em outros capítulos, os *futurians* quiseram trazer inovações para suas histórias. Para eles, a ficção científica era um campo de experimentação não apenas em relação à ciência e tecnologia, mas sobretudo literário. Lowndes, no entanto, considerou que o experimento de Pohl foi mal executado. Na sequência, duas cartas elogiaram "Wings of the Lightning Land" e uma delas a classificou como a melhor história da edição de novembro da revista. Já a última carta é bem curiosa:

> "Wings of the Lightning Land" was impressive in only one thing, that being that the narrator was a female. It jest ain't ethical for narrators to be females or sumthin'. Boy, what a shock for Thorssen to call "him" Martha! Gee, I been rooked. On the whole, the story wasn't too bad, but – er – well... (JENKINS JR., 1942, p. 76)[202].

O editor da revista, na época Alden Norton (Pohl havia brigado com o dono da publicação e ficou alguns meses afastado da edição) deu para a carta o título de "What's the Matter with Females, Pal?" (NORTON, 1942, p. 75)[203]. Para o leitor Jenkis Jr., era tão certo que a ficção científica era uma literatura masculina, que ele levou um choque ao descobrir uma mulher como narradora. Tal prática seria "antiética" segundo ele, embora não explique o que quer dizer com isso.

---

201 "Wings of the Lightning Land" foi escrita suavemente, exceto por um ponto. A revelação do sexo do narrador de nossa história foi feita de maneira desajeitada; deu a impressão de que a máquina mudou o sexo da vítima. E como isso era para ser a reviravolta ultra-fantástica da história (como a narrativa indicava), meio que falhou.

202 "Wings of the Lightning Land" foi impressionante em apenas uma coisa, que o narrador era uma mulher. Não é ético que os narradores sejam mulheres. Rapaz, que choque para Thorssen chamar "ele" de Martha! Puxa, eu fui enganado. No geral, a história não foi tão ruim, mas - bem...

203 Qual é o problema com as mulheres, amigo?

Um episódio muito interessante envolvendo os *futurians* ocorreu na *pulp Future Combined with Science Fiction.* O editor da revista, Robert Lowndes, pediu para a amiga Leslie Perri (na época casada com Frederik Pohl) escrever uma história para a revista (provavelmente para preencher um espaço vazio nas últimas páginas). O resultado foi "Space Episode", publicada na edição de dezembro de 1941. No conto, Lida, Erik e Michael estão em um foguete que foi atingido por um cometa e alguém precisa desobstruí-lo, caso contrário os três morrerão. A pessoa que fizer isso, no entanto, sabe que morrerá, pois não conseguirá voltar para o interior do foguete. Erik e Michael ficam paralisados e é Lida quem assume a situação e se sacrifica:

> Suddenly, it all seemed amusing to her; the question of sacrifice lay between Michael and Erik – this was strictly men's work. But they were finding life a sweet thing – a sudden burst of laughter overcame her (…).
> There was only a sudden decision and she made it. This was her exit and to hell with heroes!
> She bowed to them scornfully, waving aside their fears with a flippant sweep of her hand. Only one regret remained now. They could have chosen fairly, made a pretense of flipping a coin. She looked cocky and defiant now, gathering tools for her job. A grin twisted her mouth into a quivering scarlet line. Would she make a television headline? Would they name a ramp after her, or, perhaps, some day, a rocket division? There were several photos of her in newspaper files; she hoped they would pick a good one when they ran the story. Oh, hers would be a heroic end (PERRI, 1941, p. 108)[204].

A autora brinca com os estereótipos de gênero dizendo que o conserto é "coisa de homem" mas quem o acaba fazendo é Lida. O final do conto é bastante trágico, como não poderia deixar de ser:

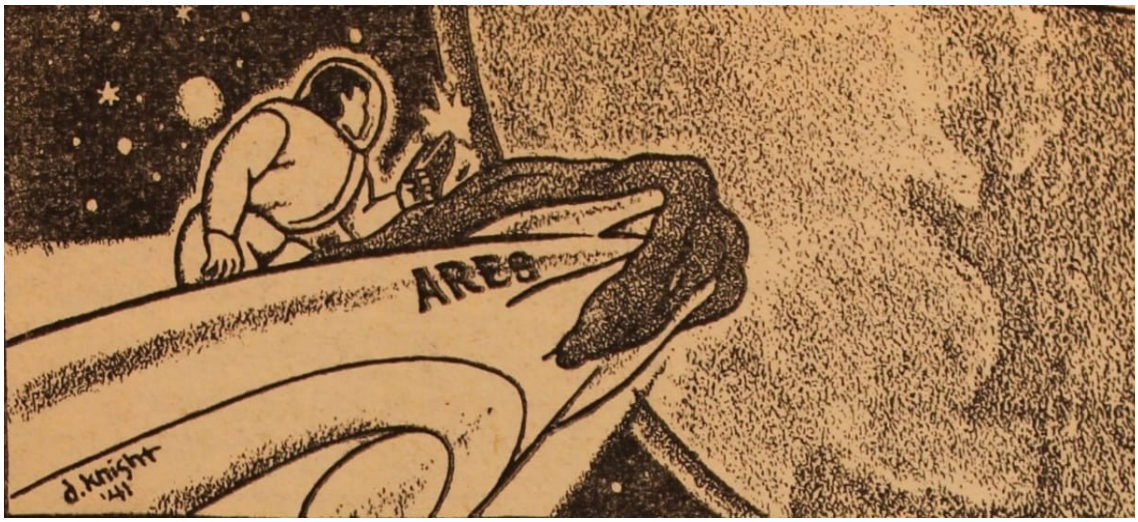
> Earth loomed above her. She had not the acceleration of the ship. Soon it would leave her behind. She would float out here in an orbit of her own, a second moon. Perhaps a meteor would strike her some day; perhaps in the future space-voyagers would find her and bring her home. Soon, within an hour at the most, there would be no more

204 De repente, tudo lhe pareceu divertido; a questão do sacrifício estava entre Michael e Erik - este era estritamente um trabalho de homem. Mas eles estavam achando a vida uma coisa doce - uma explosão súbita de riso a dominou (...). Houve apenas uma decisão súbita e ela a fez. Esta foi a sua saída e para o inferno com os heróis! Ela se inclinou para eles com desdém, acenando para longe seus medos com uma varredura irreverente de sua mão. Restava apenas um arrependimento. Eles poderiam ter escolhido de forma justa, feito uma pretensão de lançar uma moeda. Ela parecia arrogante e desafiadora agora, reunindo ferramentas para seu trabalho. Um sorriso torceu sua boca em uma linha escarlate trêmula. Será que ela seria uma manchete de televisão? Será que nomeariam uma rampa com seu nome, ou, talvez, algum dia, uma divisão de foguetes? Havia várias fotos dela em arquivos de jornais; ela esperava que eles escolhessem uma boa quando eles contassem a história. Oh, o fim dela seria heroico.

> air. But why wait hours? With a sudden movement, she threw open the helmet of her suit.
> The ship was gone now. Michael and Erik were safe. And something tenuous had clamped itself over her nose and mouth so that she could no longer breathe. For an instant she struggled, lungs bursting, as in the throes of a nightmare. Her thoughts cried out, "Michael! Michael!"
> The darkness gathered her in (PERRI, 1941, p.112)[205].

Perri nomeou o foguete como “Ares”, o deus da guerra, talvez uma referência à guerra dos sexos, representada no conto. A ilustração da história foi feita pelo também *futurian* Damon Knight e retrata Lida em sua missão suicida:

Figura 15: ilustração da história “Space Episode”



Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

Na seção de cartas dos leitores da edição seguinte, de fevereiro de 1942, duas pessoas escrevem sobre “Space Episode”. A primeira dá nota zero para a história de Perri e justifica:

> SPACE EPISODE was quite disappointing... I had expected to see some sort of explanation for the surprising conduct of the two men, and that they would regain their senses at the last moment, but when

205 A Terra apareceu acima dela. Ela não tinha a aceleração da nave. Logo seria deixada para trás. Ela flutuaria em uma órbita própria, uma segunda lua. Talvez um meteoro a atingisse algum dia; talvez no futuro os viajantes espaciais a encontrassem e a levassem para casa. Em breve, dentro de uma hora no máximo, não haveria mais ar. Mas por que esperar horas? Com um movimento repentino, ela abriu o capacete do seu traje. A nave havia ido embora agora. Michael e Erik estavam em segurança. E algo tênue se fixou em seu nariz e boca, de modo que ela não conseguia mais respirar. Por um instante, ela lutou, pulmões explodindo, como nos espasmos de um pesadelo. Seus pensamentos gritaram: "Michael! Michael!" A escuridão a abraçou.

> it ended just at the author had obviously led me to believe it would, I felt quite a “let-down” feeling (TARR, 1941, p. 103)[206].

Lowndes comentou a carta de Tarr e afirmou:

> In regard to Space Episode, the girls all thought it was grand, and most of the males seemed hurt. Well, I'll have to admit that it was definitely a woman's story and not exactly jibing with the masculine ego. And, further, that I wouldn't care for a great many of such stories myself - but this once, I found it refreshingly different. Let you know next issue just how it finally came out (LOWNDES, 1942a, p. 104)[207].

Mais à frente, a carta de uma leitora parece reiterar a afirmação de Lowndes, de que as opiniões em relação à história de Perri dividiam-se de acordo com o gênero: “1. SPACE EPISODE. Good, fine and super. The last story in the magazine rated first with me. Call it loyalty to my sex or what you will, but I still like it best. It was swell. More!” (COMBS, 1942, p. 108)[208].

Lowndes volta a falar da recepção de “Space Episode” na edição de abril de 1942 da revista. O conto de Perri ficou em último lugar entre os leitores:

> But, even though it placed last, this tale came out on the credit side of the ledger: more of you liked than disliked it. It seems as if a lot of masculine egos were wounded by Perri tale – but ardent feminists plugged it roundly. It served to show, if nothing else, that more than just a few girls read Future and they can be stirred into writing letters to the editor at times (LOWNDES, 1942c, p. 102)[209].

Pelo comentário de Lowndes, percebe-se que o conto de Perri deve ter motivado muitas mulheres a escreverem para a revista. Como dito acima, a

---

206 SPACE EPISODE foi bastante decepcionante... Eu esperava ver algum tipo de explicação para a conduta surpreendente dos dois homens, e que eles recuperariam seus sentidos no último momento, mas quando terminou aonde a autora me levou a acreditar que iria, senti um sentimento de "decepção".

207 Em relação a *Space Episode*, todas as garotas pensaram que era grandiosa, e a maioria dos homens pareceu magoada. Bem, vou ter que admitir que foi definitivamente uma história de mulher e não exatamente de acordo com o ego masculino. E, além disso, eu mesmo não me importaria com muitas dessas histórias - mas, desta vez, achei-a refrescantemente diferente. Deixo vocês saberem na próxima edição como ela se saiu.

208 1. SPACE EPISODE. Ótima, excelente e formidável A última história da revista foi classificada em primeiro lugar comigo. Chame de lealdade ao meu sexo ou o que você quiser, mas eu ainda achei a melhor. Foi intensa. Mais!

209 Mas, apesar de ter ficado em último lugar, essa história tem um crédito: mais de vocês gostaram do que não gostaram. Parece que muitos egos masculinos foram feridos pela história da Perri - e feministas fervorosas se importaram muito com isso. Serviu para mostrar, no mínimo, que mais do que apenas algumas garotas leem a *Future* e elas podem ser movidas para escrever cartas ao editor às vezes.

participação das mulheres no *fandom* não era tão grande, mas elas eram quase metade dos leitores das revistas de ficção científica. Assim, ao passar de fã para editor, Lowndes teve contato com esse número grande de leitoras e se surpreendeu.

A reação masculina ao conto de Perri lembra o comentário do crítico de ficção científica Paul A. Carter sobre o voo de Valentina Tereshkova:

> In 1963 the USSR's Valentina Tereshkova orbited the earth; from the standpoint of women's liberation in the West the shame of the USA's program was not so much that a woman pilot did not duplicate the feat as that our society did not feel that such a step was even imaginable. This specific kind of social history was something the magazine science fiction of the 1930s and 1940s rarely, if ever, foresaw (CARTER, 1977, p. 51)[210].

De fato, a ficção científica dos anos 30 e 40 dificilmente retratava mulheres em situações de liderança – o conto de Perri é uma exceção. Por muito tempo ele ficou desconhecido para os leitores e críticos, esquecido nas páginas da *pulp Future Combined with Science Fiction*. A partir dos estudos de gênero, houve uma busca pelas mulheres na construção da ficção científica. O conto de Perri foi incluído em três coletâneas: a primeira de 1994, a segunda de 2016 e a última de 2018.

Na mesma edição em que deu um retorno aos leitores sobre a classificação de “Space Episode”, Lowndes publicou a história “Passage to Sharanee” sob o pseudônimo de Carol Grey. Um leitor quis saber sobre a autora, mas o editor escreve que não pode revelar nem o endereço nem nenhuma informação a respeito dela. Lowndes publicou ainda a história “The Leapers” com o pseudônimo de Carol Grey, na edição de dezembro de 1942 da *pulp Future Fantasy and Science Fiction*.

Embora sejam mais conhecidas histórias de mulheres publicando ficção científica com pseudônimos masculinos (ou utilizando apenas suas iniciais para não revelar seu gênero), Lisa Yaszek argumenta que o oposto ocorria na mesma proporção, ou seja, homens escreviam utilizando pseudônimos femininos tanto quanto mulheres utilizavam o masculino. Segundo Yaszek (2019), isso se dava por dois motivos: o primeiro é que, como já visto entre os próprios *futurians*, os autores – sejam homens ou mulheres – escreviam utilizando diversos pseudônimos para

---

210 Em 1963, a russa Valentina Tereshkova orbitou a Terra; do ponto de vista da liberação das mulheres no Ocidente a vergonha do programa dos EUA não era tanto que uma mulher pilota não duplicou o feito como que a nossa sociedade não sentia que esse passo era sequer imaginável. Este tipo específico de história social era algo que revistas de ficção científica das décadas de 1930 e 1940 raramente, ou nunca, previram.

publicar mais de uma história em uma mesma revista e assim aumentar seus ganhos, que eram pequenos. O segundo motivo é que homens utilizavam especificamente nomes de mulheres quando queriam abordar “assuntos femininos” em suas histórias, como algo relacionado ao lar ou então ainda quando utilizavam uma protagonista. Como apontado por Yaszek, isso dava a eles permissão para escrever um tipo diferente de história. No caso de Lowndes, minha suspeita é que ele tenha usado o pseudônimo Carol Grey motivado pela repercussão do conto de Perri. Diferente da colega, no entanto, as histórias assinadas como Grey não traziam nenhuma discussão de gênero.

Na edição de fevereiro de 1943 da *Future Fantasy and Science Fiction*, Lowndes publicou uma história com o pseudônimo de Wilfred Morley dedicada à Carol Grey. Nela, um editor recebe um manuscrito de autoria de Carol Moore, e pede para o colega Dave ler e analisar:

> “The writing is quite effective and it's handled nicely as far as it goes. But it doesn't go anywhere. It would be swell as the beginning of a story, but there isn't any real story, as far as she goes.”
> “She?”
> He indicated the delicate signature at the bottom of the brief note accompanying the story. “That's a feminine hand, and besides the name 'Carol' is much more often feminine than masculine.” (MORLEY, 1943, p. 77)[211].

O trecho acima já dá a primeira dica de que, embora geralmente feminino, Carol também pode ser um nome masculino. Dave lê o manuscrito e sonha que conversa com Carol a respeito dele. No dia seguinte, fica sabendo que o editor também anda sonhando com o texto de Carol, mas com a criatura sobrenatural descrita nele. Dave vai até o endereço do envelope mas descobre que Carol não mora lá, apenas combinou o envio do manuscrito: “*The Superintendent couldn't remember whether Carol Moore was a man or a woman!”* (MORLEY, 1943, p. 80 grifo no original)[212].

Dave, então, pergunta para a secretária se o manuscrito foi devolvido, e ela responde:

---

211 “A escrita é bastante eficaz e é bem administrada até onde vai. Mas não vai a lugar nenhum. Seria grande para o início de uma história, mas não há nenhuma história real, até onde ela vai.” "Ela?" Ele indicou a assinatura delicada na parte inferior da breve nota que acompanha a história. “Essa é uma mão feminina, e além do mais o nome 'Carol' é muito mais frequentemente um nome feminino que masculino.”

212 O superintendente não se lembrava se Carol Moore era um homem ou uma mulher!

> “Yes, sir. It – it came back this morning. He finished it.”
> “He, Miss Hale?”
> “Why, of course. I know that 'Carol' is usually spelled with two 'r's and two 'l's when a man uses it, but I'm sure -” (MORLEY, 1943, p. 81)[213].

Eles conversam sobre a nova versão do manuscrito:

> “Well, didn't it strike you that the girl was rather weak – nowhere near as developed as the man?”
> She tapped the desk with her pencil. “She wasn't as fully developed – but isn't that the way she was supposed to be? When he met her she was still very naive, but...”
> “Exactly, Miss Hale. Too much so. I'm afraid that Carol Moore has not had much experience with women.” (MORLEY, 1943, p. 81)[214].

A análise de Dave soa quase como uma ironia, pois na própria história as personagens femininas são pobremente construídas. Além disso, o comentário dele de que Carol não tem muita experiência com mulheres fica deslocado, já que ele acreditava que Carol era uma mulher. No final da história, os três que leram o manuscrito envelhecem muitas décadas em poucos dias, e o manuscrito é guardado em um cofre para que ninguém nunca mais o leia.

Ao utilizar o pseudônimo de Carol Grey e depois, em uma história dedicada a “ela” questionar se Carol é mesmo um nome feminino, Lowndes brinca com seus leitores. Ele espalhou dicas para que quem acompanhasse a revista com regularidade conseguisse resolver o “mistério” da autoria. Ao assinar dois contos como Carol Grey, o f*uturian* não tinha o objetivo, como para muitos homens que usavam pseudônimos femininos, de debater outras questões nas histórias. O que Lowndes procurou fazer foi criar uma espécie de jogo mental para seus leitores na revista que editava.

Um último tópico que quero discutir relacionado ao tema é a representação feminina nas capas das revistas *pulp* de ficção científica, muitas vezes feita de maneira bem problemática. Essas mulheres eram sempre brancas e bastante

---

213 "Sim senhor. O manuscrito voltou esta manhã. Ele terminou.”
"Ele, senhorita Hale?"
“Claro. Eu sei que 'Carol' é geralmente escrito com dois 'r' e dois 'l' quando um homem o usa, mas tenho certeza - ”

214 "Bem, não lhe pareceu que a menina era bastante fraca - nem de perto tão desenvolvida como o homem?"
Ela bateu na mesa com o lápis. “Ela não estava totalmente desenvolvida - mas não é assim que ela deveria ser? Quando ele a conheceu, ela ainda era muito ingênua, mas...”
“Exatamente, senhorita Hale. Demais. Receio que Carol Moore não tenha muita experiência com mulheres.”

sexualizadas e geralmente eram representações da “donzela em perigo”. Ainda que o foco da pesquisa sejam os textos e não as imagens, separei alguns exemplos de capas com esse tipo de desenho a título de ilustração:

Figuras 16, 17, 18 e 19, em sentido horário: capas das revista Future Fiction, de novembro de 1939; Future Fiction de março de 1940; Amazing Stories, de dezembro de 1945 e Planet Stories, primavera de 1942.

Fonte: The Internet Speculative Fiction Database

Nas capas, é possível perceber a erotização dos corpos femininos. Na segunda imagem, a mulher não está usando roupa especial para as condições atmosféricas diferentes, muito menos um capacete para poder respirar! Há uma dissonância entre as capas e o interior das revistas: muitas das que traziam mulheres em suas capas (às vezes até como heroínas) não tinham histórias com personagens femininas fortes, ou mesmo, nenhuma mulher.

As capas da *Future Fiction* reproduzidas acima são dos dois primeiros números da revista, editada por Charles Hornig. Na seção de cartas, o *futurian* Isaac Asimov reclamou a respeito dos desenhos, e Hornig se justificou: “The lady-in-distress on the cover seems to be popular with pulp readers, but if we get too many complaints from the science-fiction fans, the type of covers will be changed” (HORNIG, 1940a, p. 108)[215]. Na edição seguinte, ao responder um leitor sobre sexo não ter espaço na ficção científica, o editor novamente fala sobre as capas: “I agree with you that sex and love interest are two different things, and I try to keep all sex out of the stories. As for the cover, girls on them seem to help the news-stand sales, which is the publisher's first concern” (HORNIG, 1940b, p. 66)[216].

Hornig não esconde a preocupação com as vendas, e que as ilustrações nas capas tinham a intenção de atrair mais leitores. Quando o *futurian* Robert Lowndes assumiu a direção da revista, as capas mudaram drasticamente de estilo. Um dos ilustradores recorrentes das capas passou a ser o também *futurian* Hannes Bok, e a capa abaixo mostra bem a transição de estilos:

---

215 A dama em perigo na capa parece ser popular entre os leitores de pulp, mas se recebermos muitas reclamações dos fãs de ficção científica, o tipo de capa será alterado.

216 Concordo com você que sexo e interesse amoroso são duas coisas diferentes, e tento manter todo o sexo fora das histórias. Quanto à capa, as garotas nelas parecem ajudar as vendas da banca de jornal, que é a primeira preocupação da editora.

Figura 20: Capa da Future Fantasy and Science Fiction de outubro de 1942

Fonte: The Internet Speculative Fiction Database

As capas passaram a ilustrar principalmente objetos, como naves ou equipamentos. Quando havia mulheres, elas não usavam roupas sensuais ou estavam em perigo esperando para serem salvas. Em relação à preocupação com o número de vendas, Lowndes mudou a estratégia, e passou a pedir para que cada leitor convencesse pelo menos uma pessoa nova a adquirir um exemplar da *Future*. É difícil saber se isso funcionou, já que as revistas acabaram pouco tempo depois devido ao racionamento imposto com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra. Tratarei melhor disso no próximo capítulo.

4 WHEN THE EARTH SHOOK: FICÇÃO CIENTÍFICA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O tema da guerra nas histórias de ficção científica é quase tão antigo quanto o próprio gênero: basta lembrar que um dos “clássicos” dessa narrativa literária é *A Guerra dos Mundos*, publicado pela primeira vez em 1897. Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, não é de se estranhar, então, que o tema ganhe ainda mais força. Neste capitulo, falarei do impacto que a guerra teve na ficção científica americana; das representações da Segunda Guerra nas histórias escritas pelos *futurians*; da oposição num primeiro momento e depois do apoio do grupo à entrada dos Estados Unidos na guerra, e da participação que os *futurians* tiveram nela.

4.1 A GUERRA E AS HISTÓRIAS

Mesmo antes do início da guerra, a crescente tensão deixava incertezas sobre a paz no globo. Isaac Asimov, em “Trends”, conjecturou que uma Segunda Guerra Mundial teria início em breve:

> “I know, I know. You're going to tell me of the First War of 1914, and the Second of 1940. It's an old story to me; my father fought in the Second and my grandfather in the First. Nevertheless, those were the days when science *flourished*. Men were not afraid then; somehow they dreamed and dared. There was no such thing as conservatism when it came to matters mechanical and scientific. No theory was too radical to advance, no discovery too revolutionary to publish. Today, dry rot has seized the world when a great vision, such as space travel, is hailed as 'defiance of God'” (ASIMOV, 1939b, p. 35 grifo no original)[217].

O conto narra passado, presente e futuro de uma maneira interessante e que vale a pena discutir brevemente. Na história, após a Primeira Guerra Mundial, houve

217- Eu sei, eu sei. Você vai me contar da Primeira Guerra, de 1914, e da Segunda, de 1940. É uma velha história, para mim; meu pai lutou na Segunda, e meu avô na Primeira. No entanto, aqueles eram dias em que a ciência florescia. Os homens eram destemidos; de alguma forma, sonhavam, e ousavam. Não havia coisas como conservadorismo, quando se tratava das coisas mecânicas e científicas. Nenhuma teoria era demasiado radical para propor, nenhuma descoberta, revolucionária demais para publicar. Hoje, uma estagnação podre tomou o mundo, quando uma grandiosa visão, assim como a viagem espacial, é usada como “desafio a Deus” (ASIMOV,1978, p. 61).

um período de efervescência na produção de conhecimento combinado (e talvez até gerado por) uma liberdade maior. Esse período foi sucedido por “uma nova era vitoriana” em que a religião tem papel importante. A história é apresentada como sendo oscilações de um pêndulo, com alternâncias entre momentos de liberdade e de convenções sociais mais rígidas.

“Trends” foi a terceira publicação de Asimov em revistas profissionais de ficção científica, e a primeira a aparecer na *Astounding Science Fiction*, do editor John Campbell. Nela, o *futurian* explorou um futuro em que havia uma resistência social à ciência e, em especial, à pesquisa espacial. Tal cenário começou após a Segunda Guerra Mundial, cujo início Asimov projetou para 1940. O novo conflito mundial, no entanto, começou antes: a história foi publicada na edição de julho de 1939 da revista e a invasão da Polônia ocorreu logo depois, em setembro.

Asimov conta que o tema da guerra era caro a ele, descendente de judeus. Em outra história, publicada na *pulp Super Science Novels Magazine* de março de 1941, ele procurou novamente prever o futuro:

> “Tell, me please, what is de name of dat country where Hitler died. Your Eard names, dey are so complicated some times. I dink it begins wid an M.”
> His neighbor ripped him open with a stare and walked away. Ullen's eyes followed him with a puzzled frown.
> And then the all-clear signal sounded.
> “Oh, yes,” said Ullen. “Madagascar! Such a silly name!” (ASIMOV, 1941a, p. 89)[218].

Mesmo escrevendo durante o avanço de Hitler, Asimov imaginou que no fim o ditador nazista seria derrotado. Deu a ele o mesmo fim de Napoleão: morte no exílio, e o país escolhido por Asimov foi Madagascar. O *futurian* Robert Lowndes também acreditava que o eixo seria derrotado. Na história “The Lemmings”, ele conjecturou:

> I told Davy that I'd stopped reading the papers after we licked the Japs, and Hitler and Benny were swept away like so much paper in the wind. Sure, I'm patriotic and I take pride in the Western Hemisphere Federation, but the write-ups on the proceedings aren't very exciting (MORLEY, 1942b, p. 105)[219].

218- Diga-me, por favor, qual o nome daquele país onde Hitler morreu? Os seus nomes terráqueos são tão complicados, creio que começa com M.
Seu vizinho fulminou-o com o olhar, e afastou-se. Os olhos de Ullen seguiram-no, estupefatos.
E então soou o sinal do fim do ataque.
- Ah, sim – disse Ullen – Madagascar! Que nome mais bobo! (ASIMOV, 1978, p. 232).

Além de Hitler, Lowndes também fala da derrota de “Benny” (Benito Mussolini) e dos japoneses. Nesse futuro imaginado pelo *futurian*, após o fim da guerra, os países se uniram em torno de uma “Federação do Hemisfério Ocidental”.

Assim como outros *futurians*, Asimov fez parte dos esforços da guerra (a participação deles será discutida mais à frente). O conto “Blind Alley” publicado na edição de março de 1945 da *Astounding Science Fiction*, é composto em grande parte por relatórios. Na história, Loodun Antyok é escolhido supervisor de Cepheus 18, um planeta em que uma raça de criaturas não-humanas inteligentes em vias de extinção é colocada. O planeta é uma combinação de zoológico e laboratório, e Antyok quer ajudar os seres. Para isso, se vale da burocracia que conhece tão bem e manipula tanto fisiologistas quanto cientistas sociais na escrita de seus relatórios. Assim, consegue providenciar uma série de itens que ajudam na fuga das criaturas. Ele, no entanto, é inocentado de qualquer responsabilidade:

> From: BuOuProv
> To: Loodun Antyok, Chief Public Administrator, A-8
> Subject: Administrative Service, Standing in.
> Reference:
> (a) AdServ Court Decision 22874-Q, dated 1/978 G.E.
> 1. In view of the favorable opinion handed down in reference (a) you are hereby absolved of all responsibility for the flight of non-Humans on Cepheus 18. It is requested that you hold yourself in readiness for your next appointment.
> R. Horpritt, Chief, AdServ,
> 15/978 G.E. (ASIMOV, 1945a, p. 157)[220].

Antyok conseguiu usar a burocracia em seu favor e assim ajudou os não-humanos a escaparem. “Blind Alley” brinca com os trâmites e papeladas que o autor teve que encarar em seu trabalho de pesquisa na marinha.

---

219 Eu disse ao Davy que parei de ler os jornais depois que derrotamos os japoneses, e Hitler e Benny foram varridos como tantos papéis ao vento. Claro, eu sou patriota e tenho orgulho da Federação do Hemisfério Ocidental, mas os comentários sobre os procedimentos não são muito empolgantes.

220 De: BiProvEx
Para: Loodun Antyok, Administrador Público Chefe, A-8
Assunto: Serviço Administrativo, Continuidade
Referência:
(a) AdServ Decisão da Corte, 22874-Q, data 1/978 E.G.
1. Tendo em visto a opinião favorável exarada quanto à referência (a), o senhor é, por esta, absolvido de toda responsabilidade pela fuga dos não-humanos de Cefeus 18. Solicita-se que se mantenha pronto para sua próxima designação.
R. Horpritt, Chefe, AdServ,
15/978 E.G.(ASIMOV, 1978, p. 388).

O *futurian* Donald Wollheim também fez especulações a respeito da Segunda Guerra enquanto ela ainda ocorria. No conto “Up There”, publicado na edição de verão de 1942 da *pulp Science Fiction Quarterly*, ele especulou que os Estados Unidos seriam atacados pelos nazistas. O tio do protagonista da história fica com um dos aviões pra si:

> “Purty, ain't she?” he said. “One of the planes that bombed New York t'other week. Run out of gas and come down neat as a whistle right here on my land where you see her.”
> “What happened to the crew?” I asked.
> Uncle's eyes twinkled and he spat another stream of tobacco.
> “Shot 'em,” he said. “Ain't nobody can trespass on my land without permission.” (PEARSON, 1942b, p. 85)[221].

Outro *futurian,* Walter Kubilius, também imaginou que os Estados Unidos enfrentariam a invasão do seu território pelos nazistas: “Fort MacArthur had withstood the guns of the Nazi fleet. Guarding the harbor of New York in the days when the future looked black indeed, it had faced the worst an unrelentless and desperate enemy could offer” (KUBILIUS, 1942c, p. 108)[222].

Quando sentem tremores na Terra, os postos militares acreditaram se tratar de bombas deixadas pelas forças do Eixo ou por traidores: “Throughout the greater part of the United States the first tremors went unnoticed. American outposts west of the Appalachian mountains thought the tremors were due to the setting-off of huge explosive stores left by Axis forces and native traitors” (KUBILIUS, 1942c, p. 106)[223]. Os terremotos, no entanto, duraram vários dias, destruíram a Terra e colocaram um fim à vida humana.

Publicada na edição de outubro de 1942 da *pulp Future Fantasy and Science Fiction*, a história é intitulada “When the Earth Shook”, e dá nome a este capítulo. O trágico desfecho da história carrega o medo do futuro em um momento de incertezas sobre o que poderia acontecer. Kubilius dialoga com a angústia da sua época, ao mesmo tempo que destoa da comunidade de ficção científica de então, com seus

221 “Bonito, não é?" Ele disse. “Um dos aviões que bombardeou Nova York na outra semana. Ficou sem gasolina e descia como um assobio aqui na minha terra onde você o vê. "O que aconteceu com a tripulação?" Eu perguntei. Os olhos do tio cintilaram e ele cuspiu outra corrente de tabaco. “Atirei neles”, ele disse. "Ninguém pode invadir minha terra sem permissão."

222 O forte MacArthur resistira às armas da frota nazista. Guardando o porto de Nova York nos dias em que o futuro parecia de fato negro, havia enfrentado o pior que um inimigo implacável e desesperado poderia oferecer.

223 Em toda a maior parte dos Estados Unidos, os primeiros tremores passaram despercebidos. Postos avançados americanos a oeste das montanhas dos Apalaches achavam que os tremores se deviam à detonação de enormes explosivos deixados pelas forças do Eixo e traidores nativos.

finais geralmente otimistas. O *futurian,* assim, antecipa uma tendência que ganhará força sobretudo após o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, como será visto na última parte deste trabalho.

Nas histórias vistas até aqui, a Segunda Guerra aparece apenas na forma de um comentário breve, uma recordação do passado dos personagens, ou uma referência. Nas próximas histórias discutidas, a guerra será o tema principal. A primeira delas é "Castaway" do *futurian* Donald Wollheim, publicada na edição de maio de 1940 da *pulp Super Science Stories.* O conto começa com a descrição de uma guerra em uma galáxia distante e que já dura milhares de anos. Uma das naves se afasta pois precisa ser consertada e então a história passa para a Terra:

> America had not fared so well in the great war. The Japanese surprise attack on the Pacific coast in the spring of 1953 had found her unprepared. Rapidly the highly efficient Oriental troops had pushed the defenders back, mile by mile, across California, Nevada and Utah to the Rocky Mountains (WOLLHEIM, 1940, p.115)[224].

"Castaway" apresenta uma história alternativa: a Primeira Guerra Mundial (ou "Grande Guerra") se estende por décadas e, em 1953, os Estados Unidos foram invadidos pelas tropas japonesas. Os cientistas japoneses criaram uma bomba que faria o Império Japonês vencer a guerra. Na manhã planejada para testar a nova bomba, surgiu um ponto no céu que foi aumentando à medida que se aproximava da Terra, até se tornar "o céu inteiro":

> For the American posts high in the peaks of the mountains, it seemed indeed as if the sky had fallen. A vast metal oval, at least a hundred miles long, had fallen directly on their enemies. Could it be the act of an avenging God, crushing the entire strength of the invaders, but preserving the forces of the defenders? (WOLLHEIM, 1940, p.116)[225].

Três dias depois a imensa nave vai embora, deixando um buraco gigantesco onde antes havia "soldados, cidades, lagos e até montanhas". O Japão então inicia as negociações de paz. Em "Castaway", Primeira e Segunda Guerra se sobrepõem.

---

224 A América não se saíra tão bem na grande guerra. O ataque surpresa japonês na costa do Pacífico, na primavera de 1953, a encontrou despreparada. Rapidamente as tropas orientais, altamente eficientes, empurraram os defensores para trás, milha por milha, através da Califórnia, Nevada e Utah até as Montanhas Rochosas.

225 Para os postos americanos no alto do pico das montanhas, parecia de fato como se o céu tivesse caído. Um vasto metal oval, com pelo menos cem milhas de comprimento, caíra diretamente sobre os inimigos. Poderia ser o ato de um Deus vingador, esmagando toda a força dos invasores, mas preservando as forças dos defensores?

Nessa linha de tempo alternativa criada pelo *futurian*, o confronto só tem fim quando uma nave alienígena literalmente esmaga os inimigos dos Estados Unidos (que nessa história são apenas os japoneses). Wollheim escreveu a história muito antes de Pearl Harbor, mas imaginou acertadamente que o país poderia sofrer um ataque japonês. Ele antecipou, assim, a tendência de representar os japoneses como os inimigos a serem combatidos. Como visto no Capítulo 3, essa representação muitas vezes era racista e desumanizadora.

A noveleta “Sir Mallory's Magnitude”, do *futurian* Cyril Kornbluth, também tem como tema a Segunda Guerra Mundial. Publicada na edição de inverno de 1941-1942 da *pulp Science Fiction Quarterly*, a história se passa em meio a uma tentativa de estabelecer a paz mundial. A guerra iniciada em 1939 se desdobrou em diversos outros conflitos que duraram mais de duas décadas. A conferência anti-guerra, sediada em Oslo, já se estendia por três anos, mas começou a correr perigo. O representante dos Estados Unidos na conferência e protagonista da história resolve investigar e descobre que o culpado é um alemão ligado à extinta Gestapo. A história se encerra com um tom esperançoso, depois que o vilão é detido:

> “Right. A load will be useful when we fly back to Oslo in the morning.”
> “It is morning now,” she said, indicating the ray of dawn that streaked through the door and splashed down the stairs.
> “It is. Morning,” said Ballister. “Morning over the world.” (GOTTESMAN, 1941d, p. 106)[226].

Embora a noveleta projete que a humanidade tenha sofrido muitos anos com os conflitos iniciados em 1939, no final, o mundo alcançará a paz. A manhã representa essa promessa de um novo começo.

O conto “Daughters of Eternity”, do *futurian* Frederik Pohl, está ambientado em meio a uma conferência de paz, assim como “Sir Mallory's Magnitude”. A diferença é que na história de Pohl, a guerra havia sido travada entre vários mundos, inclusive a Terra – e é a entrada dela que é decisiva para o fim do conflito:

> The Oberonian Empire had started the last war. The five planets and moons which formed their empire had been the most potent military reservoir in the history of the Solar System. They'd made only one little miscalculation when they set off the fuse that plunged the nine

226 "Certo. Uma carga será útil quando voarmos de volta para Oslo pela manhã.” “Já é de manhã”, ela disse, indicando o raio da aurora que riscava a porta e descia as escadas. "É. Manhã” - disse Ballister. "Manhã sobre o mundo."

> planets into four years of carnage. They hadn't figured on Earth's immediate and decisive entrance into the war. Venus and Mars, the original targets for their attack, they could have vanquished within months. But Earth, the untapped reserve of man-power and industries; Earth, the most highly mechanized planet of all, had for once acted with courage and immediate decision (MACCREIGH, 1942, p. 68)[227].

O trecho acima pode ser lido como uma metáfora para falar da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra, que havia acabado de acontecer: o país havia declarado guerra ao Japão, Alemanha e Itália em dezembro de 1941, e a história foi publicada na edição de março de 1942 da *pulp Astonishing Stories.* "Daughters of Eternity", assim, funciona como uma espécie de apoio ao país que "agira com coragem e decisão imediata". Além disso, o Império Oberoniano do conto com seu ditador racista é uma referência a Hitler e os ideias eugênicos da Alemanha nazista.

Um conto de Walter Kubilius discute, de maneira bem diferente e interessante, a Segunda Guerra e suas consequências nefastas. Em "The Day Has Come", publicado na *pulp Stirring Science Stories*, um avião cai em uma região vazia do Canadá e os três sobreviventes caminham até uma vila próxima. Ao chegarem lá, encontram as ruas desertas e descobrem que todos os moradores, homens, mulheres e crianças, trabalham nas duas fábricas que ficam na região central. Ao espiarem, veem que uma das fábricas produz bombardeiros, que são entregues na outra fábrica, que por sua vez desmonta os aviões e entrega as partes para a primeira fábrica, num ciclo vicioso. Um dos sobreviventes entende a situação e explica aos demais:

> For more than two hundred years that factory has been building bombing planes for a war that ended two hundred years ago! (…). Do you remember the bombings of the Second World War? Wave after wave of enemy planes came, blowing up the factories and industrial centers of the enemy. Coventry, Hamburg, Detroit! All of them smashed to bits! When industrial centers were smashed by air-raids, what is the logical answer? Build factories and plants in out of the way places, far from the arm of the airplane! (…) And perhaps there are still more throughout the arctic! Cities of living dead, still making bombs and bombers after all these centuries. They started something

227 O Império Oberoniano havia iniciado a última guerra. Os cinco planetas e luas que formaram seu império foram o reservatório militar mais potente da história do Sistema Solar. Eles fizeram apenas um pequeno erro de cálculo quando dispararam o fusível que mergulhou os nove planetas em quatro anos de carnificina. Eles não haviam imaginado a entrada imediata e decisiva da Terra na guerra. Vênus e Marte, os alvos originais do ataque, eles poderiam ter vencido em poucos meses. Mas a Terra, a reserva inexplorada do poder humano e das indústrias; A Terra, o planeta mais mecanizado de todos, agira com coragem e decisão imediata.

> that they could not finish. They'll keep on building those bombers till the machines are worn out and became dust! (KUBILIUS, 1942b, p. 29-30)[228].

O censo de dever está tão embutido nos habitantes da isolada vila canadense, que eles continuam produzindo os bombardeiros, sem saber que a guerra terminou há mais de duzentos anos. O trio decide abordar uma garota cujo olhar não parece tão apático quanto o dos demais. Ela questiona como eles chegaram até a vila e quando eles falam que sofreram um acidente de avião, ela se desespera: “Airplane! Bomber!” she said, her voice becoming high pitched till it was almost a scream. “Then it's true what the books said! You've come here to kill all of us! You came here to stop the machines! It's you who wanted the war!” (KUBILIUS, 1942b, p. 31)[229].

Eles explicam que não há guerra nenhuma, mas para ela a chegada do trio só confirma aquilo em que a vila acredita há gerações: “No war!” she cried, “there's always war! Always! The Day will come, my father told me and his father told him. There's always war! ALWAYS! THE DAY HAS COME!” (KUBILIUS, 1942b, p. 31)[230]. Eles questionam a garota sobre de que dia ela está falando e ela responde:

> “The Day when our bombers fly!” she said exultantly. “That Day! I knew it was here when I saw you enter the city!” (…) “I knew! Today is the Day! I told them, the workingmen, that they should let the bombers fly!”
> “Fly?” Millet asked. “Holy Sun! But where? Those bombers fly blind. Their destination was set into the controls over two hundred years ago! Even the moment that they drop their bombs is all set””
> “To the enemy!” she said, “They'll bomb his cities! Smash his factories! Destroy his roads and communications! Destroy him!” (KUBILIUIS, 1942b, p. 31)[231].

---

228 Há mais de duzentos anos que a fábrica constrói aviões de bombardeio para uma guerra que acabou há duzentos anos! (…) Você se lembra dos bombardeios da Segunda Guerra Mundial? Onda após onda de aviões inimigos vinha, explodindo as fábricas e centros industriais do inimigo. Coventry, Hamburgo, Detroit! Todos eles se despedaçaram! Quando os centros industriais são destruídos por ataques aéreos, qual é a resposta lógica? Construa fábricas em lugares afastados, longe do braço do avião! (…) E talvez ainda haja mais em todo o ártico! Cidades de mortos-vivos, ainda fazendo bombas e bombardeiros depois de todos esses séculos. Eles começaram algo que não conseguiram terminar. Eles continuarão construindo esses bombardeiros até que as máquinas estejam gastas e se tornem poeira!

229 “Avião! Bombardeiro!” Ela disse, sua voz tornando-se alta até que era quase um grito. “Então é verdade o que os livros disseram! Vocês vieram aqui para matar todos nós! Vocês vieram aqui para parar as máquinas! São vocês que queriam a guerra!”

230 "Sem guerra!", exclamou ela, “sempre há guerra! Sempre! O dia chegará, meu pai me disse e seu pai lhe disse. Há sempre guerra! SEMPRE! O DIA CHEGOU!"

231 "O dia em que nossos bombardeiros voarão!", ela disse exultante. "Este dia! Eu sabia que tinha chegado quando vi vocês entrarem na cidade! (…) Eu sabia! Hoje é o dia! Eu falei para os trabalhadores, que eles deveriam deixar os bombardeiros voarem!
"Voar?", perguntou Millet. “Santo Sol! Mas onde? Aqueles bombardeiros voam cegos. Seu destino foi colocado nos controles há mais de duzentos anos! Mesmo o momento de soltar suas bombas, está tudo programado”

Os três veem pela janela os bombardeiros partindo: “In Millet's mind there was a strange thought. Three black bombing planes, relics of the past, were bombing a glorious new city founded upon peace. What a mockery!" (…) After two hundred years the Day had come” (KUBILIUS, 1942b, p. 31)[232].

A ideia de que sempre haverá guerra penetrou tão profundamente nos moradores da pequena vila que, mesmo passado tanto tempo, eles continuaram a cumprir o que para eles era seu dever. Diferente das histórias de outros *futurians* que nomeavam os países em guerra com os Estados Unidos (principalmente Alemanha e Japão), “The Day Has Come” apenas fala dos “inimigos” que serão atingidos pelos bombardeiros.

“The Day Has Come” foi publicada na edição de março de 1942, quando a guerra ainda parecia (e de fato estava) longe do fim. As primeiras tropas americanas haviam recém-chegado na Inglaterra para somar forças contra o Eixo. No futuro criado por Kubilius, a humanidade parece finalmente ter conseguido uma trégua nas guerras, apenas para ver a paz novamente ameaçada pelos antigos bombardeiros.

O *futurian* Robert Lowndes também abordou a questão da guerra e da paz na história “The Peacemakers”. O conto, publicado sob o pseudônimo de Mallory Kent, saiu na edição de agosto de 1942 da *pulp Future Combined with Science Fiction* (que Lowndes editava). O narrador da história conta que chega em uma reunião e há alguém falando:

> You all are acquainted with the events of the past few weeks – the 'new weapon' which has been attributed to secret machinations of the Allied Nations – the spheres which suddenly appeared over great battle-areas and rendered all explosives inoperative. That was our work (…).
> We are the Peacemakers. Not simple, naive old gentlemen in white robes, I assure you. Our staff is manned by men and women from all nations – yes, even from those still under the tyranny of the swastika (…).
> We are ending the war now.
> But we are not stopping there. We know the causes of war; we know what is requisite for genuine, permanent peace upon this planet (KENT, 1942a, p. 98)[233].

“Para o inimigo!” ela disse, “eles vão bombardear suas cidades! Esmagar suas fábricas! Destruir suas estradas e comunicações! Destruí-lo!”

232 “Na mente de Millet, havia um pensamento estranho. Três aviões bombardeiros negros, relíquias do passado, bombardeando uma gloriosa cidade nova fundada sobre a paz. Que escárnio!” Depois de duzentos anos, o dia chegou.

233 Vocês todos estão familiarizados com os eventos das últimas semanas - a 'nova arma' que foi atribuída a maquinações secretas das Nações Aliadas - as esferas que apareceram subitamente em grandes áreas de batalha e tornaram todos os explosivos inoperantes. Esse foi o nosso trabalho

O narrador é convidado para falar na sequência e seu discurso segue a mesma linha do anterior:

> I have often heard it claimed that war is necessary, that without conflict, the human being would soon go to seed. However, it is only one particular war that we, the Peacemakers, are outlawing, war between members of the human species. The war against disease, and mental ill-being continues, must continue until absolute victory is achieved (KENT, 1942a, p. 99-100)[234].

Após a reunião, o narrador volta para seu apartamento e é contatado por um colega:

> "Success", I reported to him, easing myself out of the cumbersome body-mask one has to wear on this backward world. "I advise the expedition be sent out at once, for it will take nearly a generation in this planet-time before it arrives. By then, all thought of aggression will have disappeared, and the human being will be a full-blooded, healthy, and invigorating specimen. We need no longer worry about our diminishing food supply" (KENT, 1942a, p. 100)[235].

A história termina e, graças aos pacificadores, a guerra chegará ao fim. Dali a uma geração, no entanto, a humanidade será devorada por uma raça alienígena que estava interessada em ajudar a promover a paz apenas para sobrar mais comida para eles.

Na edição seguinte da revista, na seção de cartas dos leitores, todos os comentários a respeito de "The Peacemakers" foram positivos. Uma leitora questiona se a história não foi escrita para preencher um buraco (afinal, ela tinha apenas três páginas e dividia o espaço com os anúncios):

(…).Nós somos os pacificadores. Não simplórios, ingênuos senhores de túnica branca, asseguro-lhes. Nossa equipe é tripulada por homens e mulheres de todas as nações - sim, mesmo daqueles que ainda estão sob a tirania da suástica (...). Estamos terminando a guerra agora. Mas não estamos parando por aí. Nós conhecemos as causas da guerra; sabemos o que é necessário para uma paz genuína e permanente neste planeta.

234 Muitas vezes ouvi dizer que a guerra é necessária, que sem conflito, o ser humano logo iria virar semente. No entanto, é apenas uma guerra em particular que nós, os pacificadores, estamos proibindo, guerra entre os membros da espécie humana. A guerra contra as doenças e as doenças mentais continuam, devem continuar até que a vitória absoluta seja alcançada.

235 "Sucesso", eu relatei a ele, me livrando da máscara pesada e desajeitada que tem que se usar neste mundo atrasado. "Eu aconselho que a expedição seja enviada imediatamente, pois levará quase uma geração neste tempo do planeta antes que ela chegue. Até então, todo o pensamento de agressão terá desaparecido, e o ser humano será um espécime puro, saudável e revigorante. Não precisamos mais nos preocupar com a diminuição da oferta de alimentos".

> The Slim People and The Peacemakers – written as “fillers”, weren't they? - were okay for such short lengths. Was especially struck by The Peacemakers. Kent is pretty cynical and bitter concerning Earth's chances for peace, Doc. It is an ironical notion – Earth uniting for the first time in all its eons of life, only to face the debacle of destruction from an outer source (BOOKER, 1942, p. 82)[236].

O editor apenas diz que deixará o autor falar por si mesmo, e na sequência da carta de Pauline Booker, uma carta de “Mallory Kent” é publicada:

> I think it was L. Sprague de Camp who recently dissertated upon the folly of holding an author responsible for the views of his characters. I don't always agree on that score, but am inclined to suspect that stf writers, at least, should be given clean bills of health.
> In regard to The Peacemakers: It was just an odd idea which occurred to me some time back, and which I talked over with Future's editor thereafter. He said: Make it into a short-short with a punch. So I did. And am glad to see that, according to readers' letters, it was well liked.
> As far as my opinions on the future go – don't mind saying that I'm more inclined to be optimistic. I'm right up there with fellow stf-scribes like Hugh Raymond, who see a braver, and brighter future for the world in the offing. An end to wars and the causes of wars and a beginning for the human race as the peoples of the world take their dreams and destinies into their own hands, forever outlawing the Hitlers and the Hitlers-builders, and those who prefer Hitler to their own native democracy.
> Homo Sapiens has been here quite a number of years from our viewpoint, but has hardly been born from the viewpoint of the Earth itself. And we, as a being, are barely out of our infancy. When we know better, as a race, than to let tiny minorities kick us around for their own ends, goad us into destroying each other and ourselves for those some ends, and unite – then the civilization of the Dawn Men will begin. We're still living in pre-History.
> And I think a lot of us who are fighting today will live to see Man's real history begin! (KENT, 1942b, p. 83)[237].

---

236 The Slim People e The Peacemakers – foram escritas como enchimento, não foram? - são boas para tais tamanhos curtos. Fui especialmente atingida pelos pacificadores. Kent é bastante cínico e amargo em relação às chances de paz da Terra, Doc. É uma noção irônica - a Terra unindo-se pela primeira vez em todas as suas eras de vida, apenas para enfrentar o desastre da destruição de uma fonte externa.

237 Eu acho que foi L. Sprague de Camp quem recentemente dissertou sobre a loucura de fazer um autor responsável pelas opiniões de seus personagens. Eu nem sempre concordo com isso, mas estou inclinado a suspeitar que os escritores de ficção científica, pelo menos, deveriam receber um atestado de ausência de doenças contagiosas.
No que diz respeito a “The Peacemakers”: foi apenas uma ideia estranha que me ocorreu há algum tempo, e sobre a qual conversei com o editor de Future depois disso. Ele disse: faça a história super curta com uma pegada. Então eu fiz. E fico feliz em ver que, de acordo com as cartas dos leitores, foi bem apreciada.
Em relação a minhas opiniões sobre o futuro - não me importo em dizer que estou mais inclinado a ser otimista. Eu estou lá em cima com colegas escritores como Hugh Raymond, que vê um futuro mais corajoso e brilhante para o mundo. Um fim às guerras e às causas das guerras e um começo para a raça humana, enquanto os povos do mundo tomam seus sonhos e destinos em suas próprias

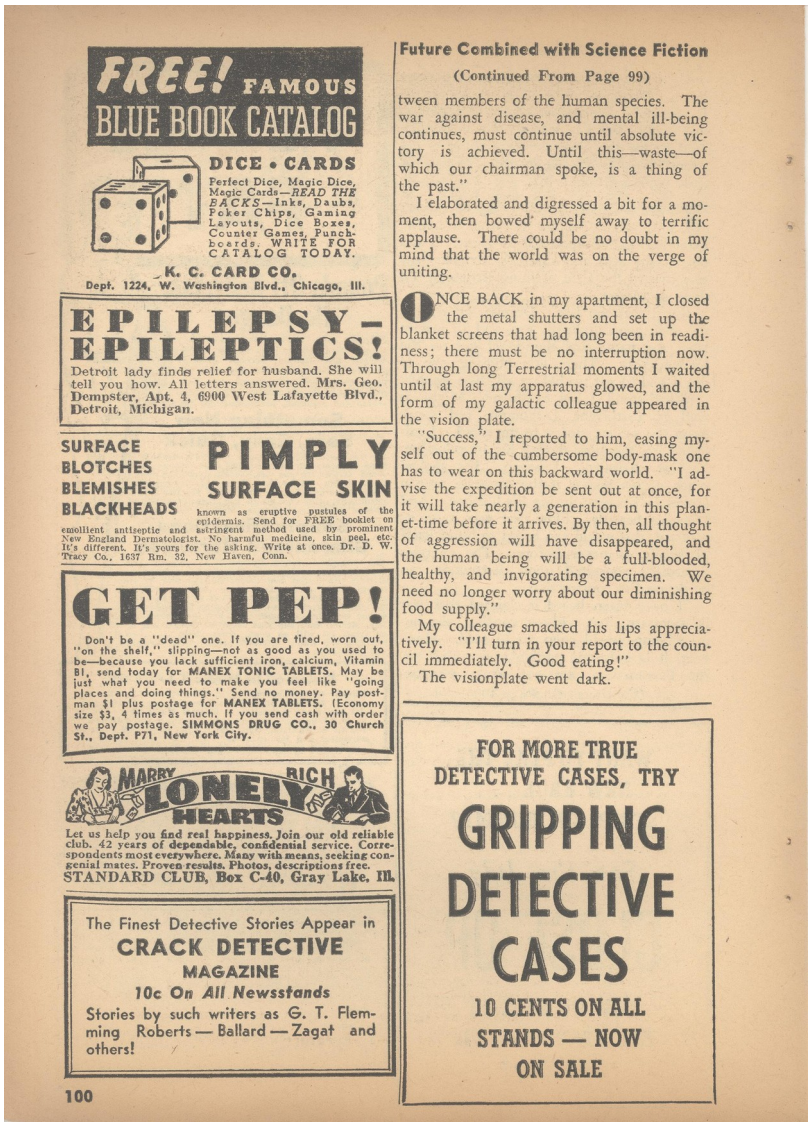
Vários aspectos da carta de Lowndes são interessantes, a começar pela separação autor/obra. Esse é um ponto difícil ainda hoje, principalmente para historiadores, como é o meu caso. É bastante tentador reduzir uma obra a apenas a vida do autor. Ainda que esse seja um aspecto que pode ser explorado nas análises, ele é insuficiente na busca de uma compreensão mais ampla.

A carta continua, e Lowndes brinca com sua identidade dupla e desconhecida para aqueles fora do *fandom* de ficção científica, ao dizer que conversou com o editor da revista sobre sua ideia e que ele propôs uma história super curta. O mais provável é que, na hora da diagramação da revista, tenha sobrado um pouco de espaço, que ele correu para preencher, criando uma história humorística envolvendo pacifistas e o fim da guerra.

---

mãos, banindo para sempre os Hitlers e os Hitlers em construção, e aqueles que preferem Hitler à sua própria democracia nativa.
O Homo Sapiens tem estado aqui há muitos anos do nosso ponto de vista, mas do ponto de vista da própria Terra praticamente nasceu agora. E nós, como seres, mal perdemos a infância. Quando soubermos melhor, como uma raça, do que permitir que minúsculas minorias nos expulsem para seus próprios fins, incitem-nos a destruir uns aos outros e a nós mesmos para esses fins, e nos unirmos - então a civilização dos homens do amanhecer começará. Ainda estamos vivendo na pré-história.
E eu acho que muitos de nós que estamos lutando hoje viverão para ver a verdadeira história do homem começar!

Figura 21: a história “The Peacemakers” dividindo espaço com as páginas de publicidade da revista



FREE! FAMOUS BLUE BOOK CATALOG

DICE • CARDS

Perfect Dice, Magic Dice, Magic Cards—*READ THE BACKS*—Inks, Daubs, Poker Chips, Gaming Layouts, Dice Boxes, Counter Games, Punch-boards. WRITE FOR CATALOG TODAY.

K. C. CARD CO.
Dept. 1224, W. Washington Blvd., Chicago, Ill.

EPILEPSY—EPILEPTICS!

Detroit lady finds relief for husband. She will tell you how. All letters answered. Mrs. Geo. Dempster, Apt. 4, 6900 West Lafayette Blvd., Detroit, Michigan.

SURFACE BLOTCHES BLEMISHES BLACKHEADS

PIMPLY SURFACE SKIN

known as eruptive pustules of the epidermis. Send for FREE booklet on emollient antiseptic and astringent method used by prominent New England Dermatologist. No harmful medicine, skin peel, etc. It's different. It's yours for the asking. Write at once. Dr. D. W. Tracy Co., 1637 Rm. 32, New Haven, Conn.

GET PEP!

Don't be a "dead" one. If you are tired, worn out, "on the shelf," slipping—not as good as you used to be—because you lack sufficient iron, calcium, Vitamin B1, send today for MANEX TONIC TABLETS. May be just what you need to make you feel like "going places and doing things." Send no money. Pay postman $1 plus postage for MANEX TABLETS. (Economy size $3, 4 times as much. If you send cash with order we pay postage. SIMMONS DRUG CO., 30 Church St., Dept. P71, New York City.

MARRY RICH LONELY HEARTS

Let us help you find real happiness. Join our old reliable club. 42 years of dependable, confidential service. Correspondents most everywhere. Many with means, seeking congenial mates. Proven results. Photos, descriptions free. STANDARD CLUB, Box C-40, Gray Lake, Ill.

The Finest Detective Stories Appear in
CRACK DETECTIVE MAGAZINE
10c On All Newsstands
Stories by such writers as G. T. Flemming Roberts — Ballard — Zagat and others!

100

Future Combined with Science Fiction

(Continued From Page 99)

tween members of the human species. The war against disease, and mental ill-being continues, must continue until absolute victory is achieved. Until this—waste—of which our chairman spoke, is a thing of the past."

I elaborated and digressed a bit for a moment, then bowed myself away to terrific applause. There could be no doubt in my mind that the world was on the verge of uniting.

ONCE BACK in my apartment, I closed the metal shutters and set up the blanket screens that had long been in readiness; there must be no interruption now. Through long Terrestrial moments I waited until at last my apparatus glowed, and the form of my galactic colleague appeared in the vision plate.

"Success," I reported to him, easing myself out of the cumbersome body-mask one has to wear on this backward world. "I advise the expedition be sent out at once, for it will take nearly a generation in this planet-time before it arrives. By then, all thought of aggression will have disappeared, and the human being will be a full-blooded, healthy, and invigorating specimen. We need no longer worry about our diminishing food supply."

My colleague smacked his lips appreciatively. "I'll turn in your report to the council immediately. Good eating!"

The visionplate went dark.

FOR MORE TRUE DETECTIVE CASES, TRY
GRIPPING DETECTIVE CASES
10 CENTS ON ALL STANDS — NOW ON SALE

Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

Ainda na carta, Lowndes se declarou mais inclinado ao otimismo, da mesma forma como, segundo ele, o autor Hugh Raymond (pseudônimo do também *futurian* John Michel), “que vê um futuro mais corajoso e mais brilhante para o mundo”. A mesma edição em que a carta foi publicada continha também uma noveleta da dupla bastante sombria, o que deixa a afirmação de Lowndes, então, bastante curiosa. Uma possibilidade é que ele talvez estivesse tentando atribuir personalidades diferentes para os diversos nomes que usava para publicar as histórias, e “Mallory Kent” era sua versão mais confiante em relação ao futuro. Ou talvez o comentário

seja de uma fina ironia e Lowndes considerasse que o mundo teria um futuro brilhante – mas sem os humanos.

Intitulada “The Inheritors”, a noveleta de Lowndes e Michel narra a história de sobrevivência de um grupo em uma cidade subterrânea, depois que inúmeras guerras destruíram a Terra:

> “This world – outside – wasn't always as it is now, John (…).
> “Once it was clean and beautiful and men lived on it. They didn't have to go underground because they got plenty of light from the Sun – and heat, too. And the atmosphere was clear. You could see the sky (…).
> “Then the wars came and cities above the ground – that's where they used to have them – were destroyed (…). Poison gases of all kinds were dumped into the atmosphere and all over the ground. Bombs of all kinds blew the earth and into bits and opened big holes in the earth, letting out more gases. Until at last the surface of the earth was just a big cloud of poison gas and fog (LOWNDES; MICHEL, 1942, p. 68)[238].

O grupo vive em uma fortaleza subterrânea e é constantemente atacado pelo “inimigo”. Primeiro, esse inimigo é apenas o mesmo da superfície, dando continuidade às guerras: “After a time they forgot what they were fighting for and fought blindly, fortress against fortress, with weapons mighty and irresistible (…). Men with but one intent and one purpose, to fight, to fight, to kill and destroy” (LOWNDES; MICHEL, 1942, p. 56)[239].

Os ataques, no entanto, passam a ocorrer dentro da fortaleza, que decide se render. Alguns vão até a superfície para negociar a paz, mas encontram apenas um único sobrevivente: “You have won”, he said simply. “I am the last” (LOWNDES; MICHEL, 1942, p. 67)[240]. Sem entender como que os ataques continuaram sendo que o “inimigo” havia sido dizimado, um deles pergunta ao mais velho, que relembra as guerras e destruições causadas na Terra para então elaborar sua teoria:

---

238 “Este mundo – lá fora - não foi sempre como é agora, John (…). “Antes ele era limpo e bonito e os homens viviam nele. Eles não tinham que ir para o subterrâneo porque tinham muita luz do Sol - e calor também. E a atmosfera estava clara. Você podia ver o céu (…). Então as guerras vieram e as cidades acima do solo - que é onde eles costumavam tê-las - foram destruídas (…). Gases venenosos de todos os tipos foram despejados na atmosfera e por todo o solo. Bombas de todos os tipos explodiram a terra em pedaços e abriram grandes buracos na terra, liberando mais gases. Até que finalmente a superfície da terra era apenas uma grande nuvem de gás venenoso e névoa”

239 “Depois de um tempo eles esqueceram pelo que estavam lutando e lutaram cegamente, fortaleza contra fortaleza, com armas poderosas e irresistíveis (…). Homens com apenas uma intenção e um propósito, lutar, lutar, matar e destruir”

240 "Vocês ganharam", ele disse simplesmente. "Eu sou o último"

> I think all this made something happen on earth. It brought into being forces which weren't there before. And those forces reacted on each other and produced new forces and those in turn set other thing going, until a new form of life appeared. A form particularly adapted for just such conditions as these. To this new form of life, all this is natural and clean and beautiful as the earth we once knew – the one none of us has ever seen, John – was to us (LOWNDES; MICHEL, 1942, p. 68)[241].

O personagem ainda fala que, assim como os dinossauros foram aniquilados da Terra, é a vez dos humanos. Para ele, essa nova forma de vida ainda estava em sua forma primitiva, mas que um dia será grande, "grande como nós fomos no nosso tempo" e conclui de forma bastante melancólica: "I wonder if it'll wipe itself out with wars the way we did" (LOWNDES; MICHEL, 1942, p. 68)[242].

"The Inheritors" constrói, portanto, um futuro trágico para a humanidade. Esse cenário começa com as guerras, passa pela devastação da Terra e termina com a extinção do *homo sapiens*. As guerras sem fim e sem sentido foram as causadoras de todo esse ciclo de ruínas. Publicada na edição de outubro de 1942 da revista, é impossível não associar a história ao momento de destruição pelo qual o mundo estava passando.

Um outro ponto a ser destacado ainda é a preocupação ambiental presente na noveleta. As guerras destruíram a superfície do globo e deixaram o ar irrespirável, obrigando os seres humanos a viverem debaixo da terra, em situações bastante precárias. Histórias retratando poluição eram incomuns no período e geralmente se assumia que o progresso se encarregaria de "varrer a sujeira" (STABLEFORD, 2015). Lowndes e Michel, então, antecipam uma tendência que ganharia força principalmente na década de 1970.

Ao escreverem sobre o futuro, os *futurians* não pretendiam (ou não apenas) adivinhar o que o amanhã traria, mas, sobretudo, ter um impacto nesse porvir. Usando o tempo como matéria-prima em suas histórias, eles procuravam moldar o presente, para que o futuro fosse em uma certa direção. Assim, muitas das representações em seus textos eram como eles acreditavam que as coisas representadas deveriam ser. No caso de histórias negativas, como "The Inheritors",

---

241 Eu acho que tudo isso fez algo acontecer na terra. Trouxe forças que não existiam antes. E essas forças reagiram umas sobre as outras e produziram novas forças, e aquelas, por sua vez, colocaram outra coisa em andamento, até que uma nova forma de vida apareceu. Uma forma particularmente adaptada para tais condições como estas. Para esta nova forma de vida, tudo isso é natural, limpo e belo como a terra que conhecíamos - a que nenhum de nós jamais viu, John - foi para nós.
242 Eu me pergunto se eles vão se destruir com as guerras como nós fizemos.

a fórmula se dava ao contrário: ao descrever uma Terra completamente devastada por inúmeras guerras, o objetivo era contribuir para que esse cenário nunca se confirmasse.

Lowndes abordou novamente o tema da guerra em uma história publicada logo depois, na edição de inverno de 1942 da *pulp Science Fiction Quarterly*, também editada por ele. No conto "The Deliverers", Henri Rimbaud descobre universos paralelos e a forma de chegar até eles, e quem descreve os acontecimentos é um amigo dele:

> Rimbaud lived in France during these years and saw his country delivered into the hands of Nazi barbarians by generals whose fear of a great victory was their moving force, who were willing to give Hitler everything, free, rather than risk a decisive battle, chance the downfall of the Reich and the rise of their hated democracy in Germany.
> France lay crushed, betrayed by its generals and statesmen the night Rimbaud found the door to another universe and the Rulos (MORRISON, 1942, p. 142)[243].

O narrador é bastante duro em relação à França e à ocupação desta pelos nazistas, declarando que generais entregaram o país de bandeja aos alemães. No mesmo período em que isso ocorria, Rimbaud conseguiu acesso a outro universo, habitado pelos Rulos. O narrador os descreve como uma certa variedade de homens, com pele verde, e diz que o desenvolvimento dos Rulos estava tão distante deles quanto eles estavam dos neandertais. Os dois amigos conversam telepaticamente com os Rulos e contam sobre a guerra que está acontecendo: "They told us that they, in centuries past, had come through just such a struggle, said that this was a part of the development of any race of beings like us. And they offered to aid us in our fight" (MORRISON, 1942, p. 143)[244].

Os Rulos, então, fazem uma demonstração da ajuda que podem dar: em poucos minutos, com armas poderosas, eles destroem tropas alemãs. O narrador fica empolgadíssimo, mas o cientista recusa a ajuda e explica:

---

243 Rimbaud viveu na França durante esses anos e viu seu país ser entregue nas mãos de bárbaros nazistas por generais cujo medo de uma grande vitória era sua força motriz, que estavam dispostos a dar tudo a Hitler, de graça, em vez de arriscar uma batalha decisiva, uma chance de derrubar o Reich e a ascensão de sua odiada democracia na Alemanha. A França estava esmagada, traída por seus generais e estadistas na noite em que Rimbaud encontrou a porta para outro universo e os Rulos.

244 Eles nos disseram que eles, em séculos passados, haviam passado por exatamente essa luta, disseram que isso era parte do desenvolvimento de qualquer raça de seres como nós. E eles se ofereceram para nos ajudar em nossa luta.

> "The Rulos offered us a miracle. But suppose it were done. Would we then be free? No, mon cher. For lacking the understanding which can only come through the solving of our own problems, the realization through struggle of what we are fighting, we would only be ripe for more grisly betrayals in the future. Even now, there are far too few people who truly understand what Hitler and the Nazi beast means. When understanding comes to millions of my countrymen and yours – then they will be ready for what the Rulos can offer them.
> "The Rulos had forgotten, momentarily, that a race must be its own deliverer." (MORRISON, 1942, p. 146)[245].

Embora curta (duas páginas e meia) e provavelmente também escrita para preencher um espaço vazio na revista, a história de Lowndes é muito instigante. Na visão do conto, travar uma guerra contra os alemães nazistas é uma etapa necessária e parte do aprendizado da humanidade. Segundo Rimbaud, apenas com o conhecimento adquirido através da luta, pela resolução dos seus próprios problemas, que o mundo poderá evitar que acontecimentos terríveis se repitam. Tais afirmações parecem ter o propósito de afirmar a necessidade da guerra e a presença dos Estados Unidos nela e, assim, justificar o sacrifício dos americanos no período.

Um outro ponto interessante da história é o sobrenome dado por Lowndes ao cientista, igual ao do poeta Arthur Rimbaud (1854-1891). Lowndes interessava-se por poesia e, antes mesmo de escrever e editar ficção científica, escrevia poemas, geralmente amorosos. É provável que o sobrenome de seu personagem, então, seja uma homenagem ao poeta do século XIX. Além de ambos serem franceses, o cientista de "The Deliverers", ao construir uma máquina capaz de acessar outros universos, carrega o espírito aventureiro do poeta que partiu em busca de um outro mundo, diferente daquele em que vivia.

Quando fecha a porta para o outro universo, Henri Rimbaud não percebe que foi ferido por um vidro na mão. O cientista morre de forma trágica e precocemente, assim como o poeta; e o narrador escreve a história para registrar o feito do seu amigo. As palavras dele podem servir, também, para falar do outro Rimbaud: "Henri

---

245 Os Rulos nos ofereceram um milagre. Mas suponha que fosse feito. Seríamos então livres? Não, mon cher. Por falta da compreensão que só pode vir através da resolução de nossos próprios problemas, a realização através da luta do que estamos lutando, estaríamos apenas maduros para traições mais terríveis no futuro. Mesmo agora, há poucas pessoas que realmente entendem o que Hitler e o nazismo significam. Quando a compreensão chegar a milhões de meus compatriotas e aos seus - então eles estarão prontos para o que os Rulos podem lhes oferecer. Os Rulos esqueceram, momentaneamente, que uma raça deve ser sua própria libertadora.

Rimbaud is the kind of a guy that makes me realize humanity is worth saving after all" (MORRISON, 1942, p. 142)[246].

No mesmo número em que saiu "The Deliverers", foi publicado também "Hell in the Village", um conto do *futurian* John B. Michel (sob o pseudônimo de Hugh Raymond). A história trata da procura por um espião nazista que conseguiu escapar de uma prisão nos Estados Unidos e espalhar terror pelo país: "Bombings in San Francisco, explosions in airplane plants up and down the California coast. Two important operatories slain in Denver. On August 7th he blows up a munitions plant in Illinois, killing six hundred" (RAYMOND, 1942e, p. 130)[247].

Um agente do FBI e um jornalista se juntam para caçar o espião, e descobrem que ele tem acesso à uma espécie de porta entre universos paralelos e que transita entre eles. A dupla consegue contato com os seres do outro universo, que revelam:

> One of your kind came over here a couple of years ago. He's been back and forth a lot of times since. Goes by a funny name I can't even spell. He's whackier than the usual run of you things. Wants us to drop our organized anarchy and go back to some form of dictatorial absolutism (...). Well, take him back. We don't want him. He's poison (RAYMOND, 1942e, p. 137)[248].

O espião é preso e o conto termina, sem tentar prever os rumos da guerra. A história expressa um medo certamente comum à época, de espiões nazistas infiltrados nos Estados Unidos.

A última história que será discutida também foi escrita por John B. Michel e publicada sob o pseudônimo de Hugh Raymond. Intitulada "Full Circle", integrou a edição de fevereiro de 1943 da *Future Fantasy and Science Fiction*, editada por Lowndes. O conto começa com um discurso do "Presidente Republicano do Mundo":

> You forced us into war against each other until the planet ran red with our blood, you tortured us until the skies rang with our agonies. You separated child from mother and wife from husband. The human

246 Henri Rimbaud é o tipo de cara que me faz perceber que vale a pena salvar a humanidade.
247 Bombardeios em São Francisco, explosões em plantas de avião para cima e para baixo na costa da Califórnia. Dois importantes operadores foram mortos em Denver. No dia 7 de agosto ele explode uma fábrica de munições em Illinois, matando seiscentos.
248 Um da sua espécie veio aqui há alguns anos. Ele tem ido e vindo muitas vezes desde então. Usa um nome engraçado que nem posso soletrar. Ele é mais louco do que o habitual de vocês. Quer que abandonemos nossa anarquia organizada e voltemos a alguma forma de absolutismo ditatorial (…) Bem, leve-o de volta. Nós não o queremos. Ele é veneno.

> decencies you trampled on and replaced with a law of your own out of the Dark Ages (RAYMOND, 1943a, p. 85)[249].

As pessoas a quem o Presidente se refere foram condenadas a deixarem o planeta. Elas são colocadas em uma nave para realizarem a primeira viagem espacial da humanidade. Uma bandeira com a suástica é empurrada para dentro da nave também, e esse é o único indício de que os condenados eram nazistas. Com a força da decolagem, algumas pessoas se machucam e acabam falecendo. Apesar das adversidades, eles conseguem continuar viajando pelo espaço, até avistar um planeta, onde planejam pousar. São surpreendidos, no entanto, por um gigante:

> The giant brushed away the speeding projectiles. Then a look of sudden rage crumpled the godlike features and with an impatient gesture he mashed ship and humans together in one indistinguishable pulp.
> "Justice!" he cried in his own tongue and hurled the mass into the sun (RAYMOND, 1943a, p. 90)[250].

O grito do gigante extraterrestre estava preso em milhares de gargantas no início de 1943, já que a guerra ainda não dava sinais de estar chegando ao fim. A justiça do conto, contudo, soa bastante vingativa e cruel. Lowndes, na introdução da história, a justifica da seguinte forma: "Action begets reaction – When at last the oppressed rise against the Hitlers, and those behind the bloody swastika-thrones, they won't be exactly gentle! A day came when the aristocrats learned the truth of this axiom" (LOWNDES, 1943a, p. 84)[251].

Apesar da guerra em curso enquanto escrevia, Michel criou para a história um futuro de paz e união mundial. A escalada do conflito, combinada com a gigantesca propaganda de guerra dos Estados Unidos, pode, no entanto, ter influenciado o autor a dar um tratamento bastante duro aos condenados pela República Mundial.

---

249 Você nos forçou a guerrear uns contra os outros até que o planeta ficou vermelho com o nosso sangue, você nos torturou até que os céus tocaram com nossas agonias. Você separou uma criança da mãe e esposa do marido. Você pisou nas decências humanas e as substituiu por uma lei própria da Idade das Trevas.

250 O gigante afastou os projéteis em alta velocidade. Então, um olhar de raiva repentina amassou as feições divinas e, com um gesto impaciente, ele esmagou nave e humanos em uma polpa indistinguível.
"Justiça!" Ele gritou em sua própria língua e atirou a massa ao sol.

251 Ação gera reação - Quando, por fim, os oprimidos se levantam contra os Hitlers e os que estão por trás dos sanguinários tronos de suásticas, eles não serão exatamente gentis! O dia que os aristocratas aprenderam a verdade desse axioma chegou.

4.2 OPOSIÇÃO E APOIO

O envolvimento dos *futurians* com a Segunda Guerra é bem interessante e, assim como em relação à política, suas ideias foram se alterando ao longo do tempo. Três meses depois que a Alemanha invadiu a Polônia, dando início à guerra, os *futurians* publicaram um panfleto intitulado “Unity, Democracy, Peace” (unidade, democracia, paz). Escrito por Lowndes, urgia para que os Estados Unidos se mantivessem neutros (KNIGHT, 2013).

De acordo com Moskowitz, o panfleto pedia para que os fãs de ficção científica se engajassem em atividades anti-guerra: "We must explain to new fans, and to oldtimers who may not understand, precisely why the entrance of the USA into war would mean the end of stf and fandom here" (LOWNDES, 1939 apud MOSKOWITZ, 1954, p. 423)[252]. Ainda de acordo com o autor, “when Germany attacked Russia, the viewpoint against the United States entering the war altered radically” (MOSKOWITZ, 1954, p. 424)[253].

A invasão da União Soviética pela Alemanha ocorreu em junho de 1941 e teria sido a causa da mudança de posição dos *futurians*. De qualquer modo, o ataque a Pearl Harbor seis meses depois terminaria por eliminar qualquer dúvida que ainda restasse neles a respeito da entrada dos Estados Unidos na guerra.

Nesse momento, os *futurians* já estavam envolvidos profissionalmente com a ficção científica, e suas posições podem ser rastreadas mais facilmente. Na edição de abril de 1942 da *Future Combined with Science Fiction*, editada por Lowndes, a seguinte nota foi publicada:

> The Futurian Society of New York declares its unswerving sympathy and loyalty to the great struggle being carried on by four fifths of the population of the Earth, headed by the alliance of the United States, Great Britain, the Soviet Union, and China against the barbarian thrust of the Nazi-Fascist-Japanese Axis. It makes this declaration in the firm conviction that the further progress of science and civilization, upon which the visions and dreams of science fiction are mainly based, is dependent entirely upon an Allied victory. The shape of the Future is being decided on the field of battle of the Present. Science-fiction readers, writers and enthusiasts have no other possible choice but to do all in their power to aid and speed the triumph of civilization over fascism. To this end, the Futurian Society appeals to all other

252 Devemos explicar aos novos fãs, e aos veteranos que podem não entender, precisamente por que a entrada dos EUA na guerra significaria o fim da ficção científica e do fandom aqui.
253 quando a Alemanha atacou a Rússia, o ponto de vista contrário à entrada dos Estados Unidos na guerra mudou radicalmente.

> science-fiction clubs, and to publications and readers to issue similar declarations and to do all in their power to help the United States to absolute victory. (signed) John B Michel. Director. (MICHEL, 1942, p. 34)[254].

A mesma nota foi publicada também na edição de março de 1942 da *pulp Stirring Science Stories*, editada pelo *futurian* Donald Wollheim. Três anos antes os *futurians* acreditavam que os Estados Unidos não deveria tomar parte no conflito. O desenrolar da guerra fez com que eles mudassem de ideia e passassem a defender abertamente a participação do país ao lado dos aliados. Mais do que apenas apoiar com palavras, eles resolveram de fato tomar parte dela, exercendo as mais diversas funções nas forças armadas norte-americanas.

A edição de outubro de 1942 da revista *Astonishing Stories* falou sobre os diversos escritores e ilustradores de ficção científica que estavam na guerra, dentre eles alguns *futurians*: “Isaac Asimov is using his Master's degree in chemistry in vital war research. S.D. Gottesman and Dirk Wylie are among “the men behind the men behind the guns”, producing the tanks, planes and guns we fight with” (NORTON, 1942, p. 06)[255]. (S. D. Gottesman era o pseudônimo usado por Cyril Kornbluth em suas histórias).

A edição de abril de 1943 da *Science Fiction Stories* trouxe por sua vez uma lista dos fãs da ficção científica na guerra, dentre eles os *futurians:*

> Though rejected many times because of eyesight, many fans have flocked back to the draft board, and like Smitty, the cartoon character, become such nuisances that they were finally accepted for military duty. The list of active fans in service is unending (…) there's Dan Burford, Dick Wilson, Dirk Wylie, Jack Gillespie and Bob Studley, of the Futurian Society of New York (UNGER, 1943, p. 110)[256].

---

254 A Sociedade Futurian de Nova Iorque declara sua inabalável simpatia e lealdade à grande luta que está sendo realizada por quatro quintos da população da Terra, liderada pela aliança dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, União Soviética e China contra o impulso bárbaro do eixo nazi-fascista-japonês. Faz esta declaração com a firme convicção de que o progresso posterior da ciência e da civilização, sobre o qual as visões e os sonhos da ficção científica se baseiam principalmente, depende inteiramente de uma vitória aliada. A forma do futuro está sendo decidida no campo de batalha do presente. Os leitores, escritores e entusiastas da ficção científica não tem outra escolha possível a não ser fazer tudo o que estiver ao seu alcance para ajudar e acelerar o triunfo da civilização sobre o fascismo. Para esse fim, a Futurian Society apela a todos os outros clubes de ficção científica, e a publicações e leitores para que divulguem declarações semelhantes e façam tudo o que estiver ao seu alcance para ajudar os Estados Unidos à vitória absoluta. (assinado) John B Michel. Diretor.

255 Isaac Asimov está usando seu mestrado em química em pesquisas vitais de guerra. SD. Gottesman e Dirk Wylie estão entre os “homens por trás dos homens por trás das armas”, produzindo os tanques, aviões e armas com os quais lutamos.

Unger ainda fala que as habilidades desenvolvidas no *fandom* de ficção científica eram úteis (quem diria!) nas forças armadas:

> To get back to the fans in service, most of them have proven invaluable to the army or navy because of their experience in filing, typing, mimeographing, photography, and correspondence – such experience as the average soldier never has. So if you're not getting your fanzines today, you should be satisfied their industrious labors are helping out our Uncle Sam to beat the Axis in their own little way (UNGER, 1943, p. 111)[257].

Além dos *futurians* já mencionados, fizeram parte da guerra também Frederik Pohl, James Blish, David Kyle e Jack Gillespie (KNIGHT, 2013). Na realidade, a grande maioria dos membros do grupo participou do conflito, e aqueles que não só não fizeram parte porque foram rejeitados pelo exército por algum problema de saúde (MERRIL, 2002).

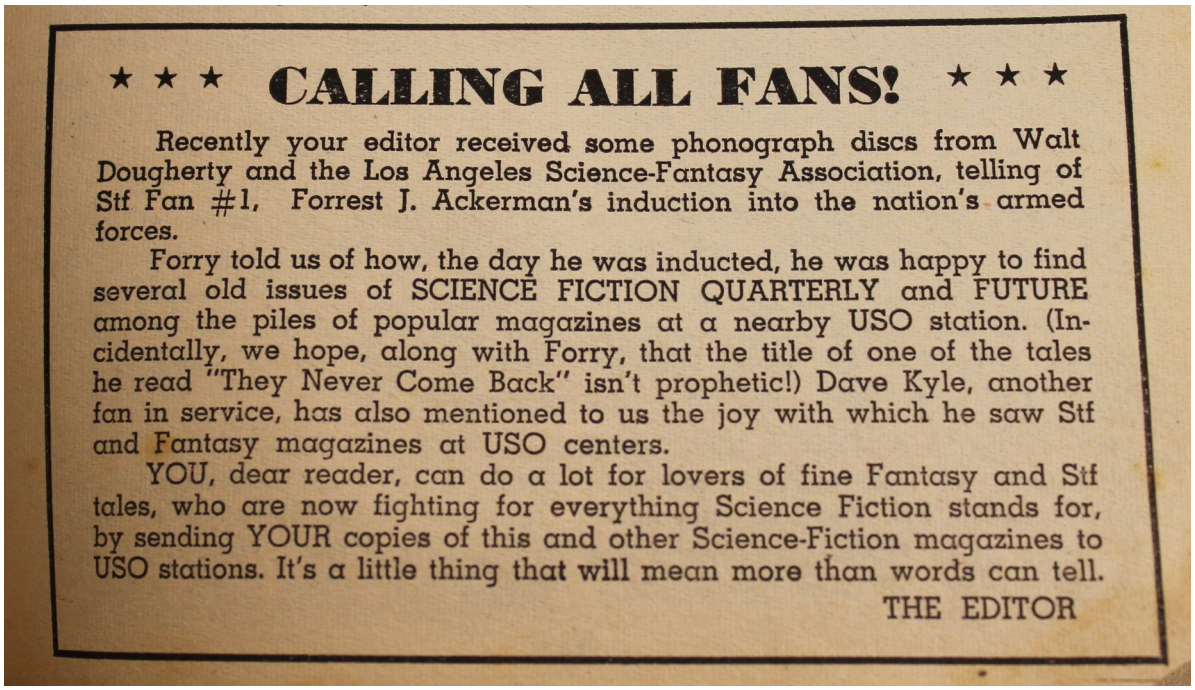
Lowndes foi um dos *futurians* desclassificados pelas forças armadas americanas. Nas revistas que editou durante a guerra, publicou histórias e editoriais apoiando o país e os esforços de guerra. Em uma nota, convidou os leitores da *Science Fiction Quarterly* a doar revistas de ficção científica e fantasia para os centros da *United Service Organizations* para que os fãs que estavam em serviço militar pudessem lê-las.

---

256 Embora tenham sido rejeitados muitas vezes por causa da visão, muitos fãs correram para o alistamento e, como Smitty, o personagem de desenho animado, se tornaram tão pragas que finalmente foram aceitos para o serviço militar. A lista de fãs ativos em serviço é interminável (…) há Dan Burford, Dick Wilson, Dirk Wylie, Jack Gillespie e Bob Studley, da Futurian Society of New York.

257 Para voltar para os fãs em serviço, a maioria deles provou ser inestimável para o exército ou marinha por causa de sua experiência em arquivamento, digitação, mimeografia, fotografia e correspondência - experiência que o soldado médio nunca tem. Então, se você não está recebendo seus fanzines hoje, você deve estar satisfeito com o trabalho diligente que está ajudando o nosso Tio Sam a vencer o Eixo da sua própria maneira.

Figura 22: nota publicada na edição de inverno de 1942 da *pulp Science Fiction Quarterly*



★ ★ ★ **CALLING ALL FANS!** ★ ★ ★

Recently your editor received some phonograph discs from Walt Dougherty and the Los Angeles Science-Fantasy Association, telling of Stf Fan #1, Forrest J. Ackerman's induction into the nation's armed forces.

Forry told us of how, the day he was inducted, he was happy to find several old issues of SCIENCE FICTION QUARTERLY and FUTURE among the piles of popular magazines at a nearby USO station. (Incidentally, we hope, along with Forry, that the title of one of the tales he read "They Never Come Back" isn't prophetic!) Dave Kyle, another fan in service, has also mentioned to us the joy with which he saw Stf and Fantasy magazines at USO centers.

YOU, dear reader, can do a lot for lovers of fine Fantasy and Stf tales, who are now fighting for everything Science Fiction stands for, by sending YOUR copies of this and other Science-Fiction magazines to USO stations. It's a little thing that will mean more than words can tell.

THE EDITOR

Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

Em outra revista editada também por ele, Lowndes destacou a importância da ficção científica em tempos de guerra:

> Which reminds us that science-fiction has often been dismissed by the simple expedient of labeling it "escape literature." To a certain extent it is. But escape literature isn't necessarily bad. It all depends upon what kind of escape. If, by letting your imagination carry you into the future, into distant worlds, beyond the stars, beyond the rim of time, you find momentary relaxation, there's nothing wrong with it. And, if, in addition to soothing your nerves for the moment, these visions leave you with a certain faith in the future of homo sap, of his ability to overcome obstacles far greater than any which we actually face today, then it's all to the good. Sure, it can be overdone—but what can't.
> In the present crisis, we feel that a magazine like *Future* can be an asset to public morale. And that, as an experienced military man can tell you, is often more important than weapons (LOWNDES, 1942c, p. 103)[258].

258 O que nos lembra que a ficção científica tem sido frequentemente descartada pelo simples expediente de rotulá-la de "literatura escapista". Até certo ponto é. Mas a literatura escapista não é necessariamente ruim. Tudo depende do tipo de escapismo. Se, deixando a sua imaginação levá-lo para o futuro, para mundos distantes, além das estrelas, além do limiar do tempo, você encontra um relaxamento momentâneo, não há nada de errado com isso. E se, além de acalmar seus nervos no momento, essas visões lhe deixam com uma certa fé no futuro do homo sapiens, de sua capacidade de superar obstáculos muito maiores do que qualquer um que enfrentamos hoje, então é tudo para o bem. Claro, isso pode ser exagerado - mas o que não pode. Na atual crise, sentimos que uma revista como a Future pode ser uma vantagem para o estado de espírito. E isso, como um militar experiente

O debate sobre a ficção científica ser uma literatura escapista aparece, aqui, ligado à guerra. Para Lowndes, mesmo o escapismo poderia levantar a moral americana em tempos difíceis. Assim, ele considera que sua revista desempenha um papel importante no conflito – mais importante até do que as armas.

É curioso que nenhum *futurian* tenha se declarado objetor de consciência. A exceção foi James Blish, mas apenas depois de ter servido no exército. Isso mostra como foi grande a mudança em relação à guerra, já que apenas alguns anos antes eles pregavam que os Estados Unidos não deveria tomar parte nela.

Ainda que todos os *futurians* tenham retornado com vida da guerra, dois deles, de acordo com Pohl (1978), "receberam suas sentenças de morte" nela. Dirk Wylie (pseudônimo de Harry Dockweiler) machucou as costas num caminhão do exército e o quadro evoluiu para uma tuberculose óssea na coluna. Wylie faleceu em 1948, com apenas vinte e oito anos de idade. Cyril Kornbluth, quase no final da guerra, foi transferido para o *front* e designado para o grupo de armas pesadas. O esforço de ficar carregando uma metralhadora de mais de trinta quilos fez com que Kornbluth desenvolvesse hipertensão maligna e ele faleceu de um ataque cardíaco em 1958, aos trinta e quatro anos de idade.

4.3 BOOM NO MERCADO EDITORIAL E O FIM DAS REVISTAS

A primeira revista de ficção científica dos Estados Unidos foi a *Amazing Stories*, criada em 1926. Treze anos depois, ocorreu um *boom* no mercado editorial, que passou a contar com nove novas *pulps* lançadas naquele ano. Nos dois anos seguintes houveram ainda novos títulos lançados e, incluindo os que já existiam anteriormente, nas bancas agora era possível encontrar vinte e dois títulos diferentes dedicados ao gênero (ASHLEY, 2000). Esse auge das revistas *pulps* de ficção científica ocorreu no final de 1941, mesma época em que Pearl Harbor foi atacada, colocando os Estados Unidos na guerra. E a guerra vai alterar drasticamente esse cenário, como mostrarei na sequência.

Os *futurians* fizeram parte desse momento. O primeiro deles a se tornar editor foi Frederik Pohl, com apenas dezenove anos de idade. Como as editoras de *pulps*

---

pode dizer, é frequentemente mais importante que armas.

estavam se arriscando e criando revistas de ficção científica, Pohl decidiu se oferecer para trabalhar nelas. A *Popular Publications* contratou o *futurian* para ser o editor de duas novas revistas de ficção científica: *Astonishing Stories* e *Super Science Stories,* lançadas em fevereiro e março de 1940, respectivamente. Em sua autobiografia, Pohl relembra esse momento:

> Not only was I at the very core of the Big Red Apple, but I commanded a network that stretched across the continent. Even the world. Linotype operators in Chicago were waiting to turn my words into metal. Newsdealers in Winnipeg and Albuquerque were going to display my magazines to their customers. Writers in California would tailor their prose to my wishes, artists would paint what I ordered, fans from India and South Africa would send me letters. It was a heady dose for a nineteen-year-old. I has aimed my whole life to this moment, and here I was (POHL, 1978, p. 102)[259].

Nem tudo era deslumbramento, no entanto; Pohl logo descobriu que o orçamento que tinha para trabalhar era bem apertado:

> The smaller of the two magazines, Astonishing Stories, held 112 pages an issue and sold for a dime. I counted a lot of pages and discovered that a full page of type amounted to 620 words. Subtracting the pages that would be filled by advertising, illustrations, and front matter, I found I would need about sixty thousand words an issue. I didn't quite have half a cent a word, but close enough, close enough (POHL 1978, p. 108)[260].

Para conseguir pagar melhor os autores (para se ter uma ideia, a *Astounding*, de John Campbell, pagava um centavo por palavra à época), Pohl fez vários malabarismos: “I didn't really need to buy sixty thousand words an issue. I could write long editorials, use big house ads, run a letter column; I could save six or eight pages of paid stories that way” (POHL, 1978, p. 109)[261].

---

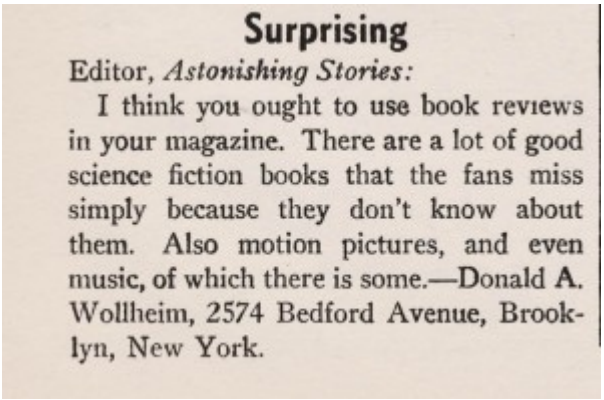
259 Não só eu estava no coração da 'Grande Maçã', como comandava uma rede que se estendia pelo continente. Até pelo mundo. Operadores de linotipo em Chicago estavam esperando para transformar minhas palavras em metal. Vendedores de jornal em Winnipeg e Albuquerque iam exibir minhas revistas para seus clientes. Escritores da Califórnia adaptavam sua prosa aos meus desejos, artistas pintavam o que eu pedia, fãs da Índia e da África do Sul me mandavam cartas. Foi uma dose inebriante para um adolescente de dezenove anos. Eu mirei minha vida inteira para este momento, e aqui estava eu.

260 A menor das duas revistas, Astonishing Stories, publicava 112 páginas e era vendida por dez centavos. Eu contei muitas páginas e descobri que uma página inteira de texto equivalia a 620 palavras. Subtraindo as páginas que seriam preenchidas por publicidade, ilustrações e as páginas inciais, descobri que precisaria de 60 mil palavras por edição. Eu não tinha meio centavo por palavra, mas perto o suficiente, perto o suficiente.

261 Eu realmente não precisava comprar sessenta mil palavras por edição. Eu poderia escrever longos editoriais, usar anúncios grandes da editora, publicar uma coluna de cartas; eu poderia

Assim, uma das seções criadas para preencher o espaço disponível nas revistas foi a de resenhas, e os *futurians* tiveram uma grande participação nisso. Já na primeira edição da *Astonishing Stories*, de fevereiro de 1940, havia a seção de cartas dos leitores. Como a revista ainda não estava em circulação, as cartas eram dos colegas do editor, e sugeriam que na revista houvesse um espaço para resenhas e críticas:

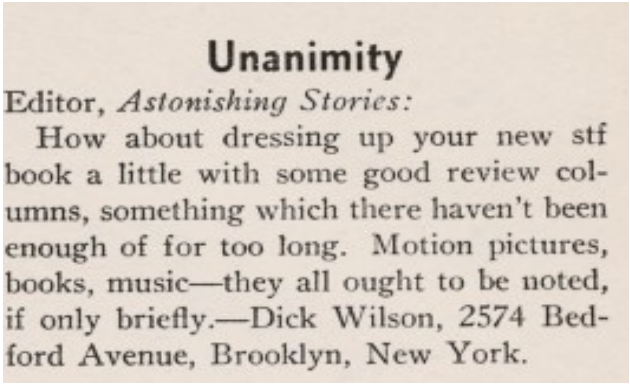
Figuras 23, 24 e 25: cartas dos *futurians* publicadas na *Astonishing* de fevereiro de 1940



Surprising

Editor, *Astonishing Stories:*

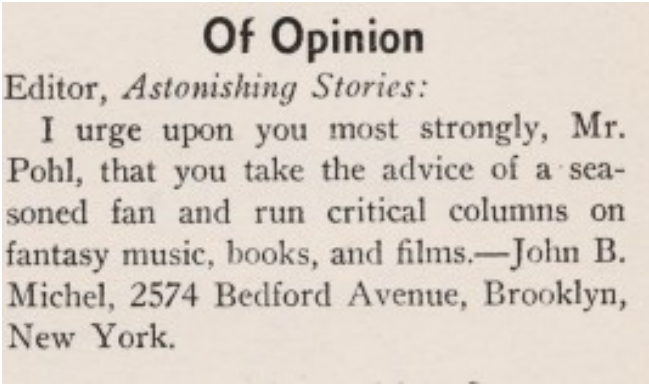
I think you ought to use book reviews in your magazine. There are a lot of good science fiction books that the fans miss simply because they don't know about them. Also motion pictures, and even music, of which there is some.—Donald A. Wollheim, 2574 Bedford Avenue, Brooklyn, New York.



Unanimity

Editor, *Astonishing Stories:*

How about dressing up your new stf book a little with some good review columns, something which there haven't been enough of for too long. Motion pictures, books, music—they all ought to be noted, if only briefly.—Dick Wilson, 2574 Bedford Avenue, Brooklyn, New York.



Of Opinion

Editor, *Astonishing Stories:*

I urge upon you most strongly, Mr. Pohl, that you take the advice of a seasoned fan and run critical columns on fantasy music, books, and films.—John B. Michel, 2574 Bedford Avenue, Brooklyn, New York.

Fonte: Eaton Collection, fotografia da autora

Os três compartilhavam o mesmo endereço, já que à época moravam juntos na "Ivory Tower", como discutido no Capítulo um. O mais curioso do episódio é que são eles próprios os responsáveis pelas colunas: Donald Wollheim fez as resenhas literárias, Richard Wilson a crítica de cinema e John B. Michel foi o responsável por falar de música.

economizar seis ou oito páginas de histórias pagas dessa maneira.

Esse espaço, pensado e elaborado em parceria com os *futurians*, acabou sendo pioneiro na crítica de maior peso da ficção científica: “It was also in the pages of these two magazines [*Astonishing* and *Super Science Stories*] that book reviews, which had hitherto been a commentary upon new books, became genuine criticism. The pioneers were Frederik Pohl and Damon Knight” (ASHLEY, 2000, p. 160)[262].

Apesar do orçamento baixo que tinha para trabalhar, Pohl conseguiu fazer com que as revistas atingissem uma boa vendagem. Por conta de uma briga com um dos donos da *Popular Publications,* ele ficou sete meses afastado, trabalhando como escritor *freelancer*. Voltou quando um editor chefe, Alden H. Norton, o convidou para trabalhar como seu assistente. Norton tinha dezesseis revistas para cuidar e três assistentes, incluindo Pohl. Além das *pulps* de ficção científica, o *futurian* passou a colaborar também em outros títulos da editora, como faroeste e esportes.

Donald Wollheim também abordou uma editora – a *Albing Publications* - para a criação de uma *pulp* dedicada exclusivamente à ficção científica:

> “One day”, Wollheim said, “I saw a magazine on the stands called Stirring Western-Detective, a double book. I wrote to this outfit, Albing, and asked them if they wanted to put a Stirring Science-Fiction magazine. They asked me to come over and talk to them (…) and they said, 'We don't have any capital, but if you can put the magazine together for nothing, we can go up to fifteen bucks for art, and we can do it. If the magazine succeeds, then we'll be able to pay you a regular salary after the third issue'. My attitude was that at least I'd be getting the experience, and something was better than nothing” (KNIGHT, 2013, l. 1064)[263].

A revista foi nomeada *Stirring Science Stories* e, além dela, foi lançada também a *Cosmic Stories*, no mesmo esquema de orçamento disponível apenas para a ilustração da capa. Wollheim era o único dos *futurians* que contava com uma condição financeira melhor; assim, pôde aceitar o trabalho sem receber nada por ele. Para conseguir entregar uma revista sem dinheiro para poder pagar pelas histórias, Wollheim contou com os colegas do grupo. As primeiras edições das

262 Foi também nas páginas dessas duas revistas [Astonishing e Super Science Stories] que as resenhas de livros, que até então haviam sido um comentário sobre livros novos, tornaram-se críticas genuínas. Os pioneiros foram Frederik Pohl e Damon Knight.

263 “Um dia”, disse Wollheim, “vi uma revista nas bancas chamada Stirring Western-Detective, uma revista dupla. Eu escrevi para essa editora, Albing, e perguntei se eles queriam colocar uma revista “stirring”de ficção científica. Eles me pediram para vir e conversar com eles (...) e eles disseram: 'Nós não temos capital, mas se você puder fazer a revista por nada, nós podemos pagar até quinze dólares para a arte, e podemos publicar. Se a revista for bem-sucedida, poderemos pagar-lhe um salário regular após a terceira edição”. Minha atitude era de que pelo menos eu estaria recebendo a experiência, e era melhor do que nada.

revistas, com datas de fevereiro e março de 1941, continham quase que exclusivamente histórias dos *futurians*.

Outra editora, a *Columbia Publications*, tinha três revistas de ficção científica em circulação, e seu editor era Charles D. Hornig. Chamado pelo serviço militar, ele se declarou um objetor de consciência e foi enviado para um campo de trabalhos na Califórnia, de onde editava as revistas. Donald Wollheim ficou sabendo que a Columbia não estava feliz com o trabalho à distância. Wollheim descobriu também quanto Hornig ganhava e falou para Robert Lowndes oferecer seus serviços por cinco dólares a menos – de quarenta para trinta e cinco dólares e assim Lowndes foi contratado (KNIGHT, 2013).

A princípio Lowndes ficou responsável pelas *pulps Future Fiction* e *Science Fiction Quarterly*, enquanto Hornig continuaria apenas com a *Science Fiction*. Os primeiros números editados por Lowndes foram publicados em abril de 1941. Alguns meses depois, como as vendas de *Science Fiction* estavam ruins, a editora decidiu fundi-la com a *Future Fiction,* rebatizada de *Future Combined with Science Fiction Stories*. Assim como Pohl, Lowndes também conseguiu fazer um bom trabalho a despeito do baixo orçamento:

> Under Lowndes's editorship Future Fiction and Science Fiction Quarterly were transformed. This was because Lowndes was able to rely upon his close colleagues in a fan organization known as the Futurians (…). In fact the depth of talent in the Futurians provided a most welcome breath of fresh air to science fiction. Outside of the writers that Campbell was developing at Astounding, they were the most creative force in science fiction (ASHLEY, 2000, p. 149)[264].

Para Mike Ashley, a participação dos *futurians* nas revistas *pulp* trouxe frescor para a ficção científica de então. Os três editores do grupo controlaram, ao todo, seis publicações dedicadas ao gênero. Eles puderam inovar e publicar histórias que eles, enquanto fãs, gostariam de ler nas revistas. Além disso, os outros *futurians* tiveram um espaço para publicar seus textos e assim se aperfeiçoar enquanto escritores.

Todo esse cenário favorável as *pulps* de ficção científica vai ser drasticamente alterado com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra. Em pouco tempo, o

264 Sob a editoria de Lowndes, Future Fiction e Science Fiction Quarterly foram transformadas. Isso porque Lowndes foi capaz de confiar em seus colegas próximos de uma organização de fãs conhecida como os Futurians (...). De fato, a profundidade do talento dos Futurians proporcionou um bem-vindo ar fresco para a ficção científica. Além dos escritores que Campbell estava desenvolvendo em Astounding, eles eram a força mais criativa na ficção científica.

país impôs um racionamento de guerra de vários itens necessários para as revistas (como papel, tinta e tipos móveis de metal). Além disso, ficava cada vez mais difícil conseguir material para publicar, já que vários autores foram chamados para servir nas forças armadas. O número de revistas caiu drasticamente: “Most of the magazines survived 1942 and a few survived 1943, but few made it right through the war. By 1945 there were only 7 magazines compared with the peak of 22 in 1941” (ASHLEY, 2000, p. 164)[265].

Das revistas editadas pelos *futurians*, nenhuma sobreviveu à guerra. As de Wollheim foram as que tiveram a existência mais curta: a *Cosmic Stories* acabou ainda em 1941, após três edições e a *Stirring* teve também três edições em 1941 e uma última em 1942. A falta de dinheiro para compor a revista, aliada ao racionamento de guerra de papel e outros itens, foi fatal.

Frederik Pohl teve que abandonar a *Astonishing* e a *Super Science Stories* após ser recrutado pelo exército. Para Edward M. Wysocki Jr (2015, p. 29), isso pesou mais do que o próprio racionamento de papel: “Although the paper shortage had been called a possible factor in ending Astonishing Stories, I would have to say that Pohl’s departure to enter the Army was a far more important factor”[266]. As últimas edições das revistas são de abril e maio de 1943.

Quase no mesmo período, foram publicadas as últimas edições das revistas editadas por Lowndes. Na edição de julho de 1943 da *Science Fiction Stories* (que voltara a ter esse nome na edição anterior), Lowndes publicou um editorial sobre a guerra:

> CLOSE TO HOME (An Editorial):
> As this issue of SCIENCE FICTION STORIES goes to press, the war draws ever more close to home, for all Americans. We've all heard about total war, but now those of us who are not in active military duty are beginning to get an inkling of what the phrase means. Just beginning. We'll have a better idea, from first-hand experience, by the end of 1943.
> But now, more than ever before, we can see what it means to live in a democracy. In all lands, war has meant sacrifices on the part of everyone. We have heard how the Germans, Italians, and Japanese have had to take sacrifices – we do it differently, here.

265 A maioria das revistas sobreviveu a 1942 e algumas sobreviveram a 1943, mas poucas conseguiram sobreviver à guerra. Em 1945 havia apenas 7 revistas em comparação com o pico de 22 em 1941.

266 Embora a escassez de papel tenha sido considerado um possível fator para o fim da Astonishing Stories, eu teria que dizer que a saída de Pohl para entrar no Exército foi um fator muito mais importante.

> Recently publishers have been asked to accept a cut in the amount of paper they use. *Asked*, mind you. Can you imagine Messers Schicklegruber, Mussolini, or Hirohito *asking* publishers if they minded taking a curtailment for the sake of conservation?
> With SCIENCE FICTION STORIES, this curtailment means that we will not be able to add those extra pages you have been asking for. But we're doing the next best thing; we're using a smaller type-face than before, thus adding to the number of words per page, and we're having the lines of type set a little more closely together. That, also, adds wordage.
> But the war has hit publications on other fronts than merely that of paper; individual costs have risen to such an extent that we are forced to raise the price of this magazine to 20c per copy. We don't like it any more than you do.
> But the thing to remember is: despite the fact that we are engaged in a life-and-death struggle for the preservation of our way of living, America can afford to continue the production of a majority of its popular fiction magazines.
> And anyone who has existed under totalitarian rule can tell you that is no small matter.
> Sincerely yours,
> ROBERT W. LOWNDES. (LOWNDES, 1943, p. 54)[267].

Lowndes parece temer que a guerra chegue de fato até os Estados Unidos e justifica os sacrifícios dos americanos para a manutenção do seu modo de vida. Ele destaca a importância de viver em uma democracia - como visto no Capítulo 1, essa passou a ser a principal bandeira política dos *futurians* à época. No editorial, o *futurian* tenta minimizar os efeitos do racionamento de papel para a revista e alega

---

267 PERTO DE CASA (Um Editorial):
Enquanto esta edição de Science Fiction Stories vai para a impressão, a guerra se aproxima cada vez mais de casa, para todos os americanos. Todos nós já ouvimos falar de guerra total, mas agora aqueles de nós que não estão em serviço militar ativo estão começando a ter uma ideia do que a frase significa. Apenas começando. Nós teremos uma ideia melhor, em primeira mão, até o final de 1943.
Mas agora, mais do que nunca, podemos ver o que significa viver em uma democracia. Em todas as terras, a guerra significou sacrifícios por parte de todos. Ouvimos como os alemães, italianos e japoneses tiveram que fazer sacrifícios - nós fazemos isso de maneira diferente aqui.
Recentemente, os editores foram convidados a aceitar um corte na quantidade de papel que usam. Convidados. Você pode imaginar Messers Schicklegruber, Mussolini ou Hirohito perguntando aos editores se eles se importariam de fazer uma redução por uma questão de conservação?
Na Science Fiction Stories, este corte significa que não poderemos adicionar as páginas extras que vocês pediram. Mas estamos fazendo a próxima melhor coisa; estamos usando um tipo menor do que antes, aumentando assim o número de palavras por página, e estamos definindo as linhas do tipo um pouco mais próximas. Isso também adiciona palavras.
Mas a guerra atingiu publicações em outras frentes que apenas a do papel; os custos individuais aumentaram de tal forma que somos obrigados a aumentar o preço desta revista para 20 centavos por exemplar. Nós não gostamos disso mais do que vocês.
Mas a coisa a ser lembrada é: apesar do fato de que estamos engajados em uma luta de vida ou morte pela preservação de nosso modo de vida, a América pode continuar a produzir a maioria de suas populares revistas de ficção.
E qualquer um que tenha existido sob um governo totalitário pode lhe dizer que não é pouca coisa.
Atenciosamente,
ROBERT W. LOWNDES

que os editores foram convidados a diminuir a cota. Na realidade, a ordem L-244, cujo efeito começou em janeiro de 1943, limitava o uso de papel a 90% do que havia sido usado em 1942. Posteriormente essa norma foi revista e a cota diminuiu para 75% (WYSOCKI JR, 2015).

Como dito acima, mais do que retratar o futuro, os *futurians* queriam construir esse futuro. Com suas histórias de ficção científica, eles pretendiam ter alguma influência no que estava por vir. O editorial de Lowndes, talvez até mais do que sua ficção, também tinha essa pretensão. O editor da *Science Fiction Stories,* ao ressaltar o modo de vida americano, esperava incutir em seus leitores o mesmo apreço que ele sentia pelo país. Lowndes parece estar imbuído de um senso de dever que faz com que ele contribua com a máquina de propaganda da guerra. Se Lowndes sabia que esse era o último número das revistas que editava, ele não demonstra no texto. Na década seguinte, ele até voltaria a editá-las, mas o mercado editorial já estava em mudança e as antigas *pulps* foram perdendo espaço para os "paperbacks", livros impressos em papel mais fino e com custo mais baixo.

Assim como inúmeras outras coisas, a história da ficção científica americana teria sido bem diferente caso a guerra não tivesse acontecido, ou se os Estados Unidos não tivesse participado dela. Dirk Wylie e Cyril Kornbluth não teriam morrido tão precocemente e poderiam ter alcançado sucesso na ficção científica, como ocorreu com outros *futurians* nas décadas seguintes. As revistas *pulp* talvez tivessem sobrevivido mais tempo e o trabalho dos *futurians* poderia ter tido um impacto ainda maior no gênero. Os jovens que sonhavam em construir um futuro utópico foram arrebatados por um presente que tinha outros planos para eles.

5 A GREEN CLOUD CAME: A BOMBA ATÔMICA E A MUDANÇA NO FUTURO

Quando a ex-futurian Judith Merril publicou o conto “That only a Mother”, que discute mutações genéticas causadas pelas bombas atômicas, um leitor escreveu:

> I must admit that sometimes I long for the good old days when we read s-f for fun, instead of as a grim warning that all hell has been let loose. Why didn't you warn those Oak Ridge boys before they went ahead and did it and turned it loose to the innocent military men? (BROWN, 1948, p. 159)[268].

O editor da revista, John Campbell, respondeu ao leitor: “We did warn the Oak Ridge Boys! Reread “Solution Unsatisfactory” (CAMPBELL JR., 1948, p. 159)[269]. De fato, a ficção científica já abordava o tema muito antes de 1945. Nesta última parte do trabalho, uma espécie de conclusão/considerações finais mutante – já que o tema da mutação aparece com frequência relacionado à bomba – eu discuto as histórias dos *futurians* com o tema atômico e analiso como de forma geral eles viam uma aplicação positiva para as descobertas do Urânio-235 e da fissão nuclear.

No mesmo ano em que as bombas atômicas destruíram Hiroshima e Nagasaki, *The Futurian Society of New York* acabou. O fim do grupo representa também um fim de uma forma de narrar o amanhã. Os *futurians* sempre foram grandes entusiastas do futuro, a começar pelo próprio nome. As bombas atômicas, no entanto, mudaram a relação com o porvir, que passou a ser temido. É simbólico, então, que o grupo tenha acabado logo depois do lançamento das bombas. Assim, eu também discuto como a destruição das cidades japoneses impactou não apenas a forma como armas atômicas eram descritas nas histórias, mas a maneira como os escritores de ficção científica retratavam o futuro. Eu vou além do fim do grupo para mostrar como a ficção científica seguiu após esse episódio.

---

268 Devo admitir que às vezes eu anseio pelos bons velhos tempos quando líamos ficção científica por diversão, em vez de como um aviso sombrio de que todo o inferno foi liberado. Por que você não avisou os garotos de Oak Ridge antes de irem em frente e liberarem [a bomba] para os militares inocentes?

269 Nós avisamos os garotos de Oak Ridge! Releia “Solution Unsatisfactory”

5.1 ANTES DE 1945

As duas descobertas que possibilitaram a invenção das bombas atômicas ocorreram apenas alguns anos antes dos *futurians* começarem a escrever ficção científica profissionalmente. A primeira delas foi a descoberta do Urânio-235 pelo físico canadense radicado nos Estados Unidos, Arthur Jeffrey Dempster, em 1935. A segunda, a fissão nuclear descoberta pelos alemães Otto Han e Fritz Strassmann em dezembro de 1938. Embora tais feitos tenham alarmado muita gente (voltarei a falar disso depois), os *futurians* focaram nos possíveis usos positivos, sobretudo na energia. Para eles e outros fãs e escritores de ficção científica da época, "The utopia of tomorrow would be created through cheap and abundant atomic power, not through atomic blackmail" (BRIANS, 1987, s/p)[270].

Na noveleta "Rebirth of Tomorrow", discutida no Capítulo 1, é a energia atômica que move o mundo do futuro:

> Peter Haldane, citizen of the World State, was coming home. Coming home from outer space, from the great reaches of the planetoid belt, where, for six months, he had combed the dust-filled void for traces of the valuable element used in the release of atomic energy. Six months of constant searching, searching that had been crowned triumphantly with success. In the loading chamber of the space car reposed, in great tanks of sodium, powdered quantities of the infinitely precious metal upon which the fabric of Earth's civilization depended – enough to last the whole requirement of the planet for the next hundred years (RAYMOND, 1941a, p. 07)[271].

Além de pensar vários usos para a energia atômica, as histórias de ficção científica também imaginavam como a posse desse conhecimento poderia ser usada. Em "Power", também de autoria de John Michel, o grupo que conseguir se apoderar da descoberta da energia atômica controlará o país:

> The balance of power rests with only two parties, my own and Westhoff's. All other parties are either appendages or unimportant.

270 A utopia do futuro seria criada através de energia atômica barata e abundante, não através de chantagem atômica.

271 Peter Haldane, cidadão do Estado Mundial, estava voltando para casa. Voltando para casa do espaço sideral, dos grandes alcances do cinturão planetóide, onde, durante seis meses, ele vasculhara o vazio cheio de poeira em busca de vestígios do valioso elemento usado na liberação da energia atômica. Seis meses de busca constante, buscando aquilo que havia sido coroado triunfantemente pelo sucesso. Na câmara de carga do carro espacial repousavam, em grandes tanques de sódio, quantidades em pó do metal infinitamente precioso de que o tecido da civilização da Terra dependia - o suficiente para durar toda a demanda do planeta pelos próximos cem anos.

> They cannot affect the situation. We can and will. But we need immediate and limitless power to do so. A country such as this with its complicated social and economic system cannot be controlled except by a power greater than itself. That power is atomic power (RAYMOND, 1941b, p. 41)[272].

A energia atômica se uniu, na ficção científica, aos foguetes, um outro tópico que rendia muitas especulações à época. Era comum, portanto, encontrar histórias que descreviam foguetes impulsionados por ela, como em “Blind Flight”, do *futurian* Donald Wollheim:

> For a half hour the great sphere continued its acceleration upwards. When finally the velocity dial registered what he wanted the pilot cut the rockets entirely. Far in the recess of the globe, automatic switches cut out the feed to each of the many rocket jets set near the surface and the explosive liquid fuel ceased to feed into the semi-atomic blasters. The sphere floated free. It was no longer in the Earth's atmosphere but in the realm of interplanetary space (GORDON, 1942a, p. 21-22)[273].

Na verdade, a energia atômica passou a mover os mais diversos equipamentos, de foguetes até máquinas para animação suspensa:

> A sleep-box – Nolan remembered suddenly what they were. Small coffins, large enough for a man, equipped with an atomic-powered generator that kept the occupant in a sort of half-death, not breathing or able to move, but capable of existing almost indefinitely without food (WYLIE, 1944, p. 112)[274].

O *futurian* Isaac Asimov também era um grande entusiasta da energia atômica e, em suas histórias, ela aparece com frequência. Na primeira história da série

---

272 O equilíbrio de poder repousa apenas em dois partidos, o meu e o de Westhoff. Todos os outros são apêndices ou sem importância. Eles não podem afetar a situação. Nós podemos e vamos. Mas precisamos de um poder imediato e ilimitado para fazê-lo. Um país como este com seu complicado sistema social e econômico não pode ser controlado exceto por um poder maior que ele mesmo. Esse poder é o poder atômico.

273 Por meia hora a grande esfera continuou sua aceleração para cima. Quando finalmente o mostrador de velocidade registrou o que ele queria, o piloto desligou os motores. Longe do recesso do globo, interruptores automáticos cortaram a alimentação de cada um dos muitos jatos do foguete colocados perto da superfície e o combustível líquido explosivo deixou de alimentar os detonadores semi-atômicos. A esfera flutuou livre. Não estava mais na atmosfera da Terra, mas no reino do espaço interplanetário.

274 Uma caixa de dormir - Nolan lembrou-se subitamente o que elas eram. Pequenos caixões, grandes o suficiente para um homem, equipados com um gerador movido a energia atômica que mantinha o ocupante em uma espécie de semi morte, sem respirar ou capaz de se mover, mas capaz de existir quase indefinidamente sem comida.

“Fundação”, o fim do uso da energia nuclear é um dos indícios da queda do Império Galáctico:

> “Could Anacreon supply us with adequate quantities of praseodymium for our atomic-plant? We've only a few years' supply left.”
> There was a gasp from Pirenne and then a dead silence for minutes. When Haut Rodric spoke it was in a voice quite different from what it had been till then:
> “You have atomic power?”
> “Certainly. What's unusual in that? I imagine atomic power is fifty thousand years old now. Why shouldn't we have it? Except that it's a little difficult to get praseodymium.” (ASIMOV, 1942, p. 43)[275].

Quando reuniu as histórias em uma série de livros, Asimov alterou o trecho acima, e substituiu o elemento praseodímio por plutônio. Em outra história da série, publicada em agosto de 1944, comerciantes tentam vender uma série de quinquilharias atômicas para planetas “bárbaros”. Essas bugigangas iam desde facas até sistemas de aquecimento residencial, tudo movido a energia atômica. Diferente do antigo Império, que dominava a tecnologia apenas em grande escala, o planeta dos cientistas, chamado de Fundação, desenvolveu novas técnicas:

> To supply light and heat to a city, they have motors six stories high – I saw them – where ours could fit into this room. And when I told one of their atomic specialists that a lead container the size of a walnut contained an atomic generator, he almost choked with indignation on the spot (ASIMOV, 1944, p. 53)[276].

Asimov escreveu, também, a respeito da tecnologia atômica empregada para fins negativos, mas em uma escala bem menor. No conto “History”, publicado na edição de março de 1941 da *pulp Super Science Novels*, ele descreve “bombas radioativas”, porém, com um poder de destruição pequeno, se comparado às bombas reais:

---

275 Anacreon poderia nos fornecer quantidades adequadas de praseodímio para nossa planta atômica? Temos apenas alguns anos de suprimentos restantes. Houve um sobressalto de Pirenne e depois um silêncio mortal por alguns minutos. Quando Haut Rodric falou, estava com uma voz bem diferente do que tinha sido até então: "Vocês tem poder atômico?" "Certamente. O que é incomum nisso? Eu imagino que o poder atômico tem cinquenta mil anos agora. Por que não deveríamos tê-lo? Exceto que é um pouco difícil obter praseodímio”.

276 Para fornecer luz e calor a uma cidade, eles tem motores de seis andares de altura... eu os vi... ao passo que os nossos cabem nesta sala. E quando eu disse a um dos especialistas nucleares deles que um invólucro de chumbo do tamanho de uma noz continha um gerador nuclear, ele quase morreu engasgaado de indignação no ato (ASIMOV, 2009, p. 236),

> The sky was blue, cloudless, - undisturbed. Yet somewhere up above, beyond the planet's airy blanket, steel-sided ships were veering and sparking in vicious combat. And down upon the city were falling the tiny "Drops of Death", the highly-publicized radioactive bombs that noiselessly and inexorably ate out a fifteen foot crater wherever they fell (ASIMOV, 1941a, p. 87-88)[277].

O *futurian* Frederik Pohl, na noveleta "Conspiracy on Callisto", publicada na edição de inverno de 1943 da *pulp Planet Stories,* imaginou o uso do elemento Urânio-235 na fabricação de armas especiais, que são contrabandeadas por um astronauta para Marte:

> Eight of them were in that one box, and hundreds of boxes all about. Duane picked one up, broke it, peered into the chamber where the tiny capsule of U-235 would explode with infinite violence when the trigger was pulled, spraying radiant death three thousand yards in the direction the gun was aimed... (MACCREIGH,1943, p. 43)[278].

O conto "Caradi Shall not Die!", de Walter Kubilius, publicado na edição de inverno de 1941 da *pulp Science Fiction Quarterly,* imagina usos negativos para a energia atômica:

> "Barrite crystals are the source of atomic power. That's why everybody hunts for them. Even me. But do you think they'd use that power successfully? For the good of the system? Building a ship to reach the stars, for example? Hell, no! They build war-rockets! Damn them!"
> "Yes," Fulsom said soberly, "atomic power is a wonderful thing, but it becomes horrible when used in space-war. I've seen it" (KUBILIUS, 1941, p. 117)[279].

Ambientada num tempo à frente (embora não fique explícito em que ano), a história imagina a energia atômica empregada em foguetes de guerra. Dois pesquisadores de um museu vão até Plutão atrás de vestígios de uma antiga

277 O céu estava azul, sem nuvens, imperturbável. Mas, em algum lugar lá em cima, além da camada de ar do planeta, naves de aço estavam manobrando e lampejando, num encarniçado combate. E sobre a cidade, caíam as pequenas "gotas da morte", as famigeradas bombas radioativas que, sem ruído e inexoravelmente, abriam uma cratera de cinco metros onde quer que caíssem (ASIMOV, 1978, p. 230).

278 Oito delas estavam naquela caixa e havia centenas de caixas. Duane pegou uma, quebrou, olhou para a câmara onde a pequena cápsula do U-235 explodiria com violência infinita quando o gatilho fosse puxado, lançando uma morte radiante a três mil metros na direção que a arma apontava …

279 "Os cristais de barita são a fonte do poder atômico. É por isso que todo mundo caça por eles. Até eu. Mas você acha que eles usariam esse poder com sucesso? Para o bem do sistema? Construindo uma nave para alcançar as estrelas, por exemplo? De jeito nenhum! Eles constroem foguetes de guerra! Eles que se danem!" "Sim", disse Fulsom sobriamente, "o poder atômico é uma coisa maravilhosa, mas se torna horrível quando usado na guerra espacial. Eu já vi isso"

civilização que teria habitado o planeta e descobrem que ele fica em cima da maior mina de barita já vista:

> There's enough there to blow up the entire system. Do you think any one planet could have kept its discovery a secret? It would have become known and the damnedest interplanetary war would begin for the control of Pluto! Mars couldn't afford to let Earth control the ores and Earth couldn't trust Mars. Venus couldn't let either of them! And in the fighting that would go on here every vestige of the Caridi civilization would be destroyed! (KUBILIUS, 1941, p. 118)[280].

Para o personagem de “Caradi Shall not Die!”, nenhum planeta conseguiria guardar segredo em relação à descoberta da mina, e isso geraria um conflito. Essa afirmação poderia servir para falar, também, das pesquisas relacionadas à fissão nuclear na Terra. O tema estava presente no debate americano e, em 05 de maio de 1940, a primeira página do jornal *The New York Times* trouxe um artigo intitulado *Vast Power Source in Atomic Energy Opened by Science*, assinado pelo jornalista William L. Laurence, que abordava dentre outras coisas o desenvolvimento atômico alemão.

Lida hoje, a história de Kubilius soa quase como uma profecia de como as descobertas em relação à energia atômica foram usadas pela humanidade. Ainda que os colegas do *The Futurian Society of New York* fossem mais otimistas, Kubiliius temia que as novas descobertas fossem empregadas em mais conflitos e destruição.

No conto “The World in Balance”, publicado na edição de junho de 1942 da *pulp Future Combined with Science Fiction*, o *futurian* Donald Wollheim também escreveu a respeito da pesquisa atômica. Na história, um cientista descreve em detalhes sua conquista:

> Gentlemen, what you have just witnessed was the farthest advance in atomic research. You have just watched the unidirectional displacement of matter. By proper treatment—by first ionizing an alloy of iridium and copper, then coating with uranium oxide and exposing for a period in beta particie bombardment, I produce a bar of metal which has been rendered neutronically unstable. This bar, when subjected to the cyclotron, bursts atomically. But it bursts in a special way, in a unidirectional way. It hurls itself and its components directly

280 Há o suficiente para explodir todo o sistema. Você acha que qualquer planeta poderia ter mantido sua descoberta em segredo? Teria se tornado conhecido e a mais maldita guerra interplanetária começaria para o controle de Plutão! Marte não poderia permitir que a Terra controlasse os minérios e a Terra não poderia confiar em Marte. Vênus não poderia confiar em nenhum deles! E nas lutas que aconteceriam aqui, todo vestígio da civilização Caridi seria destruído!

> at the center of compulsion of the curvilinear universe. It extends a compulsory zone to all objects within certain boundaries of itself upwards and downwards.
> It does not expand energy sideways beyond those boundaries. In this instance the boundaries were the metal walls of my laboratory. It extended its force, undiminished, a half mile down through solid rock and who knows how far up? All the matter within that zone simply dropped at once simultaneously for the point at the universe's maximum neutrality. It left at an accelerating pace that will surpass the speed of light (GORDON, 1942b, p. 78)[281].

Wollheim, sob o pseudônimo de Millard Verne Gordon, criou explicações aparentemente bastante elaboradas mas que na verdade não fazem nenhum sentido. Para o leitor Earl Andrews, a história foi escrita para divertir:

> Item: The World in Balance. Utterly and completely hilarious. I hope you realized it was just pure hokum from start to finish. But this should make certain purveyors of "heavy" science feel quite disconcerted. And I am laughing! You should have run it under the name of Milard Sprague Campbell de Gordonsmith, though (ANDREWS, 1942, p. 110)[282].

Como dito em outras oportunidades, os *futurians* eram de certa forma rivais do editor Campbell e dos "seus" escritores. Cada grupo representava um projeto de ficção científica. Na *Astounding* de Campbell, eram publicadas histórias que procuravam ser "hard science fiction" (ainda que, como visto no Capítulo 2, essas distinções sejam arbitrárias e ligadas sobretudo a um juízo de valor que confere importância maior ao que se julga mais "científico"). Dessa forma, o comentário de Andrews situa "The World in Balance" como uma paródia das histórias publicadas em *Astounding*. O leitor ainda faz referência a autores conhecidos na outra revista,

---

281 Senhores, o que vocês acabaram de testemunhar foi o maior avanço na pesquisa atômica. Vocês acabaram de ver o deslocamento unidirecional da matéria. Por tratamento adequado - ionizando primeiro uma liga de irídio e cobre, depois revestindo com óxido de urânio e expondo por um período com bombardeamento de partículas beta, eu produzo uma barra de metal que foi tornada instável por neutralização. Essa barra, quando submetida ao cíclotron, se rompe atomicamente. Mas estoura de maneira especial, de maneira unidirecional. Ela se arremessa junto com seus componentes diretamente no centro da compulsão do universo curvilíneo. Estende uma zona obrigatória a todos os objetos dentro de certos limites de si para cima e para baixo. Não expande a energia para além desses limites. Neste caso, os limites eram as paredes de metal do meu laboratório. Estendeu sua força, sem diminuir, a meio quilômetro abaixo através da rocha sólida e quem sabe até onde? Toda a matéria dentro dessa zona simplesmente caiu de uma só vez simultaneamente para o ponto na neutralidade máxima do universo. Ela saiu em um ritmo acelerado que vai superar a velocidade da luz.

282 Item: The World in Balance. Total e completamente hilariante. Espero que vocês tenham percebido que era apenas puro hokum do começo ao fim. Mas isso deve fazer com que certos provedores da ciência "dura" se sintam bastante desconcertados. E eu estou rindo! Vocês deveriam tê-la executado sob o nome de Milard Sprague Campbell de Gordonsmith

como L. Sprague de Camp, Edward Smith e o próprio John Campbell, ao falar que o pseudônimo utilizado por Wollheim deveria incluir os nomes deles.

A *Astounding* estava, de fato, empenhada em publicar histórias com o tema atômico e como a tecnologia poderia ser utilizada na guerra que estava em curso. Já em 1940, Campbell sugeriu ao escritor Rorbert A. Heinlein que escrevesse sobre o uso da radiação como uma arma. Intitulada "Solution Unsatisfactory", a noveleta debate as consequências da construção desse tipo de arma, embora a tecnologia empregada não tenha sido a da fissão nuclear.

Outra história publicada na *Astounding* antes de 1945 e que é hoje bastante lembrada por conta da repercussão que teve é "Deadline". O autor, Cleve Cartmill, havia revelado para Campbell que queria escrever sobre uma super-bomba, e o editor da revista lhe entregou informações sobre o uso do Urânio-235 e da fissão nuclear para construir uma bomba. "Deadline" foi publicada na edição de março de 1944 da *Astounding Science Fiction* e, logo depois, iniciou-se uma investigação conduzida pela *Counterintelligence Corps*, uma agência de inteligência da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria. A forma como os agentes ficaram sabendo sobre o conto é bastante curiosa, conforme contou Edward Teller:

> "Deadline" provoked astonishment in the lunch table discussions at Los Alamos. It really did describe isotope separation and the bomb itself in detail, and raised as its principal plot pivot the issue the physicists were then debating among themselves: should the Allies use it? To the physicists from many countries clustered in the high mountain strangeness of New Mexico, cut off from their familiar sources of humanist learning, it must have seemed particularly striking that Cartmill described an allied effort, a joint responsibility laid upon many nations.
> Discussion of Cartmill's "Deadline" was significant. The story's detail was remarkable, its sentiments even more so. Did this rather obscure story hint at what the American public really thought about such a superweapon, or would think if they only knew?
> Talk attracts attention, Teller recalled a security officer who took a decided interest, making notes, saying little. In retrospect, it was easy to see what a wartime intelligence monitor would make of the physicists' conversations. Who was this guy Cartmill, anyway? Where did he get these details? Who tipped him to the isotope separation problem? "and that is why Mr. Campbell received his visitors." (SCHOLZ, 2002, s/p).[283]

283 "Deadline" provocou espanto nas mesas do almoço em Los Alamos. Ela realmente descreveu a separação isotópica e a própria bomba em detalhe, e levantou como principal pivô da trama a questão que os físicos estavam debatendo entre si: os Aliados deveriam usá-lo? Para os físicos de muitos países, agrupados nas altas montanhas estranhas do Novo México, sem suas fontes familiares de aprendizagem humanista, deve ter parecido particularmente notável que Cartmill

Foi a conversa dos cientistas que trabalhavam no Projeto Manhattan que levou à investigação. Além de Cartmill e Campbell, outras pessoas próximas a eles também foram investigadas, incluindo o *futurian* Isaac Asimov. O objetivo da investigação era averiguar se alguém havia vazado informações confidenciais (Asimov entrou para a investigação pois, além de trabalhar com Campbell, estava, à época, trabalhando no estaleiro naval da Filadélfia). Campbell alegou que as informações usadas provinham de fontes “não-classificadas”. De qualquer forma, as autoridades solicitaram a ele que não fossem mais publicadas na *Astounding* histórias sobre tecnologia nuclear até o fim da guerra, em conformidade com o *Code of Wartime Practices* (código de práticas para a guerra), que já circulava desde 1942 (SILVERBERG, 2003). O Código foi elaborado pelo Escritório de Censura (“Office of Censorship”), uma agência criada para fiscalizar toda a comunicação que entrava e saía dos Estados Unidos.

Embora o governo se esforçasse para manter sob sigilo seus esforços de guerra, as informações disponíveis antes dela já eram suficientes para as especulações. Além disso, quando muitos assinantes da *Astounding* solicitaram mudança de endereço para a região de Los Alamos, Campbell percebeu que alguma coisa importante estava acontecendo lá.

O Projeto Manhattan era a continuação de um comitê criado ainda em 1939, depois que dois cientistas ficaram alarmados com a descoberta da fissão nuclear. Leó Szilárd e Edward Teller procuraram o já então prestigiado Albert Einstein para que este escrevesse uma carta ao governo americano. Nela, Einstein menciona o provável uso das novas descobertas para a criação de bombas:

> In the course of the last four months it has been made probable – through the work of Joliot in France as well as Fermi and Szilard in America – that it may become possible to set up a nuclear chain reaction in a large mass of uranium by which vast amounts of power and large quantities of new radium-like elements would be generated. Now it appears almost certain that this could be achieved in the immediate future.

---

tenha descrito um esforço Aliado, uma responsabilidade conjunta colocada sobre muitas nações. A discussão de "Deadline", do Cartmill, foi significativa. Os detalhes da história eram notáveis, seus sentimentos ainda mais. Essa história obscura indicava o que o público americano realmente pensava sobre uma super arma, ou pensariam se soubessem? Discussão atrai atenção, Teller recordou um agente de segurança que tomou um nítido interesse, fazendo anotações, falando pouco. Em retrospecto, era fácil ver o que um monitor de inteligência durante a guerra faria com as conversas dos físicos. Quem era esse cara Cartmill, afinal? Onde ele conseguiu esses detalhes? Quem deu a dica para ele do problema da separação de isótopos? "E é por isso que o senhor Campbell recebeu seus visitantes."

> This new phenomenon would also lead to the construction of bombs, and it is conceivable – though much less certain – that extremely powerful bombs of a new type may thus be constructed. A single bomb of this type, carried by boat and exploded in a port, might very well destroy the whole port together with some of the surrounding territory (EINSTEIN, 1939, s/p).[284]

Bombas tão destruidoras poderiam parecer coisa de ficção científica e não uma realidade num futuro próximo. Foi o que pensou a estenógrafa Janet Coatesworth, responsável por datilografar a carta. Ela conta que quando ouviu sobre as bombas, achou que trabalhava para um maluco (LANOUETTE, 2013). Quando a carta chegou ao presidente, a Segunda Guerra Mundial havia recém começado. Roosevelt pediu para que o cientista Lyman James Briggs criasse, secretamente, um comitê para o estudo do urânio. O orçamento inicial era bastante modesto (6 mil dólares). Esse comitê seria sucedido pelo *S-1 Uranium Committee*, que deu origem ao Projeto Manhattan.

Os exemplos acima mostram como ciência e ficção se aproximaram em relação à bomba atômica. Muitos escritores de ficção científica acabaram prevendo a construção da bomba quando ela ainda era um projeto. Já os cientistas passaram a se questionar quanto ao poder atômico da Alemanha – se escritores conseguiam acertar com relativa precisão o funcionamento de uma bomba, provavelmente os cientistas alemães também. O futuro, no entanto, mostrou que até 1945 somente os americanos detinham esse conhecimento. Einstein revelou que se arrependia de ter escrito a carta que contribuiu para o desenvolvimento das bombas atômicas, e que se soubesse que os alemães não tinham como fabricá-las, não teria feito nada.

---

284 No decorrer dos últimos quatro meses tem sido feito provável - através do trabalho de Joliot na França, bem como de Fermi e Szilard na América - que se torne possível a criação de uma reação nuclear em cadeia numa grande massa de urânio pelo qual vastas quantidades de energia e grandes quantidades de novos elementos como o rádio serem gerados. Agora, parece quase certo que isso poderia ser realizado no futuro imediato. Este novo fenômeno levaria também à construção de bombas, e é concebível - embora muito menos certo - que bombas extremamente poderosas de um novo tipo possam ser construídas. Uma única bomba deste tipo, transportada por barco e explodida num porto, poderia muito bem destruir todo o porto, juntamente com parte do território circundante.

5.2 APÓS 1945

O bombardeio das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki mudou a forma como o futuro era percebido, pensado e representado. Se antes desses eventos o futuro guardava uma promessa de esperança, agora ele passou a conter o potencial de destruição e até mesmo aniquilação.

Essa mudança não se deu no momento exato da explosão das bombas, mas foi sendo desenvolvida com o passar do tempo. As informações que chegavam nos meses seguintes aos bombardeios eram escassas. O governo americano tentou, de várias maneiras, minimizar os atos. Assim, demorou um tempo para que a real dimensão dos eventos fosse compreendida. As estratégias utilizadas pelo governo, segundo Patrick B. Sharp (2007), incluíam usar fotos aéreas, que enfatizavam os danos às propriedades; tratar as cidades como alvos militares e ignorar os efeitos radioativos, fazendo parecer que eram bombas comuns.

Além disso, os pronunciamentos e notas oficiais procuravam focar nos crimes de guerra cometidos pelo Japão e, assim, justificar os ataques e jogar a responsabilidade deles para os próprios japoneses. A ideia de que os japoneses "mereciam" as bombas depois de tudo o que fizeram (um dos exemplos mais citados era Pearl Harbor) colou fácil no imaginário americano por conta do racismo presente durante a guerra (SHARP, 2007). O "medo amarelo" (*yellow peril*) foi alimentado durante o conflito de várias formas, inclusive pela ficção científica.

Enquanto se especulava sobre os possíveis efeitos radioativos das bombas em Hiroshima e Nagasaki, o governo continuava a negá-los. Em novembro de 1945, o General Leslie Groves, chefe militar do Projeto Manhattan, em depoimento à uma comissão especial do Senado, afirmou:

> the radiation casualty can be of several classes. He can have enough so that he will be killed instantly. He can have a smaller amount which will cause him to die rather soon, and as I understand it from the doctors, without undue suffering. In fact, they say it is a very pleasant way to die (GROVES, 1945 apud SHARP, 2007, p. 133)[285].

285 As mortes por radiação podem ser de várias classes. Ele pode receber o suficiente para que seja morto instantaneamente. Ele pode ter uma quantidade menor que fará com que ele morra em breve, e como eu entendo pelos médicos, sem sofrimento indevido. Na verdade, eles dizem que é uma maneira muito agradável de morrer.

Não demorou muito, no entanto, para começarem a vazar relatos que contradiziam o general Groves e a “maneira muito agradável de morrer”. A radiação e os possíveis efeitos dela passaram a fazer parte do debate americano e também da ficção científica, como abordarei na sequência.

O reino da ficção científica experimentou sentimentos diversos após o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki: ao mesmo tempo que havia uma apreensão em relação ao futuro e a ameaça de destruição, havia também um orgulho por ter previsto a potência da nova tecnologia (BRIANS, 1987). A ficção científica adquiriu, assim, um status diferente daquele anterior às bombas. Antes reduzida às revistas *pulp*, ela começou a aparecer nas *slicks*. Escritores e editores passaram a ser consultados como espécies de “especialistas no futuro”. O *futurian* Donald Wollheim conta que ligaram para ele dar uma entrevista logo após os bombardeios, mas que ele não sabia o que pensar e indicou o editor John Campbell. A entrevista foi publicada na edição de 25 de agosto de 1945 da *New Yorker*. Nela, Campbell falou sobre como seria a próxima guerra:

> Every major city will be wiped out in thirty minutes (…). New York will be a slag heap and any extensive form of government will be impossible. Since atomic bombing radioactivates the rocks where it hinds and sends off X-rays, there are some nice complications (CAMPBELL JR., 1945, p. 16)[286].

Quando questionado a respeito da radiação em Hiroshima, ele afirmou:

> We used the gentlest possible application of the atomic bomb there (…) because we fixed it to be exploded in the air. Air atoms and neutrons will hold radioactivity for eighteen hours at the longest; usually it is dissipated after two or three hours. On the other hand, radioactive energy following the explosion of an atomic bomb *on* the ground will leave the land uninhabitable for periods ranging from ten months to five hundred years, depending on the size of the bomb. X-ray can burn or sterilize or mutate, and after a big international atomic war, with atomic bombs exploded on the ground, a lot of survivors will be mutated. They'll give birth to freaks or supermen or telepaths (CAMPBELL JR., 1945, p. 16 grifo no original)[287].

286 Cada grande cidade será eliminada em trinta minutos (…). Nova Iorque será um monte de lixo e qualquer forma extensa de governo será impossível. Uma vez que o bombardeio atômico radioativa as rochas, onde ele cria e envia raios X, existem algumas complicações.

287 Nós usamos a aplicação mais suave possível da bomba atômica lá (...) porque a fizemos ser explodida no ar. Átomos de ar e nêutrons reterão radioatividade por dezoito horas no máximo; geralmente é dissipado depois de duas ou três horas. Por outro lado, a energia radioativa após a explosão de uma bomba atômica no solo deixará a terra inabitável por períodos que variam de dez meses a quinhentos anos, dependendo do tamanho da bomba. O raio-x pode queimar ou esterilizar

A fala de Campbell suporta a versão do governo americano a respeito da radiação. O editor da *Astounding* parece não ter problemas morais com o lançamento das bombas, o que também vai ao encontro do pensamento de que os japoneses “mereceram” o ataque. Ao falar na primeira pessoa do plural a esse respeito, Campbell endossa a narrativa oficial e contribui com ela.

Em um editorial publicado poucos meses depois, na edição de novembro da *Astounding*, Campbell novamente afirmou que o exército americano detonou as bombas no ar e assim evitou um estrago maior. Ele repete, também, a ideia de que uma próxima guerra significaria muito mais destruição. Nessa mesma edição, foi publicada a primeira parte da novela “The Mule”, de Asimov. Nela, os planos de construção de um novo império são ameaçados por um conquistador desconhecido:

> The Mule is a shrewd operator – far too shrewd not to realize the advantage of the magnetism and glamour of personal leadership. If he gives that up, it's for a reason. That reason must be the fact that personal contact would reveal something that it is of overwhelming importance *not* to reveal (…). *The mule is not a human being!* (…) He is a mutant (ASIMOV, 1945a, p. 33 grifos no original)[288].

Hari Seldon não foi capaz de prever a ameaça por dois motivos: primeiro, porque ele só trabalhava com um grande número de pessoas, e não com indivíduos; segundo, porque mesmo se tivesse previsto uma ameça individual, a mutação do Mulo não teria como entrar na equação. Mais à frente na história, o Mulo revela como age:

> To me, men's minds are dials, with pointers that indicate the prevailing emotion. It is a poor picture, but how else can I explain it? Slowly, I learned that I could reach into those minds and turn the pointer to the spot I wished, that I could nail it there forever. And then it took even longer to realize that other couldn't (ASIMOV, 1945b, p. 164)[289].

---

ou mutar, e depois de uma grande guerra atômica internacional, com bombas atômicas explodindo no chão, muitos sobreviventes sofrerão mutações. Eles vão dar à luz aberrações ou super-homens ou telepatas.

288 O Mulo é um agente inteligente... - falou – e é astuto demais para não perceber a vantagem do magnetismo e do glamour da liderança pessoal. Se abre mão disso, é por algum motivo. Esse motivo deve ser o fato de que o contato pessoal revelaria algo que seja de importância fundamental *não* revelar (…). *O Mulo não é um ser humano* (…). Ele é um mutante (ASIMOV, 2009b, p. 132).

289 Para mim, as mentes dos homens são seletores, com ponteiros que indicam a emoção que prevalece naquele instante. É uma imagem pobre, mas de que outra forma eu posso explicar? Lentamente, fui percebendo que eu podia entrar naquelas mentes e girar o ponteiro para o ponto que desejasse, que eu podia travá-lo ali para sempre. E depois, levei ainda mais tempo para perceber que os outros não podiam fazer o mesmo (ASIMOV, 2009b, p. 239).

Com essa habilidade, ele conseguiu transformar os inimigos em subordinados fiéis e assim conquistar a Galáxia. Mulo explica que é um telepata, mas não um telepata completo. Como visto no Capítulo 2, a telepatia era um tema recorrente nas histórias de ficção científica. Asimov modificou a fórmula geralmente utilizada e vinculou a telepatia à mutação, ao invés de ligá-la a uma raça alienígena avançada. A mutação, no entanto, parece tirar a humanidade de Mulo, já que no trecho acima o personagem afirma que ele não é um ser humano.

O ex-futurian Larry T. Shaw publicou sua primeira história de ficção científica em uma revista profissional em 1948. “Secret Weapon” especula sobre novas formas de vida que teriam surgido com as bombas atômicas. No conto, há uma espécie de consciência acompanhando o desenrolar dos eventos. Em um país distante, um ditador convoca um cientista brilhante para construir um foguete autoguiado, movido a força atômica, para levar germes letais para os Estados Unidos. O cientista, no entanto, é uma espécie de misantropo e no lugar de germes, coloca duzentas bombas atômicas. A consciência, então, faz com que as bombas sejam jogadas no mar, e não nos Estados Unidos:

> Somewhere there must be someone or something who had the answers. Some other entity which had had something to do with the entity's conception and birth. Where? (...)
> Perhaps if they were exploded there these tiny eggs would blossom and grow into other entities like itself. Then it would at least no longer be alone.
> It was an eminently logical idea (THOR, 1948, p. 26)[290].

A consciência espera que, dessas bombas, surja uma nova criatura como ela. A história pode ser lida como uma forma de especulação sobre os efeitos da radiação e das novas criaturas que podem surgir a partir dela. Pode ser lida, também, como uma metáfora da própria vida, originada a partir de uma outra explosão – o big bang.

Uma das principais histórias sobre mutação do período é “That only a Mother”, da ex-*futurian* Judith Merril, publicada pela primeira vez em 1948 na revista *Astounding* de Campbell. Diferente de muitas histórias futuristas que se passam diversos anos à frente, o conto de Merril está situado apenas cinco anos no futuro.

290 Em algum lugar deve haver alguém ou algo que tenha as respostas. Alguma outra entidade que teve algo a ver com a concepção e nascimento da entidade. Onde? (…) Talvez se eles explodissem ali, esses pequenos ovos floresceriam e se transformariam em outras entidades como ela. Então, pelo menos, não estaria mais sozinha. Era uma ideia eminentemente lógica.

Outra diferença é que “That only a Mother” traz o ponto de vista de uma mulher e mãe para a ficção científica – como visto no Capítulo 3, isso não era comum.

Ao contrário do período da guerra, em que era proibido escrever sobre as armas atômicas, o pós-1945 foi de grande exploração ficcional acerca do tema. Paul Brians (1987) calcula que o número de histórias sobre ameaça atômica ultrapassou as duas mil. Em “That only a Mother”, em uma carta enviada a Margareth, a mãe dela questiona os riscos da gravidez:

> "Darling. Why didn’t you write and tell me sooner? I’m thrilled, of course, but, well, one hates to mention these things, but are you certain the doctor was right? Hank’s been around all that uranium and thorium or whatever it is all these years, and I know you say he’s a designer, not a technician, and he doesn’t get near anything that might be dangerous, but you know he used to, back at Oak Ridge. Don’t you think… well, of course, I’m just being a foolish old woman, and I don’t want you to get upset. You know much more about it than I do, and I’m sure your doctor was right. He should know…" (MERRIL, 1948, p.88-89)[291].

Na carta a mãe cita não só os elementos Urânio, Tório e “o que quer que seja” que o marido de Margareth foi exposto, como também a cidade de Oak Ridge, onde o Projeto Manhattan foi desenvolvido – apenas três anos antes, mencionar tais coisas teria rendido censura e perseguição.

A questão principal de “That only a Mother” é discutir o uso das armas nucleares e os seus efeitos. Na passagem abaixo, a protagonista, Margareth, lê sobre “mutantes”:

> She glanced through the paper with indifferent interest. Today at least there was no need to read the national news. There was an article by a geneticist. The same geneticist. Mutations, he said, were increasing disproportionately. It was too soon for recessives; even the first mutants, born near Hiroshima and Nagasaki in 1946 and 1947 were not old enough yet to breed. But my baby’s all right. Apparently, there was some degree of free radiation from atomic explosions causing the trouble. My baby’s fine. Precocious, but normal. If more attention

291 “Querida. Por que você não me escreveu e me contou antes? Estou muito feliz, é claro, mas, bem, ninguém gosta de mencionar essas coisas, mas você tem certeza que o médico estava certo? Hank tem estado ao redor de todo aquele urânio e tório ou o que quer que seja todos estes anos, e eu sei que você diz que ele é um designer, não um técnico, e ele não chega perto de qualquer coisa que possa ser perigosa, mas você sabe que ele costumava, em Oak Ridge. Você não acha que... bem, é claro, eu só estou sendo uma velha tola, e eu não quero que você fique chateada. Você sabe muito mais sobre isso do que eu, e tenho certeza que o seu médico estava certo. Ele deve saber..."

> had been paid to the first Japanese mutations, he said… (MERRIL, 1948, p.93)[292].

O maior medo de Margareth durante a gravidez era que a criança nascesse com alguma mutação, já que essas crianças estavam sendo mortas pelos pais. Talvez por isso que quando sua filha, Henrietta, nasceu, Margareth entrou em negação e não percebeu que Henrietta era mutante. O final do conto dá a entender que o destino dela não é diferente do das outras crianças e que ela foi morta pelo pai:

> "Maggie, why… didn't you… tell me?"
> "Tell you what, darling?" Margaret's poise was the immemorial patience of a woman confronted with the man's childish impetuosity. Her sudden laugh sounded fantastically easy and natural in that room; it was all clear to her now. "Is she wet? I didn't know."
> She didn't know. His hands, beyond control, ran up and down the soft-skinned baby body, the sinuous, limbless body. Oh God, dear God – his head shook and his muscles contracted in a bitter spasm of hysteria. His fingers tightened on his child – Oh God, she didn't know… (MERRIL, 1948, p. 95).[293]

Em um livro de memórias começado pela autora e terminado por sua neta, Merril conta da onde veio a ideia para a história:

> there was a tiny article in the *New York Herald Tribune* – page 52 or thereabouts. The U.S. Army of Occupation in Japan was denying rumours that many infanticides were occurring in the areas around Hiroshima and Nagasaki. Migod! I thought, remembering the pictures I'd seen in *Science Illustrated*: brain tumours and missing limbs on baby rats whose parents had been exposed to atomic radiations (MERRIL, 2002, p. 155).[294]

---

292 Ela olhou através do papel com interesse indiferente. Hoje, pelo menos, não havia necessidade de ler as notícias nacionais. Havia um artigo de um geneticista. O mesmo geneticista. Mutações, disse ele, estavam aumentando de forma desproporcional. Era muito cedo para recessivos; mesmo os primeiros mutantes, nascidos perto de Hiroshima e Nagasaki em 1946 e 1947 não tinham ainda idade suficiente para se reproduzir. Mas meu bebê está bem. Aparentemente, havia algum grau de radiação livre de explosões atômicas causando o problema. Meu bebê está bem. Precoce, mas normal. Se mais atenção tivesse sido dada às primeiras mutações japonesas, ele disse...

293 "Maggie, por que ... você não... me contou?" "Contar o quê, querido?" A atitude de Margaret era a de paciência imemorial de uma mulher confrontada com a impetuosidade infantil do marido. Sua risada súbita soou fantasticamente fácil e natural naquele quarto; tudo ficou claro para ela agora. "Ela está molhada? Eu não sabia". Ela não sabia. Suas mãos, além do controle, correram para cima e para baixo do corpo do bebê de pele macia, o corpo sinuoso, sem membros. Oh Deus, meu Deus - sua cabeça balançou e seus músculos contraídos em um espasmo amargo de histeria. Seus dedos apertados em sua filha - Oh Deus, ela não sabia…

294 havia um pequeno artigo no New York Herald Tribune - página 52 ou por aí. A Ocupação do Exército americano no Japão estava negando rumores de que muitos infanticídios estavam ocorrendo nas áreas ao redor de Hiroshima e Nagasaki. Meu deus! Eu pensei, lembrando das imagens que eu tinha visto na Science Illustrated: tumores cerebrais e membros faltando em ratos bebês cujos pais

Merril partiu de um boato e de um estudo científico para compor “That only a Mother”. Mais uma vez texto e contexto se aproximam, com o contexto ajudando a criar um novo texto e o texto, por sua vez, procurando atuar sobre o contexto. Porque o texto de Merril é ficção mas também é política: ao imaginar uma possível realidade causada pela ameaça atômica, a autora procurou sobretudo evitar tal cenário. “That only a Mother” foi a primeira história de ficção científica de Judith Merril, que procurou o gênero justamente por considerá-lo “virtualmente o único veículo de dissidência política”. Ao combinar maternidade e guerra atômica, Judith Merril, dentre ouras autoras, antecipou, segundo Lisa Yaszek, um dos pontos centrais da segunda onda do feminismo, de que o pessoal também é politico. Yaszek, professora de estudos de ficção científica em *George Tech*, aponta que “That only a Mother” se insere no ativismo pacifista e políticas maternalistas de meados do século XX: “Merril’s nuclear war stories both anticipate and extend the maternalist logic of midcentury peace activism by imaginatively depicting what might happen if women failed in their civic duty as conscientious protestors of the nuclear age” (YASZEK, 2004, p. 80)[295].

No pós-guerra, duas retóricas acerca da ameaça atômica se contrapunham. No primeiro grupo, integrado pelo governo e o discurso oficial, uma guerra nuclear era iminente e no segundo, composto por movimentos pacifistas, ela não era inevitável. Ambos apelavam ao dever cívico dos cidadãos e dirigiam-se às mulheres como guardiãs da família: de um lado, como sendo seu dever zelar pela proteção desta, de outro, apontando que a única segurança possível era garantir que uma guerra nunca ocorresse. A importância crescente da autoridade científica no século XX foi utilizada pelos ativistas do segundo grupo, que aliaram-se a nomes como Albert Einstein e Linus Pauling em nome do pacifismo. Einstein, que alguns anos antes havia apoiado as pesquisas sobre bombas atômicas, transformou-se em um ativo adversário delas, afirmando que não havia defesa possível em caso de um ataque nuclear. “That only a Mother” insere-se, portanto, neste contexto de esforços para evitar uma nova guerra, que teria proporções catastróficas. Merril parece apelar para as mães, para que elas se unissem aos movimentos anti-guerra como forma de

tinham sido expostos a radiações atômicas.

295 As histórias de guerra nucleares de Merril tanto antecipam quanto estendem a lógica maternalista do ativismo pacifista de meados do século ao imaginativamente descrever o que poderia acontecer se as mulheres falhassem em seu dever cívico como objetoras de consciência da era nuclear.

evitar os horrores descritos em sua história. No trecho abaixo este apelo aparece de forma mais evidente:

> A well-known geneticist, in the medical news, said that it was possible to tell with absolute certainty, at five months, whether the child would be normal, or at least whether the mutation was likely to produce anything freakish. The worst cases, at any rate, could be prevented. Minor mutations, of course, displacements in facial features, or changes in brain structure could not be detected. And there had been some cases recently, of normal embryos with atrophied limbs that did not develop beyond the seven or eight month. But, the doctor concluded cheerfully, the worst cases could be predicted and prevented.
> *"Predicted and prevented." We predicted it, didn't we? Hank and the others, they predicted it. But we didn't prevent it. We could have stopped it in '46 and '47. Now…* (MERRIL, 1948, p. 89 grifos no original).[296]

"Previmos, mas não evitamos": o texto de Merril é a forma encontrada pela autora de tentar impedir e atuar no contexto.

Além de Merril, outros ex-*futurians* também escreveram sobre os riscos nucleares. Frederik Pohl publicou, em 1949, o conto "Let the Ants Try", que figura entre as principais histórias do período a respeito do medo atômico, assim como "That only a Mother". Curiosamente, no mesmo ano em que escreveu "Let the Ants Try", Pohl casou-se com Judith Merril.

Publicado na edição de inverno da *pulp Planet Stories*, o conto começa narrando a destruição de Detroit por bombas atômicas:

> Gordon survived the Three-Hour War, even though Detroit didn't; he was on his way to Washington, with his blueprints and models in his bag, when the bombs struck.
> He had left his wife behind in the city, and not even a trace of her body was ever found. The children, of course, weren't as lucky as that. Their summer camp was less than twenty miles away, and unfortunately in the direction of the prevailing wind. But they were not in any pain until the last few days of the month they had left to live. Gordy managed to fight his way back through the snarled, frantic

296 Um conhecido geneticista, nas notícias médicas, disse que era possível dizer com certeza absoluta, em cinco meses, se a criança seria normal, ou pelo menos se a mutação era suscetível a produzir qualquer coisa bizarra. Os piores casos, de qualquer modo, poderiam ser evitados. Mutações menores, é claro, deslocamentos em características faciais, ou alterações na estrutura do cérebro poderiam não ser detectados. E tinha havido alguns casos, recentemente, de embriões normais com membros atrofiados que não se desenvolveram para além dos sete ou oito meses. Mas, o médico concluiu alegremente, os piores casos poderiam ser previstos e evitados. "Previstos e evitados." Nós previmos isso, não é? Hank e os outros, eles previram. Mas nós não evitamos. Nós poderíamos ter parado em 46 e 47. Agora…

> airline controls to them. Even though he knew they would certainly die of radiation sickness, and they suspected it, there was still a whole blessed week of companionship before the pain got too bad.
> That was about all the companionship Gordy had for the whole year of 1960 (MACCREIGH, 1949, p. 63)[297].

Há algumas semelhanças com “That only a Mother”, a começar pela escolha em ambientar a história em um futuro próximo. O protagonista, Gordy, também lembra Margareth, mas ao invés de ser uma mãe, é um pai. Além disso, assim como no conto de Merril, as crianças – símbolo do futuro – tem suas vidas interrompidas por culpa dos adultos e suas bombas.

Depois de um longo tempo solitário, um homem bate à porta da casa de Gordy pedindo comida. Os dois tornam-se amigos e o ex-cientista revela:

> “Humanity has had its chance, John,” he said. “The atomic bomb wasn't enough; we had to turn everything into a weapon. Even I, I made a weapon out of something that had nothing to do with war. And our weapons have blown up in our faces” (MACCREIGH, 1949, p. 65)[298].

A fala de Gordy é bastante dura em relação à humanidade e como ela cria meios para se destruir. Para ele, os humanos também não aprenderam com seus erros e continuaram criando novas armas. Gordy afirma que ele mesmo também inventou algo que pode ser usado como uma arma. Trata-se de uma máquina do tempo, que ele estava indo apresentar ao governo, em Washington, quando o país foi destruído.

Enquanto conversam, eles observam formigas no chão que sofreram mutação por conta da radioatividade. Gordy afirma que agora é a chance delas. Os dois então decidem voltar 40 milhões de anos no tempo e deixar as formigas mutantes lá. Quando ouvem um grito estridente de um animal, voltam para seu tempo para ver o que aconteceu. O protagonista sonha com um outro futuro, diferente daquele que ele

297 Gordon sobreviveu à Guerra das Três Horas, mas Detroit não; ele estava a caminho de Washington, com suas plantas e modelos em sua mochila, quando as bombas a atingiram. Ele havia deixado sua esposa para trás na cidade, e nem mesmo um traço de seu corpo foi encontrado. As crianças, claro, não tiveram a mesma sorte. Seu acampamento de verão ficava a menos de trinta quilômetros de distância e, infelizmente, na direção do vento predominante. Mas eles não sentiram dor até os últimos dias do mês restante que tiveram de vida. Gordy conseguiu lutar contra os controles frenéticos e aéreos para ir até eles. Mesmo sabendo que eles certamente morreriam da radiação, e eles suspeitavam disso, ainda havia uma semana inteira de companhia antes que a dor ficasse muito forte. Essa foi toda a companhia que Gordy teve no ano de 1960.

298 "A humanidade teve sua chance, John", disse ele. “A bomba atômica não foi suficiente; nós tivemos que transformar tudo em uma arma. Até eu, eu fiz uma arma de algo que não tinha nada a ver com a guerra. E nossas armas explodiram na nossa cara”

conheceu: “Might this thing prevent human war, and – his thoughts took an insane leap – could it have prevented the war that destroyed Gordy's family!” (MACCREIGH, 1949, p. 66)[299].

Quando voltam, porém, os dois encontram um mundo completamente diferente. As formigas deixadas no passado evoluíram e ocuparam o lugar que antes era dos humanos. As formigas matam o amigo de Gordy e desmancham a máquina do tempo para estudá-la. Elas exigem que Gordy a reconstrua e, quando está pronta, elas atacam o ex-cientista. Gordy corre para dentro da máquina e decide voltar novamente no tempo, para quando deixou as formigas mutantes na esperança de desfazer o futuro. Chegando no passado, Gordy vê duas máquinas do tempo lá e compreende:

> Of course, thought Gordy, as he turned hopelessly to run – of course, the ants had infinite time to work in. Time enough to build a machine after the pattern of his own – and time to realize what they had to do to him, to insure their own race safety.
> Gordy stumbled, and the first of the black things was upon him.
> As his panicky lungs filled with air for the last time, Gordy knew what animal had screamed in the depths of the Coal Measure forest (MACCREIGH, 1949, p. 69)[300].

O final de “Let the Ants Try” deixa indicado que o grito que Gordy tinha ouvido da primeira vez que voltou no tempo era o seu próprio. Assim, a viagem no tempo é circular e portanto, quando foi pela primeira vez ao passado, já não havia mais como escapar. Nas duas vezes que tenta modificar o futuro, Gordy acaba por piorá-lo.

Para o crítico Colin Nicholas Manlove, isso se dá pelo próprio tema do conto:

> Intelligent ants will not coexist with humans; and events will neatly circumscribe every attempt to reverse the process by which they came into being. Things get out of hand: here the narrative is symbolic, for it suggests a runaway chain-reaction, and it is precisely away from the results of such chain-reaction, in the form of devastating atomic war, that the scientist Gordy is trying to manipulate history (MANLOVE, 1986, p. 54)[301].

---

299 Isso poderia impedir a guerra humana e - seus pensamentos deram um salto insano - poderia ter impedido a guerra que destruiu a família de Gordy!

300 É claro, pensou Gordy, quando se virou desesperadamente para correr - é claro, as formigas tinham tempo infinito para trabalhar. Tempo suficiente para construir uma máquina segundo o padrão próprio - e tempo para perceber o que tinham que fazer com ele, para garantir segurança para sua própria raça. Gordy tropeçou e a primeira das coisas negras estava sobre ele. Quando seus pulmões em pânico se encheram de ar pela última vez, Gordy soube que animal havia gritado nas profundezas da floresta do período carbonífero.

301 As formigas inteligentes não vão coexistir com os humanos; e os eventos irão circunscrever cuidadosamente todas as tentativas de reverter o processo pelo qual elas surgiram. As coisas saem

Pohl havia abordado a destruição atômica combinada a viagem no tempo também em outra história, publicada na edição de agosto de 1947 da *Thrilling Wonder Stories*, intitulada “A Hitch in Time”. Nela, o personagem viaja no tempo para assistir a “Guerra de Aniquilação”, quando a Terra destruiu Vênus. Ele só pode observar, porque qualquer mudança que fizer, por menor que seja, o levará para um universo paralelo com uma outra linha do tempo. Sem querer, ele destrói a arma que seria usada e então resolve intervir com uma arma do seu tempo para destruir o planeta inimigo e quem sabe conseguir voltar para casa:

> “I had interfered, and the time-traveler who interferes maroons himself hopelessly. I had destroyed your weapon against Venus – yet Venus had to be obliterated, or else I had no chance of return. I was lost – and now, perhaps, I may have a chance to get back.”
> He shook his head. There was compassion in his voice. “No, you have no chance,” he said, and hesitated while I tried to take in his meaning. “You see, this is Venus.” He waved at the glowing cinder in the sky. “*That* was Earth up there.” (MACCREIGH, 1947, p. 65 grifo no original)[302].

O conto se encerra assim, de forma bastante trágica. Além de não conseguir voltar para a Terra, ele a destruiu e destruiu também seu futuro. É significativo que essa tenha sido a primeira história de Pohl em quase três anos. Ele havia estado na guerra e voltou para os Estados Unidos no final de 1945. Nesse curto intervalo de tempo, ele, a ficção científica e o próprio mundo haviam mudado.

Uma ficção científica otimista, feita e defendida pelos *futurians*, parecia não encontrar seu lugar em um mundo que a qualquer momento poderia ser destruído. Em 1947, cientistas ligados à publicação de um boletim atômico criaram o “relógio do juízo final”. Nele, a meia-noite representa o fim da humanidade por conta de uma guerra nuclear. Quando foi lançado, o relógio marcava sete minutos para a meia-noite. Dois anos depois, o número foi alterado para três minutos, por conta dos testes da União Soviética com a sua primeira bomba atômica. Em 1953, com testes termonucleares tanto dos Estados Unidos quanto da União Soviética, o relógio

---

do controle: aqui a narrativa é simbólica, pois sugere uma reação em cadeia descontrolada, e é precisamente longe dos resultados de tal reação em cadeia, na forma de devastadora guerra atômica, que o cientista Gordy está tentando manipular a história

302 “Eu interferi, e o viajante do tempo que interfere vaga sem esperança. Eu destruí sua arma contra Vênus - ainda que Vênus tivesse que ser destruída, ou então eu não teria chance de voltar. Eu estava perdido - e agora, talvez, eu tenha a chance de voltar”. Ele balançou sua cabeça. Havia compaixão em sua voz. "Não, você não tem chance", disse ele, e hesitou enquanto eu tentava entender seu significado. "Você vê, esta é Vênus." Ele acenou para o brilho cinza no céu. "Aquela era a Terra."

marcava apenas dois minutos para a meia-noite. Esse mesmo número foi usado na última publicação, de 2018.

A bomba atômica tirou a ficção científica do seu reino das *pulps*, que passou a ocupar espaço nas *slicks* e nos jornais. O próprio mercado editorial, no entanto, também passava por mudanças. A entrada dos livros de bolso, chamados *paperbacks*, tomou uma fatia grande do mercado literário. Ainda havia *pulps* de ficção científica nas prateleiras, mas aos poucos o gênero foi migrando das revistas para os livros.

O *futurian* Donald Wollheim percebeu cedo essa mudança. Ele editou a primeira antologia de ficção científica destinada ao mercado de massas. Intitulado *The Pocket Book of Science Fiction* e publicado em 1943, é o primeiro livro a ter "ficção científica" no título. O gênero que se desenvolveu nas *pulps* em uma relação próxima entre leitores, autores e editores sofreu transformações significativas ao migrar para o novo formato:

> The transformation from magazine to book format involved some sacrifices. Despite editorial whims and market downturns, the magazines had allowed the development of surprising new themes, forms and techniques – nearly anything could be accommodated as part of a reliable mix. The relatively small scale of the magazine market also fostered artistic independence. A magazine was like the small independent film as opposed to the Hollywood blockbuster, which has to meet the expectations of the broadest possible audience (ATTEBERY, 2003, p. 46)[303].

A independência artística das *pulps*, destacada por Brian Attebery, permitia que experimentos como os feitos pelos *futurians* e discutidos no trabalho fossem possíveis. Outra diferença importante entre um livro e uma revista, é que essa última é pensada para ser um entretenimento rápido, passageiro e descartável. A velocidade com que eram escritas e publicadas as histórias não permitia um rigor tão grande quanto dos textos pensados para serem publicados em livros.

Os *futurians* começaram suas carreiras profissionais escrevendo, editando e ilustrando as *pulps*. Vários permaneceram ligados à ficção científica, e foram

303 A transformação de revista para o formato de livro envolveu alguns sacrifícios. Apesar dos editoriais extravagantes e desacelerações do mercado, as revistas permitiram o desenvolvimento de surpreendentes novos temas, formas e técnicas - quase tudo poderia ser acomodado como parte de um mix confiável. A escala relativamente pequena do mercado de revistas também estimulou a independência artística. Uma revista era como um pequeno filme independente em oposição ao blockbuster de Hollywood, que tem que atender às expectativas do público mais amplo possível.

importantes na continuidade do gênero, dessa vez sob um outro formato. Essa contribuição posterior é amplamente reconhecida, mas sua participação no auge das *pulps* não é debatida. Espero que este trabalho ajude, ainda que de forma parcial e temporariamente, a preencher parte dessa lacuna.

HISTÓRIAS, CARTAS E EDITORIAIS CITADOS

ANDREWS, Earl. Station X. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v.2, n.4, p.110-112, abr. 1942a.

_____. Letter. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v. 2, n.6, p. 108-110, ago. 1942b.

ASIMOV, Isaac. The Weapon Too Dreadful to Use. **Amazing Stories.** New York, v. 13, n. 5, p. 110-125, maio 1939a.

_____. Trends. **Astounding Science Fiction**, New York, v. 23, n.5, p. 33-45, jul. 1939b.

_____ . History. **Super Science Novels Magazine**. New York, v. 2, n.3, p. 86-93, mar. 1941a.

_____. Nightfall. **Astounding Science-Fiction**. New York, v.28, n.1, p. 09-34, set. 1941b.

_____. Foundation. **Astouding Science Fiction.** New York, v. 29, n.3, p. 38-53, maio 1942.

_____. The Big and the Little. **Astouding Science Fiction.** New York, v.33, n.6, p. 07-54, ago. 1944.

_____. Blind Alley **Astouding Science Fiction.** New York, v.35, n.1, p.139-157, mar. 1945a.

_____. The Mule [Part 1]. **Astouding Science Fiction.** New York, v.36, n.3, p. 07-53, nov. 1945b.

_____. The Mule [Part 2]. **Astouding Science Fiction**. New York, v.36, n.4, p. 60-97; 148-168, dez. 1945c.

_____. The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline. **Astounding Science Fiction**. New York, v.41, n.1, p. 120-125, mar. 1948.

_____. The Evitable Conflict. **Astounding Science Fiction**. New York, v. 45, n.4, p.48-68, jun. 1950.

BARRISTER, Alan [John B. Michel]. His Aunt Thiamin. **Super Science Stories.** New York, v. 4, n.2, p. 94-109, nov. 1942.

BELLIN, Edward J. [Cyril Kornbluth] No Place to Go. **Cosmic Stories.** New York, v. 1, n.2, p.64-67, maio 1941.

BLISH, James. Bequest of the Angel. **Super Science Stories**, New York, v.1, n.2, p.46-61, maio 1940.

_____. Citadel of Thought. **Stirring Science Stories**. New York, v.1, n.1, p.38-49, fev. 1941a.

_____. Callistan Cabal. **Stirring Science Stories**. New York, v.1, n.2, p.42-52, abr. 1941b.

_____. The Real Thrill. **Cosmic Stories.** New York, v. 1, n.3, p.67-73, jul. 1941c.

_____. The Topaz Gate. **Future Fiction**, New York, v.1, n.6, p. 50-63, ago. 1941d.

_____. Solar Plexus. **Astonishing Stories**. New York, v.3, n.1, p.84-89, set. 1941e.

_____. Prime Base. **Science Fiction Quarterly.** New York, n. 10, p. 144-145, mar. 1943.

BOK, Hannes. Tragic Magic. **Weird Tales**. New York, v.37, n.4, p.98-106, mar. 1944.
BROWN, Oliver M. Letter. **Astouding Science Fiction.** New York, v. 42, n.2, p. 159-160, out. 1948.

CAMPBELL JR., John W. Brass Tacks. **Astouding Science Fiction.** New York, v. 42, n.2, p. 159-160, out. 1948.

COMBS, Virginia. Station X. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v.2, n.3, p. 108-109, fev. 1942.

CONWAY, Bowen [John B. Michel]. Boomerang. **Science Fiction Quarterly**. New York, n.7, p. 138-141, jun. 1942.

CORWIN, Cecil [Cyril Kornbluth]. Crisis! **Science Fiction Quarterly**. New York, n.6, p. 130-140, mar. 1942.

COX, Arthur. Brass Tacks. **Astounding Science Fiction**. New York, v.41, n.4, p. 149-150, jun. 1948.

DAVIES, Walter C. [Cyril Kornbluth]. New Directions. **Cosmic Stories**. New York, v. 1, n.1, p. 122-124, mar. 1941a.

_____. Forgotten Tongue. **Stirring Science Stories**, New York, v.1, n.3, p. 23-28, jun. 1941b.

_____. Interference. **Cosmic Stories.** New York, v. 1, n.3, p.35-44, jul. 1941c.

FLEMING, Stuart [Damon Knight]. The Avenger. **Planet Stories**. Spring 1944. New York: fev. 1944.

GARFIELD, Ray. The Cosmoscope. **Cosmic Stories.** New York, v. 1, n.3, p.112-113, jul. 1941.

GEE, Key. Letters from Readers. **Future Fiction**. New York, v. 1, n. 3, p. 69, jul. 1940.

GERNSBACK, Hugo. A New Sort of Magazine. **Amazing Stories**. New York, v. 1, n.1, p. 03, abr. 1926.

GORDON, Millard Verne [Donald Wollheim]. Blind Flight. **Stirring Science Stories**. New York, v.2, n.1, p. 21-24, mar. 1942a.

_____. The World in Balance. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v. 2, n.5, p. 76-83, jun. 1942b.

GOTTESMAN, S.D. [Cyril Kornbluth]. King Cole of Pluto. **Super Science Stories**. New York, v. 1, n.2, p. 90-110, maio 1940a.

_____ [Cyril Kornbluth e Frederik Pohl]. Trouble in Time. **Astonishing Stories**. New York, v. 2, n.2, p. 34-45, dez. 1940b.

_____ [Cyril Konrbluth]. Dead Center. **Stirring Science Stories**. New York, v.1, n.1, p.06-24, fev. 1941a.

_____ . Return from M-15. **Cosmic Stories**. New York, v. 1, n.1, p. 58-75, mar. 1941b.

_____ . [Frederik Pohl, Cyril Kornbluth]. Mars Tube. **Astonishing Stories**. New York, v.3, n.1, p.10-27, set. 1941c.

_____ . Sir Mallory's Magnitude. **Science Fiction Quarterly.** New York, n. 5, p. 88-106, dez. 1941d.

HACKETT, John C. Brass Tacks. **Astounding Science Fiction**. New York, v.41, n.4, p. 147-148, jun. 1948.

HORNIG, Charles. Letters from Readers. **Future Fiction**. New York, v. 1, n. 2, p. 108, mar. 1940a.

_____ . Letters from Readers. **Future Fiction**. New York, v. 1, n. 3, p. 66, jul. 1940b.

JENKINS JR, Harry. The Mailbag. **Astonishing Stories**. New York, v. 3, n.3, p. 76, mar. 1942.

KENT, Mallory [Robert Lowndes]. The Peacemakers. **Future Combined with Science Fiction**, New York, v.2, n.6, p. 98-100, ago. 1942a.

_____. Prime Base. **Science Fiction Quarterly.** New York, n. 8, p. 146, set. 1942b.

_____. Prime Base. **Science Fiction Quarterly.** New York, n. 10, p. 145, mar. 1943.

KLIMARIS, J.S. Station X. **Future Combined with Science Fiction**, New York, v.2, n.2, p. 67, dez. 1941.

KNIGHT, Damon. The Itching Hour. **Futuria Fantasia**. New York, v.1, n.4, p. 14, 1940 (fanzine).

_____. Blackout. **Science Fiction Stories**. New York, v.3, n.5, p.55-57, jul. 1943.

KUBILIUS, Walter. Caridi Shall Not Die! **Science Fiction Quarterly.** New York, n. 5, p. 115-123, dez. 1941.

_____. Atrakin and the Man. **Super Science Stories.** New York, v. 3, n.3, p. 76-81, fev. 1942a.

_____. The Day has Come. **Stirring Science Stories**. New York, v.2, n.1, p. 26-31, mar. 1942b.

_____. When the Earth Shook. **Future Fantasy and Science Fiction**. New York, v. 3, n.1, p. 103-112, out. 1942c.

_____. Remember Me, Kama! **Astonishing Stories**. New York, v. 4, n.1, p. 31-37, out. 1942d.

KYLE, David A. Golden Nemesis. **Stirring Science Stories**. New York, v.1, n.1, p.28-33, fev. 1941.

LAVOND, Paul Dennis [Frederik Pohl, Cyril Kornbluth, Robert Lowndes]. Exiles of New Planet. **Astonishing Stories**, Chicago, v.2, n.4, p.74-81, abr. 1941a.

_____. [Robert Lowndes, Frederik Pohl e Dirk Wylie]. Something from Beyond. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v.2, n.2, p. 100-105, dez. 1941b.

LOWNDES, Robert. **Science Fiction Weekly**. New York, v.2, n.2, 1940 (fanzine).

_____. The Martians are Coming. **Cosmic Stories.** New York, v.1, n.1, p. 36-45, mar. 1941a.

_____. Prime Base. **Science Fiction Quarterly**, New York, n.5, p. 144, dez. 1941b.

_____. Station X. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v.2, n.3, p. 104, fev. 1942a.

_____. Prime Base. **Science Fiction Quarterly**, New York, n.6, p.146, mar. 1942b.

_____. Station X. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v. 2, n. 4, p. 102-112, abr. 1942c.

_____ . Station X. **Future Fantasy and Science Fiction**. New York: v.3, n.2, p.75, dez. 1942d.

_____. Full Circle's Introduction. **Future Fantasy and Science Fiction**. New York, v. 3, n.3, p. 84, fev. 1943a.

_____. Close to Home (An Editorial). **Science Fiction Stories.** New York, v. 3, n.5, p. 54, jul. 1943b.

LOWNDES, Robert W.; MICHEL, John B. The Inheritors. **Future Fantasy and Science Fiction**. New York, v. 3, n.1, p. 54-69, out. 1942.

MACCREIGH, James [Frederik Pohl]. The Dweller in the Ice. **Super Science Stories**. New York, v. 4, n.2, p. 63-72, jan. 1941a.

_____ . Wings of the Lightning Land. **Astonishing Stories**. New York, v. 3, n.2, p. 11-35, nov. 1941b.

_____. Daughters of Eternity. **Astonishing Stories.** New York, v. 3, n.3, p. 66-74, mar. 1942.

_____**.** Conspiracy on Callisto. **Planet Stories.** New York, v. 2, n. 5, p. 38-50, nov. 1943.

_____. A Hitch in Time. **Thrilling Wonder Stories.** New York, v. 30, n.2, p. 61-65, jun. 1947.

_____. Let the Ants Try. **Planet Stories.** New York, v. 4, n. 5, p. 63-69, nov. 1949.

MACDOUGAL, John. Chaos, Co-Ordinated. **Astounding Science Fiction**. New York, v.38, n.2, p.36-42, out.1946.

MERRIL, Judith. That Only a Mother. **Astouding Science Fiction.** New York, v. 41, n.4, p. 88-95, jun. 1948.

MICHEL, John B. **Futurian News**. New York, v.1, n.3, 1939 (fanzine).

_____. Futurian Times. **Future Combined with Science Fiction**, New York, v.2, n.4, p. 34, abr. 1942.

MORLEY, Wilfred Owen [Robert Lowndes]. Science Fiction Classics. **Future Fiction**. New York: v.1, n.6, p.95, ago. 1941a.

_____ . Station X. **Future Combined with Science Fiction Stories**. New York, v.2, n.2, p. 68, dez. 1941b.

_____ .The Mailbag. **Astonishing Stories**. New York, v. 3, n.3, p. 75, mar. 1942a.

_____ . The Lemmings. **Super Science Stories**. New York, v.3, n.4, p. 102-114, maio 1942b.

_____. …Does not Imply... **Future Fantasy and Science Fiction**. New York, v. 3, n.3, p. 76-83, fev. 1943.

MORRISON, Richard [Robert Lowndes]. The Deliverers. **Science Fiction Quarterly.** New York, n. 9, p. 142-144, dez. 1942.

NORTON, Alden H. Science Fiction and the War. **Astonishg Stories**. New York, v.4, n.1, p. 06, out. 1942.

PEARSON, Martin [Donald Wollheim]. The Embassy. **Astounding Science-Fiction**. New York, v. 29, n.1, p. 72-75, mar. 1942a.

_____ . Up There. **Science Fiction Quarterly**. New York, n.7, p. 85-88, jun. 1942b.

_____ . The Planet Called Aquella. **Super Science Stories**. New York, v. 4, n.2, p. 115-118, nov. 1942c.

_____ . The Second Satellite. **Future Fantasy and Science Fiction**. New York, v. 3, n.3, p. 10-19, fev. 1943.

PERRI, Leslie [Doris Marie Claire Baumgardt]. Space Episode. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v.2, n.2, p. 106-112, dez. 1941.

POHL, Frederik. An Important Announcement. **Super Science Stories**. New York: v.2, n.2, p. 127, jan. 1941a.

_____ . Mars Tube's Introduction. **Astonishing Stories**. New York, v.3, n.1, p.10, set. 1941b.

RAYMOND, Hugh. Rebirth of Tomorrow. **Stirring Science Stories**, New York, v.1, n.2, p.6-22, abr. 1941a.

_____. Power. **Cosmic Stories**, New York, v.1, n.2, p. 37-47, maio 1941b.

_____. The Year of Uniting. **Science Fiction Quarterly**, New York, n.5, p. 124-142, dez. 1941c.

_____. Prime Base. **Science Fiction Quarterly**, New York, n.7, p. 145, jun. 1942a.

_____. Washington Slept Here. **Future Combined with Science Fiction Stories**. New York, v.2, n.6, p. 68-75, ago. 1942b.

_____. Glory Road. **Science Fiction Quarterly**, New York, n.8, p. 129-138, set. 1942c.

_____. The Powerful Ones. **Future Fantasy and Science Fiction.** New York, v. 3, n.1, p. 31-38, out. 1942d.

_____. Hell in the Village. **Science Fiction Quarterly**. New York, n.9, p. 129-138, dez. 1942e.

_____. Full Circle. **Future Fantasy and Science Fiction**. New York, v. 3, n.3, p. 84-90, fev. 1943a.

_____. The Second Satellite. **Future Fantasy and Science Fiction**. New York, v. 3, n. 3, p. 10-19, fev. 1943b.

RIDDLE, Charles Lee. Missives and Missiles. **Super Science Stories.** New York, v. 4, n.1, p. 85, ago. 1942.

STOYR, Bill. Prime Base. **Science Fiction Quarterly**, New York, n.6, p. 145-146, mar. 1942.

TARR, Anthony C. Station X. **Future Combined with Science Fiction**. New York, v.2, n.3, p. 102-104, fev. 1942.

THOR, Terry [Larry T. Shaw]. Secret Weapon. **Fantasy Book**. New York, v. 1, n.3, p. 20-26, jul. 1948.

TOWERS, Ivar. The Man Without a Planet. **Super Science Stories.** New York, v. 4, n.2, p. 86-89, nov. 1942.

UNGER, Julius. Science Fiction Spotlite. **Science Fiction Stories**. New York, v.3, n.4, p. 108-112, abr. 1943.

WILSON, Richard. Wide-Open Ship. **Future Fantasy and Science Fiction**. New York, v.3, n.1, p. 88-96, out. 1942a.

_____ . The Man from Siykul. **Planet Stories**. New York, v.2, n.1, p. 77-90, nov. 1942b.

WOLLHEIM, Donald. Castaway. **Super Science Stories**. New York, v.1, n.2, p. 112-117, maio 1940.

_____ . The Man From the Future. **Cosmic Stories.** New York, v.1, n.1, p. 55-57, mar. 1941a.

_____ . The Cosmoscope. **Cosmic Stories.** New York, v.1, n.1, p. 125, mar. 1941b.

_____. The Cosmian League. **Cosmic Stories.** New York, v. 1, n.3, p. 34, jul. 1941c.

WOODS, Lawrence. Strange Return. **Stirring Science Stories**, New York, v.1, n.1, p. 51-66, fev. 1941a.

_____. A Million Years and a Day. **Future Fiction**. New York: v.1, n.6, p. 80-82, ago. 1941b.

WYLIE, Dirk [Frederik Pohl, Cyril Kornbluth, Dirk Wylie]. Vacant World. **Super Science Stories**. New York, v. 2, n.2, p. 46-62, jan. 1941.

_____ [WYLIE, Dirk] . Sky Test. **Super Science Stories**. New York, v. 4, n.2, p. 50-68, nov. 1942.

_____ [Frederik Pohl]. Highwayman of the Void. **Planet Stories**, New York, v.2, n.8, p. 94-116, ago. 1944.

ZWICK, Ginger. Missives and Missiles. **Super Science Stories**. New York, v. 1, n.3, p. 127, jul. 1940.

REFERÊNCIAS

ASHLEY, Mike. **The Time Machines:** The Story of the Science-Fiction Pulp Magazines from the Beginning to 1950. Liverpool: Liverpool University Press, 2000.

ASIMOV, Isaac. **Before the Golden Age:** A Science Fiction Anthology of the 1930s. New York: Doubleday, 1974 (e-book).

_____. **O futuro começou.** Tradução Norberto de Paula Lima, Danusa Scarton Rabello Alves, Valéria Fernandes. São Paulo: Hemus, 1978.

_____. **In Memory Yet Green**: The Autobiography of Isaac Asimov, 1920-1954. New York: Doubeday, 1979 (e-book).

_____. **Fundação**. Tradução Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2009a.

_____. **Fundação e Império.** Tradução Fábio Fernandes. São Paulo: Aleph, 2009b.

_____. **Eu, robô.** Tradução Aline Storto Pereira. São Paulo: Aleph, 2014.

ATTEBERY, Brian. The magazine era: 1926-1960. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (org.). T**he Cambridge companion to science fiction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BERNDT, Ernst R. From technocracy to net energy analysis: Engineers, economists and recurring energy theories of value. **Studies in Energy and the American Economy**. Cambridge, 1982. Disponível em: < https://dspace.mit.edu/bitstream/handle/1721.1/2023/SWP-1353-09057784.pdf >. Acesso em: 31 out. 2018.

BRIANS, Paul. **Nuclear Holocausts**: Atomic war in fiction. Kent: Kent State University Press, 1987. Disponível em: < http://public.wsu.edu/~brians/nuclear/ >. Acesso em: 01 mai. 2016.

BROWN, Rich. ISA. Disponível em: < http://fancyclopedia.org/isa >. Acesso em: 24 jun. 2019.

CANTRIL, Hadley. **The invasion from Mars**: A study in the psychology of panic. Princeton: Princeton University Press, 1940.

CAMPBELL JR., John W. Interview. **The New Yorker**. New York, v. 21, n. 28, p. 15-16, ago. 1945.

CARTER, Paul A. **The creation of tomorrow**: fifty years of magazine science fiction. New York: Columbia University Press, 1977.

CASHBAUGH, Sean. A Paradoxical, Discrepant, and Mutant Marxism: Imagining a Radical Science Fiction in the America Popular Front. **Journal for the Study of Radicalism**. East Lansing, v. 10, n.1, p. 63-106, 2016.

CHENG, John. **Astounding Wonder:** Imagining science and science fiction in interwar America. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2013.

CLUTE, John. Edisonade. **The Encyclopedia of Science Fiction**. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/edisonade>. Acesso em: 01 abr. 2019.

CRAMER, Kathryn; HARTWELL, David G. **The Hard SF Renaissance.** New York: ORB, 2002.

CSICSERY-RONAY, JR., Istvan. Marxist theory and science fiction. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (org.). **The Cambridge companion to science fiction.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DAVIN, Eric Leif. **Partners in Wonder:** women and the birth of science fiction, 1926-1965. New York: Lexington Books, 2006.

DAVIS, Blair. In: James Cameron's Story of Science Fiction. New York: AMC, 2018. Programa de TV.

DELANY, Samuel. Racism and Science Fiction. Disponível em: < https://www.nyrsf.com/racism-and-science-fiction-.html >. Acesso em: 20 abr. 2019.

DENNING, Michael. **The Cultural Front:** The Laboring of American Culture in the Twentieth Century. New York: Verso, 1998.

EINSTEIN, Albert [carta]. Destinatário: F.D. Roosevelt. Peconic, 2 ago. 1939. Disponível em: < https://en.wikipedia.org/wiki/Einstein%E2%80%93Szil%C3%A1rd_letter#/media/File:Einstein-Roosevelt-letter.png >. Acesso em: 30 jul. 2019.

FORT, Charles. **The Complete Books of Charles Fort**. New York: Dover Publications, 1974 (e-book).

GEEK'S GUIDE TO THE GALAXY #346: Lisa Yaszek. Entrevistador: David Barr Kirtley. Entrevistada: Lisa Yaszek. 24 jan. 2019. Podcast. Disponível em: < https://geeksguideshow.com/2019/01/24/ggg346-lisa-yaszek/ >. Acesso em: 28 abr. 2019.

HARAWAY, Donna. **Primate visions:** gender, race and nature in the world of modern science. New York: Routledge, 1989.

JAMES, Edward. **Science Fiction in the 20th Century**. Oxford, UK: Oxford University Press, 1994.

_____. Utopias and anti-utopias. In: JAMES, Edward; MENDLESOHN, Farah (org.). **The Cambridge companion to science fiction.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KNIGHT, Damon. T**he Futurians**. Gollancz, 2013 (ebook).

_____. Introduction. In: FORT, Charles. **The Complete Books of Charles Fort**. New York: Dover Publications, 1974 (e-book).

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LANDON, Brooks. **Science Fiction After 1900**: From the Steam Man to the Stars. Abingdon: Routledge, 2003.

LANOUETTE, William. **Genius in the shadows**: A biography of Leo Szilard, the man behind the bomb. New York: Skyhorse, 2013.

LAVENDER III, Isiah. Critical race theory. In: BOULD, Mark; BUTLHER, Andrew M; ROBERTS, Adam; VINT, Sherryl (org.) **The Routledge companion to science fiction**. New York: Routledge, 2009.

LEGUIN, Ursula. American SF and the Other. Disponível em: < http://www.depauw.edu/sfs/backissues/7/leguin7art.htm >. Acesso em: 25 jan. 2016.

MERRICK, Helen. **The secret feminist cabal**: a cultural history of science fiction feminisms. Seattle: Aqueduct Press, 2011 (ebook).

LUCKHURST, Roger. **Science Fiction**. Malden: Polity Press 2005.

_____. Pseudoscience In: BOULD, Mark; BUTLHER, Andrew M; ROBERTS, Adam; VINT, Sherryl (org.) **The Routledge companion to science fiction**. New York: Routledge, 2009.

MANLOVE, C.N. **Science Ficton:** Ten Explorations. London: The Macmillan Press, 1986.

MERRIL, Judith. What do you mean: Science? Fiction? In: CLARESON, Thomas D. (org.) **SF: The other side of realism**: essays on modern fantasy and science fiction. Bowling Green: Bowling Green University Popular Press, 1971.

_____. **Better to have loved:** The life of Judith Merril. Toronto: Between the Lines, 2002.

MICHEL, John B. Mutation or Death (1937). Disponível em: < http://www.fanac.org/fanzines/Sense_of_FAPA/Mutation_or_Death.html >. Acesso em: 31 out. 2018.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MOSKOWITZ, Sam. **The Immortal Storm:** A History of Science Fiction Fandom. Atlanta: Atlanta Science Fiction Organization Press, 1954.

POHL, Frederik. **The way the future was**: a memoir. New York: Ballantine Books, 1978.

RHEINGOLD, Nathan. Alexander Dallas Bache: Science and Technology in the American Idiom. **Technology and Culture**, Vol. 11, No. 2 (Apr., 1970), p. 163-177. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/3102881 >. Acesso em: 22 fev. 2019.

RICH, Mark. **C.M. Kornbluth**: The Life and Works of a Science Fiction Visionary. Jefferson: McFarland & Company, 2009.

ROGAN, Alcena Madeline Davis. Utopian studies. In: BOULD, Mark; BUTLHER, Andrew M; ROBERTS, Adam; VINT, Sherryl (org.) **The Routledge companion to science fiction**. New York: Routledge, 2009.

SCHOLZ, Carter. **Radiance**: a novel. New York: Picador, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o Século XXI**: No loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARGENT, Lyman Tower. The Three Faces of Utopianism Revisited. **Utopian Studies**, University Park, v. 5, n.1, p.01-37, 1994.

SCHWARTZ, J. Letters to the Batman. **Batman with Robin.** Burbank, n.232, jun. 1971.

SEED, David. A**merican Science Fiction and the Cold War**: Literature and Film. Chicago: Fitzroy Dearborn, 1999.

SHARP, Patrick B. **Savage Perils:** Racial frontiers and nuclear apocalypse in American culture. Norman: University of Oklahoma Press, 2007.

SILVERBERG, Robert. Science Fiction and the Atom Bomb: The Cleve Cartmill Affair. Part one disponível em: < http://www.liveleak.com/view?i=d1e_1224304292 >. Part two disponível em: < http://archive.is/0zReS#selection-357.820-357.845>. Acesso em: 07 abr. 2016.

STABLEFORD, Brian. Pollution. **The Encyclopedia of Science Fiction.**Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/pollution> Acesso em 27 nov. 2018.

STRASBAUGH, Jessie. Little green men to the men in black: alien words in the OED. Disponível em: < http://blog.oxforddictionaries.com/2013/07/aliens/ >. Acesso em: 25 jan. 2016.

VINT, Sherryl. **Science Fiction:** A Guide for the Perplexed. New York: Bloomsbury, 2014.

WOLLHEIM, Donald. **The Universe Makers**. New York: Harper & Row, 1971.

WYSOCKI JR, Edward M. **An Astounding War:** Science Fiction and World War II. Scotts Valley: CreateSpace, 2015.

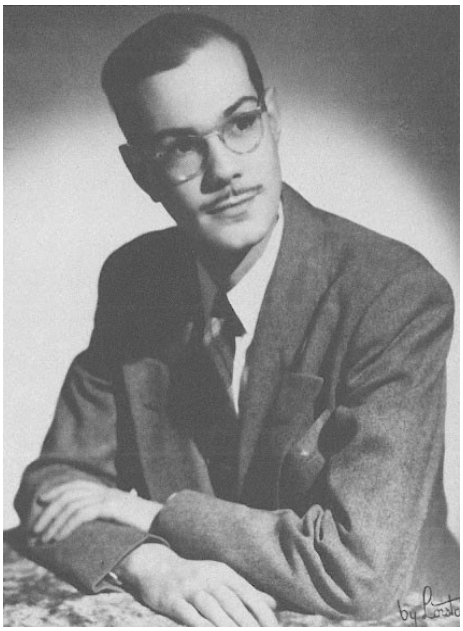
YASZEK, Lisa. "Stories "That Only a Mother" Could Write: Midcentury Peace Activism, Maternalist Politics, and Judith Merril's Early Fiction", NWSA Journal [vol]16, 2, 2004.
Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/nwsa_journal/v016/16.2yaszek.pdf >.
Acesso em: 22 mar. 2016.

_____. **The Future is Female!**: 25 Classic Science Fiction Stories by Women, from Pulp Pioneers to Ursula K. Le Guin. New York: Library of America, 2018.

APÊNDICE A - OS FUTURIANS[304]

Isaac Asimov (1920-1992): de família judia, nasceu na Rússia mas se mudou para os Estados Unidos aos três anos de idade. Começou a publicar ficção científica nas revistas em 1939, mesmo ano em que finalizou sua graduação em química e iniciou o mestrado. Ele continuou publicando histórias e se tornou um nome conhecido na ficção científica. Paralelamente, fez doutorado e tornou-se professor universitário. Asimov deu continuidade as duas carreiras até 1958, quando decidiu continuar apenas como escritor. É um dos nomes mais conhecidos da ficção científica até hoje.

James Blish (1921-1975): começou a frequentar as reuniões dos *futurians* ainda no ensino médio. Posteriormente, graduou-se em microbiologia. Começou a fazer mestrado, mas abandonou para se dedicar à carreira de escritor. Casou-se, em 1947, com a também ex-*futurian* Virginia Kidd. De 1967 até sua morte escreveu adaptações da série *Star Trek* para uma série de livros.

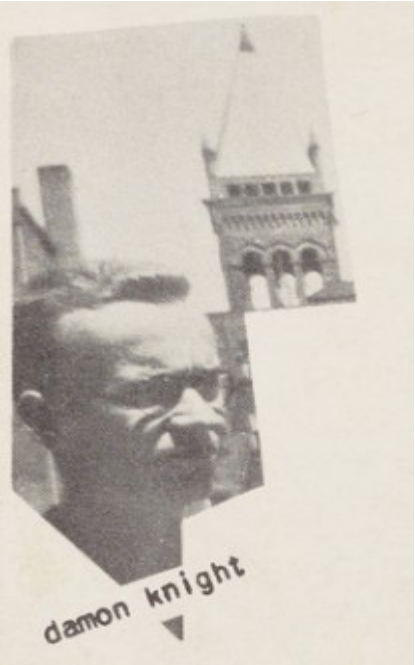


304 Essa é uma lista apenas dos *futurians* que publicaram histórias de ficção científica nas chamadas revistas profissionais na década de 1940. Ao longo da existência do grupo, fizeram parte outros nomes que não estão presentes aqui.

Hannes Bok (1914-1964): nome criado por Wayne Francis Woodard. Além de ficção científica, era apaixonado por música e astrologia. Escreveu contos e também dois romances em co-autoria, mas é lembrado sobretudo por seu trabalho como ilustrador das *pulps*. Frederik Pohl conta que na década de 1950, Bok começou a desenvolver uma personalidade briguenta, difícil de conviver e que afastava os editores que compravam sua obra. Morreu na pobreza extrema, e Pohl e Donald Wollheim suspeitavam que a causa da morte tenha sido fome.

Chester Cohen (?? - ??): segundo Damon Knight, Cohen era um jovem magro, nervoso, com cabelos loiros encaracolados e olhos azuis. Seus dentes e dedos eram amarelos por causa da nicotina. Levou uma vida errante e nunca se estabeleceu em coisa alguma. Cohen participou enquanto fã do fandom da ficção científica e chegou a escrever algumas histórias.

Damon Knight (1922-2002): começou a se interessar por ficção científica ainda criança e, em 1941, aos dezenove anos de idade, se mudou para Nova Iorque, para a residência coletiva dos *futurians*. Ilustrou e escreveu diversas histórias de ficção científica durante a época em que foi um *futurian*. A partir de 1950, se especializou, também, na crítica de ficção científica. Escreveu, em 1977, um livro sobre os *futurians* que é, até hoje, a única obra a respeito do grupo.



Cyril Kornbluth (1923-1958): de família judaico-polonesa, Cyril começou a frequentar *The Futurian Society of New York* quando ainda estava na escola. Logo, passou a se aventurar na escrita de ficção científica e também fantasia. Suas histórias conquistavam os leitores e vários *futurians* consideravam Cyril o mais talentoso dentre seus membros. Além dos contos e noveletas, escreveu também romances de ficção científica, alguns em co-autoria. Morreu precocemente, vítima de um ataque cardíaco.

Walter Kubilius (1918-1993): de origem lituânia, mudou seu sobrenome de Kubilis para Kubilius. Assim como outros *futurians*, fez parte da *Young Communist League*. Publicou histórias com seu nome e também com o pseudônimo de J.S. Klimaris. Durante a pesquisa a respeito da vida dele, encontrei comentários que sugerem que o filme “O Show de Truman” foi inspirado em uma história de Kubilius publicada em 1951 e intitulada “The Other Side”. A partir de 1952, Kubilius começou a editar revistas de não-ficção e se afastou da ficção científica.

David A. Kyle (1919-2016): participou do *fandom* desde a década de 1930. Publicou uma única história de ficção científica em revista profissional na década de 1940. Foi um dos fundadores, em 1948, da *Gnome Press*, uma editora dedicada à ficção científica e fantasia. A editora foi importante na transição da ficção científica das *pulps* para os livros e publicou diversos “clássicos”, como a Fundação, de Asimov.

Robert A. W. Lowndes (1916-1998): ainda criança em Connecticut, se interessou por ficção científica e terror. Lowndes era o membro com a pior condição financeira do grupo. Quando terminou o colégio, se mudou para Nova Iorque e dormiu nas estações de metrô e nas salas da *Young Communist League,* até passar a dividir apartamento com outros *futurians*. Trabalhou um período como porteiro em um hospital, o que lhe rendeu o apelido de "Doc" (doutor). Produziu diversas fanzines e começou a escrever histórias em 1940. Uma de suas preocupações era como fazer o gênero mais "literário". Editou duas *pulps* de ficção científica entre 1941 e 1943. Nas décadas de 1950 e 1960 editou diversas revistas diferentes. Adicionou o "A" ao nome na década de 1960, depois de se tornar metodista.

Judith Merril (1923-1997): nome adotado por Judith Josephine Grossman para publicar suas histórias. De família judia, Judith foi desde nova muito atuante em diversos movimentos, como o sionismo e o trotskismo. Em 1942, passou a integrar *The Futurian Society of New York.* Sua primeira história de ficção científica foi publicada em 1948. A partir da década de 1950, começou a publicar antologias de ficção científica. Na década de 1960 mudou-se para o Canadá, onde virou cidadã, por discordar da Guerra do Vietnã. Foi casada por um tempo com o também ex-*futurian* Frederik Pohl.

John B. Michel (1917-1968): sua mãe era irlandesa e seu pai judeu que se converteu ao catolicismo quando casou. Quando criança, Michel sofreu com diversas doenças. Ainda adolescente, ele se interessou pela ficção científica e pelo comunismo, e tentou unir as duas coisas. Nas duas últimas décadas da vida, abandonou a ficção científica e dedicou-se a escrever outras formas de ficção, incluindo livros para crianças. Sofrendo com problemas mentais, cometeu suicídio aos 51 anos de idade.

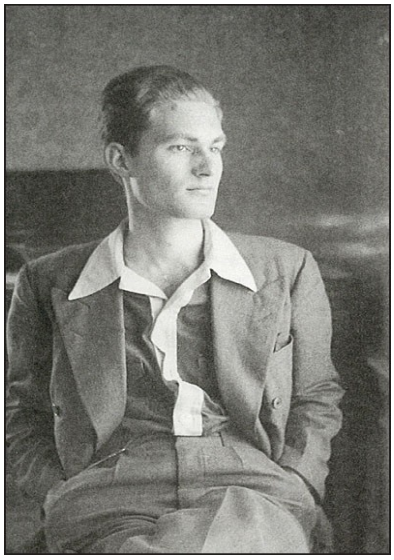
Na imagem, Michel aparece com o braço em uma tipoia, junto dos colegas Lowndes, Wollhein, Cohen e Kornbluth.

Leslie Perri (1920 – 1970): pseudônimo utilizado por Doris Marie Clair Baumgardt. Seus pais eram imigrantes alemães que se estabeleceram em Nova Iorque alguns anos antes dela nascer. Começou a frequentar os *futurians* a convite do namorado, Frederik Pohl, com quem depois se casou. Leslie produziu diversas fanzines, ilustrações e se aventurou também na escrita da ficção científica. Foi editora da *pulp Movie Love Stories* e escrevia quase todos os textos da revista. Anos mais tarde ela se casaria com outro *futurian*, Richard Wilson. Morreu de câncer em 1970, aos 50 anos de idade.

Frederik Pohl (1919-2013): assim como muitos outros *futurians*, Pohl vinha de uma família de imigrantes e começou a se interessar por ficção científica ainda na infância. Largou a escola aos 17 anos e passou a se dedicar ao gênero literário. Aos 19, já era editor de duas revistas *pulp*. Pohl dedicou toda sua vida à ficção científica e ganhou diversos prêmios, sendo reconhecido como um nome importante para o gênero. Além de escritor e editor, foi também agente literário. Foi casado com duas *futurians*: Leslie Perri, de 1940 a 1942 e Judith Merril, de 1949 a 1952.

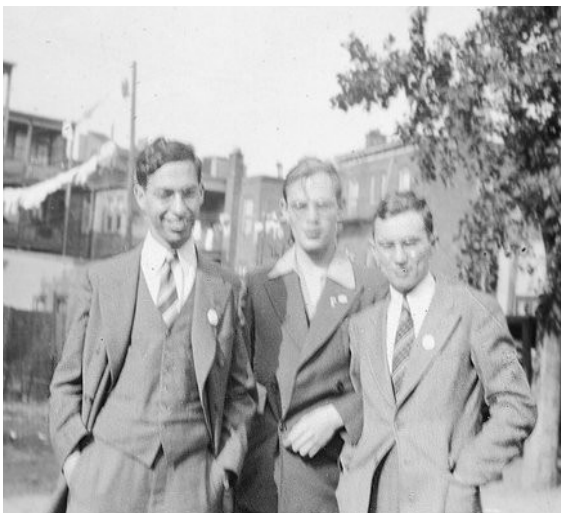
Larry T. Shaw (1924-1985): abreviação utilizada por Lawrence Taylor Shaw. Publicou algumas histórias de ficção científica a partir de 1948, mas é seu trabalho como editor que o fez conhecido.

Robert G. Thompson (?? - ??): foi um fã muito atuante no fandom da ficção científica antes de 1945, tendo contribuído em várias fanzines. Publicou uma única história em uma revista profissional em 1941.



Richard Wilson (1920- 1987): conhecido como “Dick Wilson” no *fandom.* Publicou diversas *fanzines* e começou a escrever histórias de ficção científica na década de 1940. Depois da guerra, começou a trabalhar como jornalista. Foi diretor do jornal da Syracuse University e doou todo seu acervo de ficção científica para a biblioteca. Incentivou outros fãs e autores a fazerem o mesmo.

Foi casado com as também futurians Jessica Gould (de 1941 a 1944) e Leslie Perri (de 1950 a 1967).



Donald Allen Wollheim (1914-1990): foi um dos fãs de ficção científica mais atuantes na década de 1930. Produziu fanzines e teve seu primeiro conto publicado em uma revista profissional em 1934. Ao longo do tempo, escreveu diversas histórias, mas foi sobretudo seu trabalho como editor que marcou a ficção científica. Publicou, em 1943, a primeira antologia de ficção científica, *The Pocket Book of Science Fiction*, que foi, também, o primeiro livro a ter “science fiction” no título. Foi casado com a *futurian* Elsie Balter, com quem fundou a editora DAW Books, a primeira dedicada exclusivamente à ficção científica e fantasia e que existe até hoje. Na foto, Wollheim é o primeiro da esquerda para a direita, ao lado de Pohl e Michel.

Dirk Wylie (1920-1949): nome adotado por Joseph H Dockweiler. Wylie e Frederik Pohl se conheceram na escola e tornaram-se amigos. Os dois tinham interesse na ficção científica e passaram a fazer parte do *fandom*. A partir da década de 1940, Wylie começou a escrever histórias de ficção científica, mas interrompeu a carreira para servir as forças armadas. Depois da guerra, Wylie abriu uma agência literária

com sua esposa, a também ex-*futurian* Rosalind Cohen (que não era parente do Chester Cohen). Com a morte de Wylie, Rosalind continuou a agência em parceria com Frederik Pohl, mas a agência durou só mais alguns anos.

APÊNDICE B – REVISTAS EDITADAS PELOS FUTURIANS

Pulp	Data	Volume	Editor
Astonishing Stories	02/1940	v. 1 n.1	Frederik Pohl
Astonishing Stories	04/1940	v. 1 n.2	Frederik Pohl
Astonishing Stories	06/1940	v.1 n.3	Frederik Pohl
Astonishing Stories	08/1940	v.1 n.4	Frederik Pohl
Astonishing Stories	10/1940	v.2 n.1	Frederik Pohl
Astonishing Stories	12/1940	v. 2 n.2	Frederik Pohl
Astonishing Stories	02/1941	v. 2 n.3	Frederik Pohl
Astonishing Stories	04/1941	v. 2 n. 4	Frederik Pohl
Astonishing Stories	09/1941	v. 3 n. 1	Frederik Pohl
Super Science Stories	03/1940	v. 1 n. 1	Frederik Pohl
Super Science Stories	5/1940	v. 1 n. 2	Frederik Pohl
Super Science Stories	7/1940	v. 1 n. 3	Frederik Pohl
Super Science Stories	09/1940	v. 1 n. 4	Frederik Pohl
Super Science Stories	11/1940	v. 2 n. 1	Frederik Pohl
Super Science Stories	01/1941	v. 2 n. 2	Frederik Pohl
Super Science Novels Magazine	03/1941	v. 2 n. 3	Frederik Pohl
Super Science Novels	05/1941	v. 2 n. 4	Frederik Pohl
Future Fiction	4/1941	v. 1, n.5	Robert Lowndes
Future Fiction	8/1941	v. 1, n.6	Robert Lowndes
Science Fiction	09/1941	v. 2, n. 6	Robert Lowndes
Future Combined with Science Fiction	10/1941	v. 2 n. 1	Robert Lowndes
Future Combined with Science Fiction	12/1941	v. 2 n. 2	Robert Lowndes
Future Combined with Science Fiction	02/1942	v. 2 n. 3	Robert Lowndes
Future Combined with Science Fiction	04/1942	v. 2 n. 4	Robert Lowndes
Future Combined with Science Fiction	6/1/1942	v. 2 n. 5	Robert Lowndes
Future Combined with Science Fiction	8/1942	v. 2 n. 6	Robert Lowndes
Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	v. 3 n. 1	Robert Lowndes
Future Fantasy and Science Fiction	12/1/1942	v. 3 n. 2	Robert Lowndes
Future Fantasy and Science Fiction	02/1943	v. 3 n. 3	Robert Lowndes
Science Fiction Stories	4/1943	v. 3 n. 4	Robert Lowndes
Science Fiction Stories	7/1943	v. 3 n. 5	Robert Lowndes
Science Fiction Quarterly, Spring 1941	04/1941	n. 3	Robert Lowndes
Science Fiction Quarterly, Summer 1941	7/1941	n. 4	Robert Lowndes
Science Fiction Quarterly, Winter 1941-1942	12/1941	n. 5	Robert Lowndes
Science Fiction Quarterly, Spring 1942	3/1/1942	n. 6	Robert Lowndes
Science Fiction Quarterly, Summer 1942	6/1942	n. 7	Robert Lowndes
Science Fiction Quarterly, Fall 1942	09/1942	n. 8	Robert Lowndes
Science Fiction Quarterly, Winter 1942	12/1942	n. 9	Robert Lowndes
Cosmic Stories	3/1941	v. 1 n. 1	Donald Wollheim
Cosmic Stories	05/1941	v. 1 n. 2	Donald Wollheim
Cosmic Stories	7/1941	v. 1 n. 3	Donald Wollheim
Stirring Science Stories	02/1941	v. 1 n. 1	Donald Wollheim
Stirring Science Stories	04/1941	v. 1 n. 2	Donald Wollheim
Stirring Science Stories	06/1941	v. 1 n. 3	Donald Wollheim
Stirring Science Stories	03/1942	v. 2 n. 1	Donald Wollheim

APÊNDICE C - HISTÓRIAS PUBLICADAS PELOS FUTURIANS NA DÉCADA DE 1940

Autor	Texto	Publicação original	Data	Acesso
Isaac Asimov	Marooned Off Vesta	Amazing Stories	03/1939	ok
Isaac Asimov	The Weapon Too Dreadful to Use	Amazing Stories	05/1939	ok
Isaac Asimov	Trends	Astounding Science Fiction	07/1939	ok
Isaac Asimov	Half-Breed	Astonishing Stories	02/1940	ok
Isaac Asimov	Ring Around the Sun	Future Fiction	03/1940	ok
Isaac Asimov	The Callistan Menace	Astonishing Stories	04/1940	ok
Isaac Asimov	The Magnificent Possession	Future Fiction	07/1940	ok
Isaac Asimov	Strange Playfellow	Super Science Stories	09/1940	ok
Isaac Asimov	Homo Sol	Astounding Science Fiction	09/1940	ok
Isaac Asimov	Half-Breeds on Venus	Astonishing Stories	12/1940	ok
Isaac Asimov	History	Super Science Novels Magazine	03/1941	ok
Isaac Asimov	The Secret Sense	Cosmic Stories	03/1941	ok
Isaac Asimov	Reason	Astounding Science Fiction	04/1941	ok
Isaac Asimov	Heredity	Astonishing Stories	04/1941	ok
Isaac Asimov	Liar!	Astounding Science Fiction	05/1941	ok
Isaac Asimov	Nightfall	Astounding Science Fiction	09/1941	ok
Isaac Asimov	Super-Neutron	Astonishing Stories	09/1941	ok
Isaac Asimov	Not Final!	Astounding Science Fiction	10/1941	ok
Isaac Asimov	Christmas on Ganymede	Startling Stories	01/1942	ok
Isaac Asimov	Black Friar of the Flame	Planet Stories	02/1942	ok
Isaac Asimov	Robot AL-76 Goes Astray	Amazing Stories	02/1942	ok
Isaac Asimov	Runaround	Astounding Science Fiction	03/1942	ok
Isaac Asimov	Time Pussy	Astounding Science Fiction	04/1942	ok
Isaac Asimov	Foundation	Astounding Science Fiction	5/1942	ok
Isaac Asimov	The Weapon	Super Science Stories	05/1942	ok
Isaac Asimov	Bridle and Sandle	Astounding Science Fiction	6/1942	ok
Isaac Asimov	Victory Unintentional	Super Science Stories	08/1942	ok
Isaac Asimov	The Hazing	Thrilling Wonder Stories	10/1942	ok
Isaac Asimov	The Imaginary	Super Science Stories	11/1942	ok
Isaac Asimov	Death Sentence	Astounding Science Fiction	11/1943	ok
Isaac Asimov	Catch That Rabbit	Astounding Science Fiction	04/1944	ok
Isaac Asimov	The big and the little	Astounding Science Fiction	8/1944	ok
Isaac Asimov	The Wedge	Astounding Science Fiction	10/1944	ok
Isaac Asimov	Blind Alley	Astounding Science Fiction	03/1945	ok
Isaac Asimov	Dead Hand	Astounding Science Fiction	4/1945	ok

Isaac Asimov	Escape!	Astounding Science Fiction	08/1945	ok
Isaac Asimov	The Mule	Astounding Science Fiction	11 e 12/1945	ok
Isaac Asimov	Evidence	Astounding Science Fiction	09/1946	ok
Isaac Asimov	Little Lost Robot	Astounding Science Fiction	03/1947	ok
Isaac Asimov	Now You See It	Astounding Science Fiction	1/1948	ok
Isaac Asimov	The Endochronic Properties of Resublimated Thiotimoline	Astounding Science Fiction	03/1948	ok
Isaac Asimov	No Connection	Astounding Science Fiction	06/1948	ok
Isaac Asimov	The Red Queen's Race	Astounding Science Fiction	01/1949	ok
Isaac Asimov	Mother Earth	Astounding Science Fiction	05/1949	ok
Isaac Asimov	The Evitable Conflict	Astounding Science Fiction	06/1950	ok
Isaac Asimov	And now you don't	Astounding Science Fiction	11 e 12/1949 e 01/1950	ok
James Blish	Emergency Refueling	Super Science Stories	03/1940	ok
James Blish	Bequest of the Angel	Super Science Stories	05/1940	ok
James Blish	Citadel of Thought	Stirring Science Stories	02/1941	ok
James Blish	Callistan Cabal	Stirring Science Stories	04/1941	ok
James Blish	Weapon Out of Time	Science Fiction Quarterly, Spring 1941	04/1941	ok
James Blish	Phoenix Planet	Cosmic Stories	05/1941	ok
James Blish	The Real Thrill	Cosmic Stories	07/1941	ok
James Blish	The Topaz Gate	Future Fiction	08/1941	ok
James Blish	Solar Plexus	Astonishing Stories	09/1941	ok
James Blish	When Anteros Came	Science Fiction Quarterly, Winter 1941-1942	12/1941	ok
James Blish	Sunken Universe	Super Science Stories	05/1942	ok
James Blish	The Solar Comedy	Future Combined with Science Fiction	06/1942	ok
James Blish	The Air Whale	Future Combined with Science Fiction	08/1942	ok
James Blish	The Bounding Crown	Super Science and Fantastic Stories	12/1944	ok
James Blish	Mistake Inside	Startling Stories	03/1948	ok
James Blish	Against the Stone Beasts	Planet Stories, Fall 1948	08/1948	ok
James Blish	Serpent's Fetish	Jungle Stories, Winter 1948-1949	12/1948	ok
James Blish	The Box	Thrilling Wonder Stories	04/1949	ok
James Blish	The Homesteader	Thrilling Wonder Stories	06/1949	ok
James Blish	Let the Finder Beware	Thrilling Wonder Stories	12/1949	ok
Hannes Bok	The Alien Vibration	Future Combined with Science Fiction	02/1942	ok
Hannes Bok	Web of Moons	Future Combined with Science Fiction	04/1942	ok
Hannes Bok	Starstone World	Science Fiction Quarterly, Summer 1942	06/1942	ok
Hannes Bok	Poor Little Tampico	Weird Tales	07/1942	ok
Hannes Bok	Beauty	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Hannes Bok	Letter to an Invisible Woman	Unknown Worlds	10/1942	ok

Hannes Bok	The Evil Doll	Weird Tales	11/1942	ok
Hannes Bok	The Sorcerer's Ship (Complete Novel)	Unknown Worlds	12/1942	ok
Hannes Bok	Dusk on the Moon	Future Fantasy and Science Fiction	02/1943	ok
Hannes Bok	Stranger from Space	Planet Stories	05/1943	ok
Hannes Bok	Dimensional Doors	Weird Tales	01/1944	ok
Hannes Bok	Tragic Magic	Weird Tales	03/1944	ok
Hannes Bok	The Ghost Punch	Weird Tales	11/1944	ok
Hannes Bok	The Blue Flamingo	Startling Stories	01/1948	ok
Chester Cohen	Forbidden Flight	Future Combined with Science Fiction	10/1941	ok
Chester Cohen	Fire Out of Space	Uncanny Tales	01/1942	x
Chester Cohen	Galactic Gear	Future Combined with Science Fiction	04/1942	ok
Damon Knight	Resilience	Stirring Science Stories	02/1941	ok
Damon Knight	Devil's Pawn	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Damon Knight	New Day on Aurora	Super Science Stories	05/1943	ok
Damon Knight	Blackout	Science Fiction Stories	07/1943	ok
Damon Knight	The Avenger	Planet Stories	02/1944	ok
Damon Knight	Doorway to Kal-Jmar	Planet Stories	11/1944	ok
Damon Knight	The Third Little Green Man	Planet Stories	05/1948	ok
Damon Knight	The Star Beast	Planet Stories	02/1949	ok
Damon Knight	Gravity Trap	Super Science Stories	07/1949	ok
Cyril Kornbluth	King Cole of Pluto	Super Science Stories	05/1940	ok
Cyril Kornbluth	Thirteen O'Clock	Stirring Science Stories	02/1941	ok
Cyril Kornbluth	Dead Center	Stirring Science Stories	02/1941	ok
Cyril Kornbluth	The Psychological Regulator	Comet	03/1941	ok
Cyril Kornbluth	Return from M-15	Cosmic Stories	03/1941	ok
Cyril Kornbluth	The Reversible Revolutions	Cosmic Stories	03/1941	ok
Cyril Kornbluth	The Rocket of 1955	Stirring Science Stories (foi publicada também na fanzine "Escape", de 1939)	04/1941	ok
Cyril Kornbluth	Dimension of Darkness	Cosmic Stories	05/1941	ok
Cyril Kornbluth	No Place to Go	Cosmic Stories	05/1941	ok
Cyril Kornbluth	What Sorghum Says	Cosmic Stories	05/1941	ok
Cyril Kornbluth	Forgotten Tongue	Stirring Science Stories	06/1941	ok
Cyril Kornbluth	Mr. Packer Goes to Hell	Stirring Science Stories	06/1941	ok
Cyril Kornbluth	Kazam Collects	Stirring Science Stories	06/1941	ok
Cyril Kornbluth	The Words of Guru	Stirring Science Stories	06/1941	ok
Cyril Kornbluth	Fire-Power	Cosmic Stories	07/1941	ok
Cyril Kornbluth	Interference	Cosmic Stories	07/1941	ok
Cyril Kornbluth	The City in the Sofa	Cosmic Stories	07/1941	ok
Cyril Kornbluth	Sir Mallory's Magnitude	Science Fiction Quarterly, Winter 1941-1942	12/1941	ok
Cyril Kornbluth	Crisis!	Science Fiction Quarterly, Spring 1942	03/1942	ok
Cyril Kornbluth	Masquerade	Stirring Science Stories	03/1942	ok
Cyril Kornbluth	The Golden Road	Stirring Science Stories	03/1942	ok
Cyril Kornbluth	The Perfect Invasion	Stirring Science Stories	03/1942	ok
Cyril Kornbluth	The Core	Future Combined with Science Fiction	04/1942	ok
Cyril Kornbluth	The Only Thing We Learn	Startling Stories	07/1949	ok
Walter Kubilius	Trail's End	Stirring Science Stories	06/1941	ok
Walter Kubilius	The Unusual Case	Cosmic Stories	07/1941	ok
Walter Kubilius	Caridi Shall Not Die!	Science Fiction Quarterly, Winter 1941-1942	12/1941	ok
Walter Kubilius	Atrakin and the Man	Super Science Stories	02/1942	ok

Walter Kubilius	The Day Has Come	Stirring Science Stories	03/1942	ok
Walter Kubilius	Voice in the Void	Astonishing Stories	03/1942	ok
Walter Kubilius	The Case of the Vanishing Cellars	Future combined with Science Fiction	08/1942	ok
Walter Kubilius	The Case of the Baby Dinosaur	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Walter Kubilius	Remember Me, Kama!	Astonishing Stories	10/1942	ok
Walter Kubilius	When the Earth Shook	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Walter Kubilius	Galactic Ghost	Planet Stories, Winter 1942	11/1942	ok
Walter Kubilius	Parrots of Venus	Super Science Stories	11/1942	ok
Walter Kubilius	Come to Mars	Astonishing Stories	02/1943	ok
Walter Kubilius	Planet Alone	Future Fantasy and Science Fiction	02/1943	ok
Walter Kubilius	Journey's End	Super Science Stories	05/1943	ok
David A. Kyle	Golden Nemesis	Stirring Science Stories	02/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	A Green Cloud Came	Comet	1/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	The Abyss	Stirring Science Stories	2/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	The Doll Master	Stirring Science Stories	4/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	The Other	Stirring Science Stories	4/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	The Grey One	Stirring Science Stories	6/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	A Matter of Philosophy	Science Fiction	9/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	My Lady of the Emerald	Astonishing Stories	11/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	No Star Shall Fall	Future Combined with Science Fiction	12/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	Quarry	Future Combined with Science Fiction	12/1941	ok
Robert A. W. Lowndes	Lure of the Lily	Uncanny Tales	01/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	The Long Wall (título variante Settlers's Wall)	Stirring Science Stories	03/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	Passage to Sharanee	Future Combined with Science Fiction	04/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	The Lemmings	Super Science Stories	05/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	Blacklist	Uncanny Tales	5/1942	X
Robert A. W. Lowndes	A Message for Jean	Future Combined with Science Fiction	6/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	The Slim People	Future Combined with Science Fiction	8/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	The Peacemakers	Future Combined with Science Fiction	8/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	Highway	Science Fiction Quarterly, Fall 1942	9/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	The Collector	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	Leapers	Future Fantasy and Science Fiction	12/1942	ok
Robert A. W. Lowndes	The Deliverers	Science Fiction Quarterly, Winter 1942	12/1942	ok
Robert A. W.	... Does Not Imply ...	Future Fantasy and	02/1943	ok

Lowndes		Science Fiction		
Robert A. W. Lowndes	Star of the Undead	Fantasy Book, Vol 1, No. 2	02/1948	ok
Judith Merril	That only a mother	Astounding Science Fiction	6/1948	ok
Judith Merril	Death is the penalty	Astounding Science Fiction	1/1949	ok
Judith Merril	Barrier of Dread	Future Combined with Science Fiction Stories	07/1950	ok
John B. Michel	He Wasn't There!	Astonishing Stories	02/1941	ok
John B. Michel	The Last Viking	Cosmic Stories	03/1941	ok
John B. Michel	Rebirth of Tomorrow	Stirring Science Stories	04/1941	ok
John B. Michel	Power	Cosmic Stories	05/1941	ok
John B. Michel	Spokesman for Terra	Stirring Science Stories	06/1941	ok
John B. Michel	Path of Empire	Science Fiction Quarterly, Summer 1941	07/1941	ok
John B. Michel	When Half-Worlds Meet	Cosmic Stories	07/1941	ok
John B. Michel	The Year of Uniting	Science Fiction Quarterly, Winter 1941-1942	12/1941	ok
John B. Michel	The Goblins Will Get You	Stirring Science Stories	03/1942	ok
John B. Michel	File 384	Future Combined with Science Fiction	04/1942	ok
John B. Michel	Boomerang	Science Fiction Quarterly, Summer 1942	06/1942	ok
John B. Michel	The Real McCoy	Future Combined with Science Fiction	06/1942	ok
John B. Michel	Washington Slept Here	Future Combined with Science Fiction	08/1942	ok
John B. Michel	Glory Road	Science Fiction Quarterly, Fall 1942	09/1942	ok
John B. Michel	The Powerful Ones	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
John B. Michel	His Aunt Thiamin	Super Science Stories	11/1942	ok
John B. Michel	Hell in the Village	Science Fiction Quarterly, Winter 1942	12/1942	ok
John B. Michel	Claggett's Folly	Future Fantasy and Science Fiction	12/1942	ok
John B. Michel	Full Circle	Future Fantasy and Science Fiction	02/1943	ok
John B. Michel	Eight Ball	Unknown Worlds	06/1943	ok
Leslie Perri	Space Episode	Future Combined with Science Fiction	12/1941	ok
Frederik Pohl	The Dweller in the Ice	Super Science Stories	01/1941	ok
Frederik Pohl	The King's Eye	Astonishing Stories	02/1941	ok
Frederik Pohl	A Voyage in Time	Super Science Novels Magazine	03/1941	ok
Frederik Pohl	It's a Young World	Astonishing Stories	04/1941	ok
Frederik Pohl	Wings of the Lightning Land	Astonishing Stories	11/1941	ok
Frederik Pohl	Daughters of Eternity	Astonishing Stories	03/1942	ok
Frederik Pohl	Earth, Farewell!	Astonishing Stories	02/1943	ok
Frederik Pohl	Conspiracy on Callisto	Planet Stories, Winter 1943	11/1943	ok
Frederik Pohl	Darkside Destiny	Super Science Stories (Canadian)	06/1944	ok
Frederik Pohl	Highwayman of the Void	Planet Stories, Fall 1944	08/1944	ok
Frederik Pohl	Double-Cross	Planet Stories, Winter 1944	11/1944	ok
Frederik Pohl	A Hitch in Time	Thrilling Wonder Stories	06/1947	ok
Frederik Pohl	Donovan Had a Dream	Thrilling Wonder Stories	10/1947	ok
Frederik Pohl	Let the Ants Try	Planet Stories, Winter	11/1949	ok

		1949		
Larry T. Shaw	Secret Weapon	Fantasy Book, Vol. 1, No. 3	07/1948	ok
Robert G. Thompson	The Brontosaurus	Stirring Science Stories	04/1941	ok
Richard Wilson	Murder from Mars	Astonishing Stories	04/1940	ok
Richard Wilson	Transitory Island	Cosmic Stories	05/1941	ok
Richard Wilson	The Purple Bat	Thrilling Wonder Stories	10/1941	ok
Richard Wilson	The Message	Astonishing Stories	03/1942	ok
Richard Wilson	Four Star Planet	Future Combined with Science Fiction	04/1942	ok
Richard Wilson	Wide-Open Ship	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Richard Wilson	The Man From Siykul	Planet Stories, Winter 1942	11/1942	ok
Richard Wilson	The Man Without a Planet	Super Science Stories	11/1942	ok
Donald A. Wollheim	Castaway	Super Science Stories	05/1940	ok
Donald A. Wollheim	The Planet That Time Forgot	Planet Stories, Fall 1940	08/1940	ok
Donald A. Wollheim	The Haters	Unknown Fantasy Fiction	10/1940	ok
Donald A. Wollheim	The Outpost at Altark	Super Science Stories	11/1940	ok
Donald A. Wollheim	Bones	Stirring Science Stories	02/1941	ok
Donald A. Wollheim	Strange Return	Stirring Science Stories	02/1941	ok
Donald A. Wollheim	Purple Dandelions	Cosmic Stories	03/1941	ok
Donald A. Wollheim	The Man from the Future	Cosmic Stories	03/1941	ok
Donald A. Wollheim	The Planet of Illusion	Comet	03/1941	ok
Donald A. Wollheim	Cosmos Eye	Science Fiction Quarterly, Spring 1941	04/1941	ok
Donald A. Wollheim	!!!	Stirring Science Stories	04/1941	ok
Donald A. Wollheim	Blueprint	Stirring Science Stories	04/1941	ok
Donald A. Wollheim	Cosmophobia	Stirring Science Stories	04/1941	ok
Donald A. Wollheim	The World on the Edge of the Universe	Science Fiction Quarterly, Summer 1941	07/1941	ok
Donald A. Wollheim	A Million Years and a Day	Future Fiction	08/1941	ok
Donald A. Wollheim	Revolving World	Science Fiction	09/1941	ok
Donald A. Wollheim	Pogo Planet	Future Combined with Science Fiction	10/1941	ok
Donald A. Wollheim	The Hat	Uncanny Tales	11/1941	ok
Donald A. Wollheim	Baby Dreams	Science Fiction Quarterly, Winter 1941-1942	12/1941	ok
Donald A. Wollheim	Destiny World	Future Combined with Science Fiction	12/1941	ok
Donald A. Wollheim	The Growing Terror	Uncanny Tales	01/1942	X
Donald A. Wollheim	The Drums of Reig Rawan	Uncanny Tales	02/1942	ok
Donald A. Wollheim	Saknarth	Science Fiction Quarterly, Spring 1942	03/1942	ok
Donald A. Wollheim	Blind Flight	Stirring Science Stories	03/1942	ok
Donald A. Wollheim	The Embassy	Astounding Science-Fiction	03/1942	ok
Donald A. Wollheim	The Unfinished City	Stirring Science Stories	03/1942	ok
Donald A. Wollheim	Mye Day	Future Combined with Science Fiction	04/1942	ok
Donald A. Wollheim	Up There	Science Fiction Quarterly, Summer 1942	06/1942	ok
Donald A. Wollheim	The World in Balance	Future Combined with Science Fiction	06/1942	ok
Donald A. Wollheim	Ajax of Ajax	Future Combined with Science Fiction	08/1942	ok
Donald A. Wollheim	The Hidden Conflict	Science Fiction Quarterly, Fall 1942	09/1942	ok
Donald A. Wollheim	Planet Passage	Future Fantasy and	10/1942	ok

Donald A. Wollheim	Storm Warning	Science Fiction Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Donald A. Wollheim	Nothing	Astonishing Stories	10/1942	ok
Donald A. Wollheim	The Planet Called Aquella	Super Science Stories	11/1942	ok
Donald A. Wollheim	Mimic	Astonishing Stories	12/1942	ok
Donald A. Wollheim	Bomb	Science Fiction Quarterly, Winter 1942	12/1942	ok
Donald A. Wollheim	The Coming of the Comet	Uncanny Tales	12/1942	X
Donald A. Wollheim	The Key to the Black Planet	Future Fantasy and Science Fiction	12/1942	ok
Donald A. Wollheim	The Oomph Beasts	Future Fantasy and Science Fiction	12/1942	ok
Donald A. Wollheim	The Second Satellite	Future Fantasy and Science Fiction	02/1943	ok
Donald A. Wollheim	The Millionth Year	Science Fiction Stories	04/1943	ok
Donald A. Wollheim	The Unholy Glass	Uncanny Tales	09/1943	X
Donald A. Wollheim	Top Secret	The Magazine of Fantasy and Science Fiction (publicada originalmente na revista Sir! Magazine em 1948)	10/1950	ok
Dirk Wylie	Sky Test	Super Science Stories	11/1942	ok
Dirk Wylie	Outpost of the Eons	Astonishing Stories	04/1943	ok
Richard Wilson, Cyril Kornbluth, Dirk Wylie (Ivar Towers)	Stepsons of Mars	Astonishing Stories	04/1940	ok
Cyril Kornbluth, Frederik Pohl (S. D. Gottesman)	Before the Universe	Super Science Stories	07/1940	ok
Cyril Kornbluth Frederik Pohl (S. D. Gottesman)	Nova Midplane	Super Science Stories	11/1940	ok
Cyril Kornbluth, Frederik Pohl (S. D. Gottesman)	Trouble in Time	Astonishing Stories	12/1940	ok
Dirk Wylie, Cyril Kornbluth, Frederik Pohl (Dirk Wylie)	Vacant World	Super Science Stories	01/1941	ok
Robert A. W. Lowndes, Cyril Kornbluth, Donald Wollheim (Robert Lowndes)	The Martians Are Coming	Cosmic Stories	3/1941	ok
Robert A. W. Lowndes, Donald Wollheim (Lawrence Woods)	Black Flames	Stirring Science Stories	4/1941	ok
Robert A. W. Lowndes, Frederik Pohl, Cyril Kornbluth (Paul Dennis Lavond)	Exiles of New Planet	Astonishing Stories	4/1941	ok
Robert A. W. Lowndes, Frederik Pohl, Cyril Kornbluth (S. D. Gottesman)	The Castle on Outerplanet	Stirring Science Stories	4/1941	ok
Cyril Kornbluth, Frederik Pohl (Paul	Callistan Tomb	Science Fiction Quarterly, Spring 1941	04/1941	ok

Dennis Lavond)				
Cyril Kornbluth, Frederik Pohl (Paul Dennis Lavond)	A Prince of Pluto	Future Fiction	04/1941	ok
Cyril Kornbluth, Frederik Pohl (S. D. Gottesman)	Best Friend	Super Science Novels	05/1941	ok
Robert A. W. Lowndes, Donald Wollheim (Lawrence Woods)	The Colossus of Maia	Cosmic Stories	7/1941	ok
John B. Michel, Donald Wollheim (Lawrence Woods)	Earth Does Not Reply	Science Fiction Quarterly, Summer 1941	07/1941	ok
Cyril Kornbluth, Frederik Pohl (S. D. Gottesman)	Mars-Tube	Astonishing Stories	09/1941	ok
Robert A. W. Lowndes, Frederik Pohl, Dirk Wylie	The Mantle of Graag	Unique Magazine	10/1941	ok
Robert A. W. Lowndes, Frederik Pohl, Dirk Wylie (Paul Dennis Lavond)	Something from Beyond	Future Combined with Science Fiction	12/1941	ok
Robert A. W. Lowndes, Frederik Pohl, Cyril Kornbluth (Paul Dennis Lavond)	Einstein's Planetoid	Science Fiction Quarterly, Spring 1942	03/1942	ok
Dirk Wylie, Frederik Pohl (Dirk Wylie)	Asteroid of the Damned	Planet Stories, Summer 1942	5/1942	ok
Cyril Kornbluth, Frederik Pohl (Scott Mariner)	An Old Neptunian Custom	Super Science Stories	08/1942	ok
Robert A. W. Lowndes, John B. Michel	The Inheritors	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Robert A. W. Lowndes, Frederik Pohl, Cyril Kornbluth (S. D. Gottesman)	The Extrapolated Dimwit	Future Fantasy and Science Fiction	10/1942	ok
Robert A. W. Lowndes, James Blish (John MacDougal)	Chaos, Co-Ordinated	Astounding Science Fiction	10/1946	ok
Dirk Wylie, Frederik Pohl, Robert A. W. Lowndes	Star of the Undead	Fantasy Book, Vol 1, No. 2	02/1948	ok
James Blish, Damon Knight (Donald Laverty)	No Winter, No Summer	Thrilling Wonder Stories	10/1948	ok
James Blish, Damon Knight	Tiger Ride	Astounding Science Fiction	10/1948	ok
James Blish, Damon Knight	The Weakness of RVOG	Thrilling Wonder Stories	02/1949	ok